

A man with dark hair and a beard, wearing a dark, open jacket and light blue jeans, stands in a garden. He is looking down and to his right. The background is a soft, warm light with many pink roses and green leaves. Several small birds are flying in the air around him.

# pássaro liberto

A BUSCA DE UM HOMEM PELA LIBERDADE

DANI ASSIS



# Sumário

[Sinopse](#)

[Citação](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo](#) 1

[Capítulo](#) 2

[Capítulo](#) 3

[Capítulo](#) 4

[Capítulo](#) 5

[Capítulo](#) 6

[Capítulo](#) 7

[Capítulo](#) 8

[Capítulo](#) 9

[Capítulo](#) 10

[Capítulo](#) 11

[Capítulo](#) 12

[Capítulo](#) 13

[Capítulo](#) 14

[Capítulo](#) 15

[Capítulo](#) 16

[Capítulo](#) 17

[Capítulo](#) 18

[Capítulo](#) 19

[Capítulo](#) 20

[Capítulo](#) 21

[Capítulo](#) 22

[Capítulo](#) 23

[Capítulo](#) 24

[Capítulo](#) 25

[Capítulo](#) 26

[Capítulo](#) 27

[Capítulo](#) 28

[Capítulo](#) 29

[Capítulo](#) 30

[Capítulo](#) 31

[Capítulo](#) 32

[Capítulo](#) 33

[Capítulo](#) 34

[Capítulo](#) 35

[Capítulo](#) 36

[Capítulo](#) 37

[Capítulo](#) 38

[Capítulo](#) 39

[Capítulo](#) 40

[Capítulo](#) 41

[Capítulo](#) 42

[Capítulo](#) 43

[Epílogo](#)

[Nota](#) da autora

Playlist

[Próximo](#) Lançamento

[Biografia](#)



# ***Pássaro Liberto***

Copyright © 2020 Dani Assis

**Todos os direitos desta obra são reservados à autora**

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

O compartilhamento deste livro em quaisquer meios digitais ou físicos configura crime, ferindo a lei de direitos autorais.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei número 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais são meras coincidências.

## *Sinopse*

Blanca pensa que entrar para uma organização criminosa é a maneira mais rápida de conseguir dinheiro para suprir as necessidades básicas em sua vida e da mãe. Mas, ao ficar cara a cara com o chefe dessa facção, percebe que corre grave perigo, e precisa achar uma maneira de fugir.

No entanto, antes de escapar Blanca se depara com Egan, castigado e ensanguentado, ele está preso dentro de uma gaiola de ferro, tal qual um pássaro. Egan foi vendido para essa facção quando tinha apenas onze anos de idade. Desde então, passa a vida dividido entre as ordens cruéis que precisa cumprir, e o desejo de salvar sua mãe e irmão, que ainda são reféns de Nolasco, o chefe dessa organização.

Blanca tenta ajudá-lo, porém precisa salvar a si antes, mesmo que para isso seja forçada a abandoná-lo. Dez anos depois, as dificuldades de Blanca ficaram para trás e ela se tornou uma linda mulher e professora dedicada. Entretanto, não há um só dia em que Blanca não pense em Egan e no fatídico dia em que teve de deixá-lo.

Seu caminho está prestes a cruzar com o de Egan mais uma vez. Ele continua na

facção, e aos vinte e oito anos de idade não aceita a vida criminosa que leva com Nolasco, mas tampouco sabe como é viver fora daquilo.

Egan precisará de ajuda novamente, e dessa vez Blanca está determinada a salvá-lo, ela é a única que pode abrir essa gaiola que aprisiona sua alma e libertar esse pássaro. Juntos, Egan e Blanca vão encontrar mais que a porta para a liberdade, eles vão encontrar a porta para o verdadeiro e mais puro amor.

## Citação

**“Eu também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas, apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque a gente não pode desistir da vida.”**

**Martin Luther King**

## *Epígrafe*

**Neste livro vamos conhecer Volar, a cidade fictícia onde nossa história se passa. Não serão poucas as vezes em que se identificarão com a ficção contada aqui, porque, infelizmente, é assim que acontece.**

**Nem todos serão como Egan, nem todos serão como Blanca. A realidade é infinitamente mais dura. Sem educação, sem inclusão, sem respeito e sem amor, essa realidade não mudará.**







Prólogo  
dez anos antes

Blanca

A casa está escura e o breu domina mais uma vez todos os ambientes, é difícil acertar meus passos para chegar até a cozinha sem tatear pelas paredes. Pé ante pé, ando pelo escuro até me chocar contra a geladeira, abro-a e me sirvo direto da caixa o pouco de leite que ainda resta.

Enquanto sorvo o líquido, faço as contas de quantas vezes ficamos sem energia elétrica durante esse ano, deve ser a quinta ou sexta vez, da última, foi por mais de uma semana, pergunto-me por quanto tempo será dessa vez. Guardo a caixa vazia e continuo a me esgueirar até a pequena saleta na entrada da casa. Meus dedos vão deslizando pela parede adornada com um papel rasgado em grande parte de sua extensão e no trajeto esbarro na cadeira de madeira onde minha avó, antes de morrer, passava horas e horas sem fazer nada, apenas olhando para o teto com a pintura descascada, pensando na situação precária que durou por toda a sua vida.

Encontro o sofá, sento-me e com os pés tateio o chão até encontrar meus tênis no meio do tapete verde acabado e com cheiro ruim, a seguir visto meu casaco azul de touca que havia deixado sobre o sofá, e apesar de ele ser comprido e chegar até o meio das minhas coxas, as mangas estão curtas e deixam metade do meu antebraço à mostra, mas, de todos, ele é o que melhor se ajusta e esconde meu novo corpo.

No último ano, a maioria das minhas roupas deixaram de servir, restando-me poucas peças, nos dias em que vou à escola as garotas dizem que estou crescendo mais rápido que elas e sentem inveja de mim por isso. Não eu. Não encontrei vantagem em ter pernas, braços e seios maiores, se não tenho dinheiro suficiente para cobri-los. Por último, passo as mãos pelos meus cabelos de fios longos e puxo de maneira firme para prendê-los num rabo de cavalo.

Assim que abro a porta de casa, a noite me recebe e ressabiada observo a rua e as mesmas pessoas de sempre vagam por ela, os vizinhos que têm alguma cautela evitam andar por aí a essa hora, os que não têm, corajosamente se arriscam pelas ruas onde os tipos mais perigosos de pessoas circulam livremente.

Em qualquer família comum, uma garota de quinze anos não estaria saindo de casa nesse horário, mas comigo as coisas nunca foram comuns, e aprendi faz tempo a andar entre todo tipo de pessoa.

Coloco o capuz sobre a cabeça para me esconder o máximo e tentar passar despercebida. Aqui a lei da rua é a que vigora, nem polícia, nem governo se atrevem a entrar. Seria um caos, haveria mortes, até mais do que as que já ocorrem pelo domínio das gangues. Então, num tratado silencioso entre o crime e a lei, o lugar segue sendo gerenciado por apenas um homem: Benitez Nolasco.

Um arrepio atravessa meu corpo só por pensar em seu nome. Seguro meu casaco ainda mais apertado e recito como uma oração que não há outra saída, não há outro meio. E, dessa maneira, diminuo o caminho que me separa da enorme casa amarela no centro do bairro, a casa onde os jardins são verdes, floridos e muito bem cuidados, a casa onde cães robustos e violentos circulam por todas as horas do dia, a casa onde nenhum homem em sua consciência se aproxima.

A casa onde jurei para minha mãe que nunca entraria, não importando as circunstâncias em que vivêssemos. Nos meus pensamentos, desculpo-me por não cumprir minha promessa, mas não consigo assistir nossa derrota dia após dia, o trabalho de meio período que ela arrumou mal serve para pagar o aluguel, no restante do tempo ela passa procurando por bicos que

complementem o dinheiro para comermos e pagar o restante das contas, enquanto eu fico em casa no escuro.

Apesar da minha idade, foram muitas tentativas, sem sucesso, de arranjar um trabalho, vários lugares me negaram um emprego, todos dizem o mesmo, que devo estar na escola e não procurando trabalho.

Concordo, mas diante da falta de comida o que mais posso fazer a não ser me virar? Alguém como eu não tem o privilégio de ficar em casa brincando com bonecas.

Meu bairro inteiro é praticamente um cenário aniquilado, igual aos dos filmes de gangues que passam na televisão; casas velhas, carros roubados e abandonados e mulheres seminuas ignorando o frio noturno, porém ao dobrar a última esquina que me separa do meu objetivo, a coisa muda de figura, a única rua do bairro onde é bem iluminada, limpa e livre dos tipos que cruzei até chegar aqui.

— Ei, parado! — O homem alto, de olhos castanhos e sem um fio de cabelo aponta para mim.

Assustada, obrigo-me a parar. Em silêncio, observo-o sem fazer nenhum movimento brusco, ele estreita a distância entre nós e quanto mais perto chega mais nítido é o volume sob sua jaqueta, o homem anda sem fazer questão de esconder a arma em seu coldre.

— O que quer garoto? — ele diz, quando está perto o suficiente.

— Eu gostaria de ver o senhor Nolasco — falo, baixando o capuz, revelando meu rosto e cabelos.

— Uma garota! — diz surpreso, abrindo um largo sorriso. — O que

uma garotinha quer com ele?

Logo mais dois homens se juntam ao careca e começam a me olhar como se eu fosse um extraterrestre que acabara de pousar em seu jardim.

— Eu quero um trabalho — digo, de modo firme.

— Um trabalho? — questiona e todos começam a rir. Riem tanto que chegam a dobrar o corpo e segurar a barriga.

Continuo a encará-los sem expressar qualquer traço que indique que estou aqui para ser o divertimento deles. É inútil, porque eles batem uns nos ombros dos outros e continuam a rir e somente depois de vários minutos é que se controlam e voltam a falar comigo.

— Garota, aproveita que estamos de bom humor e volta para o parquinho que está acostumada. Esse lugar não é para você.

Sou obrigada a concordar, sei que esse lugar não é para mim, na verdade, ele não é para ninguém, esse lugar sequer deveria existir. Entretanto, ele existe. E existe também pelo desespero de pessoas como minha mãe e eu.

— Preciso mesmo de um trabalho, eu sei que o senhor Nolasco contrata garotos da minha idade.

Os três homens estreitam os olhos e fecham seus semblantes ao se darem conta de que estou falando sério.

— Você disse bem, ele contrata *garotos*.

— Posso fazer o trabalho mesmo sendo menina.

— O senhor Nolasco não está e mesmo se estivesse não o incomodaríamos por alguém como você. E pela última vez, saia! Antes que

ignoremos sua idade e façamos você sair à força.

Ao dizer a última frase ele repousa a mão sobre a arma presa na cintura e eu recuo alguns passos. Aceno com a cabeça, indicando que entendi, e uma voz soa alta no rádio comunicador grudado no cós de sua calça.

— Senhor Nolasco está chegando, confirmem se a área está segura.

O mesmo homem que acabou de me expulsar, segura o rádio e responde confirmando a segurança. Eu me afasto um pouco mais, porém não o suficiente para ir embora. Talvez se eu conseguir falar com o senhor Nolasco possa convencê-lo a me dar um emprego.

— Garota, circulando, circulando. — Um deles diz, aproximando-se de mim. Sua mão é larga e ele a espalma com força contra meu ombro, com a pressão acabo por enroscar um pé no outro e caio para trás até estar de bunda no meio da rua.

Eles riem mais uma vez.

Sinto meu tornozelo arder e o comprimo com as mãos tentando minimizar o incômodo. Quando estou pronta para ficar de pé, ouço um carro dobrar a esquina em velocidade, a luz do farol fica mais forte e estoura contra meu rosto assim que ouço o som dos pneus cantar no asfalto, ergo minhas mãos e protejo meu rosto esperando pelo instante em que a máquina passará por cima de mim.

Entretanto, nada acontece. Ainda demora uns segundos até eu me dar conta que continuo inteira. Devagar, começo a afastar as mãos da face, avistando em primeiro o asfalto e depois os sapatos marrons mais brilhantes que já vi, eles têm o bico longo e lustrados de tal maneira que serviriam como um espelho.

Passo um tempo ouvindo os capangas desculpando-se com o homem de sapatos marrons, à medida que reúno a coragem necessária para levantar minha cabeça e encará-lo. De repente, todos silenciam e uma mão — de unhas bem cortadas e limpas, com dedos adornados por anéis de pedras grandes e vermelhas — entra no meu campo de visão.

— Levante-se, querida. — A voz é grossa e me causa arrepios dos pés à cabeça. Ele balança a mão à frente do meu rosto quando nota que demoro a ter uma reação e, então, sem pressa, apoio minha mão sobre a dele, aceitando seu auxílio.

— O que uma garota tão bonita está fazendo caída no meio da minha rua?

Ergo o olhar para seu rosto e surpreendo-me, ele é diferente do que imaginei. Esperava encontrar um homem velho e gordo, de bigode farto cobrindo os lábios, com um charuto no canto da boca e cuspiendo pelo chão. Apesar disso, esse homem não deve ter nem trinta anos, de corpo esbelto e traços finos, seus cabelos são curtos, escuros e bem cortados e veste um terno bonito que parece custar mais que todo o ano de energia elétrica na minha casa.

Com certeza, esse é Nolasco.

— Queria falar com o senhor, preciso de um trabalho — falo, baixando a cabeça.

Os homens ao redor explodem num novo ataque de risos e eu franzo meus lábios, segurando o desejo de chutar cada canela que avisto da posição em que estou. Eles riem à vontade, até que param. Ergo o olhar para saber o motivo de suas risadas terem terminado e noto Nolasco com um dedo ao alto,



e esse simples gesto fez com que todos esses brutamontes se emudecessem.

— Um trabalho? Bom, qualquer garota corajosa o bastante para vir até aqui a essa hora deve ser ouvida. Tragam-na para dentro — ordena, e começa a se distanciar.

Um dos seus capangas se aproxima e segura meu braço arrastando-me ao lado dele. A pele onde aperta começa a queimar e eu tento me soltar, mas o cara é grande e eu não sou párea para ele.

— Está machucando meu braço — resmungo, na esperança de que ele afrouxe seus dedos.

— Deveria ter pensando nisso antes de vir aqui, não somos monitores de parque de diversões — rebate e continua a me arrastar pelo jardim.

Quando estamos dentro da casa, ele empurra meu corpo para longe, não consigo sustentar meu peso e caio outra vez com as mãos espalmadas no chão, fecho os olhos e controlo o ímpeto de partir para cima dele e mostrar-lhe uma lição. Contudo, lembro-me da razão pela qual estou aqui e ignoro a risada que soa alta novamente.

— Trate nossa convidada com gentileza, Molina.

— Sim, chefe! — diz ele, com um sorriso irônico.

Levanto e ajeito minha roupa e então posso olhar ao redor e constatar como essa casa é, recordo das inúmeras vezes em que discutíamos na escola em como esse lugar se pareceria, algumas das meninas chegaram a cogitar que seu modo de vida era tão excêntrico que poderiam haver animais selvagens andando livremente pelo espaço.

Não é o que vejo, o que enxergo aqui é uma casa como das capas de

revistas, sua sala de estar é do tamanho de três casas da minha rua, com sofás que acomodam dez ou mais pessoas com tranquilidade, poltronas com pés dourados, quadros com mais de dois metros numa parede que deve ter por volta de sete ou oito metros de altura. É inacreditável que algo assim esteja dentro do nosso bairro.

Nolasco se aproxima de uma bancada repleta de garrafas, taças e copos e se serve de uma bebida de cor âmbar, ele enche um copo e gesticula para que eu me aproxime.

O segurança ao meu lado empurra minhas costas para que eu vá mais rápido.

— Quantos anos têm? — pergunta, tomando um longo gole de sua bebida.

— Quinze.

— Uma criança ainda. Imagino que não beba? — indaga, com seriedade.

Balanço a cabeça negando.

— Boa garota! — profere, afagando meu cabelo. A presença de sua mão em minha cabeça mesmo que por alguns segundos, faz meu corpo inteiro estremecer.

— Venha até meu escritório e vamos conversar, de fato estou precisando de uma nova pessoa para fazer entregas no centro da cidade e acho que você será perfeita.

Nolasco começa a andar por um longo corredor, longo mesmo, devemos andar por uns vinte metros. Enquanto sigo atrás dele observo as

paredes espantada com a infinidade de quadros, luminárias e objetos de decoração, todos pomposos e com aspecto de que custarem uma fortuna.

Ele para de frente a uma porta dupla branca de madeira trabalhada com puxadores de ferro também dourados, olha-me por sobre os ombros, sorri e empurra as duas faces, revelando seu interior.

Ultrapasso-as com a cabeça para o alto abismando-me com a luxuosidade. Grande como um salão de festa de alguma época passada, tem móveis majestosos, e no centro uma mesa branca larga com um computador, dinheiro — muito dinheiro — e vários telefones celulares.

Eu o sigo e quando estou próximo a ocupar a cadeira em frente à sua mesa, distingo algo que não esperava.

— Oh, meu Deus! — exponho, dando alguns passos para trás e levando as mãos à boca.

Há uma jaula, gaiola, não sei o que é aquilo, mas é grande e arredondada no topo, feita com barras de ferro e dentro dela há um homem. Não consigo apontar se ele está morto ou vivo, seu corpo está largado e há manchas de sangue ao redor. Meus braços e pernas tremem sem parar, tento controlá-los em vão conforme meus olhos vagueiam pela pessoa estirada no chão.

Minha respiração some por um tempo e quando me lembro que preciso respirar, dou início a uma busca frenética por ar, sentindo meu coração bater alucinado contra meu peito.

— Vejo que ficou curiosa ao conhecer meu entregador. — Nolasco diz e se senta na cadeira pomposa de costas altas e molduradas. — Venha, sente-se também, minha menina.

Não consigo mover minhas pernas para acatar sua ordem e por isso mantenho-me no lugar com os olhos cravados no homem dentro da gaiola.

— Seu medo é ele estar morto? Não se preocupe, não está. Egan é muito estimado para eu matá-lo de uma hora para a outra. Entretanto, ele precisa de um tempo sozinho para pensar nas coisas que anda fazendo.

E assim que o nome Egan é solto no ar, o homem na jaula começa a se mexer, ele move uma mão, depois o braço, e pouco a pouco vai se apoiando pelo chão até estar com o tronco erguido. De tal modo, arrasta-se pela gaiola e agarra as grades ficando de cara para nós.

Não é um homem. Ele é um garoto!

Assim que percebo que deva ser apenas dois ou três anos mais velho que eu, desespero-me, meus olhos correm do garoto para Nolasco, sem saber o que pensar ou fazer.

O arrependimento por ter vindo até aqui se instala.

Encaro seu rosto e vejo que seus olhos de tão inchados estão praticamente fechados, e ambos carregam uma grande marca roxa, os lábios saturam com marcas de sangue e as mãos com os nós vermelhos e cortados, suas roupas estão sujas, rasgadas e cobertas de sangue.

— Maldito! — Ele grita e eu dou mais um pulo para trás. — Maldito! Me solta, seu maldito!

Nolasco se levanta e para ao meu lado.

— Vou lhe contar uma história, querida. Ouça com atenção, tudo bem? — articula, segurando uma das minhas mãos. — Esse rapaz que vê urrando como um animal selvagem chama-se Egan. Ele sempre foi um ótimo

menino, começou a trabalhar para mim aos onze anos de idade. No entanto, ao completar dezoito tornou-se ganancioso, ávido por voar por aí sem minha autorização. Egan é meu passarinho submisso, mantendo-me informado de todos os sussurros que ouve por aí e sempre foi a mão que confio as entregas mais importantes. Mas de uma hora para a outra se transformou do meu doce e gentil pardal em um pássaro pega-rabuda<sup>[1]</sup>, um pássaro sorrateio que se aproxima de nós mansos e alegres, fazendo-nos confiar cegamente neles. Uma espécie que não sabe aproveitar a liberdade que lhe é ofertada.

Ouçó cada palavra dita, contudo, meus olhos não se desviam de Egan, é impossível não olhar para ele, é impossível não querer tirá-lo dali.

— Maldito! Me mata de uma vez, prefiro morrer a ficar trancado aqui. ME MATA, ME MATA! — Egan grita, incontáveis vezes e meu coração bate desgovernado, um pulsar constante que chega a doer quando se choca contra meu peito.

Nolasco se abaixa para ficar da mesma altura que eu e começa a discorrer:

— Olhe com atenção para Egan e fique ciente que trabalhar para mim não lhe dá o direito de cometer erros.

— Senhor Nolasco, temos um problema lá fora. — Um de seus capangas diz ao entrar na sala.

— Eu já volto, querida! — fala, e toca meu ombro.

Sozinha na sala, começo a me aproximar da gaiola onde Egan está preso como um animal traficado. Ele está em fúria, pronto para atacar qualquer um que seja e apesar da aparência violenta, não posso ignorá-lo.

— Vou tirar você daqui — informo, confiante. Balanço as grades à procura de uma mais frouxa.

— Quem é você? — inquire, arriscando, sem sucesso, abrir os olhos arroxeados e tomados pelo inchaço.

Duvido que esteja enxergando alguma coisa.

— Vou tirar você daqui — repito.

Egan começa a rir.

— Ah, Deus! Obrigado pela distração! — profere, num tom zombeteiro que desconsidero.

Continuo a chacoalhar as grades, mas elas não se movem, dou à volta na gaiola e não vejo porta ou tranca, as barras estão consolidadas no chão. Como colocaram ele dentro dessa coisa?

— Não consigo enxergar. Mas por sua voz não deve ser mais velha que eu. Esse desgraçado está trazendo garotas também? Se está aqui por escolha própria, vá embora enquanto há tempo. — Egan diz, deitando-se no chão.

— Como enfiaram você aí? — questiono, ignorando sua conversa, concentrada numa maneira de salvá-lo de Nolasco. Ele geme de dor e gira o corpo no chão, rindo em seguida. Seu humor se torna soturno e seu semblante enfurecido.

— Ela foi feita para mim. Ninguém entra, ninguém sai. É sua forma de garantir que não vou fugir. — Egan vomita as palavras com ódio e rancor.

— O quê? Por quê? — questiono, sem entender como algo assim

pode ser feito.

Egan leva a mão ao sangue seco grudado em seu lábio e tenta limpá-lo, desmerecendo minha pergunta.

— Vou repetir. SAIA, VÁ EMBORA, SUMA DESSE LUGAR. Ele vai demorar uma meia hora para voltar, é tempo suficiente para sair e esquecer que essa casa existe.

— Preciso de trabalho — pondero, ajoelhando-me e agarrando as barras da gaiola.

Ele vira a cabeça e cospe no chão.

— Isso não é trabalho, garota idiota. Não seja ridícula em fingir que não sabe a diferença.

— Sei a diferença, mas preciso de dinheiro rápido. Tenho que ajudar minha mãe.

Ele passa a mão pelo rosto, analisando o quão inchados seus olhos estão.

— Se quer ajudá-la, suma daqui. Porque a partir do momento que decidir trabalhar para ele, nunca mais a verá. Quem está com Nolasco, está só para Nolasco.

Sua frase reverbera por meus ossos, e no instante seguinte imagino-me trancada nessa mesma gaiola, surrada até quase a morte e sem nunca mais poder ver minha mãe.

— Por que está preso? — insisto. Com dificuldade, Egan se arrasta e acompanha o som da minha voz, eleva seu corpo e mesmo sem poder me

enxergar, ficamos cara a cara. A distância diminuta me possibilita avaliar melhor seu rosto. Os olhos roxos, os cabelos desgrehados, os lábios inchados, todo sujo e surrado e ainda assim consigo diferir que é apenas um garoto, como tantos outros na minha escola.

Estico uma mão até estar a centímetros do seu rosto, compelida pelo seu sofrimento e antes de tocar sua pele, ele diz:

— Nolasco já disse, eu sou seu pássaro.







Capitulo  
Um

Egan

Sentado no chão, observo inerte as manchas escuras espalhadas pelo teto, as marcas características do excesso de umidade assolam aos poucos esse lugar, ano após ano elas crescem e se multiplicam, e de alguma forma isso se torna um passa tempo para as ocasiões em que sou obrigado a estar aqui. A tinta descascada e embolorada é o que adorna de maneira rudimentar as paredes, o gotejar de um cano quebrado é como música embalando meus pensamentos, alimentando meus anseios, cobiças e os desejos mais obscuros.

Busco inspirar profundamente o ar, mas desisto. Ele entra queimando tudo; minhas narinas e pulmões, o ar é denso, fétido, contaminado.

Não só o ar, todo esse lugar é.

Entretanto, talvez seja melhor dividir esse espaço com os ratos que descobriram um abrigo para se ocultar durante o dia, do que estar lá em cima em meio aqueles homens.

Deito no chão, gelado, sujo e molhado, cruzando os braços sob minha cabeça, sem me incomodar com os ratos que passeiam sem alarme ao meu redor. Fecho os olhos e penso em como minha vida seria se eu pudesse matar Nolasco.

Como seria se eu pudesse livrar esse planeta de sua presença? O mundo me agradeceria, sem dúvida o faria.

Porém, de que adianta ter pensamentos como esse? Sou tão preso quanto esses ratos, experienciando a vida como um fantasma, desempenhando ordens que eu não quero executar, destruindo vidas que na verdade quero amparar. Quem sabe o mais fácil seria *eu* não existir? Assim não poderia mais ser usado como barganha, não haveria mais chantagem, não

existiria mais razão para essa tortura.

Um dos ratos sobe em minha perna e eu o afasto, sentando-me outra vez. Estou com tanta fome que não consigo pensar com clareza. Para amenizar o oco em meu estômago, arrasto-me até o canto do porão e alinho minha boca com o pingar do cano, a água com sabor de terra vermelha é o que me mantém vivo.

Por pelo menos uns quinze dias o fará, já que esse é o tempo em que ele costuma me deixar à míngua. A última vez deve ter sido há uns cinco anos, e eu estava quase esquecendo a sensação, esquecendo o efeito que ser encarcerado nesse lugar ascoso ou engaiolado como um selvático em sua sala me faz.

Mas algo é certo, eu deveria agradecê-lo por me trancar aqui, esse porão é uma punição menor que a gaiola. Eu prefiro estar em meio aos roedores, matando minha sede com as gotas imundas dos canos quebrados, a ser trancafiado na gaiola.

A gaiola enclausura muito mais que meu corpo, ela captura meu espírito, humilha, destrói, esmaga qualquer chance minha na busca por liberdade. Ela me faz fraco, abatido, derrotado e ainda mais submisso do que me tornei.

Ela me transforma no que ele mais deseja. Um pássaro de asas quebradas, incapaz de voar.

— Nolasco mandou você sair. — Um dos seus escoltas avisa da porta no alto da escadaria.

Antes de levantar, fecho os olhos e penso que resistiria por mais uns cinco dias, e Nolasco sabe disso, então me surpreende que já esteja deixando-

me sair.

— Saia, Egan, por favor. — Ramiro diz outra vez.

Caminho em direção a escada e sinto minhas pernas fraquejarem, porém as reconstituo de imediato, obrigando-as a ter a firmeza necessária para atravessar essa porta sem mostrar qualquer sinal de cansaço.

— Ele mandou você tomar um banho, comer e depois ir vê-lo no escritório. — Fito os olhos de Ramiro enquanto me passa as ordens de Nolasco e noto ele atentar para meu rosto e corpo, os olhos inundados de preocupação à procura de algum sinal de debilitação.

— Foi bem rápido dessa vez — digo, batendo uma mão em seu largo ombro, antecipando a resposta a uma pergunta que ele desejaria, mas não faria.

Esses homens não trabalham há tantos anos para Nolasco preocupando-se com o que se passa com os outros, eles não têm esse tipo de tormenta. Em geral, são homens sem família, sem pudor, sem nada que os amarre ao mundo comum. Homens que buscam crescer numa hierarquia que os faz soldados fiéis, leais. E ainda recebem muitíssimo bem por isso.

Ramiro é o único nessa casa em que tenho um mínimo de aproximação. Cheguei a essa casa aos onze anos de idade, Ramiro tinha por volta dos dezenove e dizia que eu me parecia com seu irmão mais novo. Eu era uma criança assustada, que chorava todas as noites sentindo falta da mãe e do irmão. Contudo, eu sabia que não estava aqui para fazer perguntas, ainda assim, ele foi o responsável por me instruir em como as coisas funcionavam e qual era o meu papel nos negócios de Nolasco.

Dezessete anos depois, a diferença de idade entre nós se dissolveu,

assim como ele, meu corpo cresceu, minha voz engrossou, ganhei músculos e estes enrijeceram e não faz sentido deixar que ele se preocupe comigo, como quando eu não tinha nem pelos nas pernas.

— Não demore, ele tem pressa. — Ramiro reforça e passa as mãos pelos cabelos cortados em estilo militar, rente à cabeça, e eu aceno concordando, seguindo pelos corredores até chegar ao meu quarto no terceiro andar da casa.

Ao fechar a porta, respiro como se o ar estivesse pronto a se extinguir do universo e eu precisasse guardar a maior quantidade possível em meus pulmões, procurando expurgar do meu corpo os dez dias preso naquele porão podre.

Tiro a roupa e largo-a pelo chão, caminhando sobre os tapetes tecidos em pele de carneiro, alaistrados pelo piso em mármore branco. Ao entrar no banheiro, num ambiente espelhado do chão ao teto, não há como me esconder. As marcas das surras que levei até poucos anos atrás, pulam aos meus olhos toda vez que estou despido, elas são os vestígios do que se tornou a minha vida.

Banho-me, tão demorado quanto posso, deixando que a água quente e limpa tire de mim a sensação rançosa de viver entre os ratos, o vapor domina todo o banheiro e quando mal posso respirar ou enxergar, abro o box de vidro para dissipá-la. Nesse instante, eu o vejo, e mesmo debaixo dessa água escaldante, meu sangue congela.

— Engraçado como apreciamos um bom banho, quando ficamos alguns dias sem ele. — Nolasco balança as mãos, tentando dispersar o vapor e se aproximar um pouco mais. O banheiro é desmesurado, deve ser maior que a casa em que eu vivia com minha família na infância, então, apesar de

ele ter seus olhos deslizando por meu corpo, ainda existe um certo espaço entre nós, e esse espaço ele sabe que não deve ultrapassar.

— O que quer? — pergunto.

— Ver como estava, você demorou para ir até mim — revela, cruzando os braços.

— Eu já vou — respondo, lacônico.

Seus olhos descem do meu rosto e se demoram pelo resto do meu corpo e minha vontade é sair daqui e pegar seu pescoço com minhas próprias mãos, mas a única coisa que faço é me manter no lugar, sem conseguir mover um único músculo.

— Você cresceu... — diz, assinalando meu corpo, dando-me as costas em seguida.

Quando ouço a porta ser fechada, volto a respirar. Saio do banheiro apressado e dentro desse quarto de tamanho despropositado, procuro por algo para me vestir e ainda que faminto e a ponto de esvaecer, sigo para seu escritório.

Antes de abrir as portas, expiro o ar e fecho os olhos, preparando-me para a próxima ordem que cegamente deverei seguir. Empurro as portas e avisto Nolasco sentado em sua cadeira de encosto alto e rebuscado, um tipo de trono moderno, ocupado por um nefasto.

— Estou aqui — digo.

Ele se vira e sorri.

— Vejo que está recuperado de sua estadia no porão. Sabe, Egan,

você é como um filho e lhe dar esses corretivos dói mais em mim do que em você, pode acreditar. Mas não posso permitir que você aja como bem entender, cada ordem minha deve ser seguida à risca, sem falhas.

Sinto meu estômago revirar enquanto ele fala, sua voz se assemelha a beber um vidro de purgante.

— Espero que dessa vez não fracasse.

— Era só uma criança — murmuro, com a cabeça baixa e as mãos cruzadas à frente do corpo.

— Não era só uma criança, era minha criança. Assim como você é desde os onze anos.

Aperto meus dedos uns contra os outros, controlando o ódio que percorre em minhas veias. Ele dá a volta em sua mesa e vai até a gaiola no canto da sala, a gaiola que foi aberta e lacrada para me aprisionar por tantas vezes que não consigo mais contar.

Pela visão periférica consigo vê-lo segurar uma das grades.

— Essa gaiola está vazia há tanto tempo que estou pensando em tirá-la daqui, não me faça mudar de ideia — articula, com uma voz cruel.

— O que tenho de fazer? — questiono, omitindo sua fala.

— Você vai para *Volar*, eu preciso de mais gente. — Nolasco volta para sua mesa.

— Não alicio — afirmo.

— Sei que não, mas em *Volar* você irá, aquela cidade é muito parecida com o lugar de onde você veio e tenho certeza de que terá mais



facilidade em me conseguir alguns jovens.

— Não alicio — repito, olhando-o nos olhos.

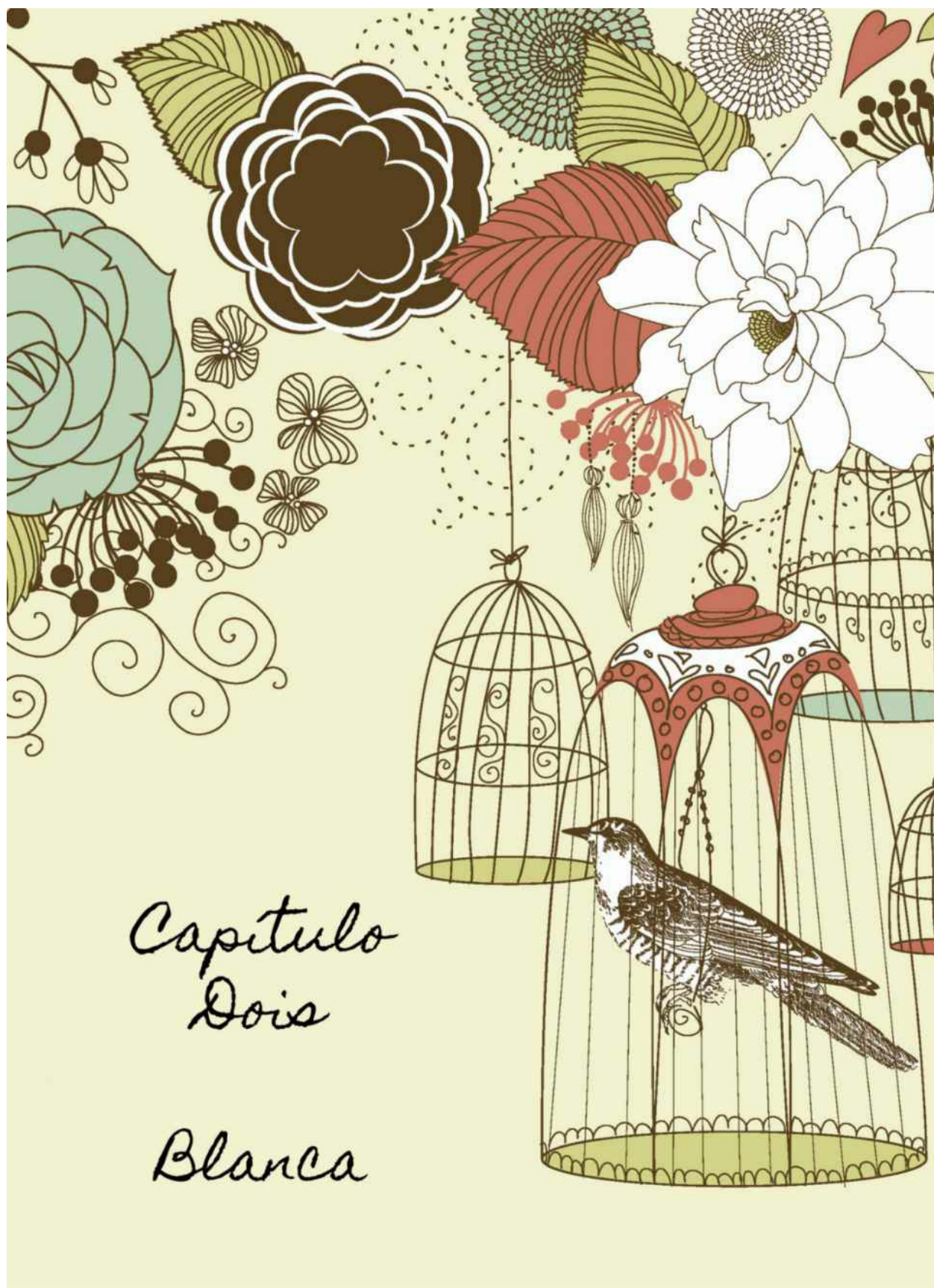
Nolasco estreita os seus e passa uma mão pelo rosto fino de barba bem-feita, friccionando o queixo.

— Às vezes, acho que você esquece o motivo pelo qual está aqui, Egan. Esquece o quão generoso sou com você. Eu te alimento, visto, lhe dou um belo quarto na minha casa, paguei pelos melhores professores para te educarem como faria a um filho e o mais importante, mantenho aquelas pessoas imundas que você chama de família, vivas. Se não quer *aliciar*, quem sabe devo chamar seu irmão. O que acha?

Ao ouvi-lo falar de meu irmão sinto meu coração falhar e meus olhos enevoarem tomado pela saudade que sinto a cada amaldiçoado segundo. E baseado no anseio da integridade da minha família, que me atormenta todos os dias, sou obrigado a ceder.

— Quando devo ir?





Capitulo  
Dois

Blanca

As seis horas o relógio ao meu lado ecoa seu som estridente por todo o quarto, a antiguidade que funciona com seu *tic tac* contínuo desde a juventude de minha avó, cumpre seu papel em me despertar melhor que qualquer celular, relógio digital ou até mesmo Pablo.

Estico meu braço para fora do edredom e bato com a mão sobre ele, cessando seu bramido matinal. Fico na cama curtindo mais alguns minutos antes de me levantar quando escuto a campainha retinir tão ou mais alto que o despertador.

— Pablo — murmuro entredentes sob o edredom.

— Abre a porta, você está atrasada. Não é possível que ainda esteja na cama.

Aperto os olhos e tapo meus ouvidos pensando na forma mais cruel de fazê-lo parar. Quando conheci Pablo, por volta dos nossos dezesseis anos, logo que minha mãe e eu nos mudamos, ele se equiparava a um gatinho indefeso, e apesar do corpo robusto e imponente, atípico para um garoto daquela idade, era zombado na escola pelos volumosos cabelos vermelhos e cacheados que caíam por sua face enfeitada por centenas de sardas.

Pablo dizia que não tínhamos escolha a não ser nos tornarmos melhores amigos, e apesar de sermos provindos de padrões de vida bem distintos, éramos pobres coitados num colégio popular pela tradição e pela facilidade em segregar os que não correspondiam aos seus padrões estabelecidos.

— Blanca... — entoa sua voz grave com mais força.

Saio da cama, ainda com os olhos ardendo pelo sono e sigo em

direção a sala.

— O que quer? — questiono, escancarando a porta.

— São seis horas — informa, invadindo minha casa com dois copos de café nas mãos.

— Eu sei, e meu despertador também — aviso, apontando para meu quarto.

— É nosso primeiro dia, quero chegar antes para me ambientar. — Pablo me entrega um café, liga a televisão e se senta numa das duas únicas poltronas ocupantes na minha sala.

— Nós nem estamos na mesma escola? — questiono, elevando os braços sem entender a razão pela qual eu também precise chegar antes.

— Sim, mas as aulas começam em todas as escolas no mesmo horário, não? Por isso o melhor é que saíamos juntos — debate, dando uma golada em seu café.

— Vou tomar um banho — respondo, devolvendo-lhe meu café e seguindo para o banheiro, desistindo de qualquer tipo de argumentação.

— Rápido! Era para estar pronta. Caramba, Blanca! É nosso primeiro dia — continua a reclamar da sala.

— É o seu primeiro dia, Pablo. Eu já dei aula em outro colégio — retruco, abrindo o chuveiro.

— Não, você fez estágio em outro colégio. — Entorto os lábios e reviro os olhos, enfiando-me debaixo da água.

Meu banho é veloz e em menos de quinze minutos estou pronta,

escolho vestir uma calça jeans, mocassins e um tricô branco, e desde que cortei meu cabelo, sinto-me livre como o vento, estar com os fios na altura do pescoço foi a melhor decisão que tomei, não demoro mais que três minutos para os ajeitar.

— Vamos! — digo, pegando de volta meu café, que agora está morno.

Pablo mora a cinco casas de distância, vivemos nessa rua desde que acabamos a faculdade, e apesar da rua ser pacífica e termos bons vizinhos, as casas são pequenas, com pouca ventilação, quentes como o inferno e coladas umas às outras, mas é o melhor que nosso dinheiro pode pagar.

Ao menos, o meu dinheiro só pode pagar por isso, Pablo se tivesse seguido o que seus pais planejaram para sua vida, hoje estaria vivendo em qualquer outro lugar do planeta, mas a opção desprendida de se tornar professor num colégio público numa cidade desprovida de tudo como *Volar*, cooperou para que sua família rica e tradicional o deixasse viver por si.

— Estou bem nervoso — diz, passando a mão pela testa.

— Você vai se sair bem. Como em tudo o que faz — falo, enlaçando meu braço ao dele e começamos a marchar rua abaixo. Ele sorri, um sorriso muito parecido ao que dávamos quando éramos apenas jovens buscando encontrar um lugar no mundo.

— Você também, Blanca. Mas toma cuidado com aquela escola, nós sabemos que não será fácil. Ainda não me sinto tranquilo sabendo que está indo para um lugar como aquele.

— Não se preocupe, eu nasci num lugar como aquele, eu cresci e sobrevivi num lugar como aquele.

Pablo aperta os olhos e suspira, sem ter nada além a dizer. Contudo, compreendo sua inquietude, mesmo com a firmeza da minha fala, não sei ao certo o que vou encontrar.

— E você toma cuidado com essa beleza toda, as outras professoras não vão acreditar quando se apresentar.

Aperto mais seu braço para dar ênfase ao que digo.

— Eu até tinha me esquecido de como sou um homem tentador que arrasa com os corações por onde quer que passe. — Pablo aperta minha mão e começa a rir, duvidando do que digo.

Ele vacila porque não consegue se reconhecer, o estrago feito em seus anos de adolescência persistem pela vida adulta, Pablo hesita que seja um homem capaz de despertar o interesse de qualquer mulher e se esconde o máximo que pode. Os cachos que antes mascaravam sua face, hoje dão lugar a um cabelo bem cortado, a pele lisa e sem pelos, agora ostenta uma barba curta e alinhada, o rosto angular e os olhos estreitados detrás dos óculos de aro fino lhe trouxeram um ar misterioso e sua voz rouca é um convite a ouvi-lo sussurrar.

— Não estou com tempo para repetir que você não tem mais dezesseis anos e nós não somos mais os alunos rejeitados. Agora nós somos adultos e você se tornou um homem de arrasar corações sim.

— Nosso ônibus — ele diz, correndo alguns passos à minha frente para encerrar o assunto.

Corro também e ambos entramos no ônibus lotado. O trajeto é feito da mesma maneira que uma sardinha é carregada dentro de uma lata, entretanto, não há o que possamos fazer a não ser seguir o fluxo.

— Será que vai ser assim o ano inteiro? — pergunta, puxando o colarinho da camisa cinza chumbo que usa, procurando afastar o calor.

— Eu disse que era muito cedo, se esperasse mais uns trinta minutos para sair o volume de pessoas teria diminuído.

— Faremos isso amanhã — responde, arrependido.

Encosto em Pablo para me equilibrar e puxo as mangas do meu tricô para o meio do braço, de fato o calor aqui dentro está aumentando e a cada parada mais pessoas entram. Continuamos assim por mais uns vinte minutos, até que Pablo chega em sua parada. Quando está fora acena se despedindo, retribuo o gesto e movimento meus lábios desejando-lhe *boa sorte*.

Meu caminho continua e aos poucos as pessoas vão descendo e o coletivo vai se tornando mais vazio, consigo um lugar para me sentar e observo o cenário se tornar cada vez mais marcado em relação ao restante da cidade. Inspiro, ansiosa, sôfrega por estar novamente num lugar tão parecido com o da minha infância e adolescência e as memórias já esquecidas começam a retornar.

Fecho os olhos e penso o que teria sido da minha vida se eu não tivesse visto aquele garoto preso na gaiola. Se eu não tivesse fugido daquela casa, se minha mãe não tivesse conseguido emprego num dos melhores colégios do país e eu tido uma bolsa de estudo. Como seria?

Será que eu teria condições de transcursar aquele muro invisível que nos mantinha àquela vida miserável?

Chego a última parada, a mais distante de *Volar*, onde a maioria das pessoas não pisam se estiverem com o juízo em dia, mesmo assim, aqui estou eu. Saio do ônibus e olho ao redor, avistando as pessoas simples com seus



rostos sofridos, vivendo em casas pobres, construídas com o mínimo que puderam, num bairro afastado e sem estrutura. Um modo de vida que conheci intimamente.

Respiro fundo e acompanho com o olhar as muitas crianças na rua, elas correm, jogam bola, gritam e brincam, elas parecem felizes e despreocupadas, ainda alheias a tudo o que são restringidas.

Volto a andar à procura da escola que escolhi para exercer meu ofício. Quando decidi por lecionar sabia que seria para crianças que passam todos os dias pelo mesmo que passei, sabia que dedicaria cada dia e minuto da minha vida para trazer tudo o que aprendi a jovens sem esperança, sem perspectiva, reféns de suas próprias vidas.

Assim que paro de frente ao colégio Esperanza noto como mesmo em outra cidade, numa outra década, tudo ainda parece familiar. E a despeito do nome da escola com seus muros pichados, janelas quebradas e a aparência de abandono, acredito mesmo que todos nós podemos trazer a essas crianças o que mais lhes falta: *esperança*.

Ouçõ um murmúrio e avisto dois homens sentados numa mureta baixa, e apesar de eu estar há anos longe dessa realidade, sei exatamente que tipo de pessoas são. Eles me observam com atenção e então um deles começa a se aproximar.

— Está perdida? — questiona, com os olhos me percorrendo dos pés à cabeça.

— Sou professora — respondo com firmeza, sem tremular.

Ele ri de canto, num sinal de desdenho e vira as costas voltando a se sentar adiante na mureta, cochicha com o outro e ambos sorriem de maneira

debochada. Empurro os portões à minha frente, pronta para começar a cumprir o papel que destinei à minha vida.





Abro a porta do apartamento em que viverei pelos próximos meses e analiso ao redor. sentindo minha respiração se tornar ofegosa pela raiva, busco conter a vontade de incendiar esse lugar e fugir pelo mundo. Qualquer um de seus aliciadores adorariam viver aqui, o imóvel está num dos melhores bairros da cidade, na região central, em um dos prédios mais modernos de *Volar*.

E enquanto alguns possam achar que Nolasco nos hospede em locais luxuosos como este para nosso conforto, sei que não passa de uma isca. É assim que ele engana garotos sem esperança no futuro, garotos que nascem e vivem em famílias desamparadas e sem estrutura, com a promessa que trabalhar para ele é muito mais *vantajoso* que estudar e trabalhar como qualquer homem honesto.

Não posso contar a quantidade de vezes em que vi esses garotos escolherem o caminho mais *fácil*, vindos de famílias em alto grau de vulnerabilidade, vivendo na presença da fome e da carência, a resposta é sempre rápida. Para muitos deles, é difícil se manter incorruptível quando apenas uma porta está sempre aberta.

E eu me odeio por estar aqui para trazê-los exatamente para essa porta.

Avanço, examinando cada cômodo, cada móvel ostentoso, cada aparelho de última geração que compõe o ambiente. Posso classificar esse apartamento como uma reprodução em escala menor da casa de Nolasco, e isso por si só já me causa asco. Caminho até a última porta do corredor e antes de abri-la inspiro e aperto meus lábios, sabendo com exatidão o que tem detrás dela.

Nada.

Não entendo por que ele me colocou aqui, sabendo que não vou tocar num fio de cabelo dessas crianças. O cômodo vazio e escuro, com proteção acústica é para ser usado caso algum dos aliciados cause problema. O comando inicial é que eu os tranque e espere por outro homem de Nolasco, um menos afável.

Fecho a porta, certo de que não usarei esse quarto e decido sair por algumas horas, mesmo que esse apartamento seja um espaço majestoso, ele me causa enjoo, assim como a casa de Nolasco.

Saio do prédio e vejo meu carro estacionado do outro lado da rua, olho para a máquina e penso que ela é o chamariz mais funcional de todos, a maioria dos meninos a enxergam como o sonho de consumo, imaginando que o dia em que tiverem um carro como esse, será o dia em que alcançaram o topo do mundo.

Bobagem.

Aperto os olhos e lembro da casa humilde em que vivia com meus pais e irmão, inspiro e é como se estivesse sentindo o aroma do leite quente que minha mãe preparava todas as noites antes de dormir, as risadas de Juan ecoando pela casa enquanto brincávamos correndo de um lado para o outro no chão de terra batida no quintal, os banhos com água de mangueira para nos refrescar nos dias quentes eram melhores que qualquer piscina. Os abraços que minha mãe dava antes de sair para a escola, os beijos na testa ao me deitar, os afagos no cabelo quando eu tirava uma boa nota.

Paro de caminhar e baixo a cabeça, percebendo meus olhos úmidos, a saudade ainda dói tanto que até o dia da minha morte meu coração vai

sangrar. Se eu soubesse onde eles estão agora, se conseguisse descobrir em que cidade Nolasco os colocou. Se eu pudesse vê-los nem que por alguns minutos, talvez essa dor abrandasse, talvez sangrasse menos, talvez essa vida fosse mais suportável.

Volto a peregrinar pelas ruas do pequeno bairro espaventoso e pelo que noto, contrastivo com restante de *Volar*, uma cidade perfeita para iludir esses jovens garotos com a promessa do dinheiro rápido, com a ideia de que pertencerão a um grupo próspero, mesmo que seja para causar o mal.

Aos poucos a mudança de um bairro para o outro se dá mais aparente, percebo que saí do bairro requintado que viverei e entrei num intermediário, com casas comuns, pessoas comuns que passeiam pela rua com seus cães e sentam-se em praças para conversar com seus amigos e vizinhos.

Acompanho todas as nuances, analisando essas pessoas. Ouço as tagarelices das senhoras questionando se irá chover ou os preços das frutas no supermercado. Vejo mães e avós nas calçadas acompanhando suas crianças que brincam despreocupadas, vejo adolescentes com uniformes escolares e mochilas nas costas e percebo que esse bairro ainda não é suficientemente suscetível para eu agir.

Na verdade, se um dia eu tivesse uma família para chamar de minha, ele seria a escolha para eu viver.







Capitulo  
Quatro

Blanca

A lentidão dos meus passos opõe-se a excitação que me transcorre. As crianças correm de um lado para o outro e gritam como se estivessem fugindo de uma catástrofe mundial, mas na verdade é só a energia infantil no seu auge. Sorrio ao desviar delas e continuo a andar para chegar até a secretaria do colégio.

Observo os alunos e percebo que várias idades se misturam, desde os menores, mais ágeis e barulhentos, até os adolescentes por volta de seus quinze ou dezesseis anos. Reunidos em círculos, eles conversam e riem uns dos outros, espalhados pelo pátio em vários grupos pequenos de cinco ou seis. Por um instante, paro e os noto com mais atenção e consigo me enxergar nessa mesma idade, numa época distante ainda viva em minha mente.

— É uma das novas professoras? — uma mulher pequena de muitas curvas e óculos com cordões entrelaçados me pergunta com um sorriso aberto e acolhedor.

— Sim, sou Blanca — informo.

— Eu sou Taniara, inspetora desses anjinhos sem asas — responde, com alguns pequenos a puxando pelo braço.

— A secretaria é naquele corredor à direita, logo após o pátio. É professora de quê? — questiona, ajustando seus óculos ao rosto.

— Língua Portuguesa e Literatura.

— Ah! — diz, com seu sorriso amainando até desaparecer. — Soledade, a nossa coordenadora e vai lhe entregar seus horários.

— Obrigada — respondo.

— Boa sorte! — diz, deixando-me para resolver uma rezinga entre as crianças.

Ao chegar ao corredor no final do pátio encontro várias salas, leio as placas coladas em cada uma das portas indicando a sala dos professores, diretoria, coordenação pedagógica e por fim secretaria. Apoio meus cotovelos sobre a bancada que me separa das duas jovens mulheres em seus postos de trabalho.

— Oi, eu sou uma das novas professoras — conto, animada. Mas as duas não mostram interesse e continuam seus trabalhos.

— Blanca Moritz. — Ouço meu nome e em seguida uma mão se apoia em meu ombro, fazendo-me girar.

— Sim.

— Sou Soledade, coordenadora pedagógica do Esperanza. É um prazer recebê-la em nossa escola.

— Ah, oi! Muito prazer, estou muito feliz... — falo, balançando sua mão contra a minha.

— O prazer é meu. Vamos até minha sala para eu passar seus horários.

Ela é alta, esguia, com um ar imponente, mas de voz doce. Com os cabelos castanhos presos em um coque, ela tem um lápis transpassado pelos fios para mantê-los no lugar. Ao abrir a porta, sua sala é uma loucura, são pilhas e pilhas de pastas sobre sua mesa, vários painéis nas paredes com a escala dos professores, além de uma placa grande com os dizeres “*paciência e dedicação*”.

— Sente-se — diz, apontando para uma cadeira à frente de sua mesa.

Apesar do estado físico da escola ser bem ruim, com suas paredes encanecidas e descascadas, móveis velhos e muita pichação, é notório que ela tenta o melhor nas poucas condições que dispõe. Puxo a cadeira de madeira com algumas arranhaduras e me sento.

— Fiquei feliz que tenha escolhido nossa escola para lecionar — profere, apoiando uma mão sob o queixo. — Pelo que soube, havia vagas em outras escolas em locais menos periféricos, é sempre difícil profissionais que queiram vir até aqui. Por que a escolha?

— Sinto que serei mais útil ensinando numa escola onde a realidade foi a minha por muitos anos.

Soledade estreita ligeiramente os olhos e balança a cabeça em concordância.

— Mesmo que você conheça a realidade dessas crianças, verá que seu papel agora é bem diferente. Esses são seus horários e essa é a listagem da sua turma. — Soledade me entrega uma pasta com todas as informações que preciso para começar meu trabalho.

— Eu trouxe um plano de aulas, queria que visse comigo se... — pondero, abrindo minha pasta.

— Conheça sua turma antes — responde ela, passando a mão pelo rosto.

— Ah, claro! — concordo, retornando meu plano para dentro da bolsa.

— Boa sorte, Blanca. — Soledade olha para o relógio em seu pulso.

— Sua aula começa em poucos minutos.

— Obrigada — respondo, levantando-me e saindo.

Caminho pela escola atenta a numeração das salas, até que encontro a minha, na porta de madeira não há um só espaço sem riscos de canetões de tudo quanto é cor, no centro dela um visor me permite visualizar o interior sem a necessidade de abri-la.

Os alunos estão todos fora dos seus lugares, a baderna é generalizada. Eles riem, gritam, cantam e se agitam como se estivessem num bloco de carnaval.

— Essa é sua turma? — ouço atrás de mim.

— Hã?! Sim. Eu sou Blanca — respondo, virando-me e avistando uma mulher na casa dos seus quarenta anos, com os cabelos louros soltos e caindo sobre os ombros, ela usa um avental em um tom rosa claro com o nome *Luna* bordado no bolso direito.

— Boa sorte com eles, Blanca.

Baseado na quantidade de vezes que ouvi *boa sorte* desde que cheguei aqui começo a me preocupar com o que estou prestes a enfrentar.

— Meu nome é Luna, estou na sala à frente caso precise de ajuda.

— Obrigada — digo, um tanto vacilante.

— Não me agradeça ainda. — Fico em silêncio, absorvendo o real sentido de sua frase e volto a olhar para meus alunos pelo visor da porta.

Aperto os olhos, respiro fundo e giro a maçaneta, entrando no meu novo mundo.

— Bom dia, turma! — cumprimento-os, caminho até a mesa no centro da sala, próxima ao quadro negro, coloco minha pasta sobre o móvel e espero com um sorriso no rosto. Mas, nada acontece, eles continuam com suas conversas, risadas, gritos e cantorias, como se ninguém houvesse entrado na sala. Alguns ainda me olham de soslaio e dão de ombros, como se minha presença não passasse de alguma formalidade puramente descartável.

Ergo a mão e a agito no alto da cabeça repetindo minha saudação.

— Bom dia, turma!

Nada.

Baixo o olhar para meus pertences, começando a entender a abundância de *boa sorte* que me foi desejada até então. Giro o corpo ficando de frente para a lousa desgastada, beirando a inutilização e procuro por um giz branco.

Eu sou Blanca Moritz. Quem são vocês?

— Quem é essa? — escuto-os murmurando uns com os outros.

— Ei, gata! *Tá* fazendo o que aí?

Um deles inicia sua caminhada em minha direção, com um andar malemolente e um sorriso debochado nos lábios. O garoto gira ao meu lado, analisando meu corpo e se senta sobre a mesa, derrubando minha pasta no chão.

Toda a sala vibra diante de sua atitude, eles bradam em alto tom e o

garoto se diverte com o poder que parece ter sobre o restante da turma. Ele levanta uma mão, pedindo silêncio e é atendido no mesmo instante.

— Não pode ser nossa professora? É gata demais! — articula, passando uma mão no queixo, teatralizando enquanto me encara.

— E aí, novinha! — ouço mais alguns.

— Qual o seu nome? — indago, sem me desviar de seu olhar. E apesar de sua pouca idade é espantosa a firmeza com a qual me afronta.

— Eu já tenho namorada, gata. Penélope é ciumenta, não gosta de dividir — diz, piscando um olho e a sala explode em mais um ataque de risos.

— Qual o seu nome? — repito, ainda mais firme. Ele ergue um canto da boca e fala seu nome marcando de forma demorada cada sílaba.

— Diego Alvarez.

— Volte para sua cadeira, Diego — ordeno, estendendo um braço.

— Alvarez, gata. Não somos tão íntimos *pra* me chamar só de Diego. Mas se tiver muito a fim a gente pode tentar. — Ele aproxima seu rosto do meu, simulando me beijar e eu me afasto dando um pulo para trás.

— Volte para sua cadeira. Agora! — secundo, perdendo a paciência.

Ele estica os lábios exibindo um sorriso que jorra sarcasmo, escárnio.

— Lorenzo, ela faz mais o seu tipo, cara. *Tá* facinha, facinha! — fala, retornando para sua cadeira no fundo da sala com o mesmo molejo e despreocupação, sendo saudado pelos outros enquanto passa.

O restante da turma sequer me olha. Depois do show de Diego

Alvarez eles não tem mais motivo para manter seus olhos na professora recém-chegada e desandam a fazer o mesmo de antes.

As recentes palavras da coordenadora regressam como um tapa na minha cara: *Mesmo que você conheça a realidade dessas crianças, verá que seu papel agora é bem diferente.*

Com a respiração ofegante, recolho minha bolsa do chão e saio da sala batendo a porta atrás de mim. Vou até a sala à frente e vejo Luna lecionando para uma turma de alunos totalmente diferente dos meus, todos em silêncio, ouvindo atentos ao que ela diz.

Esfrego meu rosto, buscando me acalmar e bato em sua porta. Ela me vê e pede para seus estudantes continuarem a copiar a lição no quadro até voltar.

— Eles... eles... — tento falar, apontando para a porta da qual acabei de fugir.

— Eu sei — ela diz, expondo um sorriso condescendente. — Eles são difíceis.

— Um deles jogou a minha bolsa no chão, subiu na minha mesa e quase me beijou. Eu nem consegui me apresentar ainda — esbravejo, elevando as mãos.

— Diego? — indaga.

— Sim, Diego Alvarez. Segundo ele, não sou íntima o suficiente para chamá-lo de Diego — desabafo.

— Blanca, os últimos cinco professores que passaram por eles desistiram. É uma turma complicada, com dificuldades sociais ainda mais



profundas e complexas do que pode imaginar. Escrever seu nome na lousa e esperar que todos lhe desejem bom dia em uníssono não vai funcionar. Converse com Soledade, ela provavelmente está esperando por você.

Ouçó-a, enquanto a minha turma gargalha ao fundo.

— Fale com Soledade, tudo bem? Vou voltar para minha aula. —  
Luna diz e afaga com carinho meu ombro.

Eu aquiesço, agradecendo-a.

Observo a sala da qual fui destinada a ensinar e os vejo numa algazarra sem precedentes e penso que não serei um desses cinco professores. Eu já passei por isso, já tive essa idade e já fui como um deles. Sei o que lhes falta, sei o que lhes sobra.

— Não vou desistir de vocês tão fácil — murmuro, virando as costas.

As palavras de Soledade não me animam mais que as de Luna, ela basicamente me diz as mesmas coisas. Que é uma turma difícil, mas que eu lhes dê uma chance, que ao menos tente por um tempo. Ela salienta que talvez minha idade seja algo bom, que eu possa ter uma vantagem para me conectar mais facilmente.

Eu penso o contrário, aquela turma pode pensar que por eu ter vinte e cinco anos seja nova demais para ensinar. No entanto, sei o quanto lutei para conseguir com essa idade estar formada, pós-graduada e em vias de começar meu mestrado. Não importa o quão difícil eles sejam, vou encontrar uma forma de me fazer ouvida.

— Volte amanhã e agora ciente do que vai encontrar. — Aquiesço com um aceno de cabeça e despeço-me.

Percorrer as rua desse bairro é o mesmo que andar pelas ruas de minha antiga cidade, uma junção de passado e presente. É ver as mesmas pessoas que na minha adolescência me traziam medo, misturadas as outras que lutam bravamente à espera de um dia melhor. Não me cabe mais o medo de antigamente. Por isso, caminho ignorando os olhares curiosos e atentos daqueles que são isentos de comiseração e estão aqui para propagar o sofrimento e temor desse povo.

Apesar da falta de medo, não sou ingênua ao ponto de afrontá-los, mesmo que a revolta em meu peito grite ao ponto de ensurdecer todo esse bairro, ela é retida na minha garganta. Berrar a plenos pulmões que todos eles deveriam estar em cadeias, longe dessas pessoas que vivem nesse local por absoluta falta de condição para arcar com uma vida mais digna.

Encosto no poste de madeira que indica a parada do ônibus e aguardo pelo meu. Para aguentar a espera inacabável, tiro meu livro da bolsa. Não qualquer livro, mas o meu amuleto, o talismã que está sempre à mão para me lembrar que todos podem sonhar.

Lembro como se fosse hoje quando aos dezesseis anos cheguei ao meu novo colégio, não conhecia ninguém, Pablo e eu ainda não éramos amigos e apesar de estar feliz por vislumbrar uma nova vida, longe da minha antiga cidade, aquele ginásio me assustava. Assustava pelas pessoas que eram diferentes de mim, assustava pela falta que meus antigos amigos faziam, assustava, principalmente, pelo tumulto que a garota pobre e malvestida causava nos outros ao circular por aqueles corredores.

Até o dia em que meu professor de português me entregou esse livro e ler se tornou meu respiro, a bolha de oxigênio que salvou minha vida, que me amparou de ser engolida para o fundo de um lago escuro e morrer sufocada

pouco a pouco. Desde o dia em que abri o primeiro livro, desde o dia em que aquelas letras apareceram diante dos meus olhos, elas se tornaram o meu colete salva vidas, a boia que me manteria acima da água.

Porque meu único pensamento era entrar para alguma gangue ou facção que me proporcionasse um dinheiro para ajudar minha mãe e a mim mesma. Estava cansada de não ter as roupas que me serviam, de não ter as comidas que queria comer, de não ter o que os outros tinham. Estava esgotada de viver abaixo do que se podia chamar de pobreza. Ainda hoje, minha mãe não sabe que um dia estive na casa de Nolasco buscando por trabalho. Em todos esses anos, não reuni coragem para dizer que coloquei meus pés naquele lugar e tampouco descrever o que lá dentro eu vi.

Abraço o livro e sorrio. A edição gasta, surrada pelo tempo, com capa em tom laranja e verde lima traz a ilustração de um garoto simples sentado em nuvens coloridas de azul enquanto conversa com sua árvore, o minguado pé de laranja lima.

O amor pelas letras me moveu, a educação privilegiada que tive me deu as ferramentas para sonhar novos sonhos, e embora eu ainda seja a garota pobre do subúrbio, tenho plena convicção que dinheiro nenhum vai enriquecer mais a minha alma que passar adiante tudo o que eu aprendi.

— Tia, você viu se o 657 já passou? — Um garoto me pergunta, ele não deve ter mais que dez anos.

— Não passou — respondo, ciente que este é o mesmo ônibus que preciso pegar.

Ele não diz nada, apenas se vira e começa a encarar a esquina, à espera que o ônibus apareça. Ao olhá-lo com mais atenção, reparo que ele

veste uma bermuda com alguns remendos e carrega uma sacola plástica transparente nos ombros estreitos com várias caixas de bala de goma.

— Menino — abordo-o, guardando meu livro. O garoto se vira e me encara com a sobrancelha erguida.

— O que fará com essas balas? — pergunto, apontando para a sacola.

— É minha, tia — responde, agarrando-se a sacola.

— Sei que são — contraponho, sorrindo. — Só estava curiosa, porque são muitas balas para um só garoto comer, não? — questiono.

Ele percebe meu tom afável e se solta do saco, regressando à postura relaxada de antes.

— Não vou comer, tia. Eu não posso pegar nadinha delas. Vou vender lá na praça principal, aquela perto do centro, que tem várias árvores e crianças brincando, as mães de lá sempre compram — diz, agora sorrindo.

Foi como imaginei, ele está saindo para vendê-las.

— Você mora por aqui? — indago, com calma e sem me aproximar.

— Moro lá em cima, tia. — Ele estica uma mão e aponta para as casas empoleiradas, na parte mais miserável de *Volar*, onde sei não haver sequer saneamento.

— Ah, sim! É bem perto. E você vai à escola? Eu sou professora no colégio logo ali atrás. — Agacho-me e apoio as mãos nos joelhos, para ficar da mesma altura que ele.

O garoto balança a cabeça negando, mas não explica.

— Não gosta de ir à escola? — insisto. Ele baixa a cabeça e segura a sacola das balas com mais força.

— Eu ia às vezes, mas é muito chato e as outras crianças riem de mim, porque eu não tenho sapatos.

De imediato meus olhos descem para seus pés e os vejo vulneráveis em sandálias de tiras, velhas e desgastadas.

— Seus pais sabem que não vai à escola?

Ele hesita em falar da família, desviando o olhar por alguns segundos.

— Oh, tia, por que *tá* me fazendo tanta pergunta? — examina, entortando um canto da boca. — Você é daquele negócio que *tira* as crianças das mães delas? — investiga, afastando-se alguns passos.

— Não, não! — apresso-me em dizer, chacoalhando minhas mãos no ar. — Não sou do conselho, fique tranquilo. Ninguém vai tirar você da sua mãe.

— Eu fujo! — esbraveja, erguendo a cabeça e estufando o peito, numa postura de enfrentamento.

Ergo uma mão, requerendo calma.

— Não farei isso. Mas, você não acha que seria melhor voltar para a escola, você pode vender suas balas no horário fora da aula — argumento. O garoto franzino e desconfiado me observa e aperta seus dedos pequenos uns nos outros, olhando para os pés. — Eu posso lhe comprar sapatos se voltar para a escola — aviso, buscando seu olhar.

Ele me encara e estreita os olhos, ainda mais desconfiado.

— Professoras não fazem isso.

— Algumas fazem.

Sinto um aperto no peito ao olhar para essa criança, tão nova, indefesa, tendo de buscar pelo sustento em sua casa. E mesmo não sabendo em que condições reais ele vive, não consigo ignorar seu discurso ao dizer que deixou de frequentar à escola pela simples falta de um sapato nos pés.

Sei como crianças podem ser cruéis umas com as outras, conheço essa realidade além do que aprendi nos livros, conheço na pele. E mesmo que todas elas vivam em situações parecidas, a criança que tiver apenas *um* par de sapatos, desdenha da que não tem *nenhum* e detalhes assim criam abismos profundos, que no futuro poderão ser impossíveis de sobrepujar.

No fim ele acena a cabeça, aquiescendo.

— Vai voltar para a escola?

— Quando eu tiver sapatos vou poder entrar na sala de aula e todos os que riam de mim, vão ter que ficar caladinhos.

Ergo-me do chão e concordo com ele, que parece animado.

— Amanhã quando chegar a escola eu estarei esperando por você na entrada do colégio com seus sapatos, deixe-me ver seu número.

O menino arranca o chinelo dos pés e me mostra o tamanho impresso no solado.

— Oh, tia, anda logo, olha lá o *busão* — anuncia, colocando a sandália nos pés.

Entramos os dois na lotação, eu pago a minha passagem, mas antes

que eu possa cruzar a roleta, o garoto atravessa na frente e tenta passar por baixo, sendo impedido pelo cobrador de passagens.

— Ei, moleque! Sai fora do meu ônibus, vai arrumar carona em outro lugar — vocifera, segurando o menino pelo braço.

— Só hoje, só hoje, só hoje. — O menino pleiteia e começa a chorar quando percebe que está sendo colocado para fora do ônibus.

— Não! — berro e corro embravecida para me interpor entre o funcionário e a criança.

— Como pode agarrar uma criança dessa forma? — reclamo, tirando suas mãos do garoto.

— Esse pivete tá aqui todo dia, tô de saco cheio! — queixa-se, elevando a voz.

— É uma criança — confronto-o, tirando dinheiro do bolso para pagar pela passagem do garoto.

Seguro o menino pelas mãos e o trago ao meu lado, garantindo que ele transpasse a roleta da maneira correta. Sento-me com ele ao meu lado e só então o motorista volta a dirigir e iniciar a rota que deve seguir.

— Você não pode pegar o ônibus todos os dias sem pagar. — Converso com ele, que se mantém impassível olhando pela janela. — Qual o seu nome? — pergunto, aproximando minha cabeça da dele.

— Carlito — murmura, sem me olhar.

— Oi, Carlito. Eu sou Blanca.

Estendo-lhe uma mão para que possamos nos apresentar formalmente,

ele olha para minha mão esticada e depois para o meu rosto. Eu a balanço na sua frente para encorajá-lo a apertá-la, e depois de algum tempo de hesitação Carlito enfim a aperta.

A mão pequenina, com dedos curtos e finos se perdem na minha. Depois de nos cumprimentar, afago seus cabelos bagunçando seus cachos.

— Ei, tia! Eu sou um pivete, escutou. Não se mexe em cabelo de pivete — resmunga, encarando-me com um semblante aborrecido.

— Desculpe, Carlito! — rogo, escondendo minhas mãos. — Olha só, você não é um pivete, o cobrador só disse isso para te aborrecer, tudo bem?

Ele não responde e volta sua atenção para a paisagem que confere através da janela e assim ficamos os dois, num silêncio inquieto, esperando nosso itinerário terminar. Sem dizer nada, Carlito se levanta passando por mim e seguindo para a porta. Eu o acompanho com o olhar, esperando que me diga alguma coisa, que ao menos confirme que amanhã irá até à escola. No entanto, ele me relega e desce sem olhar para trás.

— Droga! — murmuro.

A lotação volta a andar e ainda falta um tanto para eu chegar até minha parada, entretanto minhas pernas começam a balançar inquietas. Eu acabei de conhecer o garoto, não faz nenhum sentido me preocupar. Carlito parece independente e vai ficar bem.

Aperto o topo do nariz, tentando afastar a imagem do menino de pele morena com nuance dourada acentuada pelo sol, cabelos escuros encaracolados e olhos castanhos amendoados e tristes.

E sem saber ao certo a razão, levanto-me do banco apertando o botão



de parada e me posiciono em frente à porta. Começo a caminhar em direção à praça onde ele disse que as mães compram suas balas e começo a procurá-lo, chamando seu nome. As pessoas ao redor me olham e franzem suas testas.

— Perdeu seu filho? — um homem se aproxima e indaga.

— Não... eu... — embanano-me ao explicar. — Meu aluno — respondo.

Afasto-me e continuo a chamar pelo nome de Carlito por todos os cantos da praça. Até que eu o vejo, ele aborda cada pessoa próxima, com a caixinha de balas na mão. Começo a andar em sua direção e noto um homem se aproximar. Eu os observo, sentindo meu coração pulsar com mais vigor.

Passo a passo vou me acostando, ambos conversam sem se dar conta de que estou cada vez mais perto.

— De onde você veio? — Ouço o homem perguntar-lhe.

— Por que todo mundo tá me perguntando isso? — Carlito responde, enfiando as balas novamente na sacola.

— Não guarde, vou comprá-las. Todas elas.

Carlito abre um sorriso radiante enquanto observa o homem tirar uma nota alta da carteira e lhe entregar o dinheiro.

— Ei, tio! Não tenho troco.

— Não é necessário que me dê o troco, o dinheiro é seu. Agora me diga onde você vive?

Estreito meus olhos, tentando entender o porquê desse homem dar a Carlito um valor em dinheiro tão alto e insistir em saber onde ele vive.

Percebo que é hora de intervir e com um andar duro, seguro o ombro de Carlito, afastando-o.

— Por que quer saber onde o garoto vive? — interrogo, olhando-o nos olhos. O homem enruga a testa, surpreso pela minha interferência.

— Tia, olha o dinheiro que ganhei! — Carlito fala, acenando a nota em minha direção.

Nossos olhares se mantêm conexos, ambos esperando por uma explicação. Ele é alto e forte, com ombros largos e cabelos curtos, veste jeans e uma jaqueta preta. Seu cabelo castanho é curto, mas cheio, formando um volume no topo da cabeça, os fios alinhados de maneira impecável devem estar com algum tipo de gel.

Encaro seu rosto e noto o ângulo eminente do seu maxilar adornado por uma barba curta no mesmo tom dos cabelos, os olhos apertados transmitem algo que nunca vi, algo que me faz arredar um passo atrás com Carlito. Há uma fúria intrínseca em seus olhos, algo íntimo e específico. Uma cólera que vai além ao de uma pessoa abordada no meio de uma praça.

— Você é a mãe dele? — pergunta, sem mover um músculo. Ele sequer pisca.

— Não, ela é professora. — Carlito responde.

— Quietos, e vamos embora — rebato Carlito, buscando sua mão, sem desviar meus olhos dos do estranho à minha frente.

— Se não é mãe dele, por que quer levá-lo? — O homem insiste.

— Sou a professora dele, não ouviu. E você, é o pai dele? — questiono, usando o mesmo tom altivo.

Ele olha para Carlito e depois para mim e suspira, franzindo os lábios ao final.

— Garoto, devolva o meu dinheiro. Não tenho mais interesse nas suas balas.

— O quê? Não! Eu não vou devolver! Ei, tia, olha o que *cê* fez! — Estrondeia, soltando sua mão com força da minha. — Tio, eu te levo onde moro. Mas deixa o dinheiro comigo.

— Carlito — articulo entredentes, tentando repreendê-lo mesmo sabendo que não tenho autoridade para tal.

— Tia, *deixa eu* em paz, *tá* me perseguindo?

Minha cabeça começa a latejar e eu esfrego a testa, buscando uma alternativa para conseguir ir embora daqui com o garoto.

— Vamos comprar seu sapato agora, assim amanhã você já pode ir com ele para a escola, o que acha? — arrisco.

Parece funcionar e Carlito sorri. O homem à minha frente estreita ainda mais seus olhos, baixando a cabeça alguns centímetros. Eu consigo ver um de seus olhos tremer à medida que me encara enfurecido, e algo em seu semblante chama minha atenção, é tão magnético que esqueço que ele é um completo desconhecido e inclino minha cabeça me aproximando um pouco mais de seu rosto.

De repente, algo nele se torna familiar, tem alguma coisa em seu rosto que chama minha atenção, e que me transporta para anos atrás... Ah, não! Para exatos dez anos atrás. Não pode ser, talvez...talvez...

Oh, meu Deus! É ele?

É o mesmo olhar enfurecido, o mesmo tremer raivoso de pálpebras, e é a mesma voz. Sim, tenho certeza de que é a mesma voz. Ele está vivo. O garoto que abandonei para garantir minha vida e que nem por um segundo abandonou meus pensamentos está vivo.

— Egan? — pergunto, duvidosa. Ao ouvir o nome que pronuncio, ele arregala os olhos e recua alguns passos.

— É você? — persisto, ainda vacilante. Estico uma mão para tocá-lo, conforme diminuo a distância entre nós.

Contudo, antes que eu possa me aproximar mais, ele vira as costas e começa a correr, desaparecendo das minhas vistas.

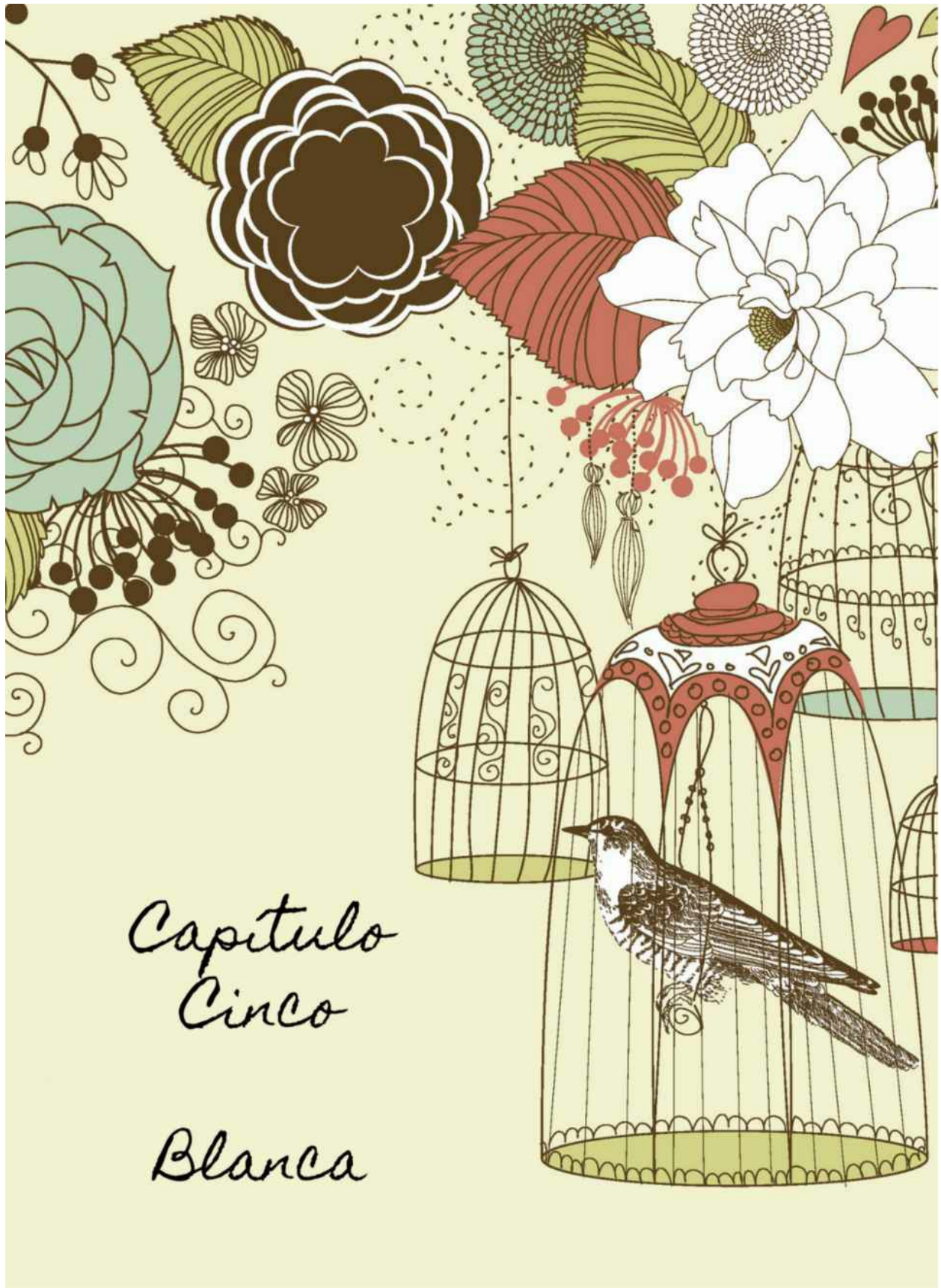
— Tia? Tia? — Sinto um puxar no meu pulso e olho para baixo, avistando Carlito.

— O quê? — questiono, ainda atônita e distraída.

— *Tá aí paradona*, igual uma estátua. Parece que viu um fantasma — ele fala, cruzando os braços.

— Eu acho que vi mesmo. — Ergo a cabeça encarando o horizonte.





Capitulo  
Cinco

Blanca

Meus lábios se abrem assistindo a alegria de Carlito ao experimentar o par de tênis. Sorrindo, ele bate os pés no chão, testando a maciez do calçado.

— Posso ficar com eles nos pés? — pergunta.

Aceno dizendo que sim, e me dirijo à vendedora pedindo que coloque alguns pares de meia na sacola dele e a acompanho até o caixa para pagar a compra, deixando Carlito sentado no banco à minha espera.

— Vamos? — digo, assim que retorno. Ele tem o olhar distante, agarrado à sacola plástica onde suas balas e as novas meias estão guardadas.

— Aham! — responde, ficando de pé. Seu novo sapato destoa das roupas gastas que veste e penso que seria um presente completo de volta às aulas comprar um novo conjunto para ele vestir.

— Sabe o que pensei agora. Que seus novos tênis precisam também de novas roupas. — Seus olhos brilham no mesmo instante, mas em seguida ele baixa a cabeça, e cauteloso diz:

— Não precisa.

— Olhe para o outro lado da rua, tem uma loja de roupas infantis. Não vai demorar nada — completo.

Ele observa atento à loja e entorta um lado da boca, ainda desconfiado.

— Eu já tenho roupas — diz e começa a correr.

— Espera! — exclamo, tentando alcançá-lo.

— *Brigado* pelo tênis, tia! Amanhã eu vou *pra* escola, tá? — grita da rua e volta a correr, dessa mais veloz que qualquer adulto, desaparecendo na cidade.

Paro de correr e cansada ofego com o corpo curvado apoiando as mãos nos joelhos.

— Por que todos correm de mim? — murmuro, recuperando meu fôlego.

Resolvo voltar para casa a pé, a distância não é mais tão grande e uma caminhada vai me ajudar a colocar em ordem meus pensamentos. A cada passo dado, mentalizo um detalhe da face do jovem Egan engaiolado na casa de Nolasco versus a visão daquele homem no parque.

Eu nunca esqueci aquele rosto, a face que me assombrou por todos esses anos. Por tantas vezes, pensei em voltar àquela casa para resgatá-lo, outras em ir até a polícia, foram tantos planos arquitetados sem que nenhum tenha ido adiante.

Confesso que tive medo, pânico na verdade, de ter que colocar meus pés naquele lugar mais uma vez... talvez seja por isso que nunca consegui esquecer aquele pássaro preso na gaiola. De alguma maneira, eu me senti responsável por qualquer mal que pudesse ter acontecido a ele, ainda sabendo que uma adolescente aos quinze anos não teria muitas chances para salvá-lo.

Contudo, se ele está vivendo em *Volar* é possível que aquela vida miserável tenha ficado para trás, que agora ele esteja bem e vivendo livre daquelas pessoas. Eu preciso encontrá-lo e descobrir se ele é o mesmo Egan que conheci dez anos atrás.

Meus pensamentos são interrompidos pelo toque do celular dentro da



bolsa.

— Oi — digo ao atender Pablo.

— Ainda está em aula? — indaga, num tom satisfeito.

— Quase em casa — respondo, voltando minha reflexão para os alunos do Esperanza.

— O que houve? — questiona.

— Tanta coisa. Passa na minha casa quando chegar.

— Tudo bem! — diz, encerrando a conversa.

Dobro a esquina e vejo minha rua com suas casas geminadas e coloridas. As residências são todas iguais e todas diferentes, quem mora aqui é capaz de encontrar diferenças imensas entre elas, alguém que vem pela primeira vez não saberia dizer a numeração em cada lar.

— Já voltou, Blanca? — Dona Carmen pergunta.

Sentada numa cadeira de balanço antiga — muito parecida a uma que minha avó usava quando viva —, ela acompanha com seus cabelos acinzentados e esvoaçados pelo vento a movimentação da rua. Não há quem chegue ou quem saia sem que dona Carmen esteja a par.

— Sim. E Alice? Como está?

— Ela está bem. Está animada porque vem passar as férias comigo no final do ano.

— Isso é ótimo. Já faz um tempo que ela não aparece.

Despeço-me e continuo a andar até chegar à minha casa, procuro

pelas chaves na bolsa e destranco a porta. Ao entrar, arremesso minha bolsa numa das poltronas e sigo até o quarto lançando-me sobre o colchão. Preciso me concentrar na aula de amanhã, encontrar um método que me faça próxima daqueles alunos, no entanto, nesse momento não consigo pensar em nada além daquele homem.

— Blanca? — Ouço Pablo chamar meu nome ao entrar.

— Aqui! — grito do quarto.

— O que aconteceu? — investiga, vendo-me largada sobre a cama.

Sento-me, cruzando as pernas e então começo a falar:

— Pablo, você se lembra de quando contei sobre o garoto que vi preso numa espécie de gaiola.

Pablo ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Sim, lembro. Ainda éramos adolescentes quando contou. Era verdade? Sempre achei que fosse alguma história de gangue para me assustar.

Ele se senta na cama, curioso.

— Claro que era verdade, achou mesmo que eu teria criatividade suficiente para inventar uma história daquelas?

— Não sei, você é bem criativa — argumenta.

Passo as mãos pelo rosto e me aproximo mais dele.

— Eu acho que o vi hoje. Não só vi, como falei com ele.

— O quê? Na escola? Ele também é professor?

Balanço minhas mãos, negando seu raciocínio.

— Encontrei com ele na praça principal. Ele estava tentando saber onde Carlito vivia.

— Carlito? Quem é Carlito? — pergunta, perdido na conversa.

— Um garoto que conheci, ele é aluno do Esperanza e vende balas na praça. Eu estava procurando por Carlito, quando o vi conversando com um homem estranho. Fui chegando mais perto e o ouvi perguntar a Carlito onde ele vivia, até entregou uma nota alta em dinheiro para o garoto. Mas eu acabei intervindo, e depois de alguns minutos quando por fim o reconheci...

Com os olhos espantados, Pablo ouve atento minha história.

— E aí?

— Eu disse seu nome, e assim que me ouviu dizer *Egan*, saiu correndo, tão rápido que não pude fazer nada — digo, batendo uma mão na outra, simulando a rapidez com que ele desapareceu.

— Por que acha que era ele? Pode ser um cara assustado com você — objeta, levantando-se da cama.

— Assustado? — questiono, elevando o tom da minha voz.

— Às vezes você é assustadora. Lembra de quando passamos no concurso para professores e estávamos tomando cerveja? — relembra.

— Pelo amor de Deus, Pablo. Como aquilo pode me fazer assustadora? — disputo, balançando a cabeça e me levantando também.

Passo por ele para seguir até a cozinha. Pablo vem atrás de mim.

— Ah, não? Fingir que estava sendo possuída por sei lá o quê é engraçado?

Coloco água na cafeteira e começo a rir.

— Era uma brincadeira! Em minha defesa eu havia bebido demais.

Pablo puxa um banco e se senta em frente à mesa abre e fecha em fórmica branca no centro da cozinha, apoiando seus braços sobre ela.

— Foi bem assustador — diz, queixoso.

— É sério, eu preciso saber se é ele mesmo — profiro, arrastando um banco para me sentar e trazer de volta a importância do caso. Meu amigo franze a testa e entreabre os lábios.

— É assim tão importante? — pergunta.

— Muito. Não teve um dia em que eu não me lembrasse dele. Eu o deixei lá e fugi, e isso me consome a cada dia. Sei que não poderia ter feito nada no passado, mas aí ele aparece bem na minha frente, como posso ignorar isso?

— Não foi sua culpa, Blanca. Como pôde deixar isso te consumir?

Ele procura minhas mãos sobre a mesa e as segura.

— Sei que não tenho culpa, aquele desgraçado do Nolasco é quem tem. Mas eu não consegui salvá-lo, tive que deixar aquele garoto espancado e sangrando para trás e é isso que me consome, não ter podido fazer nada. Se eu o achar e descobrir que está bem, é um peso que sairá das minhas costas para sempre — exponho, baixando a cabeça. — Ainda sonho com aquele dia, às vezes sonho que sou eu no lugar dele, espancada e trancada naquele lugar

e acordo suada e trêmula.

— Blanca. — Pablo murmura, ainda com minhas mãos nas suas.

— Eu tenho que encontrá-lo. Amanhã depois da aula eu irei até aquela praça outra vez, se ele vive em *Volar* é possível que eu o veja novamente.

— Já não basta ir dar aula no colégio mais perigoso da cidade, agora também quer encontrar um homem que você não faz ideia no que se tornou. Se realmente for o garoto da gaiola, ele pode ser alguém que fugiu e começou uma nova vida, mas também pode ser um criminoso, você não sabe. — Explicita, fazendo-me enxergar aquilo que já sei.

— Tenho consciência disso, mas o que pode acontecer em praça pública?

— Qualquer coisa pode acontecer. Não existe mais essa, Blanca.

Solto-me de sua mão e me levanto, silencio-me por alguns segundos, levando em consideração as advertências de Pablo.

— Vou assim mesmo — conto, destemida.

— Não posso obrigá-la a não ir, mas vou com você — avisa, colocando-se de pé.

— Pablo...

— Se eu não for, você não vai — diz, resoluta.

Se eu não concordar com sua companhia, ele irá atrás de mim ou ainda pior, ligará para minha mãe e a fará sair de sua pacata vida no interior para vir até aqui. Por isso, concordo de uma vez.

— Tudo bem.

— Ótimo. Agora me conta como foi o seu primeiro dia de aula.

Aperto os olhos e suspiro retomando a imagem dos meus alunos, em especial a de Diego.

— Você nem pode imaginar — respondo, servindo-nos duas xícaras de café.

— Luz me disse que já deu aula no Esperanza, mas que não aguentou e saiu antes de completar trinta dias — informa, recebendo seu café.

— Luz? — investigo, interessada.

— Uma professora, estávamos conversando sobre os lugares onde trabalhamos e ela me disse que lá foi um dos piores, que ela até pensou em abandonar a profissão.

— Não vou abandonar aqueles alunos, só preciso buscar uma maneira de fazê-los me ouvir — rebato, perseverante.

Sento-me novamente, levo a xícara até meus lábios, e soprando o café quente penso em como será meu dia amanhã.





Capitulo  
Seis

Blanca



De frente para a escola, junto minhas mãos na altura do rosto ansiando que tudo o que planejei dê certo e aquela turma me aceite como sua professora. Respiro fundo e pé ante pé marcho com determinação no Esperanza, encontro Luna conversando com Taniara e vários alunos correndo ao redor.

— Bom dia! — digo, aproximando-me.

Ambas me recebem com um sorriso no rosto e Taniara é a primeira a falar:

— Você voltou!

— Não tem outro lugar para eu estar que não seja aqui — informo, retribuindo o mesmo sorriso.

Começamos a andar, as três juntas, Luna continua a contar sobre uma atividade que pretende fazer com seus alunos e precisará da ajuda de Taniara para mantê-los em ordem. Eu as ouço, atenta e curiosa para saber mais de como ela conduz sua sala, entretanto, ciente que seus alunos em nada se parecem com os meus.

— Olha só quem voltou — ouço uma voz baixa e sarcástica.

Desvio o olhar e encontro Diego mais alguns outros garotos, ele está escorado contra a parede com os braços cruzados e a cabeça inclinada, numa postura que mais parece a de um gangster juvenil.

— Vão para a sala. — Taniara diz, agitando as mãos.

Os garotos ignoram sua fala e persistem me encarando com olhos estreitos e lábios cerrados, todos acompanham a postura de Diego e mesmo

sem dizer nenhuma outra palavra, transmitem o recado silencioso de que sou uma intrusa, alguém que acabara de invadir sua casa sem autorização. A intimidação de que este não é o meu lugar. Nossos olhares cruzados se sustentam por mais alguns segundos, e, então, continuo a andar. Luna e Taniara seguem comigo.

— Diego é complicado, deixe-o por hora, perceba os alunos que serão mais receptivos a você e concentre-se neles. — Luna diz, apoiando uma mão em meu ombro.

No entanto, uma voz em minha mente ressoa aguda e precisa de que é em Diego que devo me concentrar.

Faltam ainda alguns minutos para a aula começar e na sala dos professores, consigo tomar um pouco de café e conhecer outras educadoras, além de trocar umas palavras com Soledade. Enfim, o sinal ecoa pela escola e todos seguem apressados para suas turmas.

Todos, com exceção de mim, ando devagar, sem pressa, repassando cada etapa do meu plano à medida que abraço minhas pastas com mais força contra o peito. Assim que paro de frente a porta da sala, observo pelo visor e vejo a definição de caos e desordem diante dos meus olhos.

*Não tenho outra saída, não tenho margem para erro. Eu os conheço, eu já vivi algo assim, eu já estive do outro lado, eu já fui uma deles.*

E com esse pensamento, entro na classe. Diferente do dia anterior não digo uma palavra, sequer lhes dou bom dia, mantenho meus passos firmes até o centro da sala e deposito minhas coisas sobre a mesa. Depois disso, começo a arrastar o móvel pela sala, o som da madeira contra o chão, causa um barulho estridente e incômodo, fazendo mais da metade deles reclamar e

taparem os ouvidos. Não paro, continuo a arrastar a mesa antiga e pesada pelo ambiente até estar no canto oposto, bem longe do centro.

Alguns deles não se atentam a mim e continuam com a algazarra no fundo da sala, mas desperto a curiosidade de muitos, que passam a acompanhar meus gestos, curiosos para entender o que estou fazendo. Em seguida, vou até as paredes e começo a tirar todos os cartazes antigos com trabalhos de outras turmas, desenhos e tudo o mais. Eu soube que essa sala é usada somente por eles, então, não faz sentido que esse material usado para a educação infantil esteja pendurado pelas paredes.

De repente, a alvoroço começa a diminuir ao ponto de o silêncio dominar o ambiente, nenhum deles abre a boca, todos observam a professora que nada diz desprendendo cartazes, arrastando mesa e armários. Uns vinte minutos depois, quando o lugar não se parece mais com uma sala de crianças invadida por adolescentes rebeldes, eu me sento.

Mas não no meu posto tradicional, recolho a cadeira vazia de um aluno e coloco-a no fundo da sala, o último lugar da última fila e lá me aprumo. Contudo, em vez de abrir o material de aula, eu abro meu livro — meu talismã — e começo a lê-lo, desconsiderando todos os olhares inquisidores.

Isso por fora, porque por dentro, meu coração bate tão forte que parece querer sair do peito e quicar pelo chão do Esperanza. Movo os olhos pelas palavras que tenho praticamente decoradas e aparento estar absorta nas páginas de uma história muito boa.

Uma das garotas para ao meu lado e baixa a cabeça para descobrir qual é o livro que leio.

— Eu conheço essa história — ela diz, sentando-se à minha frente.

Baixo o livro e observo seu rosto, a garota de pele parda tem os cabelos longos e encaracolados espalhados por seus ombros e costas, os olhos amendoados num tom mel me encaram de uma forma diferente do restante da turma.

— “*A gente mata no coração. Vai deixando de querer bem. E um dia a pessoa morre.*” — recita, esperando uma reação minha. — Não é isso que o garoto diz depois de ter sido espancando pelo pai? — questiona.

— Sim, é isso — respondo, sentindo uma fagulha de esperança, uma fresta na porta que se abre e ilumina a escuridão.

— Ih, olha lá! A Penélope sabe ler. — Alguns deboçam.

— Penélope... — repito seu nome em um sussurro.

— Todo mundo aqui sabe, vocês não leem porque não querem — ela responde. Algumas outras alunas se aproximam de mim, além de dois ou três garotos.

— Esse livro parece bem velho. — Um deles diz, apontando para a capa desgastada.

— Ele é. Eu o ganhei quando tinha a mesma idade de vocês, e já naquela época era gasto — narro, erguendo a edição para que todos vejam.

— Acho que já vi esse livro na casa da minha avó. — Outra garota diz.

— Bem provável, ele é famoso e foi lido por muita gente.

— Fala sobre o quê? — A mesma menina pergunta.

Nesse momento, controlo as batidas do meu coração e firmo a decisão de que hoje me sentarei aqui atrás e conversarei com eles como se fosse mais uma aluna.

— Conta a história de um garotinho de seis anos, o Zezé. Ele fala de como era sua vida ao lado de sua família, das estripulias que aprontava, e dos amigos que fizera, como o Portuga e seu pé de laranja lima.

— Seis anos? Como uma criança desse tamanho escreveria um livro?  
— Um garoto aproxima e se senta no chão ao meu lado.

— Não, não foi o garoto quem o escreveu... — olho para ele esperando que me diga seu nome, antes de continuar a explicar.

— Romeo — ele diz.

— Não foi um garoto, Romeo. Foi um homem, o autor escreveu usando da perspectiva de uma criança, mas não qualquer criança, Zezé apesar da pouca idade, era muito inteligente e sagaz, ele tinha alta capacidade de entender a vida e as pessoas ao seu redor.

Muitos dos alunos continuam a conversar e pouco se importam com a minha presença, em contrapartida, deve haver uns dez deles ouvindo-me atentos enquanto falo sobre Zezé.

— Você não acha que passou da idade de ler livros de crianças? — escuto alguém dizer.

— É sobre uma criança, mas garanto que não é para uma criança. O que você achou do livro Penélope? — pergunto, já que ela foi a única que aparentemente leu a história.

— Cruel. Como podiam espancar tanto aquele menino, batiam nele

como se ele fosse o saco de pancadas da família. Eu nunca achei que aquele moleque tivesse feito nada de grave para ser surrado até quase a morte. Pais assim é que merecem morrer — diz, enfática, com os olhos faiscando rancor.

— Eles viviam numa outra época... — começo, justificando o momento pelo qual a história se passa.

— Não importa — continua. — Não importa a época, você acha que hoje em dia é diferente? Que não existem pais assim? — incita o debate e eu sorrio.

— Existem, eu sei que existem.

— Me deixa ver esse livro. — Romeo o tira de minhas mãos e analisa a capa e folheia as páginas, tentando encontrar em apenas alguns segundos o motivo da fúria de Penélope.

— O que tem aqui que te deixou tão brava? — ele pergunta à Penélope.

— Nada.

Os alunos intercalam seus olhares entre Penélope e eu. Ela parece querer que eu dê uma validação de sua visão, mas aproveito o momento e decido fazer algo diferente.

— Por que não lemos esse livro juntos e depois discutimos o assunto? Assim, todos poderão dizer se enxergam o mesmo que Penélope.

Quando se lê um livro, cada pessoa o interpretará de uma maneira, baseado em sua personalidade e experiências de vida. Tudo aquilo que viveu moldará sua visão crítica a respeito da história. Muitas vezes o leitor sequer percebe que quando emite uma opinião sobre um livro, na verdade, está

externando aquilo que ele próprio é em sua essência.

Não me é difícil perceber que a fúria de Penélope pelos pais de Zezé pode provavelmente estar relacionada a algo que ela mesma tenha vivido em sua infância.

Surpresos, eles balançam as cabeças, entreolhando-se.

— Acha que temos dinheiro para isso? — Romeo diz, jogando o livro sobre meu colo.

— Não precisam de dinheiro, eu tenho outros exemplares e posso trazer para quem quiser ler.

— Eu quero! — Uma das garotas ergue a mão.

Outras dão de ombros, pensando que nada tem a perder e dizem também querer.

— Isso é ótimo! — respondo feliz. — Eu vou trazê-los e... talvez Penélope possa ajudar vocês durante a leitura já que ela conhece a história.

Penélope tenta conter o sorriso, mas falha e se mostra satisfeita. Posso notar que ela é também umas das líderes naturais na sala e capaz de influenciar os outros alunos. Se eu puder conquistar ao menos um deles por dia, será um grande passo.

— Que idiotice está fazendo, Penélope? — Diego diz, segurando-a pelo braço.

— Me solta, Diego! Não estou fazendo nada e mesmo se estivesse não seria da sua conta, não acha? — ela responde, feroz.

Ele larga o braço da garota e me afronta agitando o dedo indicador no

ar, como quem diz: *você está invadindo um lugar que não é seu*. Depois disso a balbúrdia volta a reinar e eu passo a ser ignorada mais uma vez, mas não me levanto, não saio da minha cadeira. Volto a abrir meu livro e continuo a lê-lo como se estivesse em meio ao mais profundo silêncio, envolta dos alunos mais comprometidos da escola.



Na saída da escola, procuro por Carlito. Durante o intervalo das turmas eu andei todo aquele pátio buscando por ele e não encontrei, será que ele mentiu e não veio à aula? Fico ao lado do portão observando cada aluno, até que o último cruza e nem sinal de Carlito.

Fecho os olhos e começo a caminhar em direção a parada de ônibus, a passos lentos vou observando ao redor para ver se vejo Carlito em algum lugar, quando vejo algo muito mais assustador. Lorenzo, o garoto que está sempre ao lado de Diego conversa com um homem agachado no chão. Estão em frente a uma casa simples, de tijolos aparentes. Vejo Lorenzo abrir sua mochila e o homem colocar algo dentro.

— Ah, merda! — murmuro, entredentes.

Mesmo não tendo visto de perto, mil coisas passam pela minha cabeça, Lorenzo sai apressado descendo a rua com a mochila nas costas e a julgar pela afobação temo que seja o pior.

Continuo estacada no lugar olhando para o homem, com meus pensamentos girando à mil, e não dou conta de que estou encarando-o a



tempo demais. Ele se levanta e me devolve um olhar semicerrado, um alerta para que eu saia.

Volto a caminhar e assim que estou na parada aguardando meu ônibus, respiro fundo e reflito meu passado. Não importa o tempo que passe, é sempre mais do mesmo, é como se eu estivesse assistindo os garotos da minha adolescência sendo atraídos para Nolasco, é sempre a mesma dinâmica, e pensar que eu quase fui uma deles.

Meu ônibus chega e eu não paro de imaginar a cena de Lorenzo descendo a rua agarrado aquela mochila. Uma repentina dor de cabeça me atinge e eu esfrego a testa tentando afastar a dor.

Pablo diria que nada disso tem a ver comigo, que devo primeiro manter minha integridade física acima dos problemas dos outros, e eu até concordo, mas como posso ignorar um aluno. De alguma maneira, vou ter de descobrir o que Lorenzo está fazendo.

Assim que me aproximo da praça principal, aperto o botão de parada e aguardo para descer da lotação. Eu havia combinado com Pablo que só viria até aqui na semana que vem e que seria com ele ao meu lado, disse isso para tranquiliza-lo. Mas, não posso esperar tanto tempo, se Egan está na cidade e vivendo perto daqui, quanto antes eu procurar, mais sucesso terei de achar.

Salto do ônibus, acelerada e audaciosa, olhando para todos os lados, sem deixar passar nenhum banco, nenhuma árvore, nenhum canto desse lugar. Aproveito para procurar também por Carlito, se eu o encontrar aqui, será ótimo também.

Entretanto, nenhum deles aparece.

Sento-me e apoio as mãos no banco, conforme giro a cabeça em todas

as direções. Não vou embora tão cedo, vou ficar aqui até o dia escurecer, nem que eu tenha de fazer isso por todos os dias, mas eu ei de encontrar Egan.



Como ela sabe meu nome?

Observo-a de uma distância em que não posso ser visto, faz dias que ela vem à essa praça e se senta no mesmo lugar, passa horas olhando para os lados e só se levanta para ir embora quando o sol começa a se pôr.

Quem é essa mulher? Alguém que Nolasco colocou para me vigiar? Alguma agente da polícia? Mas, como? Há anos eu uso uma nova identidade, só o pessoal de Nolasco ainda me chama de Egan, como ela poderia olhar em meus olhos e dizer meu nome de maneira tão exposta?

Eu vou ficar louco se não descobrir, penso cerrando os dentes.

Olho para o céu e vejo as nuvens passarem de alvas para cinzentas e pesadas, logo irá chover. Entretanto, ela não dá ares de quem vai se levantar para ir embora. Parece que tivemos a mesma ideia, mas diferente dela que se senta descuidada e tranquila em meio a praça pública, eu não posso fazê-lo. Não antes de descobrir quem ela é e como sabe o meu nome.

Baixo a cabeça e começo a fazer pela centésima vez um rastreamento mental de todas as pessoas que ainda sabem meu verdadeiro nome e mais uma vez ela não faz parte da lista.

Merda! Nolasco está armando para mim? Por isso me mandou sozinho para Volar? Ou algum dos seus capangas não conseguiu conter a inveja e me armou uma emboscada? Aqueles malditos acham que minha vida é melhor que a deles? Pensam que sou o preferido por ter um quarto naquela casa nojenta ou porque aquele miserável do Nolasco me obrigou a estudar e ter um diploma? Se soubessem a vontade que tenho de rasgar aquele papel medíocre. Como alguém pode se orgulhar de um título onde sequer consta

seu nome verdadeiro?

Aperto minha cabeça sem saber o que fazer ou pensar, até que sinto a primeira gota de chuva molhar minha testa. Elevo a face para o céu e a chuva começa a cair. Volto a atenção para a mulher e a vejo levantar apressada, erguendo a bolsa acima da cabeça para se proteger da chuva.

Tiro um boné que estava preso no bolso da calça e o coloco na cabeça, acima dele visto o capuz do meu moletom e começo a segui-la. Ela está preocupada com a água que cai impiedosa do céu, e por isso anda distraída sem olhar para trás, o que me traz alguma vantagem. Quando estou a uns dez passos de distância, ouço-a murmurar algumas palavras, irritada por estar toda molhada. Ela ainda caminha mais alguns passos e para debaixo de um toldo.

Paro também.

Ela bate as mãos pelos fios de seu cabelo curto, eles mal tocam seus ombros e balançam com suavidade à medida que ela tenta eliminar a água deles.

Numa questão de segundos tomo uma decisão. Meu carro está estacionado duas ruas adiante, ao redor não há ninguém, a praça esvaziou como num passe de mágica. Estreito os olhos e analiso que essa é uma chance boa demais para perder. Subo a gola da malha que uso por baixo do moletom e cubro meu rosto até acima do nariz, baixo mais a aba do boné e mal deixo meus olhos expostos, e, então, volto a andar.

Contemplativa, ela não prevê minha aproximação, e quando estou a um passo de distância, ela gira o rosto em minha direção e se assusta dando um passo para o lado. Levo um dedo até meus lábios cobertos, gesticulando

que faça silêncio. A mulher arregala os olhos e começa a andar, mas antes que possa correr, adianto-me e seguro-a, abraçando sua cintura.

— Silêncio.

— Pode levar minha bolsa — diz, empurrando o acessório contra mim.

— Silêncio — repito, apertando-a com mais força.

A chuva cai mais forte e ninguém se importa com que está correndo pela rua, o que me dá a conveniência de arrastá-la até meu carro sem nenhuma suspeita, mesmo que ela continue a tagarelar que não tem dinheiro e que eu a deixe ir embora.

Assim que me aproximo do automóvel, destravo suas portas e abro a do passageiro, empurrando-a para dentro. Ela consegue colocar uma perna para fora e se levantar. Ainda assim, não me dá trabalho empurrá-la para dentro outra vez.

— AH! — começa a gritar e bater contra a janela.

Dou a volta e entro no carro, e assim que me sento ela arremessa sua bolsa com força contra meu rosto e tenta abrir as portas.

— ME DEIXA SAIR! PELO AMOR DE DEUS! EU NÃO TENHO NADA!

Pelo pânico é notável que ela não é uma agente da polícia, uma agente não teria uma reação como essa e teria tentado me conter. Então, quem é ela? Será de alguma facção rival e está fazendo essa cena para se livrar?

— Silêncio — ordeno pela última vez.

Ela para de gritar, mas não de suplicar. Ergo a tampa do compartimento entre nossos bancos e tiro de lá um tranquilizante que carrego no carro, sempre deixo várias seringas armados caso precise colocar alguém para dormir durante as entregas que faço para Nolasco.

E antes que ela demande mais uma vez, cravo a seringa em seu pescoço e injeto metade do líquido. Pelo seu tamanho, meia seringa é suficiente para adormecê-la por algum tempo. Antes mesmo de tirar a agulha de sua pele, ela fecha os olhos. Ajeito sua cabeça no banco e ligo o carro, seguindo para minha casa. Estaciono no subsolo e abrigado de olhos interesseiros posso agora analisá-la com mais cuidado.

Retiro meu capuz e boné e fico à vontade outra vez.

Inclino sua cabeça em minha direção e a observo, sua pele é clara, mas dourada pelo sol, o cabelo esparrama-se pela face e por instinto eu levo minha mão até seu rosto e o removo colocando atrás de sua orelha. Ela está completamente apagada e nem ao menos percebe minha aproximação. Ofego, pensando que ela não se parece com as mulheres que já vi circular pela casa de Nolasco e muito menos com as que estou acostumado a entregar as porcarias dele.

Então quem é ela e como sabe quem eu sou?

Sua respiração se torna mais leve e temo que a dose que eu tenha dado esteja terminando. Saio do carro e dou a volta, tirando-a e colocando de pé, passo um de seus braços em torno do meu pescoço e o meu ao redor de sua cintura e simulando o melhor que posso, finjo que ela anda escorada em mim.

Digito minha senha no painel do elevador e espero que ele chegue

para me levar direto ao meu andar. Na subida ela movimenta de leve uma das mãos e eu aperto meus lábios, o efeito está quase no fim e eu preciso colocá-la no quarto vazio antes que acorde.

Assim que saio do elevador, junto suas pernas e a carrego no colo para ser mais rápido. Em meus braços ela começa a gemer e eu tenho dois ou três minutos até que ela abra os olhos.

Com os pés empurro a porta do quarto vazio e a coloco no chão, corro até a sala e rasgo um pedaço da cortina para amarrar seus braços atrás das costas. Ela volta a gemer conforme sente a amarração. Levanto-me, deixando-a no chão, e antes de fechar a porta olho mais uma vez para seu rosto.





Capitulo  
Oito

Blanca

Sinto meu corpo pesado, denso, é como se eu estivesse fundida ao chão, como se ele e eu tivéssemos sido derretidos num mesmo caldeirão. Com os olhos semiabertos tento focar ao redor, eles giram de um lado para o outro pesquisando por algo familiar. Pisco inúmeras vezes buscando clarear minha visão, não adianta, meus olhos estão enevoados.

Abro a boca, contudo minha voz não alcança a potência necessária para pedir por socorro. Arrasto-me no chão, com dificuldade, como se cada osso meu fosse banhado a chumbo. Empenho-me em libertar minhas mãos, no entanto só consigo girar e ficar de barriga para cima. Respiro fundo e fecho os olhos, esperando que essa sensação nauseante me abandone e eu consiga gritar. Os minutos passam ou são horas, eu não sei, só quero que esse efeito suma do meu corpo.

Por que estou aqui? Por que esse homem me sequestraria? Eu não tenho nada, ele deve ter me confundido com outra pessoa. Se me der a chance de explicar quem eu sou...

Aos poucos, sinto meu corpo mais ativo, o turvo da minha visão desaparece e consigo focar com nitidez. Estou num cômodo vazio, as paredes têm um tipo de revestimento, algum isolamento acústico. A lâmpada emite uma luz baixa e deixa tudo mais sombrio, não há janelas ou então estão atrás desse revestimento. Começo a me sentir sufocada pela ideia de não saber quanto tempo mais haverá de oxigênio nesse lugar. Num dos cantos do teto vejo uma luzinha vermelha piscar.

Uma câmera? Talvez deva haver alguém que me observa.

Debato-me no chão, procurando soltar meus braços amarrados atrás do corpo. E sabendo que ninguém irá me ouvir, grito da mesma maneira,

esperando que ele leia meus lábios.

— EU NÃO TENHO NADA. VOCÊ PEGOU A PESSOA ERRADA. POR FAVOR, ME DEIXA IR EMBORA. JURO QUE NÃO VOU CONTAR PARA NINGUÉM. SÓ ME DEIXA IR EMBORA...

Tento articular meus lábios o melhor possível e torcer para que ele entenda minhas palavras. Contudo, o tempo passa e ninguém surge. Meu desespero toma novos níveis e grito com tanto vigor que sinto minha garganta seca e arranhada. Tusso e me debato, no entanto as cordas que me amarram só machucam ainda mais meus pulsos. Choro, não um choro desconsolado e triste, mas um pranto raivoso, irritado, colérico.

— SEU DESGRAÇADO, POR QUE NÃO VEM ATÉ AQUI E ME DIZ OLHANDO NOS MEUS OLHOS O QUE QUER? HEIN? É MUITO FÁCIL SEQUESTRAR ALGUÉM NA RUA DESSE JEITO. POR QUE NÃO SOLTA MINHAS MÃOS? E AÍ EU TE MOSTRO QUEM EU SOU DE VERDADE.

Continuo a afrontá-lo, encarando a luzinha no canto do teto, até que ouço um ranger atrás de mim. Paro de falar e giro-me, a porta se abre e através dela um homem passa carregando uma cadeira. Não consigo ver seu rosto, continua com aquele boné até quase o nariz. Ele caminha para mais perto, enquanto deslizo no chão me afastando com a ajuda das pernas.

— FICA LONGE — brado.

O homem coloca a cadeira em frente a mim, e em dois movimentos laça meu corpo, colocando-me sentada nela. Minha respiração se torna exasperada e eu não sei mais o que fazer ou dizer.

— Olha, eu não sei quem você é. Tenho certeza de que há um mal-

entendido, você provavelmente me confundiu com outra pessoa.

Estou sentada com os braços para trás, conforme ele anda sereno pelo cômodo sem me encarar.

— Se você me deixar ir embora eu não vou à polícia, eu não vou dizer para ninguém o que aconteceu.

Ouçoo arfar e se encostar na parede, depois disso ele tira uma folha do bolso e começa a ler.

— Seu nome é Blanca Moritz, tem vinte e cinco anos, é professora num colégio aqui em Volar, mora num bairro de casas coloridas, gosta de ler, sua mãe vive no interior e trabalha numa loja de bolsas. Eu confundi você?

Meus lábios entreabrem e eu engulo em seco à medida que ele descreve minha vida. Sua voz é calma, ritmada, livre de preocupações, essa voz... essa voz...

— Quem é você? — sussurro, tentando controlar o pânico que se instaura e faz meu corpo estremecer.

Ele anela e ergue o boné, expondo seu rosto. Quando vejo sua face, meu primeiro impulso é levantar e tentar libertar minhas mãos.

— Não! Continue sentada. — Ele ordena, apontando-me um dedo.

— É você mesmo? Você é o Egan? Da casa do Nolasco? — indago, voltando a me sentar. De alguma maneira louca, assim que encaro seu rosto, o pânico que sinto atenua. Mas é obvio que esse sentimento é prematuro, visto que ele me sequestrou, drogou e encarcerou.

— Como você sabe meu nome verdadeiro? Quando e onde você me

viu? — questiona, cerrando os olhos.

— Na casa do Nolasco. Eu o vi lá, você estava preso numa gaiola e eu precisava de dinheiro, fui pedir emprego a Nolasco. Você estava todo machucado, sangrando... Eu não consegui te ajudar, eu tentei..., eu não consegui... me desculpa...

Ele arregala os olhos, surpreso com o que digo. Em seguida, vira-se de costas e apoia as mãos na cintura.

— Você lembra de mim? — questiono, com uma voz melindrada. — Foi há dez anos, eu sei que faz tempo, mas... lembra que me disse para fugir?

Egan solta uma risada curta e abafada.

— Por mais inacreditável que possa parecer, sim, eu me lembro. Você era a garota idiota que achava que trabalhar para Nolasco era um emprego — revela, virando-se para mim.

Baixo a cabeça antes de voltar a falar.

— Eu tinha quinze anos e estava desesperada, as coisas estavam bem ruins naquela época.

— Poderia ter piorado, posso lhe garantir — ele fala, aproximando-se. Posso sentir sua respiração contra a lateral do meu rosto e eu aperto meus olhos.

— Meu Deus, e eu achando que tinham armado para mim... — Egan volta a andar pelo ambiente, balançando a cabeça, incrédulo.

— Você conseguiu fugir? — investigo, tentando sanar a minha maior dúvida em todos esses anos.

— Diz você. Acha que eu consegui? — fala, afrontando-me sobre ombros.

— Eu tentei ajudar, tentei voltar lá e resgatar você, mas eu não consegui — informo, sentindo a culpa pesar em minhas costas.

— Você ainda é uma garota idiota, como naquele dia? Você acha que se houvesse uma maneira de fugir, eu já não teria feito? Como uma menina de quinze anos poderia me libertar das mãos dele? — Sua voz perde o ar polido e toma ares de hostilidade.

Encolho-me na cadeira. Ele para de falar e arqueja, seguido por algum tempo em silêncio.

— Por que estava atrás de mim? É por isso que fica naquela praça, não é? — Egan pergunta, assumindo o tom disciplinado outra vez.

Meneio a cabeça, aquiescendo.

— Por quê?

Não o encaro e me mantenho calada.

— Se quiser ir embora é bom me dizer a razão de estar atrás de mim.

Elevo minha face e foco em seus olhos.

— Nos últimos dez anos eu me senti culpada por ter deixado você para trás. Sei que eu só tinha quinze anos e precisava salvar minha pele, ainda assim, eu fiquei desesperada pelo que poderia ter acontecido a você. Passei todos esses anos imaginando se você estava vivo ou se tinha morrido naquela gaiola. Depois de te ver ali, preso, sozinho, e saber do que Nolasco era capaz... Cristo! Quem faz isso a um ser humano? Eu queria ter podido te

ajudar...

Egan não emite um som, ele sequer pisca, atento a cada palavra minha. Seus olhos indagam os meus e seus traços se suavizam, ele compreende que digo a verdade. Depois do que parece uma eternidade ele coloca as mãos na cintura outra vez e começa a rir. Não uma risada cortês, está mais para um desabafo.

— Nem minha mãe deve se lembrar de mim à essa altura. Mas você se lembrava? — Egan retoma o meneio incrédulo de cabeça.

— Como eu poderia me esquecer? — rebato.

Egan me encara por vários segundos com um semblante totalmente diferente, suave, carente, seus lábios entreabrem e ele tenta dizer algo, mas desiste e volta a se afastar.

— Vejo que fiz algo de bom por alguém. Ao menos assistir ao show de horror de Nolasco, serviu para você esquecer esse tipo de *emprego* e partir para algo mais socialmente aceito.

— Você está bem? — pergunto, ignorando o acidez em sua fala.

— Acha que não? — retruca.

— Não acho nada, estou perguntando. Você conseguiu fugir? Se libertou dele?

Egan cerra os lábios e não responde.

— Não acredito que ainda trabalha para ele, você é um homem agora. Por que estar associado a alguém daquele tipo?

E, de repente, Carlito me vem à mente. Eu abro a boca e arregalo os

olhos, assombrada com o que acabara de passar pela minha cabeça.

— Você iria roubá-lo? — grito, levantando-me da cadeira. Egan ergue uma mão para me afastar, mas não recuo. Ele franze o cenho, sem entender. No entanto, após alguns segundos se lembra.

— Não vou sequestrar aquela criança, só queria uma informação.

— Mentira! — urro. — Fica longe dele, escutou? — Egan segura meus ombros, afastando-me de volta para a cadeira.

— Aquela criança é muito jovem. Eu só estava pedindo informações, ele parecia conhecer bem a cidade.

— O quê? — inquiri, inclinando a cabeça. — O que quer dizer com isso?

Ele se afasta e aperta as têmporas.

— Blanca... — Egan começa. E ouvir meu nome saltando de seus lábios, faz-me ficar mais atenta. — Eu agradeço que tenha se preocupado comigo por todo esse tempo, mas estou pedindo que se afaste, não venha atrás de mim, não me procure e não cruze mais o meu caminho. Se um dia me encontrar na rua, atravesse e finja que não sabe quem eu sou, tudo bem?

— Você pode mudar de vida — sussurro, tentando trazer-lhe alguma esperança. Dessa vez seus lábios se movem indicando um sorriso amigável.

— Eu não posso — diz, simplesmente.

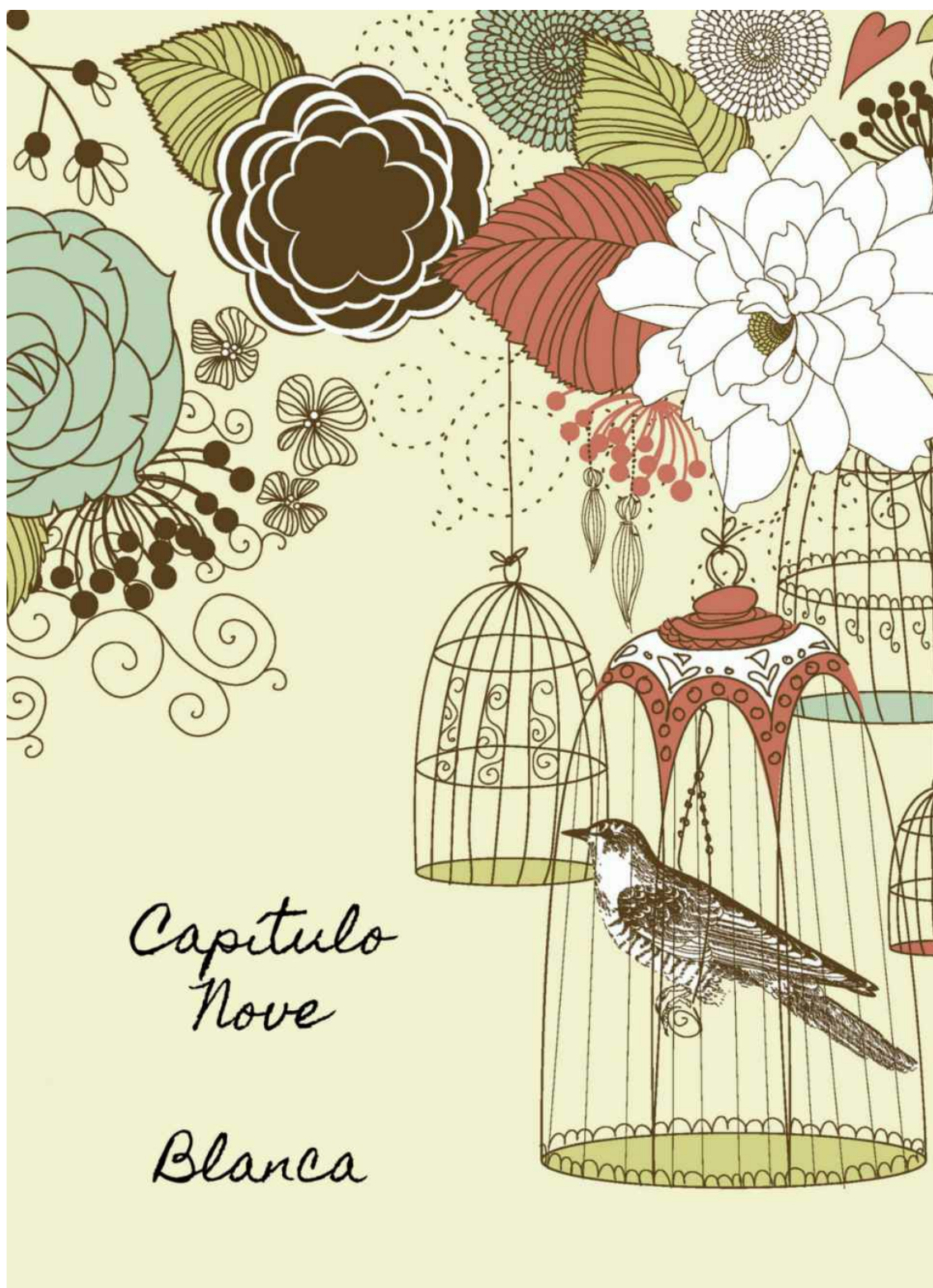
— Por quê? — inquiri com urgência.

Ele caminha para fora do quarto e demora uns trintas segundos para voltar, enquanto eu espero ansiosa pela resposta.



— Porque eu ainda sou um pássaro preso numa gaiola.

Egan fala e eu sinto outra picada no pescoço. Tento abrir minha boca para protestar, mas meus olhos vão se fechando antes mesmo que eu perceba o que está acontecendo.



Capitulo  
Nove

Blanca

Meus pensamentos vagueiam entre o real e o irreal, sem saber se estou perambulando num sonho. Sinto-me balançar, um movimento cadenciado que me nina fazendo-me ficar ainda mais confusa de onde estou. Tento abrir os olhos, contudo as pálpebras sobrecarregam e é como se todos os cílios tivessem sido amarrados uns aos outros, impedindo-me de abri-los.

O balançar cessa de maneira abrupta e eu quase consigo desatar os nós que cerram meus olhos. Escuto um murmurar distante e sinto-me envolver, um calor me abrange, como corpos unidos protegendo-se do frio, como se alguém estivesse me carregando em seus braços.

Mesmo sem conseguir focar no que acontece ao redor, um aroma único invade minhas narinas, a fragrância é uma mistura de couro, madeira, menta e mandarina. O perfume acalma o desnorreio dos meus sentidos e me faz desistir de abrir os olhos. Entregando-me a esse sonho, fico acalentada e protegida entre a calidez que me abraça e o efeito da essência que me serena.



A luz da manhã atinge meu rosto. Rolo na cama, aconchegada, sabendo que é sábado e posso dormir até mais tarde. Sorrio de olhos fechados e ajeito o edredom, encaixando-o na curva do meu pescoço. Eu adoro a preguiça que os finais de semana proporcionam e...

*ESPERA!*

Abro os olhos, e num sobressalto saio da cama, arrastando comigo o

edredom que se embola em minhas pernas e me faz cair de bunda no chão.

— Como eu cheguei aqui? — pergunto a mim, desfazendo o emaranhado em meus pés. Corro pelos pequenos cômodos da casa e minha respiração se torna mais pesada à medida que todos os eventos do dia anterior me voltam à mente como uma enxurrada que devasta tudo o que encontra.

— Meu Deus! — clamo em voz alta. Elevo os braços e seguro meus cabelos, sentindo um misto de agitação, estresse, fraqueza e inercia. — Egan me dopou duas vezes no mesmo dia — murmuro, sem acreditar no que aconteceu.

Saio tropeçando pela casa e acerto o joelho na mesinha lateral ao lado da poltrona na sala.

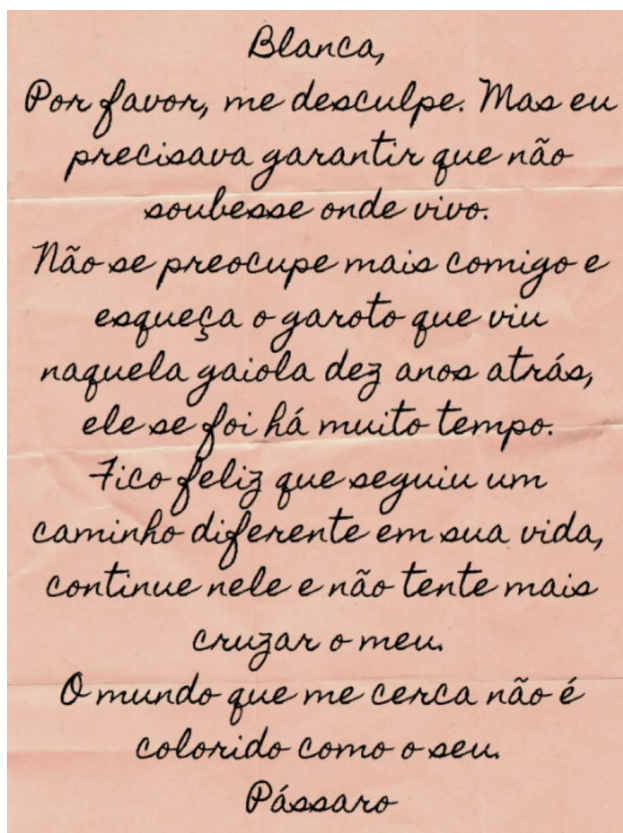
— Droga! — reclamo, pulando numa perna só à procura do meu telefone. Encontro minha bolsa sobre o travesseiro ao lado do meu, com um bilhete sobre ela.

Estaco no lugar, a sensação de ameaça me alcança como um soco na cara, uma descarga de adrenalina circula me causando taquicardia e suor nas mãos. Enumero mentalmente os fatos: Egan me sequestrou, dopou, encarcerou, depois me dopou novamente, entrou na minha casa, colocou-me na cama, e deixou-me um bilhete.

Volto a caminhar, os passos lentos e o olhar focado no papel. Subo na cama e seguro a pequena tira em minhas mãos, abrindo-a para ler seu conteúdo. Antes mesmo de identificar as letras, respiro fundo, imaginando todo tipo de ameaça, inclusive as mais cruéis e sanguinárias, afinal, ele é um homem que trabalha para Nolasco.

Mas ao contrário do que espero, suas palavras fazem meu coração

bater mais forte, num descompasso diferente de medo.



Blanca,  
Por favor, me desculpe. Mas eu  
precisava garantir que não  
soubesse onde vivo.  
Não se preocupe mais comigo e  
esqueça o garoto que viu  
naquela gaiola dez anos atrás,  
ele se foi há muito tempo.  
Fico feliz que seguiu um  
caminho diferente em sua vida,  
continue nele e não tente mais  
cruzar o meu.  
O mundo que me cerca não é  
colorido como o seu.  
Pássaro

Leio e releio suas palavras inúmeras vezes. Em vez de ameaças vorazes e assustadoras, encontro mais que isso, encontro um grito silencioso de um alguém que é refém de si mesmo. Aperto os olhos e digo a mim que essa história terminou, eu queria saber se aquele homem era Egan. É ele. Ponto final.

Posso dormir em paz a partir de agora, não há mais por que me atormentar, ele sobreviveu e se tornou um adulto capaz de escolher seu caminho, se ele diz que sua vida é sem cor, vou acreditar que foi por escolha. Eu não tenho por que me incomodar com isso.

— É isso! — falo determinada e saio da cama, dobro o bilhete e o guardo na primeira gaveta da minha cômoda numa caixinha de madeira onde

está o broche que minha avó me deixou, uma foto da minha turma na escola de quando ainda era criança e um retrato 3x4 do meu pai. Penso que aqui é o melhor lugar para guardar esse bilhete, nessa caixinha onde meu passado reside em paz.



Tomando um café forte, começo a verificar meu celular e me espanto com a quantidade de mensagens que Pablo me enviou e me espanto ainda mais com as respostas que eu dei, das quais, na verdade, não fui eu.

— Meu Deus! Egan o respondeu por mim. — Começo a me sentir mesmo alarmada, eu poderia estar morta numa vala nesse momento e Pablo acharia que eu me divertia durante a noite com uma recém amiga da escola.

Ouçõ uma batida contra a porta e o susto é tão grande que me engasgo. Tusso e bato a mão em punho contra meu peito e marcho até a porta encontrando Pablo.

— Por que não me chamou? Agora que fez novas amigas não vai mais sair comigo? — Ele diz e atravessa minha casa seguindo para a cozinha, serve-se de uma xícara de café e se senta.

Sigo-o e me sento também ainda em choque com tudo o que aconteceu.

— Você está com uma cara péssima, foram num lugar onde não havia tequila?

— Tequila? — pergunto, cética.

— Só pode ser a falta dela para ter falado comigo daquele jeito.

— Que jeito? — indago, desbloqueando meu celular para rever as mensagens que supostamente enviei.

Leio a última e então entendo a surpresa de Pablo, a mensagem diz: *O irmão da minha amiga está me levando para a casa, estou cansada e com sono, vou direto para a cama, obrigada por se preocupar, mas, por favor, podemos nos falar amanhã? Boa noite!*

Pablo inclina a cabeça e me vê lendo a última mensagem enviada a ele.

— O quão chato era o lugar onde estava para ser tão formal numa mensagem, *“obrigada por se preocupar” “por favor” “boa noite”* por um minuto pensei que estava conversando com um clone seu, um clone altamente educado.

Levo uma mão a testa e fecho os olhos, isso é loucura. E agora fico sem saber se conto a verdade para Pablo e o ouço para o resto da vida pegando no meu pé ou se finjo que de fato era eu enviando as mensagens.

Decido contar-lhe a verdade, entretanto, escolho protelar um pouco mais para fazê-lo... talvez daqui uns dias...

— Não tão chato quanto ter você enviando mensagens a cada cinco minutos — replico.

— Estava entediado. O que vamos fazer hoje? — pergunta, pegando uma tangerina da minha fruteira.

— Preciso ir à livraria comprar uns vinte exemplares de *O Meu Pé de Laranja Lima* — falo, levantando-me.

— Para trabalhar em sala? — pergunta.

O bom de nossa amizade é que ela ultrapassa os limites pessoais e se atrela aos profissionais, podemos num minuto falar sobre nossa noite e no outro falar sobre trabalho, na mesma fluidez.

— Sim, eles me viram outro dia com o livro e nem sei como, mas consegui gerar interesse em alguns e vamos fazer um debate depois de lerem o livro.

— Parece que seu livrinho é mesmo um amuleto da sorte — pondera, jogando a casca da fruta que acabara de descascar no lixo.

— Você sabe que os poderes mágicos dele não tem limites.

— Vá se vestir e vamos, vou aproveitar e comprar uns títulos que Luz me indicou.

— Hum! Luz? É a segunda vez que fala nela. Ao que parece só tem Luz de professora na sua escola — digo, com uma voz afetada. Pablo enrubesce e suas bochechas ficam da mesma cor de seus cabelos.

— Vá logo! — fala, indicando com a mão para que eu saia.

Sigo rindo para meu quarto, sei como ele odeia essas insinuações, sempre diz que pareço estar na época ginásial quando faço isso, mas ver suas bochechas vermelhas me encoraja a continuar não importando a época.

Visto-me sem muita pretensão, escolho uma calça jeans básica, uma sapatilha com a ponteira bicolor e uma camiseta com uma estampa



metalizada, pego minha bolsa da semana e a abro. Aos finais de semana não ando com a mesma bolsa grande que preciso no dia a dia, uso somente uma bolsinha tiracolo com carteira e celular.

E assim que abro a bolsa, vejo que falta algo.

— Meu livro! Cadê meu livro? — repito várias vezes, conforme despejo todo o conteúdo sobre a cama.

— CADÊ? — grito e Pablo aparece no quarto.

— O que foi?

— Meu livro! — berro.

— Está sempre com você. — Ele fala, desviando o olhar para a bagunça sobre a cama.

— Não está! — respondo, apontando para o conteúdo esvaziado sobre a cama.

— Calma, Blanca! Será que não ficou na escola? Ou com um aluno seu?

— Ele roubou meu livro — constato, sentindo-me estranhamente tonta.

— Seu aluno? — Pablo pergunta, tocando meus ombros.

*Como ele pôde pegar meu livro? Por que Egan roubou meu livro?*  
Faço-me as perguntas, enquanto percebo meus olhos nublarem. Aquele livro é como meu amuleto, ele é especial demais para tirarem de mim.

— Não, não meu aluno. Egan roubou de mim, foi ele — informo, com

os olhos chispando de raiva.



Eu sou um homem com apenas a chama de uma vela para guiar-me por todos os vales escuros do mundo, é assim todos os dias. Ao contrário de mim, Blanca não dá ares de ter somente uma vela para clarear seus passos, parece ter um imenso facho de luz que ilumina não só o seu caminho, mas tudo ao seu redor.

Deitado na cama, com o celular nas mãos, sou vencido pela curiosidade em saber mais do seu dia a dia. Crio uma conta falsa para vasculhar suas redes sociais e quanto mais faço a rolagem da tela para ver suas fotos mais certeza tenho de que ela é a definição de vida perfeita. Está sempre sorrindo, sempre com o sol acima de sua cabeça, sempre com alguém ao lado, como se esse mundo fosse um lugar primoroso para habitar.

Ofego e jogo o telefone para o lado, um tanto incomodado por ver uma vida real tão de perto. Há muitos anos não converso ou vejo alguém que parece não ter nada para esconder, que pode andar livremente pelas ruas e tirar quantas fotos quiser.

Fecho os olhos e relembro seu semblante ao notar que ainda estou com Nolasco, o repúdio em sua fala e a expressão em seu rosto mostram como nossos mundos são distintos. Como o dela é luminescente, numa claridade exagerada que chega a queimar a retina de quem a olha, e o meu numa escuridão tão densa que é impossível discernir se existo no nada.

Como ela entenderia as razões pelas quais ainda pertenço a Nolasco? Como ela poderia entender o que é ter sua vida vinculada a ele? Sentir o ar à sua volta e mesmo assim não conseguir respirar, ver o sol nascer e mesmo assim não apreciar, saber que está vivo e mesmo assim não poder viver.

Aperto os olhos e passo a mão pelo cabelo sentindo minha cabeça

latejar. O telefone começa a tocar e sou obrigado a pegá-lo outra vez, cerrando os olhos assim que noto quem é.

— O que quer? — pergunto.

— O que você acha que eu quero, Egan?

Sento-me na cama e baixo a cabeça com o telefone na orelha.

— Estou verificando a cidade antes.

— Verificar? Esse trabalho já foi feito. Você recebeu uma mensagem com o endereço e nome de quem deve procurar.

— Nolasco... — começo.

— Egan, não estou com humor para ouvir suas lamentações. Eu perdi duas entregas essa semana. Preciso de mais gente. Não me faça ir buscar você, não vai gostar de onde vou te colocar.

Meu queixo treme com a ira que me subjuga.

— Ligo em alguns dias.

— Onde está agora? — Ele questiona.

— No apartamento — respondo, saindo da cama.

— Você não está aí em férias. Saia! Agora! E faça o que mandei! — Nolasco encerra a chamada e eu arremesso o telefone contra a parede, transformando-o em cacos.

— Maldito! — urro, chutando uma cadeira.

Vou até a gaveta da cômoda e pego outro aparelho, eu trouxe dezenas

deles, nunca ficamos com um por mais de quinze dias e não preciso me preocupar com Nolasco, porque ele tem uma listagem com a sequência de números de cada pessoa que *trabalha* para ele.

Visto uma jaqueta preta e recolho meu documento falso, olho para a foto e o nome *Alfonso Garcia*. Observo a minha foto e mesmo usando nome falso há tanto tempo, ainda não consigo me acostumar.

Pego a chave do carro de cima da mesa e saio do apartamento. Dirijo pela cidade e avanço para uma parte onde é fácil distinguir uma realidade diferente do restante. Ruas estreitas, casas aglomeradas, homens, mulheres e crianças pelas ruas, perdidas num mar de pobreza e carência.

Respiro fundo, querendo dar meia volta e sumir desse lugar de injustiça e desigualdade. O que estou fazendo aqui é trazer ainda mais desgraça para pessoas que já não têm nada. E, então, eu me lembro, que mesmo não vivendo aqui também sou um deles, também carrego minha própria porção de desgraça.

Num dado momento os carros não podem avançar, desço e caminho a pé.

— Você deve ser o Alfonso? — Um homem armado pergunta sorrindo.

— Sim — respondo, confirmando o nome falso.

— Um dos nossos vai te levar lá em cima.

Aquiesço, avistando um menino se aproximar. Estreito os olhos ao ver que é o mesmo garoto que encontrei na praça nos meus primeiros dias na cidade.

— Carlito, leva o Alfonso até o Grandão e depois volta aqui — ordena.

Meneio a cabeça pensando em Blanca. Ela defendeu esse menino com tanto afinco, mas parece não saber muito da vida que leva. Começo a andar atrás do garoto que não me reconhece.

— Você está com eles? — o menino não responde. — Lembra de mim? — ele olha para trás, inclinando um pouco a cabeça.

— Você é o tio da praça? — pergunta surpreso, apontando-me um dedo.

— É aqui que você vive? Trabalha para eles? — investigo.

— Tenho vários trabalhos, tio — responde, embrenhando-se nas vielas apertadas.

— Quais? — indago, tentando acompanhar sua ligeireza.

— Vendo doces na praça, levo as pessoas até o Grandão, ajudo a vigiar a rua, várias coisas.

— Você é muito novo para ter vários trabalhos — discorro, começando a galgar uma escadaria. — Seus pais...

— Eu nem sei quem é meu pai e minha mãe precisa de ajuda, meu irmão é doente — diz ele, depois de algum tempo.

— O que ela faz? — indago, ofegando na escalada dos degraus. Ele volta a pensar e demora em responder. Imagino que esteja criando uma versão, o que me faz duvidar se realmente tem mãe.

— *Trampa* num mercadinho, lá no asfalto — fala, por fim.

— Você lembra daquela moça que encontramos na praça? — sondo.

— A professora? Ela me deu esse sapato. — Ele ergue um pé, mostrando o tênis novo, destoante das roupas velhas que veste. — Ela *comprô* para eu ir *pra* escola, mas não fui.

— E por que não? — pesquiso, genuinamente interessado.

— *Tô* sem tempo, tio. O Grandão precisa de mim aqui — responde, como se não fosse nada.

Suspiro diante de sua confissão e lembro de quando eu tinha a mesma idade, quando ainda não fazia ideia de como seria uma vida com Nolasco. De como foi angustiante o primeiro ano naquela casa, seguindo ordens simples como a que Carlito segue agora, mas podiam trazer o caos e a destruição de várias vidas e famílias, incluindo a minha.

— Você pode conversar com ele e ir para a escola até estar maior.

O menino começa a rir.

— Ô, tio, você é esquisito, *né*? O Grandão é o chefe daqui, e eu trabalho direto com o chefe, quando eu crescer posso virar o chefe também, não precisa de escola para o que ele faz.

— O que ele faz? — Testo o quão ciente ele está sobre seu chefe.

— Manda em todo mundo e faz muito dinheiro, quando eu crescer vou ter muito dinheiro igual ele.

— Se continuar com ele e fora da escola, pode não *viver* o suficiente para usar esse tanto de dinheiro que acha que terá.

O garoto me encara e enrug a testa, aproximando as sobrancelhas,



faz uma careta de bravo, mas pelas feições infantis acaba por se tornar engraçado, arrancando-me uma súbita e incomum gargalhada. Ele não se importa com meu riso e mantém a carranca, desembestando a correr. Eu me apresso e corro atrás dele embrenhando-me cada vez mais pelas ruelas.

— É nessa casa aí! Bate cinco vezes e entra — diz e some das minhas vistas com uma rapidez que até eu me surpreendo.

Faço como instruiu e golpeio a porta por cinco vezes antes de empurrá-la. Assim que entro na casa, que não passa de uma construção sucateada de blocos cinzas com o cimento aparente entre eles, mas equipada com todo tipo de eletrônicos de última geração e móveis de luxo ostensivo. É algo absolutamente medonho e destoante. Avisto dois caras sentados num sofá de couro preto, eles assistem a televisão de tela imensa.

Não avanço, fico parado esperando que me olhem, os dois sabem que estou aqui, os dois sabem cada coisa que acontece dentro desse lugar. Esse é o trabalho deles, manter todos abaixo obedientes perante a linha hierárquica. Os dois continuam a me ignorar.

Cansado de esperar, enfio as mãos no bolso e um deles se assusta com meu gesto.

— Ei, ei, ei! Tira a mão do bolso, mano! — diz, erguendo-se do sofá com uma pistola TS9 nas mãos. Retiro-as e as coloco a vista dos dois, que enfim decidem me dar atenção.

Eles são a frente, a cara do negócio, os que estão mais suscetíveis a cair, mesmo que pensem ser os *chefes* e ajam como tal, sempre há alguém acima, alguém que vive em mansões e leva uma vida regada a luxos bem longe da violenta disputa de facções que cerca essas pessoas.

Enquanto esses aqui são nascidos e criados em meio a pobreza, em meio ao caos e a miséria, outros como Nolasco estão atrás de elegantes mesas de madeira maciça, organizando e planejando seus delitos como um verdadeiro *CEO* do crime.

É assim que funciona, com centenas de coitados abaixo, pessoas como esses dois à minha frente, que pensam ser os chefes. Mas, na verdade, são como os peões de um jogo de xadrez.

É costumeiro ligar a televisão e ver como esses “chefes” são comumente presos ou mortos em operações policiais. E por que o crime continua? Por que ainda tem drogas ilícitas e todo tipo de coisa acontecendo? Porque eles são apenas os peões. Quando um cai outro é imediatamente colocado no mesmo lugar.

Aceno com as mãos para o alto e sorrio com o canto da boca.

— Notaram que estou aqui? — digo, num tom sarcástico.

— Baixa a bola, *mano*! Quem manda aqui sou eu, não é Nolasco, não!  
— Grandão diz. E por questões óbvias só pode ser ele, o homem deve ter mais de um metro e noventa e a julgar pelo volume de seu corpo, mais de cento e trinta quilos.

— Ambos sabemos que não é verdade. Então vamos economizar essa ladainha. Onde eu encontro os garotos para Nolasco? — falo, com desdenho.

Eles se entreolham e Grandão acena para o outro cara seguir para o fundo da casa. Cruzo os braços enquanto espero e não demora para voltar com várias folhas nas mãos.

— Esses aqui *tá* fácil — fala, com um sotaque carregado.

Recolho as folhas de sua mão e começo a analisar cada ficha. Elas funcionam como currículos, a diferença é que são escritas à mão com os dados de cada garoto. Não dados comuns, mas as avaliações e votos de quais deles têm mais propensão a seguir as regras e cumprir o trabalho sem causar problema. Porque nesse trabalho, problema não significa demissão, significa morte.

Balanço as folhas nas mãos e antes de sair da casa do Grandão, lembro-me de Carlito.

— Você tem um garoto trabalhando para você...

— Tenho muitos deles — responde, sem me deixar terminar.

— Carlito o nome dele — completo.

— O que quer com ele? — diz, erguendo o queixo numa postura desafiante.

— Mande-o para a escola.

O cara começa a rir, acompanhado de seu cúmplice. Enquanto eu continuo com a mesma expressão. Assim que eles percebem que não estou brincando, deixam de rir.

— Vou fazer isso porque Nolasco é um cara que eu gosto — conclui, apontando-me um dedo.

— Que bom que gosta dele, eu o odeio. Mande o garoto para a escola — finalizo. Viro as costas e saio de sua casa, adentrando-me outra vez pelas vielas cheias de casas.

Ao chegar no carro, abro o porta-luvas para guardar as fichas e vejo

algo no assoalho, inclino meu corpo no banco do passageiro e estico o braço para pegar o pequeno livro do chão.

Ergo-o e o giro nas mãos, tentando imaginar como aquilo foi parar ali. Abro a capa e leio a dedicatória que diz *“Blanca, toda vez que um livro é aberto, você experimenta uma nova vida, não coloque limite na quantidade de vezes que vivenciará uma nova aventura”*.





Capitulo  
Onze

Blanca

Saindo da livraria, Pablo me ajuda a carregar os livros que comprei para usar em sala e com eles nas mãos continua a falar.

— Não acredito que fez isso, você prometeu que eu iria com você. Tem alguma noção do perigo que correu? Poderia estar morta agora. A gente tem que ir à polícia denunciar o que ele fez.

— Não vou à polícia — respondo, ajeitando a sacola com mais um tanto de livros que estão nos meus braços.

— Esse cara sabe onde você vive, o que te garante que ele não faça coisa pior da próxima vez. E pode tirar essa ideia idiota de achar aquele livro. Esquece! Se fizer alguma estupidez eu juro por Deus que vou chamar a sua mãe.

— Vamos parar naquele café? — pesquiso, caminhando mais rápido para chegar à mesinha disposta na calçada.

— Está me escutando? — ele pergunta, colocando a sacola que carrega sobre a mesa.

Sento-me e ajeito meus livros ao pé da mesa.

— Escute também. Eu não vou denunciá-lo à polícia, se eu fizer isso posso condená-lo à morte. Você não tem ideia do que Nolasco é capaz, mas eu sei.

— Você está pensando na segurança de um homem que não é nada seu em detrimento à sua. É isso? — questiona, aterrorizado.

Inclino a cabeça, suspiro e fecho os olhos.

— Pablo, é claro que eu me preocupo com a minha segurança. Mas eu sei que ele não vai fazer nada contra mim, se quisesse já teria feito. Ele é um prisioneiro de Nolasco, como eu também poderia ter me transformado. Se não fosse por Egan, você não teria me conhecido. Eu não seria a Blanca de hoje, não teria estudado e crescido num meio totalmente diferente daquele que eu mesma um dia fui procurar. Você tem alguma noção disso?

Pablo franze os lábios e desvia o olhar de mim.

— Eu só acho que essa história está tomando um rumo preocupante. Você está colocando a mão num enxame de abelhas, e o pior de tudo é que está fazendo isso consciente de que pode ser picada.

Ele se levanta para pedir nossas bebidas, enquanto aguardo sentada olhando para suas costas. Pablo não entende o que é viver sem a perspectiva de como será o próximo dia. Mesmo que hoje nossas realidades sejam parecidas, ainda assim, ele veio de uma família com dinheiro, sempre estudou nos melhores colégios, viajou o mundo todo antes mesmo de completar vinte anos.

E se ele quiser largar essa vida de professor, pode fazer sem a preocupação de como será o dia seguinte. Como pode entender uma realidade tão diferente como a de Egan? Por mais que eu diga de onde vim, ainda serão só histórias que ele me ouviu contar.

Pablo volta com um chá gelado para mim e outro para si e senta-se contrariado.

— Não se preocupe tanto, eu juro que não estou procurando confusão. Desculpe por não ter esperado você, mas a única coisa que fiz foi ficar sentada numa praça.



Pablo exhibe um sorriso irônico, e começa a elencar com os dedos.

— E mesmo assim ele te encontrou, sequestrou e drogou. Que coisa, não é? Um cara tão gente boa como ele — argumenta com deboche.

Sorvo um grande gole do meu chá antes de responder.

— Você tem razão! Não faço a menor ideia das coisas que ele faz com Nolasco. Mas depois de analisar tudo, sei que ele não queria me fazer mal, só queria saber quem eu era.

Pablo meneia a cabeça em negação, descrente por minha reação.

— É muito difícil explicar para você como eu sei disso, Pablo. Mas eu sei reconhecer alguém que pratica o mal gratuitamente e alguém que está nessa por desespero.

— Desisto! Eu desisto de você! — fala, balançando as mãos na altura do rosto. O sol atinge seus cabelos ruivos, fazendo-os faiscar como fogo.

— Eu vi um dos meus alunos pegando alguma coisa com um dos seguranças da comunidade do Esperanza. E eu não sei se ele começou nessa agora ou se já está há tempos. Entretanto, se ele ainda está na escola é porque não foi completamente corrompido.

— É diferente, Blanca! Como pode comparar seu aluno com um homem criado no crime? — indaga, agnóstico.

— Porque um dia Egan também teve a idade de Lorenzo.

— Meu Deus! Sinceramente não sei o que fazer com você — fala, meneando mais uma vez a cabeça. — A voz da sua mãe está martelando dizendo *Pablo, cuide bem dela eu confio em você*, mas estou vendo a hora em

que vou ter de ligar para a Téa dizendo que você foi morta por alguma gangue do tráfico. — Ele termina a frase beirando a exaltação.

— Isso não vai acontecer! — respondo, enfática.

Terminamos nossas bebidas e decidimos pegar um táxi, porque o volume de livros começa a pesar para caminharmos até em casa. No carro, Pablo se mantém em silêncio, e conhecendo seu temperamento ficará assim por mais uns dois dias.

Minha mãe não deveria ter dito aquilo para ele antes de se mudar para o interior, porque se Pablo já agia como um irmão mais velho — mesmo que tenhamos a mesma idade —, depois das palavras dela ele se tornou o irmão mais velho *superprotetor*.

Chegamos em casa e ele me ajuda a colocar os livros sobre uma poltrona e diz:

— Você vai ter que pegar um táxi para a escola no dia em que for levá-los, é impossível andar de ônibus pela manhã com todo esse volume.

— Sim, vou fazer isso.... Quer ver um filme? Vou fazer pipoca doce. — Sei como ele ama pipoca com caramelo e essa é minha estratégia para adocicar as coisas.

— Tenho que preparar um plano de aula interdisciplinar e vou encontrar Luz mais tarde — diz, saindo da minha casa sem nem dar tchau.

Suspiro, ciente de que ele tem suas razões para ficar preocupado, mas eu não posso fazer o que diz, não posso ir à polícia e colocar Egan em risco. Se existisse uma forma de denunciar Nolasco e livrar Egan dessa gaiola, com certeza eu seria a primeira a denunciá-lo.

Vou até meu quarto e abro a primeira gaveta da cômoda, o bilhete que Egan me deixou salta aos olhos, tomo-o nas mãos e leio suas palavras mais um par de vezes.

A raiva por ele ter pegado meu livro diminui, e reflito que se aquele livro abriu um novo mundo para mim, que possa fazer o mesmo por ele. E tendo esse pensamento em mente, despeço-me do meu amuleto.

Porque nisso Pablo tem razão, seria muita estupidez eu ir atrás dele novamente.



Depois de um final de semana sereno, onde passei a maior parte do tempo, assistindo filmes e preparando minhas aulas, mais uma semana de trabalho se inicia. Acabo de me arrumar e passo uma mensagem para Pablo dizendo que vou chamar um táxi, se ele quer dividir a corrida comigo, já que sua escola fica no meio do caminho para a minha.

Ele diz que saiu de casa mais cedo porque tem uma reunião pedagógica no primeiro horário. Entorto os lábios, não sabendo se ele diz a verdade ou se está criando uma desculpa para não me encontrar. Desde o sábado ele não me manda mensagem ou passa aqui em casa.

Bebo uma xícara de café, quando ouço o buzinar em frente de casa. O motorista do táxi quando me avista cruzando a porta repleta de sacolas, desce do carro e me ajuda, levando as sacolas para o carro.

Com as mãos livres, assim que vou trancar minha porta noto um embrulho de papel no chão, sobre o tapete capacho da entrada. Ergo-o e vejo um cartão com meu nome escrito. Reconheço a caligrafia de Pablo.

*O que é isso? Um presente?* pergunto-me entrando no táxi com o pacote nas mãos. Ajeito-me no banco traseiro, dizendo ao motorista o endereço de onde preciso ir. Ele franze os lábios quando ouve de mim o endereço.

— É perigoso ir até lá, moça. Vou te deixar um pouco antes desse endereço, é o máximo que vou entrar nesse bairro.

— Eu trabalho na escola de lá — reforço. Ele dá de ombros e eu aceito sua condição, sabendo que vou ter de carregar esse peso por algumas quadras.

— Tudo bem — respondo afinal.

O motorista começa a dirigir e então me concentro em saber o que tem no embrulho deixado por Pablo e assim que o abro, pisco várias vezes sem entender.

— O que é isso? — pergunto a mim, erguendo um dos itens.

— Moça? — o motorista pergunta, achando que estou falando com ele.

— Nada, eu só pensei alto — digo, e ele volta sua atenção ao trânsito.

Começo a ler o rótulo do primeiro produto *Aerossol Spray de Pimenta Piperina Advanced*.

Pablo enlouqueceu.

Guardo o produto de volta na sacola e então noto uma caixinha menor que diz *Alarme de Defesa Pessoal Antiestupro*. Abro a caixa e encontro um chaveiro, pequeno, preto e em formato oval, com um botão no centro e um pino com um cordãozinho cinza, o objeto se parece com uma minigranada.

Enquanto manuseio o produto, puxo o pino e um som agudo e estridente ressoa dentro do carro. O motorista do táxi se assusta e freia de súbito, fazendo meu corpo ser jogado para frente e em seguida para trás. Com as mãos tremendo consigo encaixar o pino de volta no seu lugar e o alarme silencia.

O motorista se vira para trás com os olhos esbugalhados pelo susto enquanto olha para as minhas mãos.

— Moça, não faz mais isso — diz, sério.

— Desculpe, eu não sabia que... — falo, devolvendo de maneira apressada tudo para o pacote.

Assim que o carro volta a sandar, alço meu celular e digito uma mensagem para Pablo perguntando o que são essas coisas. Ele responde que é o mínimo que pode fazer depois dos últimos acontecimentos, para eu deixar ambos os produtos sempre por perto. Contesto dizendo que quase provoquei um ataque cardíaco no motorista do táxi com o barulho do chaveiro e ele devolve a mensagem com um *hahaha!*

Em mais alguns minutos o motorista encosta dizendo que é o máximo que seguirá. Olho ao redor e entrego-lhe o dinheiro da corrida e apanho todas as minhas sacolas. Começo a andar, carregando todo o peso e penso em como esse dia nem começou e já se tornou uma odisseia.

Ando desengonçada tentando manter todo o volume em meus braços.

Encontro alguns alunos seguindo pelo mesmo trajeto que eu, mas todos eles me ignoram, não totalmente, já que me olham e cochicham rindo entre si. Finjo que não noto que sou o motivo de seus risinhos e continuo firme, quando por fim alcanço a entrada do colégio.

Coloco todas as sacolas no chão e respiro ofegosa.

— Nossa, você está carregada hoje, não? — Ouço a voz de Soledade que para ao meu lado e começa a pegar algumas sacolas do chão para me ajudar.

— São alguns livros para os alunos — informo, ainda recuperando meu fôlego.

— Isso é ótimo, mas você já os tinha? — pergunta, curiosa.

— Não, eu os comprei.

— Você comprou todos eles? Blanca, o colégio não faz reembolso para os professores, se você os comprou...

— Não, não... não comprei pensando em reembolso, sei das dificuldades dos colégios públicos. Mas encontrei uma brecha na armadura de alguns alunos e resolvi arriscar e para isso eu precisava desses livros.

Ela me ouve falar, franzindo a testa ao final.

— Entendo, mas ainda prefiro que tente essa aproximação sem investir muito do seu dinheiro. É claro que não será nem uma ou duas vezes que precisará arcar do próprio bolso para levar um projeto adiante. Eu mesma tive que comprar uma quantidade grande de material para a mostra de artes do final do mês. — Ela suspira e ajeita as sacolas nos braços. — O problema é que já é difícil nos manter motivadas o suficiente com o que ganhamos, se

tirarmos muito dos nossos salários o trabalho se tornará algo oneroso e desencorajante.

Assinto e seguimos colégio adentro.

— O sinal vai tocar. Vamos, ajudo a levar todo esse material para sua sala.

— Obrigada — respondo, agradecida que ela tenha aparecido.

Assim que Soledade entra na sala, começa a olhar procurando pela minha mesa.

— Está no outro canto — aviso, apontando para a direção certa.

— Não acredito que eles levaram sua mesa para lá... — fala, num tom mais rigoroso.

— Na verdade, fui eu — digo, sem lhe dar muitas informações. Soledade inclina a cabeça, desconfiada.

— Estou tentando várias táticas de aproximação — completo, dando de ombros.

— Bom, espero que funcionem. — Ela segue até onde a mesa está e coloca os livros sobre ela, despedindo-se em seguida. Um minuto depois o sinal dispara e logo alguns alunos começam a chegar.

Nada de diferente, entram como se sua professora não estivesse em sala; falam, riem, cantam, gargalham e se acomodam nas cadeiras como se estivessem no sofá da própria casa.

Olho-os um a um e vejo Lorenzo entrar ao lado de Diego. Lorenzo está com um braço ao redor dos ombros de Diego e os dois interagem como

amigos de longa data. Eles me veem e me presenteiam com um risinho desregrado.

Respiro fundo, torcendo para que tudo siga conforme planejei.

— Bom dia, como vocês estão? — falo, aumentando minha voz em muitos decibéis para me fazer ouvida. Alguns dizem bom dia de uma forma amigável e isso já aquece meu coração, é a primeira vez que me respondem.

Vou para o meio da sala, entre as carteiras e começo a falar.

— Vocês se lembram que eu prometi trazer os livros para lermos juntos. Vamos ler e depois debater, assim vocês podem ver se concordam com a visão que sua colega Penélope teve da leitura.

A maioria deles se vira em direção a ela, que ergue um canto da boca mostrando orgulho em ser a única além de mim que conhece a história.

— Penélope, você pode me ajudar a distribuir os livros? — pergunto e ela se levanta de pronto vindo até mim.

A menina parece ter algum poder sobre a turma, porque até Diego fica em silêncio e a acompanha com os olhos. Penélope me ajuda a tirar todos os livros das sacolas e antes de começar a distribuir dá uma boa olhada na turma.

— Vocês não vão se sentar? Como posso distribuir com vocês em pé? — profere, altiva e determinada.

Oh, meu Deus! Essa garota é firme. Preciso ter cuidado no trato com ela, mais alguns dias e ela pode confundir os papéis e imaginar que é a professora aqui.



— Andem, sentem! — complementa.

— *Tá loca*, garota! Vai devagar, ninguém aqui *tá* a fim de receber ordens dela e muito menos de você. — Diego rebate, vindo até nós.

Ele puxa um dos livros da mão dela e volta para o fundo da sala. Os alunos começam a se entreolhar, surpresos. Penélope não diz mais nada, mas lança um olhar glacial para Diego, parece ter raios congelantes emanando de seus olhos, ao ponto de metade dos alunos baixarem a cabeça.

Nesse momento, algo volta à minha mente. No primeiro dia, Diego disse que tinha namorada e que o nome dela era... Penélope. Entreabro os lábios e encaro a garota que continua a lançar seus raios congelantes na direção dele.

Que ótimo! De todas as garotas da sala, minha ajudante é a namorada do aluno mais difícil da escola.

— Vamos continuar, por favor — falo, trazendo-a de volta à sua tarefa.

Ela deixa de encarar Diego e passa a enfrentar a sala, e quando faz isso, *todos* os alunos se sentam. Não vou dizer que não estou feliz por vê-los sentados, mas algo me diz que ter uma espécie de primeira dama na sala de aula não é uma maneira muito pedagógica de contê-los. Mas, por hora, é o que eu tenho.

— Que bom que todos estão sentados, significa que estão com pressa para começar a ler o livro — falo, trazendo a aula para o foco principal.

Aponto para que Penélope entregue os livros a uma metade dos alunos, enquanto eu sigo para os outros.

— Esse livro tem uma leitura simples, mas ao mesmo tempo de grande ensinamento, ele retrata uma época, e todas as dificuldades de uma sociedade, tudo isso da perspectiva de uma criança.

— Vou odiar, detesto crianças. — Um deles diz.

— Ninguém odeia crianças. — Outra aluna rebate.

— Quem disse? — Romeo entra na conversa.

— Vocês é que são as crianças. — Lorenzo interfere.

— Calem a maldita boca, não *tô* com *saco* para essa merda hoje. — Diego revida, fazendo todos se calarem.

Eu inspiro o ar com calma, buscando que somente oxigênio seja suficiente para me pacientar.

— Ninguém aqui odeia crianças, todos nós já fomos crianças e vocês deixaram de ser uma há pouco tempo. Então, vamos encerrar esse assunto. Ninguém é obrigado a gostar do livro, mas isso vocês só saberão depois de ler. Não julguem antes de chegarem à palavra fim.

— A novinha está cheia de marra! — Ouço Romeo dizer.

Viro-me e caminho até estar em frente à sua mesa.

— Você pode me chamar de professora ou Blanca, qualquer coisa diferente disso e você sairá direto para a coordenação, entendeu?

Ele franze os lábios e bate com o livro sobre a mesa, sem dizer mais nada. E apesar de ele ficar em silêncio uma gargalhada começa a repercutir pela sala. Fecho os olhos e inspiro mais uma vez, sabendo quem o dono da risada estridente.

— Acho que, *Blanca* — meu nome é proferido de maneira desdenhosa —, *tá* tentando ensinar aqui, vamos deixar que pratique um pouco, já que é paga *pra* isso.

Umedeço meus lábios e finjo que sua provocação não me causa nada e continuo a entregar os livros aos alunos que faltam, quando todos os que aceitam estão com o volume nas mãos, pego mais um e me sento numa outra cadeira.

Deslizo meus dedos sobre a capa do livro e penso no meu, aquela era uma edição antiga, com a dedicatória do meu professor, que nem está mais entre nós. Professor Marco faleceu há uns cinco anos vítima de um câncer de pâncreas. Um livro de extremo valor na minha vida, que para uma pessoa que não ame a literatura como eu, jamais entenderia seu valor.

Recomponho-me e então abro a edição com cheiro de livro novo, com suas páginas ainda juntinhas e nunca folheadas.

— Vamos lá, eu vou ler a primeira página e a partir daí, cada um continuará a leitura dele mentalmente. Quando todos chegarem à página vinte, vão me dizer se querem continuar ou se paramos e retomamos no dia seguinte.

*A GENTE VINHA DE MÃOS DADAS, sem pressa de nada pela rua. Totóca vinha me ensinando a vida. E eu estava muito contente porque meu irmão mais velho estava me dando a mão e ensinando as coisas. Mas ensinando as coisas fora de casa. Porque em casa eu aprendia descobrindo sozinho e fazendo*

*sozinho, fazia errado e fazendo errado acabava sempre tomando umas palmadas. Até bem pouco tempo ninguém me batia. Mas depois descobriram as coisas e vivem dizendo que eu era o cão, que eu era capeta, gato ruço de mau pelo. Não queria saber disso. Se não estivesse na rua eu começava a cantar. Cantar era bonito...* [\[2\]](#)

Eu começo a ler e eles a conversarem, desrespeitando por completo meu papel em classe. Paro por um momento e volto a olhá-los, pousando a vista em cada um deles.

Penélope se vira e intervém na ordem da turma.

— Calem a boca! Eu não tive o trabalho de distribuir esses livros para vocês não lerem.

Os alunos começam a rir e eu sinto que vou envelhecer uma década em apenas um ano. Penélope continua a exercer sua autoridade e Diego contrapõe para rivalizar com ela. Começo a achar que nada que eu faça vai dar resultado com essa turma, o que é uma ironia, perder as esperanças justamente no colégio Esperanza.

Entretanto, quando minha fé está no limite mínimo de suas reservas, uma luz se acende no fim do túnel. Alguns alunos se levantam e se sentam ao meu lado, tão perto que um palmo não separa nossas cadeiras.

— Eu quero ler. — Ela diz.

— Qual o seu nome? — pergunto com um sorriso no rosto.

— Aurora.

— E o seu? — pergunto a outro.

— Gildo.

Acompanhando Aurora e Gildo, outros fazem a mesma coisa, inclusive Penélope. Começamos a montar um círculo na frente da sala, os mais bagunceiros continuam no fundo e não se dispõem a participar, mas para minha surpresa, Romeo que até então estava fazendo gracinha, também se junta a nós.

Minha bateria de ânimo é recarregada.





Capitulo  
Doze

Blanca

Minha turma tem uma infinidade de aulas vagas, a falta de professores específicos é gritante. Por isso, em vez de ir embora, decido continuar na escola e cobrir as aulas que consigo. Durante o intervalo, decido andar pelo pátio, gosto de observar os alunos, assistir à interação que têm entre si acaba por me ajudar a entender melhor como são.

Fazendo a mesma coisa que eu, mas por outros motivos está Taniara, sua função é tentar manter essa desordem organizada. Sorrio ao ver a maneira como ela se relaciona com eles, ora graciosa e gentil, ora mais firme. Tudo de acordo com o nível de confusão que eles ocasionam.

Aproveitando que nesse horário posso encontrar todos os alunos num mesmo lugar, volto a procurar por Carlito. Ele disse que viria à escola, mas em nenhuma das vezes que o procuro consigo encontrar.

Talvez Taniara saiba mais sobre ele. Marcho até onde ela está, e, então, espero que termine uma rezinga das turmas mais novas.

— É difícil, não é? — digo, empática a seu trabalho.

— Nem me fala, os pequenos conseguem ser mais terríveis que os adolescentes — diz, revirando os olhos.

— Falando em pequenos, conheci um aluno outro dia...

— Qual? — pergunta, desviando seus olhos de mim para uma possível briga do outro lado do pátio.

— Carlito.

— Carlito? Ah, sim... O baixinho de cabelinhos encaracolados? Um bom menino... — fala, com um ar saudoso. — Quem dava aula para ele era a



Luna, mas esse ano ele não tem vindo à escola.

— Em sua idade ele é obrigado a vir — contesto. — Sabe se alguém já rastreou os motivos?

— Acho que sim — ela diz, com um dos pequenos a puxando pelo braço.

— E não informaram ao conselho? — pergunto, vendo que a quantidade de crianças ao seu redor aumenta.

Taniara junta as sobrancelhas e olha para baixo, ouvindo o que os alunos querem e depois de resolver mais uma discussão infantil, volta a falar comigo.

— Você deveria conversar com Soledade. Sabemos de onde Carlito vem e nenhuma de nós tem coragem de ir até lá.

— Mas esse é o nosso trabalho — respondo, enfática.

— Acho mesmo que deve conversar com Soledade sobre isso, mas te garanto que a coisa não é simples assim. Você tem alguma ideia da taxa da evasão escolar de um lugar como esse? É um milagre que estes ainda estejam aqui — diz, à medida que gesticula mostrando ao redor.

Quem junta as sobrancelhas agora sou eu. Não digo mais nada, mas saio em busca de Soledade, quero entender como lidam com essa evasão e porque deixam os alunos partirem sem fazer nada. Encontro Soledade conversando com outros professores no corredor da secretaria. Ergo uma mão para cumprimentá-los e espero que terminem sua conversa dando-lhes alguns passos de distância.

— Quer falar comigo? — averigua, quando nota que não me movo.

— Sim, é rápido — confirmo, aproximando-me.

Ela se despede e me chama para acompanhá-la até sua sala.

— Pode falar, Blanca — diz, oferecendo uma cadeira para me sentar.

— Conheci um aluno, o nome dele é Carlito era aluno e Luna. Fiquei sabendo que ele não aparece na escola tem algum tempo... — Soledade cruza as mãos sobre a mesa e espera que eu conclua meu raciocínio. — A verdade é que conversei com Carlito, e ele disse que não vinha à escola porque não tinha sapatos, acabei comprando um par para ele, que me garantiu que voltaria a estudar e...

— O que realmente quer saber, Blanca? — indaga.

— Ele está em idade escolar, não pode ficar fora da sala de aula — profiro, ainda com a inocência e a expectativa de alguém que acabara de iniciar numa profissão tão difícil.

— Temos muitos alunos fora da escola, não só Carlito, Blanca. Há pelo menos umas vinte crianças na mesma situação que ele, isso só no primeiro período. — Soledade recosta em sua cadeira e suspira.

— Já chamaram as famílias? Foram até a casa deles?

— Sim, ligamos para as famílias. Alguns nem atendem o telefone, outros vem até aqui e dizem que não querem mais os filhos na escola porque vão trabalhar, outros nem sabemos se ainda estão vivos. Semana passada algo inusitado aconteceu. Liguei para um pai e ele me disse que não poderia resolver, que estava preso e da cadeia não dá para saber o que filho faz ou deixa de fazer.

Aperto as têmporas e baixo a cabeça.

— Blanca, as coisas aqui não são como se aprende na faculdade. Pode até ser nos colégios de centro ou nos particulares. Mas, aqui... — fala e aponta para o chão —, a coisa é muito diferente. Muito mesmo. — Soledade se ergue e segue para a porta, levanto-me também.

— Você já tem uma turma bem complicada, que demanda muito da sua atenção, não acho que precise se preocupar com todos os outros — expõe.

Entendo seu recado. Que apesar de direto, vem entre sorrisos. Mesmo não concordando, aceno com a cabeça, voltando para a minha sala. Acho que todos os alunos são problema de todos os professores e coordenadores, eles não são questões individuais, se não olharmos para essas crianças como um todo, mais *Carlitos* surgirão até o final do ano.

Minha sala está em polvorosa, alguns retomam a leitura do livro, outros reclamam que estou na sala outra vez, enquanto o fundão continua com uma algazarra que me dá dor de cabeça. E, em meio, a todo esse tumulto Carlito não sai da minha cabeça,

Decido que procurarei por ele eu mesma. Sua família precisa entender que se querem um futuro melhor para aquela criança, ele precisa vir para a escola.



Sento-me na calçada e encosto no poste de madeira que indica a parada do ônibus, as lotações passam, uma, duas, três, perco a conta de

quantas vão embora e de quanto tempo estou aqui esperando Carlito aparecer.

Começo a achar que ele não vá aparecer e olho para o final da rua, o horizonte bem próximo onde o asfalto termina e o morro que um dia foi verde começa. Entalhado por casas pequenas e amontoadas, ele é o espaço que Taniara diz não terem coragem de entrar.

Franzo os lábios e baixo a cabeça, pensando em como seria falacioso eu dizer que tenho medo de entrar nesse espaço, se eu vim de um lugar tão parecido como esse.

Elevo-me do chão e bato a mão para tirar a poeira da minha roupa e ajeito minha bolsa no ombro e começo a caminhar. O sol desliza pelo céu e tenho que me apressar e voltar antes do anoitecer. As pessoas não se dão conta de quem entra ou sai, estão apenas atribuladas em manter suas rotinas de afazeres em dia.

Na única entrada e saída da comunidade do Esperanza, reconheço algumas das crianças como alunos no colégio, sorrio por saber que a despeito de toda a dificuldade que enfrentam não abandonaram o estudo. Então, avisto uma pequena mercearia com vários produtos pendurados pelas paredes e decido entrar e tentar alguma informação.

— Boa tarde! — cumprimento o homem de meia idade que veste um avental azul. Ele ajeita uma bancada de frutas.

— Pois não, moça — diz, limpando as mãos no avental cheio de manchas.

— Por acaso, o senhor conhece um garoto que se chama Carlito? Ele tem por volta de uns dez anos, é baixinho e tem os cabelos escuros, volumosos e encaracolados, com muitos cachos e bem redondinhos. —

Gesticulo enquanto falo.

O homem meneia a cabeça enquanto seus olhos se direcionam para o alto, como se estivesse tentando lembrar de quem eu falo.

— Tem tanta criança aqui do jeito que disse, eu devo conhecer umas cinquenta eu acho — finaliza, desculpando-se.

— Tudo bem, obrigada.

Saio de seu estabelecimento e continuo a andar pelas vielas pequenas repletas de casas e minicomércios. Vejo um botequim mais à frente, e decido perguntar lá, mas assim que me aproximo, recuo ao notar homens armados bebendo e rindo de alguma coisa. Eles não escondem as pistolas e armas de alto calibre, elas ficam expostas para qualquer um, num sinal aberto de domínio.

Eles me olham e param de falar, recuo mais alguns passos e marcho apressada para sair de suas vistas. Quando estou afastada o suficiente, paro por um segundo e respiro. Adiante, algumas mulheres conversam com várias crianças em torno delas e penso que seja mais fácil que alguma saiba onde Carlito vive.

— Oi! — falo, num tom amistoso. Elas me olham dos pés à cabeça e se entreolham antes de me cumprimentar.

— Eu sou professora no Esperanza e estou procurando uma criança, o nome dele é Carlito, tem uns dez anos... — começo a dizer.

— Deve ser o filho da Eva. — Uma delas diz.

— O gurizinho de cabelo cacheado? — Outra pergunta.

— Isso, ele tem cabelos cacheados, mais ou menos dessa altura — indico com a mão —, vocês sabem onde a família dele vive?

As mulheres entortam os lábios — todas elas —, olham para os lados, e em seguida uma se aproxima de mim.

— Professora, ele não é mais da mãe, ela foi embora com o filho pequeno e deixou o garoto para os donos — diz, segredando na base da minha orelha.

— Para os donos? — questiono, franzindo o cenho.

— Os donos daqui — completa, ainda sussurrando para não ser ouvida por outros. Demoro ainda alguns segundos para compreender o que diz, e então o entendimento me atinge com a mesma força de um soco no estômago.

Passo a mão pela testa, pesarosa e desapontada.

— Esse guri não tem mais volta, ele sobe e desce esse morro o dia inteiro fazendo o que os donos pedem. Se você sentar aqui e esperar não dá muito tempo vai vê-lo descendo.

Uma delas ralha com as crianças que brincam e ordena que entrem. Outra se despede e começa a subir pela viela.

— Você vive nessa casa? Posso esperar por ele aqui? — pergunto, apontando para a casa atrás dela.

— Não acho que seja boa ideia mexer com o garoto, eu disse que ele tem dono agora — reafirma, enrugando a testa, assombrada pelo meu pedido, como se conversar com uma criança fosse um crime nessa comunidade.

Quando vou argumentar que não irá demorar, que só quero vê-lo por alguns minutos, a mulher estica o braço e começa a apontar para o alto.

— Olha lá ele! *Tá* descendo com mais um pacote. — Ela vira as costas e entra em sua casa, fechando a porta.

Começo a observar Carlito descer com os tênis que comprei nos pés, carregando uma sacola. Como a maioria das crianças dessa idade, tem um semblante animado, ele se distrai com um bolinha que encontra no chão, deixando o pacote de lado para brincar com ela por alguns segundos.

Meu sorriso se abre, vendo-o brincar com a bola suja e perdida na rua. Carlito a guarda no bolso da bermuda e recolhe o pacote do chão, voltando a caminhar. Quando está bem perto, começo a andar em sua direção e assim que ele me vê, aponta para mim com a boca entreaberta.

— A tia que me deu o tênis! — fala, vindo até mim.

— Tudo bem, Carlito? — agacho-me para ficar da sua altura e conversar olhando-o nos olhos.

— Olha o meu sapato. — Ele ergue um pé para me mostrar.

— Estou vendo, você gostou deles, não? — pergunto.

— Claro, tia! — responde ele, com sua voz infantil, ajeitando a sacola que carrega nos ombros.

— Lembra do que tínhamos combinado quando eu os comprei? — Carlito desvia o olhar e fica em silêncio. — Por que não está indo para a escola? — pergunto, sabendo o motivo, mas desejando ouvir dele para analisar sua percepção da realidade que está vivendo.

— Tô ocupado, tia! — resmunga. — Não dá tempo de ir *pra* escola, e eu nem vou precisar de escola mesmo — sentencia, querendo voltar a andar.

— Espera! — falo, tocando seu braço. — Vamos conversar mais.

— Tia, eu *tô* cheio de coisa *pra* fazer, tenho que entregar isso aqui *pro* tio lá no asfalto. — Ele fala, mostrando o pacote.

— O que tem aí, você sabe? — questiono, sentindo um aperto no peito.

— O Grandão disse que meu trabalho é fazer o que ele manda e não xeretar nas coisas dele. — Carlito arregala os olhos e diz a frase num tom de reprimenda.

Não consigo pensar nas palavras certas a dizer, não sei como perguntar sobre sua mãe ou em como ele foi parar com esse tal e Grandão.

— Onde fica sua casa? Estou com sede, me serve um copo d'água? — pondero, pensando em ir com ele para outro lugar.

— É lá em cima, tia. Compra água lá no bar ou no asfalto — diz, voltando a andar. Eu fecho os olhos por um segundo e o vejo escorregar por entre meus dedos, assim como um punhado de areia fina no deserto. — Vem, tia! — Ele me chama. Eu sorrio e aceno concordando e começo a descer ao seu lado.

Quando passamos em frente ao botequim, Carlito para e entra, cumprimentando aqueles homens armados, ao vê-lo interagir amistosamente com eles meu corpo inteiro estremece, assistindo aquele menininho acenar para esses homens como se fossem seus melhores amigos.

Meus pés estacam no chão enquanto vejo a cena se desenrolar em



frente aos meus olhos. Melhor do que ninguém eu sei o que isso significa, sei como isso termina, sei como a criança de hoje se tornará o criminoso de amanhã.

Eu quase fui uma, Egan é um e Carlito está caminhando para ser. É tarde demais! Não consegui ajudar Egan. Não consigo ajudar Carlito.

Quero que o mundo pare de girar, para que eu possa entrar nesse cenário, segurar a mão de Carlito e tirá-lo dali, levando-o para outro lugar, para uma nova realidade, para uma nova vida. Para que ele saiba que existem outras possibilidades, que existem outros meios de continuar, que o mundo é muito maior que o que ele vê aqui todos os dias.

— *Tá querendo o quê, madame?* — uma voz rouca e pigarreada me traz de volta à realidade.

— Ela é minha amiga, a gente vai junto fazer essa entrega. — Carlito diz, erguendo a sacola e eu aperto os olhos.

— Quem disse que você pode levar a parada acompanhado? *Cê tá loco, moleque?* — Um deles diz, pegando uma das armas.

— Eu sou professora no Esperanza, só vim até aqui conversar um pouco com ele — falo, cuidando de cada palavra que sai da minha boca.

O homem alto, de cabelos raspados e olhos vermelhos, estica um canto da boca num tipo de sorriso que ultrapassa o limite entre desdenho e desprezo.

— *Cês ouviram isso? A madame veio bater papo. Tá sem o que fazer na escola?* — Ele estufa o peito e marcha em minha direção, apontando a arma para meu rosto.

Não mexo um músculo, só meus olhos se movem, de primeiro para Carlito e depois para o homem à minha frente.

— Responde, madame! *Tá* sem o que fazer e revolveu se divertir aqui no morro? — A arma encosta na minha testa, sinto o bocal gelado esfriar minha pele.

— Eu só queria conversar um pouquinho com ele sobre a escola — repito.

— Trovão, ela é legal, me deu esse tênis de presente. Não atira nela não. — Carlito para ao nosso lado, e estica o pé para mostrar ao homem que não tira os olhos de mim.

— Moleque, se mais alguém lá de baixo vier para cá, é em você que vou atirar. Anda! Vai fazer seu trabalho, o cara *tá* lá na última esquina — O homem desvia de mim para encarar Carlito e lhe dá um empurrão nos ombros, obrigando-o a descer.

— Posso ir também? — pergunto. Ele começa a rir, gargalhar na verdade, chega a se curvar para a frente e depois volta a colocar a arma na minha testa.

— *Cê* é corajosa, madame! Quando encosto essa belezinha nas cabeças por aí — ele empurra com mais força, jogando minha cabeça para trás —, a maioria se mija, reza, grita ou chora, você não fez nenhuma dessas coisas.

Tenho vontade de dizer que apesar de não fazer o que ele espera, eu estou com medo. Medo de ter escapado de tanta coisa até hoje e morrer aqui, porque se ele me matar é possível que eu me torne mais um dos rostos desaparecidos no telejornal da noite, sem que ninguém nunca encontre meu

corpo.

— Tenho medo como todos — murmuro, sentindo meus olhos embaçarem.

— Tem não, madame! — exclama, meneando a cabeça. — Só que *cê* precisa mais do que coragem para entrar aqui e sair viva para contar — contesta.

— Não fiz nada de errado — argumento, em súplica.

— Trovão, o Grandão pediu para subir. Ou deixa ela ir embora ou dá um fim nela lá em cima.

Trovão segura meu braço e começa a me arrastar com ele para o alto, as pessoas nas vielas olham para nós, mas fingem que não veem, fingem que o que acontece é algo normal. E talvez até seja para eles.





Capitulo  
Ireze

Egan

Olho para o relógio e percebo que o garoto está quinze minutos atrasado. Droga, vou ter que subir até lá para pegar os cadernos! Desço do carro e começo a andar, embrenhando-me pelas ruas pequenas, quando avisto o menino correndo.

Paro de andar e o observo, ele parece fugir de alguma coisa, olho para os lados apreensivo, imaginando que a polícia possa estar de tocaia. Mas não há nenhum movimento suspeito, além do garoto que corre desenfreado, sacudindo o pacote para cima e para baixo.

— Merda! O que está fazendo? — murmuro, andando mais rápido para interceptá-lo. Quando me aproximo, seguro-o pelo braço e o menino ofega cansado, ele busca ar como se seus pulmões estivessem a ponto de extinguir.

— Tio... seu... pacote... — diz, sem fôlego.

— Por que correu tanto? Achei que estava fugindo — digo, tirando a sacola de sua mão.

— Eu *tava*. O Trovão *tá* bem *loco* e eu saí de lá correndo, ele pegou a tia do meu tênis. — O garoto começa a falar, disparando uma palavra em cima da outra.

— Ei, ei! Fale devagar. — Coloco uma mão em seu ombro esperando que ele se acalme e recupere o ar.

— O Trovão *tá loco*, ele pegou a tia que me deu esse tênis e ele vai atirar nela lá em cima. Eu já *vi ele* fazer isso várias vezes. Eu disse que ela era minha amiga, mas ele não quer saber, ele vai *mata* ela. Acho até que ele já *mato* — finaliza, baixando a cabeça, formando um bico com os lábios,

quase chorando.

— Você está falando da Blanca? A professora que vimos na praça? É dela que você está falando? — pergunto, sentindo meu peito arfar. Ele acena dizendo que sim. — MERDA! — esbravejo, abandonando o garoto e correndo de volta para o meu carro.

Abro a porta me jogando para dentro, lanço os cadernos que preciso levar para Nolasco no banco traseiro e ligo o carro, dou a volta na rua e saio cantando pneu, invadindo o espaço deles até onde meu carro pode passar. Abro o porta-luvas e apanho a minha 9 milímetros na mão, enfiando-a sob minha jaqueta.

Logo na entrada um dos seguranças me chama.

— E aí, mano! O pivete já levou seu pacote.

— Avisa que vou subir, preciso falar com o Grandão — digo, continuando meu caminho para o alto.

*Mas que merda ela está fazendo aqui?* penso, correndo a passos largos para chegar a tempo. De repente, sinto uma inquietação, uma bola estranha se abriga no alto do meu estômago. É medo.

É o medo que eu havia perdido desde que minha vida deixou de me ter valor, desde que entendi que meus dias e horas nesse mundo são contados e que não me adiantava tentar escapar do destino que me foi traçado. Uma sensação que não sentia e que agora domina cada célula do meu corpo.

Desvio das pessoas pelas vielas apertadas, empurrando-as para o lado até estar em frente à porta do Grandão. Ouço um grito agudo e desesperado. É Blanca. Não uso a senha, não bato as cinco vezes, empurro direto,

invadindo o lugar.

E assim que coloco o pé para dentro vejo todos eles, inclusive Blanca. Em sua mão, ela empunha um spray na direção de um dos homens, ele urra passando as mãos pelo rosto freneticamente, tentando se livrar do que quer que ela tenha jogado nele. Blanca tem a camisa rasgada e um fio de sangue escorre por seu lábio tingindo de vermelho a pele de sua face, os fios curtos de seus cabelos estão uma bagunça.

Geralmente, eu falaria, chegaria a um acordo usando persuasão e convencimento. É assim na maior parte das vezes, Nolasco me usa em várias dessas situações para apaziguar conflitos, trazer uma solução com menos perdas onde a única linguagem conhecida é a do sangue quente escorrendo pelo chão. Mas, o meu próprio sangue queima, sou capaz de sentir ele me percorrer de cima para baixo, abrasando-me por completo.

— Que porra é essa? — Grandão brada.

Sem dizer uma palavra tiro minha 9 milímetros da cintura e não me acanho com o tamanho dele, ando até ele e empunho a arma contra seu pescoço empurrando-o para trás.

— Solta ela! — rosno entredentes.

— Ei, ei, ei, cara! — Ele diz, enquanto todos os outros sacam suas armas e a apontam para mim.

— Solta ela. Agora! — vocifero.

Grandão balança a mão pedindo para que os seus baixem as armas e se afastem. Mantenho minha arma carregada e destravada em sua jugular, pronto para puxar o gatilho se ele fizer a escolha errada.



— Traz a garota aqui — pede ele, fazendo a escolha mais acertada.

Vejo Blanca sendo arrastada como se não fosse nada, seu corpo mole é jogado aos meus pés. Olho para baixo ao mesmo tempo que ela para cima, nosso olhar se encontra no caminho e se sustenta. Ela aperta os lábios e seu queixo treme, engolindo o choro, sem emitir um barulho sequer. Seus olhos vertem em lágrimas que escorrem se misturando ao sangue do ferimento em seu lábio.

Respiro fundo, tentando acalmar o turbilhão caótico dentro de mim, tentando acalmar a fúria que propaga da caixa escura onde eu a havia ocultado tantos anos atrás.

— Me convence a não puxar o gatilho — rujo, voltando a encará-lo.

— Se puxar, não vai chegar vivo até lá embaixo — Grandão responde, com calma.

— Ótimo, desde que você também não chegue — rosno, apertando a arma um pouco mais contra ele.

— Ela também não vai chegar — fala, apontando para Blanca no chão.

Nos encaramos em silêncio até que ele volta a falar:

— Olha só, cara! Eu nem sei quem essa *mina* é. O Trovão encontrou lá embaixo xeretando nas minhas crianças e trouxe aqui, ninguém fez nada para ela, só um tapinhas na cara. A gente nem sabia que ela era de vocês. Baixa essa arma e vamos esquecer essa parada, beleza? Não quero atrapalhar meus negócios com Nolasco por uma besteira dessas. A *mina tá* aí, *tá viva*, é só levar embora.

— Quem é Trovão? — pergunto, ainda com a arma em seu pescoço.

— Deixa disso, eu preciso dele. — Grandão diz, amenizando as coisas, com um sorriso no rosto.

Replico o mesmo sorriso cínico e debochado e me afasto dele. Grandão volta para trás esfregando a pele do seu pescoço.

— O negócio continua de pé? — pergunta.

— Sim — respondo. Abaixo-me para ajudar Blanca a se levantar, mas ela titubeia sem conseguir sustentar o corpo, seguro seu braço e passo ao redor do meu pescoço até ela conseguir ficar com os dois pés no chão.

— Consegue andar? — pesquiso e ela acena dizendo que sim.

Quando estou com Blanca para fora do portão, viro-me para os homens de pé, encarando-nos de dentro do cubículo que vivem, aponto minha arma para aquele que quando me ouviu dizer o nome Trovão hesitou dando um passo para o lado e atiro.

— PUTA QUE PARIU! — grita ele, apertando a coxa direita.

— Se chegar perto dela ou do garoto, não terá mais negócio, nem acordo, nem nada. Entenderam? — estrondo.

Guardo a arma na cintura outra vez e começo a descer com ela. Blanca não diz uma palavra, nem sobre o que aconteceu, nem sobre o que fiz, ela simplesmente parece não estar aqui. Dando um passo depois do outro com dificuldade chegamos até meu carro, dessa vez ela entra por conta própria, encosta a cabeça no banco e fecha os olhos.

Observo-a um pouco mais, ainda sentindo aquela inquietação, a

mesma bola no estômago. Ligo o carro e começo a dirigir seguindo em direção a um hospital, não sei onde os hospitais daqui ficam, não deve ser difícil encontrar algum no centro da cidade.

Depois de algum tempo que estamos no carro, ela endireita o corpo e diz:

— Não me leva para casa, não quero que Pablo me veja assim. Me deixa em qualquer lugar — pleiteia, com uma voz fraca.

— Vou levá-la até um hospital.

— Não preciso de um. Só me deixa em qualquer lugar — roga outra vez, virando-se para mim.

— O que é qualquer lugar para você, Blanca? Você estava em qualquer lugar e olha o que aconteceu — falo, com firmeza, mantendo o caminho para um hospital.

Ouçó sua respiração se aprofundar.

— Posso ficar onde me deixou da última vez? Aquele quarto fica na sua casa? — sua voz soa vacilante, como se estivesse prestes a chorar.

— Não posso — aviso.

Mesmo não tendo certeza da posição de Pablo em sua vida, faço ideia de que seja o cara ruivo que dividia com ela várias de suas fotos nas redes sociais e o mesmo que eu respondi as mensagens em seu celular.

— Acho que o melhor é que fique com Pablo. — Sinto um gosto amargo na boca assim que falo o nome dele.

— NÃO! — grita, segurando meu braço. — Ele não pode me ver

assim e nem saber o que aconteceu.

De soslaio olho para sua mão agarrada a meu braço, os dedos pequenos com as unhas pintadas num tom escarlate repuxam minha pele. Tenho vontade de perguntar quem ele é, um amigo, um namorado, um irmão?

— Ele nunca vai me perdoar pelo o que aconteceu, vai me arrastar para um hospital e depois para uma delegacia, vai ligar para minha mãe e assustá-la dizendo que quase morri.

— Você quase morreu — afirmo, desviando meus olhos do trânsito para encará-la por alguns segundos.

Blanca solta meu braço.

— Só me deixa em qualquer lugar, eu me viro.

— Se vira? — questiono, cínico.

Ela esconde o rosto entre as mãos e começa a chorar, o som ecoa alto e é angustiante vê-la nesse estado. Dou seta para a direita e encosto o carro. Eu não sei dizer quando foi a última vez que vi uma mulher chorar assim. Na verdade, eu sei, na última vez em que estive com minha mãe.

Olho para Blanca sem saber o que fazer, e por instinto ergo uma mão e a aproximo de seus cabelos, pensando em afagá-los se isso a fizer se sentir melhor. Mas quando minha mão está a poucos centímetros de distância, recuo.

Aperto os olhos e esfrego a testa tentando pensar em alguma coisa para dizer.

— Tudo bem. Eu levo você comigo — falo, surpreendendo até a mim.





Capitulo  
Quatorze

Blanca

Quando minhas lágrimas param de cair e me sinto mais calma, dou-me conta de quão dolorido meu rosto está, sinto minha cabeça latejar com uma dor pulsante que ao que parece não irá me deixar tão cedo, escorrego os dedos em meu lábio inferior e percebo o inchaço, o sangue ainda úmido mancha meu dedo de vermelho.

— Vamos cuidar disso — Egan diz ao meu lado enquanto dirige.

— Obrigada — falo, num tom vacilante. Porque meu agradecimento se estende a tanto mais que os curativos. Se ele não tivesse aparecido, é provável que eu estivesse morta. Fecho os olhos relembrando os minutos de aflição que passei, os minutos em que eu jurava que minha vida terminaria.

Seu carro entra num dos prédios mais ricos de Volar, ele está numa fatia minúscula da cidade. O valor de cada apartamento aqui é suficiente para comprar dezenas de casas como a que vivo. Espantada, desvio meus olhos do prédio que acabamos de entrar e foco em seu perfil atento ao estacionar o carro.

Ele entrou aqui sem dizer nada, não me pediu nem para fechar os olhos? Com certeza eu não espero que ele me dope outra vez, mas uma venda nos olhos? Ou algo que o protegeria de eu saber seu endereço na cidade? Mas ele simplesmente dirigiu até aqui comigo ao seu lado.

— O que foi? — ele pergunta, desligando o carro.

— Você vive aqui?

— Por enquanto — responde com naturalidade, tirando o cinto de segurança.

— Eu conheço esse bairro, essa rua... esse prédio — informo, inclinando um pouco a cabeça.

Egan mantém seus olhos em mim e umedece os lábios, depois desvia o olhar por um segundo e o fixa outra vez em mim.

— Você dirá a alguém? — pergunta.

Meneio a cabeça dizendo que não.

— Então vamos subir — diz, saindo do carro. Ele dá a volta e meus olhos acompanham seus passos até ele abrir minha porta. Com seu auxílio sigo até o elevador, ele digita o código no painel sem o esconder de mim que leio os números digitados e depois encaro seu rosto alguns centímetros acima do meu.

De repente, começo a me sentir amedrontada, minha respiração se torna mais pesada e o ar fica difícil de respirar. Por que ele não escondeu nenhuma dessas informações? Ele me salvar daquele lugar significa que fará algo ainda pior? A sensação de confiança que eu estava sentindo até um minuto atrás começa a esvaecer.

— Você está com dor? — ele pergunta, quando estamos dentro do elevador e percebe que estou arfando. Tento me soltar de seu abraço, mas ele me segura mais firme.

— Você não é como eles, é? Não vai fazer o mesmo comigo, vai? — indago, sem conseguir esconder o lamento em minha voz.

Egan entreabre os lábios e suspira, balançando a cabeça.

— Por que eu tiraria você de lá se fosse fazer o mesmo? — questiona, num sussurro calmo e acalentador.



— Eu não sei — respondo, da mesma maneira.

— Não vou — afirma. — Eu não vou machucar você, Blanca. — As portas do elevador se abrem e nossos olhares se sustentam mais uma vez, neles consigo ler sua indagação, como se naquelas pupilas brilhantes estivesse escrito em letras cursivas *você confia em mim?*

Egan não se move até que eu responda o que aqueles olhos estreitos e misteriosos questionam. Aceno de leve a cabeça, ainda receosa, mas respondendo que sim, que confio nele.

Entramos na casa e mesmo cansada e com dor, consigo notar que o lugar saiu direto da capa de uma revista, com todo o luxo, a pompa, os móveis caros e espetaculosos.

*É assim que ele vive?* Era assim que Nolasco vivia, lembro de quando entrei naquela casa e vi luxo semelhante. *É assim que o crime os compensa?* As custas de quem? De crianças como Carlito e adolescentes como Lorenzo. Meu coração aperta no peito, sinto-o doer mais intenso que meu físico ferido.

Egan me ajuda a caminhar pela casa até estar num quarto com uma cama colossal no centro, o móvel em madeira clara trabalhada em detalhes dourados, com uma roupa de cama tão branca, que chega a ser mais alva que a neve.

Egan ajuda a me deitar sobre o colchão e fecha a janela, tornando o cômodo silencioso, ao ponto de que somente nossa respiração é ouvida. Ele me olha por algum tempo, analisando meu rosto, depois seus olhos escorregam por meu pescoço e chegam na camisa rasgada que expõe a pele do meu ombro.

— Eu já volto — diz, saindo do quarto.

Eu não me movo, concentrando-me no teto do cômodo. Algum tempo se passa, até que ouço seus passos avançarem para perto de mim. Ele se senta no final da cama carregando um copo com água e dois comprimidos.

— Apesar do perigo que correu, você foi corajosa em se defender. Era um spray de pimenta o que jogou naquele cara?

Balanço a cabeça dizendo que sim. Egan exprime um meio sorriso.

— Se você estivesse com algum osso quebrado, não teria conseguido andar até aqui e tampouco se deitar como fez agora. Então... — ele faz uma pausa — pela minha experiência nesse tipo de coisa, não deu tempo de eles te machucarem... muito. Você pode tomar um banho para se limpar e tomar esses analgésicos para ajudar com a dor que possa estar sentindo.

— Eles só bateram no meu rosto e tentaram tirar minha roupa — sussurro, ajeitando minha camisa rasgada. Sento-me e sem tirar os olhos dele recordo de Egan preso naquela gaiola dez anos atrás e imagino o quanto ele apanhou para ficar naquela condição, penso também se ele estava com ossos quebrados e mesmo assim era obrigado a aguentar toda aquela tortura sem alguém que lhe oferecesse ajuda.

Em seguida encaro os comprimidos em sua mão e hesito em pegá-los.

— Não vou dopá-la — diz ele, pressentindo meus pensamentos. Egan me entrega a água e os remédios. Eu os engulo confiando em sua palavra.

— Recebi uma mensagem dizendo para eu ir buscar suas coisas. Vou até lá e volto logo — diz, levantando-se da cama.

Apressada, seguro seu braço.

— Vai me deixar sozinha? — pergunto em pânico.

— Tome um banho e durma um pouco, não tem muita comida, mas se tiver fome encontrará alguma coisa na geladeira. Volto rápido.

Minha mão continua agarrada a seu braço e Egan se mantém imóvel esperando que eu o solte, aos poucos meus dedos afrouxam sua pele e eu o liberto. Segundos depois escuto-o ir.

Levanto-me da cama e caminho em direção ao banheiro do quarto. Farei o que ele disse, vou tomar um banho e tentar lavar o efeito das mãos daqueles homens em mim.

Paro em frente ao espelho sobre a pia dupla em mármore e enxergo meu rosto afinal. Suspiro observando minha imagem refletida, os cabelos desgrenhados, o sangue seco nos lábios, as marcas dos tapas... E sem convicção para impedir as lágrimas que se formam, deixo-as escorrer por minha face.

Viro as costas e sigo até o chuveiro, dispo-me largando as peças sujas e rasgadas que cobriam meu corpo pelo chão e entro debaixo da água. O jato quente ajuda a me serenar e relaxar os músculos sensíveis, deixo que o banho limpe toda a sujeira, maldade, selvageria e crueldade daquelas pessoas que já perderam sua humanidade.

Quando me sinto pronta para sair, desligo a água e me enrolo numa das toalhas dobradas e dispostas na bancada da pia, olho para minhas roupas rasgadas e sujas no chão, pensando que não quero vesti-las outra vez.

Em um dos armários encontro roupas de Egan. Hesito por alguns segundos refletindo que talvez não seja uma boa ideia pegar sem consentimento uma de suas vestes, mas a ideia de usar minha camisa suja e rasgada é ainda pior. Acho camisetas limpas e dobradas numa das gavetas

abaixo do cabideiro e escolho uma, a peça é comprida e me serve como um vestido indo até o meio das minhas coxas.

Ando pela casa, sozinha e amedrontada, observando cada detalhe de luxo e requinte, encontro uma das portas fechada e imagino que ali seja o lugar onde me trancou da última vez, dou meia volta e sigo até a sala de estar que conta com uma varanda espaçosa e confortável.

Decido achar algo para comer, mas encontro a cozinha intacta, é como se ele nunca tivesse sequer ligado nenhum desses aparelhos, abro os armários e todos estão vazios, na geladeira há duas garrafas de suco, uma de água e alguns sanduíches prontos, comprados em alguma loja de *fast-food*.

É assim que ele vive? Alço um suco e um dos lanches e arrasto uma cadeira para me sentar sozinha à mesa de vidro leitoso na cozinha, dispensando a versão luxuosa que ocupa a sala de jantar com lugar para umas dez pessoas. O silêncio sepulcral desse lugar só é quebrado pelo som das minhas mastigadas, mas assim que acabo de comer o mutismo volta a reinar.

Retorno à sala de estar, e me sento num dos sofás em veludo. E, então, avisto algo que pensei nunca mais encontrar, *meu livro*. Consigo sorrir, pego-o na mão, notando que Egan o lia, já que uma das páginas está marcada. Depois de um dia como o de hoje encontro um motivo para me sentir alegre.

O tempo passa sem que Egan volte, deito-me no sofá recostando a cabeça em uma das almofadas e agarrada ao meu livro começo a sentir meu corpo mais relaxado, quem sabe pelo efeito dos remédios ou pelo banho quente ou então pela felicidade de ter meu item mais valioso de volta às minhas mãos. A questão é que, não perduro com os olhos abertos por muito tempo e adormeço.



*Corro pela minha vida, mas a areia fofa sob meus pés não colabora para que minha fuga seja bem-sucedida, olho por sobre os ombros e vejo ele se aproximar cada vez mais rápido.*

*— Ah, meu Deus! — clamo, colocando ainda mais força em minhas pernas.*

*— Eu vou pegá-la! — ele urra, diminuindo a distância entre nós.*

*Começo a chorar e sinto um dos meus pés afundar, olho para baixo e a areia fofa e branca já difícil de percorrer se torna pantanosa, ergo a cabeça encarando em torno e a paisagem praiana é substituída por uma área plana e abundante de vegetação densa, o sol desaparece e uma bruma intensa se aproxima vindo pelo horizonte, junto a ela o homem com a arma na mão sorri apontando-a contra minha cabeça.*

*— Eu disse que iria pegá-la, não disse? Assim você não entra mais aqui para bisbilhotar o que não é da sua conta.*

*Minhas pernas estão afundadas até acima dos joelhos e não há mais nada que eu possa fazer, aceito meu destino e fecho os olhos esperando o momento final. Quando sinto sua respiração em meu rosto e o bocal gelado da arma em minha testa, entendo que é mesmo o fim.*

*— Tchau! — ele diz e o som do tiro seco à queima roupa ecoa pelo ar.*

Desperto, sobressaltada e ofegante... e antes mesmo de abrir os olhos passo a mão pelo rosto e respiro fundo, buscando assimilar que não era real e sim um sonho. *Por quanto tempo eu dormi?* Abro os olhos e noto uma manta macia cobrindo meu corpo, afasto-a para o lado e me viro dando de cara com Egan sentado de pernas cruzadas no chão, com os olhos fixos em mim.

— Você me assustou! — falo, levando uma mão ao peito e me sentando em seguida.

— Você estava sonhando — afirma. Eu deveria estar me mexendo ou até verbalizando partes desse sonho ruim.

— Não era um sonho, era um pesadelo — murmuro, atinando para a faixa larga de sol que toma conta da casa.

— Quanto tempo eu dormi? — pergunto, olhando para a varanda da sala de estar.

— Desde ontem.

— Sêrio? — Coloco os pés para fora do sofá e toco o chão.

— Não quis te acordar quando voltei — diz, sem menção de se levantar.

— Obrigada por me deixar ficar. Eu... eu estou me sentindo melhor — informo, levando uma mão ao rosto e percebendo que meus lábios não estão tão inchados quanto ontem.

— Eu trouxe sua bolsa. — Ele aponta para o aparador encostado na parede. Vejo minha bolsa sobre o móvel e depois volto a olhá-lo. Apreendo que essa seja a dica para me dizer que meu tempo aqui terminou.

— Eu agradeço. — Saio do sofá e caminho até minha bolsa, colocando-a sobre os ombros e indico a saída. — Estou indo, obrigada de novo.

— Espera! — fala, erguendo-se do chão. — Você vai assim? — Seus olhos relanceiam sobre mim e eu faço o mesmo, atinando que estou descalça e usando apenas uma de suas camisetas.

— Eu... eu... encontrei no seu armário, não queria vestir minhas roupas outra vez, mas... eu... vou colocá-las... e ir. — Desencontro as palavras.

— Você pode ficar com ela, não tem problema. Mas quando voltei para cá e a vi usando minha camiseta, percebi que estava sem roupas e sai novamente para comprar algumas para você. Estão no quarto. — Egan pigarreia e tenta manter seus olhos no meu rosto, mas eles escorregam mais algumas vezes por minha silhueta e pernas desnudas.

— Eu vou... me vestir... — balbucio e saio apressada em direção ao quarto.

Ao entrar no cômodo vejo que ele dispôs sobre a cama uma calça jeans e uma regata de seda verde claro, além de uma sapatilha nova. *Como ele sabe o tamanho que visto e calço?* Elevo as peças e sob elas encontro um conjunto de calcinha e sutiã brancos ainda na embalagem.

— Ah, meu Deus! — Minhas voz soa alta e aguda e eu tapo minha boca, escondendo meu espanto.

*Quer vergonha!* Não acredito que ele me comprou peças íntimas. Recolho tudo da cama e sigo para o banheiro, trancando-me dentro. Encosto contra a porta, tentando me recuperar do choque de ter um homem me

comprando calcinhas e vejo sobre a pia uma valise que não estava aqui ontem, nela há todo tipo de itens de higiene.

— Ele pensa em tudo — murmuro, erguendo a valise e fazendo uso do que tem dentro.

As roupas me servem com perfeição, nem um ajuste se faria necessário. Fito meu rosto refletido no espelho e reparo que as marcas de dedos dos tapas que levei sumiram, e a única coisa que chama mais a atenção é o corte no meu lábio inferior. Mas que é fácil de inventar qualquer coisa sobre isso se alguém me perguntar. Recolho minhas roupas sujas do chão e as enrolo enfiando na bolsa.

Olho-me uma última vez antes de sair do banheiro e reúno toda a minha força de vontade para esquecer esse episódio assustador e seguir minha vida.

— É só continuar, Blanca. É só continuar — falo a mim mesma.

Volto para a sala de estar e dessa vez recomposta, ouço sons vindo da cozinha e antes de ir até lá, vou ao sofá e pego meu livro, colocando-o de volta em minha bolsa, de onde ele nunca deveria ter saído.

Na cozinha encontro Egan preparando algo no fogão.

— Eu já vou, obrigada pelas roupas, pelo sapato e... — omito a roupa íntima.

— Coma alguma coisa — diz, despejando sobre um prato uma porção generosa de ovos mexidos. O aroma atíça meu estômago e a fome que nem sabia que estava sentindo surge com determinação.

— Por favor, não se incomode. — Gesticulo com as mãos para dizer



que está tudo bem. Ele desvia o olhar do prato para mim e um esboço de sorriso surge em seus lábios quando me vê vestida com as roupas que comprou.

— Ficaram boas? — pergunta, limpando a garganta. — As roupas?

— Sim, sim... serviram direitinho... — respondo, apertando uma mão na outra.

Ele volta para o fogão e continua a cozinhar, percebo que há várias sacolas de mantimentos sobre a bancada de mármore. *Ele comprou tudo isso?* Lembrando que estava explícito que Egan nunca havia chegado perto daquele fogão.

— Senta! — diz, de maneira informal. Egan começa a alocar sobre a mesa um verdadeiro *brunch* e eu fico imaginando a que horas ele comprou tanta comida.

— Você não vai comer? — questiono, ao vê-lo ainda de pé.

— Não. — Ele se vira para a pia e começa a lavar a panela que usou para preparar os ovos.

Continuo com as mãos sobre as pernas. De repente, sinto-me constrangida e não consigo pegar nada da mesa para comer, parece esquisito que só eu coma enquanto ele lava a louça. Egan nota que estou sem me alimentar, ele seca as mãos e se aproxima da mesa.

— Ainda está com dor? Por isso não quer comer? — questiona, com um ar preocupado.

— É estranho comer sozinha — falo, entre um sorriso tímido.

Seu cenho franze e ele pensa por alguns segundos, arrastando uma cadeira a seguir. Sem solenidade Egan separa uma porção dos ovos, uma fatia de mamão, além de se servir de um farto copo com suco de laranja.

Ele mastiga com vontade e indica que agora é minha vez. Começo a me servir, comendo de um tudo um pouco. Quando finalizo, sinto que não me cabe nem uma gota de água.

— Você está bem? Sente-se bem agora? Sem dor? — ele indaga, cruzando as mãos sobre a mesa.

— Sinto-me muito melhor. Muito mesmo, obrigada.

Egan baixa a cabeça e mexe em seus dedos, depois inspira o ar profundamente, ficando em silêncio por alguns segundos. Começo a imaginar que ele tenha algo de importante para me dizer e saio do estado de relaxamento pós uma refeição agradável para o medo de que algo ruim esteja para me acontecer outra vez.

— Por que estava lá ontem? O que alguém como você tinha para encontrar lá? — indaga, voltando a fixar os olhos em mim, dessa vez eles estão mais estreitos que o de costume, como se exigissem a verdade a qualquer custo.

— Estava procurando Carlito — respondo, sem ter nada a esconder.

— O garoto... — sussurra.

— Eu sou professora no Esperanza, ele era um dos alunos. Carlito disse que voltaria e não voltou, conversei com a coordenadora na escola, mas ficou claro que elas não tinham ferramentas suficientes para ir atrás de todas as crianças que deixam de ir à escola. Então...

— Então você resolveu entrar e procurar por ele você mesma. Sozinha?

Franzo os lábios ao perceber o tom cáustico em sua última frase.

— Ele é um aluno, eu sou uma professora — falo, arrematando a conversa.

Egan estica os lábios e sorri, inclinando a cabeça em seguida.

— Qual é o seu problema, Blanca? Se quer tanto entrar nesse mundo, me avise que te coloco do jeito certo. Do jeito que está fazendo, vai levar um tiro antes do mês acabar e eu não sei se da próxima vez estarei por perto para te ajudar.

Entreabro os lábios, admirada com sua colocação e sacudo a cabeça em negativa repetidas vezes.

— Eu não quero, não quero esse mundo! Só quero ajudar aquela criança! — contraponho com firmeza.

— Não é o que parece, nem dez anos atrás e nem agora — ele rebate, dobrando o corpo sobre a mesa para se fazer mais enfático.

— Eu fui até lá procurar Carlito — contesto pela última vez.

— Você não pode ser tão ingênua. Não pode achar que vai entrar e caminhar livremente, não sendo uma moradora e ainda por cima levando um dos garotos pela mão.

Aperto os olhos e baixo a cabeça, entendendo seu ponto. Concorde que foi imprudente.

— Ele não tem ninguém. A mãe foi embora e o vendeu para aqueles

homens. Como aquele garoto consegue ainda sorrir eu não sei — expresso, sentindo meus olhos enuviarem diante de tamanha consternação. — É mais forte que eu, não consigo olhar e não fazer nada, não consigo... — falo, desvendando sua face, à espera de que compreenda o dilema que todos ali vivem, que aquela criança tão pequena vive.

O semblante dele suaviza e seus olhos e lábios cedem como se sentisse a mesma tristeza da qual eu narro.

— Eu entendo que não posso fazer isso sozinha, mas ele é só uma criança, como a mãe o pôde deixar para aqueles homens, que tipo de mãe faria isso? — continuo em minhas indagações, enfurecendo-me com a situação de Carlito e de tantas outras crianças na mesma condição.

Egan se levanta e empurra a cadeira para trás, derrubando-a no chão. Silenciando-me de imediato.

— Uma mãe que não teve escolha, Blanca. Uma mãe que sabia que aquela era a única maneira de manter a si e os próprios filhos vivos. É esse tipo de mãe que ela provavelmente é — rebate, irritado.

Egan nota que tenho meus olhos arregalados e estou agarrada a minha bolsa. Ele aperta os lábios, desviando os olhos de mim.

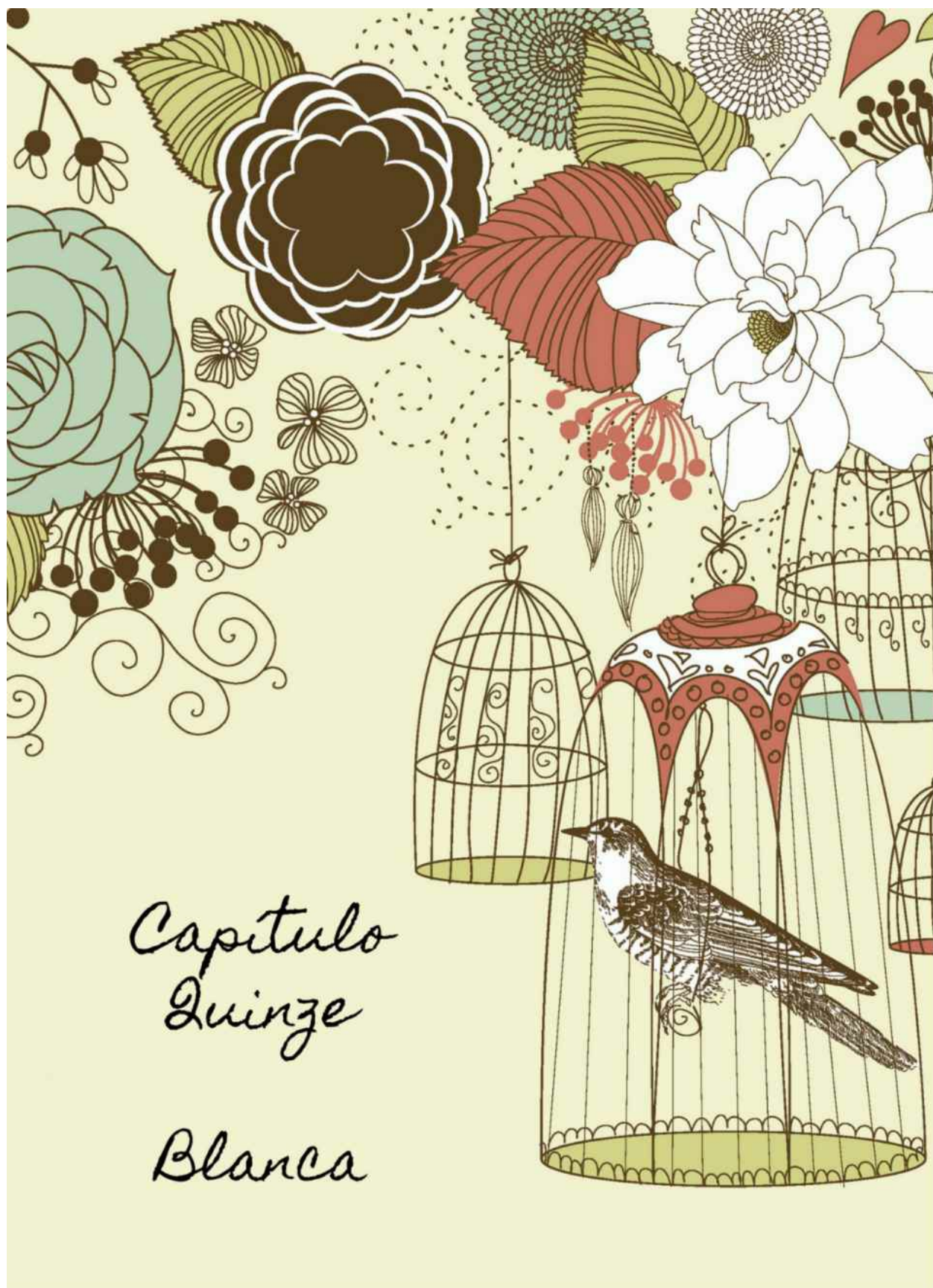
— Desculpa — diz, num tom baixo, segurando sua raiva — Eu só... eu só não...

Deduzo que talvez algo equivalente tenha acontecido a ele, que também não teve escolha para estar onde está, e meu coração quebranta de vez dentro do peito. Quando o vi dez anos atrás estava claro como um céu aberto numa tarde de outono que Egan estava ali contra sua vontade, e agora... Ah, Deus! Ainda agora ele é um pássaro preso, assim como diz a

carta que deixou sobre meu travesseiro.

Sem nada mais a dizer, levanto-me e saio de sua casa.





Capitulo  
Quinze

Blanca

Assim que estou na rua olho para o andar do prédio imponente e luxuoso onde Egan vive. Pela primeira vez desde ontem, tiro meu celular da bolsa e me espanto que ele ainda tenha bateria, encontro uma mensagem de Pablo dizendo que seu dia foi puxado e que as crianças de sua turma o deixaram com enxaqueca, ele se desculpa dizendo que não poderíamos nos ver, que está indo direto para casa se deitar.

Não me surpreendo ao constatar que Egan respondeu a mensagem dizendo para ele tomar algum remédio e dormir, que nos veríamos no dia seguinte à noite.

A manhã está quase no fim e eu pondero sobre a minha classe sem professor, a coisa deve ter ficado além de caótica, não tive condição e nem tempo de avisar à escola que não iria trabalhar hoje. Marcho devagar, sem pressa para chegar a lugar nenhum. Apenas ando, sem rumo, sem compromisso, tendo apenas meus pensamentos para me fazer companhia.

Como em meu sonho, concebo que o mundo se tornou um lugar difícil de caminhar. A impressão que tenho é que pisamos sobre um solo pantanoso, com nossos pés afundando na lama escura até nos enterrar a cintura, deixando somente o suficiente para respirar, mas não o suficiente para seguir em frente. Como é que uma pessoa que nem mesmo sabe que lhe faltam as pernas, entenderá quando alguém lhe oferecer as mãos?

Se dez anos atrás minhas mãos tivessem sido fortes o bastante para Egan, se ainda ontem elas tivessem sido fortes o bastante para Carlito, talvez eles percebessem que estão afundados nessa lama. E quem sabe teriam força para sair desse pântano que o nosso mundo se tornou.

Meus passos seguem morosos pelas ruas até que me flagro no meio da



praça principal, decido me sentar num dos bancos vazios e observo as crianças brincando com seus pais, mães, avós... Sorrio ao vê-las felizes e inocentes, sem se darem conta de tantas outras que não têm a mesma sorte, tantas outras que nem mesmo sabem o que é brincar, infâncias roubadas à mão armada, sem piedade, sem consolo.

Não consigo pensar em crime maior que o de ceifar o futuro de uma criança. Egan tem razão, quem sou eu para julgar a mãe de Carlito, quem sou eu para dizer o que aquelas pessoas passam, o que vivem, o que veem.

*Quem sou eu?*

Enterro meu rosto entre as mãos, compreendendo a minha insignificância no mundo, e enfim entendo como meus braços são curtos para alcançar todos eles, que minha vontade de fazer a diferença para os outros é pouca. É muito pouca quando se está sozinha.

— Está chorando outra vez? — Ouço ao meu lado e ergo a cabeça. Encontro Egan sentado, com o olhar nas crianças que correm e riem pela praça.

— Não — murmuro, encarando seu perfil.

— Por que ainda não foi para sua casa, Blanca? — Meu nome desliza com doçura de seus lábios e ele foca os olhos em mim.

— Tenho o dia livre — digo, dando de ombros.

— Não tive oportunidade de dizer antes, mas Pablo passou mensagem e eu... — profere, desviando.

— Você respondeu. Eu sei, eu vi. Está se tornando um hábito... — sussurro, voltando meu olhar para as crianças no parque.

— Achei que iria preferir que eu o respondesse dessa maneira a dizer a verdade, não? — ele indaga.

— Por que está aqui? — pergunto, voltando a mirá-lo. Dessa vez é ele quem dá de ombros.

— Tenho o dia livre — repete minha fala.

— E pretende passar comigo? — investigo, elevando as sobrancelhas.

— Não, é claro que não! — diz, levantando-se do banco para ir embora.

— Espera! — apresso em dizer e ele para, olhando-me sobre os ombros. — Você pode me acompanhar até em casa? — demando. Egan olha ao redor mordendo um canto da boca, e como se eu tivesse lhe pedido exatamente o que queria. Ele acena com a cabeça em concordância.

— Meu carro está ali — avisa, indicando o outro lado da rua.

— Você se incomoda se formos andando? — A expressão sempre desconfiada de Egan dá lugar a uma com traços mais suaves e condescendentes.

Levanto do banco e caminhamos lado a lado, ele enredado por seus pensamentos e eu pelos meus, mas o simples ato de coordenar nossos passos e seguir em silêncio é suficiente para que eu me sinta segura e reconfortada.

Assim que entramos na minha rua, encontro dona Carmen descansando em sua habitual cadeira, à medida que observa a movimentação da rua. Passo por ela com Egan ao meu lado e ela nos cumprimenta.

— Seu amigo voltou? — ela diz, sorridente.

— Ele é... um dos professores lá no colégio e vamos terminar uns... é... uns planos de aula. — Nem sei o porquê, mas me pego dando explicações a ela.

Egan ergue uma mão e acena para dona Carmen e continuamos a andar até estar na porta da minha casa.

— Como ela sabe que já estive aqui? — Ele pergunta, olhando para trás.

— Ela sabe de tudo — respondo, abrindo minha porta e dando-lhe espaço para entrar.

Por um segundo eu penso em dizer “*olha, essa é a minha casa, não repara na bagunça*”, porém abduco do pensamento ao lembrar que ele inclusive me colocou na cama.

— Não é como o seu apartamento... — articulo, puxando conversa.

— Aquele apartamento não é meu — responde, austero.

Franzo os lábios.

— E de quem é? — pergunto, mas não sei se quero saber a resposta.

— Nolasco — diz de uma maneira que deixa claro que o nome que sai de sua boca lhe causa repugnância.

— Você quer água? — Demudo o assunto, já que fizemos uma longa caminhada.

— Sim.

Retorno com sua água e ele se senta numa das poltronas na minha

sala. Nunca comprei um sofá, primeiro pelo espaço que é pequeno e segundo porque vivo sozinha e não achei que era algo indispensável. Egan toma toda a água e então respira, voltando-se para mim.

— Blanca, me desculpe. Eu não queria ter assustado você...

— Eu não me assustei — começo dizendo. — Bom, na verdade, um pouco. Mas depois percebi que talvez... é... eu não deveria ter falado daquela forma da mãe de alguém — finalizo, com meus ombros caídos, denotando a derrota que minha alma amarga.

— Você foi corajosa — diz, fitando-me com resignação.

— Aquele homem disse a mesma coisa — rebato, soltando um riso abafado.

— Você é corajosa por ainda olhar para pessoas como eu e ainda mais corajosa por enxergar crianças como Carlito. Elas são na maior parte do tempo invisíveis, todo mundo prefere fingir que não existem, passam direto quando elas oferecem suas balas para vender ou quando andam sozinhas pela cidade, ninguém as nota e quando nota é para enxotá-las de onde quer que seja.

Nosso olhar se nutre um no outro, o dele sustentado pela dor, o meu pela esperança.

— Nossa sociedade é mesmo cruel — falo, por fim. Tendo total consciência de quão verdadeira é minha afirmação, tendo eu mesma sofrido com ela por muitos anos da minha vida.

— É assim que é.

Estudo cada traço de seu rosto, cada detalhe, tentando entender o que

aconteceu com ele todo esse tempo em que vive para Nolasco. Contudo, é impossível saber sem que ele me diga.

— O que aconteceu, Egan? Por que você ainda está com ele? — questiono.

Egan suspira e olha para o alto.

— É assim que é — reproduz.

— Você não é como aqueles homens, não é como Trovão ou o tal Grandão, tampouco é como Nolasco, então, por quê? — minha voz clama por uma elucidação que me faça entender como ele ainda continua nesse mundo criminoso.

Só de olhar para Egan, só de estar ao seu lado é possível constatar que nem de longe ele se equipara aos outros, nem dez anos atrás e nem agora.

— Não importa a razão. Cada um de nós têm uma, inclusive eles. Cada um acha que seus motivos são os certos, cada um acha que seus pretextos justificam os meios pelos quais vivem — ele faz uma pausa —. E não se engane, Blanca. Eu sou como eles. Quando é necessário, sou exatamente como eles — finaliza.

A forma como diz o final da frase faz os pelos do meu corpo encrespam.

— Eu não acredito que seja, não acredito que distribua tapas em mulheres pela rua. Eu não acredito! — respondo, inflexível.

Egan fecha os olhos e sorri, um sorriso abatido e desesperançado.

— Sua memória é passageira tanto quanto sua coragem é duradoura

— murmura, ainda de olhos fechados. — Sequestrei você, dopei você, amarrei você, tranquei você...

— E me salvou — concluo.

Ele abre os olhos e me fita por um longo tempo.

— Se você não fosse quem é, se fosse alguém enviada para me pegar, talvez não estivesse aqui, Blanca. Talvez ainda estivesse naquele quarto, mesmo sendo uma mulher.

Ele não tira os olhos de mim e termina de falar usando um tom tão baixo e sereno que me causa arrepios ainda mais profundos.

*Estou me enganando?* Achando que ele está nesse pântano até a cintura, quando na verdade está até o pescoço?

— Você já matou alguém? — pego-me perguntando, entretanto, arrependimento me atinge logo em seguida. — Não responde, eu não quero saber! — profiro, elevando uma mão.

— Por que você quer saber dessas coisas, Blanca? Por que continua aparecendo no meu caminho? — sua pergunta é quase um clamor.

— Dessa vez, foi você quem apareceu no meu — pondero, tão baixo quanto um segredo.

— Eu não estava lá para você, tinha ido buscar uma encomenda das mãos do garoto que *você* tinha ido salvar. Foi o acaso que me colocou ali. Essa é a verdade sobre mim, sou tão ruim quanto eles.

Cada palavra que sai de sua boca é como uma lança perfurando minha carne. Estamos sentados lado a lado, nem trinta centímetros nos separam e

nossas vozes podem ser sussurradas que mesmo assim conseguiremos nos ouvir. Sua presença é dominante, e seu olhar perscrutador me dá a dimensão de onde ele pode ter chegado, sua voz grave e rouca é como um aviso constante para manter distância. E mesmo sabendo de tudo isso, por que eu o trouxe até aqui? Por que não consigo dizer para ele ir embora? Por que quero saber tudo o que envolve sua vida?

— Por que está com eles, Egan? Qual é a sua razão? — inquiri, determinada.

Ele meneia a cabeça de um lado para o outro e eu continuo:

— Eu tinha uma quando fui até Nolasco, era ter dinheiro para comprar o que faltava dentro da minha casa, estava cansada de ver minha mãe se matar de trabalhar e não conseguir nem mesmo comprar leite ou manter a energia elétrica funcionando, estava cansada de não ter roupas que me servissem, cansada de uma vida de precisão e pobreza sem conseguir ajudar minha mãe que estava quase morrendo de exaustão. Foi por isso que fui até Nolasco naquele dia, eu queria um trabalho que me pagasse rápido, mesmo sabendo das consequências que aquele lugar me traria.

Egan me escuta com atenção.

— Você continua achando que isso é trabalho? Mesmo dez anos depois? Ainda acha que o que fazemos pode ser classificado como *trabalho*? — ele inquire, unindo as sobrancelhas e inclinando a cabeça para a frente.

— Não, eu não acho, eu quis dizer que... — tento me corrigir.

— Blanca, tem alguma ideia de como *eu* queria estar no seu lugar? — ele fala, descansando a mão em seu peito. — Como *eu* queria dizer para todo mundo que tenho um trabalho que me desse a liberdade de ir e vir, a

liberdade de dizer para todo mundo o que eu faço. A liberdade de poder andar de cabeça erguida pela rua. Nunca mais diga que isso é um trabalho, porque não é. — Ele recosta na poltrona, sua expressão denota a lassidão de toda uma vida, a lassidão de uma alma aprisionada e torturada.

— Sei que não é um trabalho, Egan — murmuro, com os olhos apertados. — Só estava contando os motivos que me fizeram ir até Nolasco dez anos atrás, eu tinha apenas quinze anos quando vi você naquele lugar... — abro meus olhos e miro sua face. — Se você continua preso naquela gaiola, quais são as suas razões, Egan? — questiono, sentindo minha energia terminar. — Eu sei que muitos não podem sair, sei que muitos até gostam de viver uma vida bandida. Mas por que você não pode sair? Você não é como eles.

Egan dobra o corpo para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e encara os próprios pés. Ele permanece em silêncio por algum tempo, e quando estou prestes a desistir, ele começa a falar:

— Eu não tive escolha — diz e ergue a cabeça. — Assim como Carlito, não tinha outro lugar para mim.

Egan respira fundo.

— Meu pai fazia entregas para Nolasco, esse “*trabalho*” levou minha família do céu ao inferno em apenas um mês, porque ele perdeu uma das cargas para uma facção rival... Eu tinha onze anos, não sabia o que meu pai fazia na época, era só uma criança como outra qualquer, como aquelas que vimos na praça. Não sabia que existia um mundo escurecido, não sabia que as trevas rodeavam a minha casa...

Egan aperta os olhos, como se o momento regressado à sua mente lhe



causasse extremo sofrimento.

— Nolasco e mais alguns de seus homens invadiram a casa onde eu vivia com minha família. A ideia inicial era matar todos nós como punição pelo deslize do meu pai. Lembro como se fosse hoje, o horror, os gritos, o medo, o choro compulsivo e desesperado diante da morte. Meu pai sabendo que Nolasco tinha uma propensão maior a aliciar os mais jovens me ofereceu a ele, descrevendo em mim uma infinidade de qualidades... — Egan me encara depois de uma pausa. — Em troca, ele pouparia minha mãe e irmão.

Pego-me balançando a cabeça em negação, com o coração atormentado diante dessa tragédia.

— Foi o jeito que ele encontrou de salvar ao menos a gente, porque ele sabia que seu fim era naquela noite. E, bem ali, diante dos nossos olhos, Nolasco o matou com cinco tiros.

— Não... — sussurro, descrente.

— Nos primeiros meses em que eu estava com Nolasco, ainda podia falar com minha mãe e irmão, era bom conversar com ela, eu ficava mais calmo sempre que ouvia sua voz. Mas Nolasco gostou mesmo de mim, eu entendi rápido o que aquele lugar era e como funcionava, logo eu era o menino prodígio do bando.

— Gostou? — questiono, lembrando o estado em que ele estava naquela gaiola, como alguém que gosta de outro o surra daquela maneira.

— O gostar dele não é como o de pessoas comuns, Blanca. Ele me viu como alguém que poderia ser treinado a seu gosto, eu seria como ele queria que eu fosse, e para isso o contato com minha família tinha que acabar. Desde então, sou como um filho para ele.

— Filho? — Não consigo esconder o assombro em minha voz.

— É difícil explicar, mas não é como um filho de verdade. Eu sou alguém treinado para substituí-lo. Se algo acontecer a ele... se Nolasco for preso ou morto, *eu* assumo os negócios. Não estou em Volar à toa, sei o que ele quer de mim, sei exatamente por que estou aqui. — Sua voz segue como um sopro fraco.

— Por que está em Volar? — não consigo suprimir a pergunta.

— Para aliciar meninos, assim como ele fez comigo. Assim como ele fez com tantos outros espalhados por todos os lugares onde têm negócios e comandos. É para isso que estou nessa cidade. Para ele quebrar a minha última fraqueza.

Fecho os olhos e sinto meu coração parar de bater. É como se o mar se abrisse entre nós, como se ele estivesse no hemisfério Norte e eu no Sul e não nos fosse permitido cruzar a linha invisível que nos divide. Porque mesmo oculta, essa linha nos faz estar em lados opostos.

Meu objetivo é *salvar* esses garotos. O objetivo de Egan é *destruir* suas vidas.

— Não, não, não! — falo, repetida vezes, recusando a acreditar que apesar de estar com Nolasco Egan vá praticar tamanho mal.

— Eu disse que sou como eles — insiste, aceitando com pacacidade o destino que lhe foi traçado.

— Não, Egan!

Sinto meus olhos embaçarem e mesmo tentando esconder as lágrimas que se formam no canto deles, não consigo segurá-las por muito tempo.

— Você não é como eles. E é por isso que ele te mandou aqui, para te testar. Porque Nolasco sabe que você não é como eles. Ele quer imbuir essa ideia na sua cabeça, quer que você acredite nessa mentira.

— Não faz diferença, faz? — ele pergunta, dando de ombros.

— Onde sua família está? — pergunto, quase sem ar.

— Nolasco os escondeu em algum lugar.

— Egan... será que eles ainda estão... — não consigo terminar a pergunta.

— Sim, estão vivos — articula veemente. — Ouvi ele falar com a minha mãe tem mais ou menos um ano. Ele faz isso, mas não me deixa falar, minha família é a garantia para eu continuar fazendo o que ele manda. — Egan para por um instante e me olha com determinação. — Ele não precisa imbuir nenhuma ideia na minha cabeça, Blanca. Para manter minha mãe e irmão vivos, faço o que for preciso — finaliza, baixando a cabeça.

O que posso dizer nesse momento? Uma criança ceifada dos braços da mãe. Alguém que cresceu aguentando todo tipo de amargura e sofrimento tendo um único objetivo, proteger a família. É um fardo pesado demais para as costas de um garoto.

Egan volta a me olhar, como se esperasse de mim uma nova pergunta. No entanto, não há mais o que perguntar. Saio da poltrona e vou até minha bolsa, abrindo-a.

— Esse livro é meu, achei no seu sofá, e sei que estava lendo porque tem uma página marcada. Confesso que fiquei muito brava quando você o roubou de mim...

— Eu não roubei nada de você, o encontrei no assoalho do meu carro.  
— Ele se defende, enrugando a testa.

— Achei que... — faço uma pausa. — Não importa, esse livro é meu amuleto da sorte, Egan. Ele é muito importante para mim, muito mesmo. Eu o ganhei do meu professor numa época em que minha vida só parecia piorar. Ele está sempre na minha bolsa, em momentos difíceis eu o abro e releio algum trecho. Faz eu lembrar que a vida é pesada e que em muitas vezes faz a gente cair de cara no chão, mas dias ruins também podem ficar para trás. É um presente, quero que fique com ele. — Vou até Egan e coloco meu livro em suas mãos. Ele o encara e suspira, folheando suas páginas.

— Eu... obrigado, Blanca! — diz ele, exibindo um lampejo de sorriso.

— Você pode escapar, Egan — discorro, impetuosa. — O primo do Pablo é detetive... — começo a dizer, ajoelhando-me no chão à sua frente.

— O quê? — ele inquire, chocado.

— Se eu falar com o primo de Pablo e sondar uma maneira...

— Blanca...

— Tenho certeza de que ele pode nos dar um caminho, se você disser os nomes da sua mãe e irmão, ele pode tentar localizá-los e...

— Blanca...

— Sim — atendo-o, parando de falar.

Ele se aproxima, ficando a uma distância mínima do meu rosto. Ele me estuda com atenção. Uma de suas mãos se move, e suavemente seus dedos resvalam em minha face, desde minha bochecha até meu lábio cortado.

— Você é mesmo corajosa — sussurra.

Meu peito arfa diante de sua proximidade, sinto como se meu coração estivesse a ponto de pular do peito tamanha a força de suas batidas. O olhos de Egan acompanham o desenho que traça sobre minha pele.

Estática, não ousou mexer nem mesmo um músculo. Porque nesse momento impensado, não quero que sua mão se afaste, quero que ele continue a circundar meu rosto.

— Eu queria mesmo que você tivesse esse poder — ele articula, colocando uma mecha do meu cabelo curto e desordenado para detrás da orelha.

— Se a gente... — volto a falar, sem a mesma determinação de antes. Quem sabe por que eu esteja afetada pela proximidade de seu rosto contra o meu?

Eu discirno cada traço dele, desde a barba por fazer que se molda no maxilar anguloso, as sobrancelhas emoldurando os olhos estreitos e misteriosos, os lábios entreabertos se parecem com um coração tamanha a harmonia entre eles.

— Você não tem, Blanca. Não tem poder para salvar todas as vidas que encontra pela frente, nem todas as grades podem ser quebradas — diz, ainda com a mão no meu rosto, seu olhar se alimenta no meu, magnetizando-me.

Devagar sua mão cede e a distância volta a nos apartar. Ele encara o livro mais uma vez e se levanta com ele nas mãos, saindo da minha casa.





Capitulo  
Dezesseis

Egan

Apressado, caminho pela rua para regressar ao meu carro, ignorando as pessoas que marcham contra mim, ambicionando estar o mais rápido possível afastado da sensação de formigamento que me percorre.

Ao entrar, descanso a cabeça no banco e solto o ar. Desde que coloquei os pés para fora da casa de Blanca, sinto como se estivesse segurando a respiração, ou melhor, sinto como se todo o ar do mundo tivesse desaparecido.

Baixo a cabeça e encaro o livro que me deu, em seguida o seguro firme contra o peito. Agarrado a essas folhas, tento entender a razão de tê-la tocado. Por que minhas mãos foram até sua face? E de onde veio aquele comichão que se iniciou na ponta de meus dedos e ganhou força se alastrando para todo o meu corpo?

Abro e fecho a mão, buscando perceber que sensação foi essa. Que efeito é esse que sua presença me causa? Eu devo estar louco de ter saído atrás dela e ainda mais louco de ter andado com Blanca pelas ruas em plena luz do dia. Como se eu fosse um homem comum, alguém que pode se dar ao extravagância de passear ao lado de uma mulher pela cidade.

Aperto os olhos e sacudo a cabeça tentando realocar o juízo de volta à minha mente.

— Mas que merda, Egan! — brado, abrindo o olhos e respirando fundo.

Já não basta o que fiz com Grandão? Se ele resolver contar o que aconteceu a Nolasco, como vou explicar quem é Blanca? A minha sorte é que Grandão acha que ela faz parte do nosso grupo. Mas e se isso mudar? Posso



ter colocado Blanca num perigo maior. Voltando a ter um mínimo de senso, decido que o melhor é tirar isso a limpo, ir até Nolasco e checar como as coisas estão, o caderno com as finanças de Grandão que Carlito me trouxe é uma boa desculpa para aparecer por lá e colocar o financeiro da facção em dia.

Olho para o livro que Blanca me deu e penso que ele é o mais perto de um presente que recebo desde que tinha onze anos, com cuidado o coloco dentro do porta-luvas. Em seguida, piso no acelerador e dirijo sem olhar para trás.

Mantenho minha atenção na estrada, contudo, meus pensamentos retornam à Blanca, desde o momento em que a resgatei até pouco tempo atrás. A visão dela deitada no sofá vestida somente com uma das minhas camisetas... só o pensamento me faz querer gemer. Ela é tão bonita que fiquei em dúvida se não era a própria representação da deusa Vênus<sup>[3]</sup> quem dormia ali.

Eu não pude cair no sono, nem um minuto, sentei-me no chão ao seu lado e lá fiquei por toda a noite. Acompanhei cada mexida, cada murmúrio, cada lamentar que proferiu durante a noite.

*Merda!* Só de lembrar de quão angustiante era seu sono, minha vontade é voltar e acabar com aquele desgraçado do Trovão. Aperto o volante com mais força sentindo o sangue em meu corpo circular com mais pressão, deixando-me furioso pelo que fizeram a ela.

Balanço a cabeça frenético para afastar a imagem de Blanca da minha mente, mas é inútil, tão inútil quanto ela achar que sou melhor que Grandão ou Trovão, somos farinha do mesmo saco, somos da mesma laia.

*Blanca está errada, eu não sou diferente, eu não sou melhor.*

Solto uma lufada de ar ao lembrar dela me dizer que conhece um detetive. O quão ingênua é para me propor algo assim? Quer que eu vá a polícia? Eu? O que ela pensa que aconteceria à minha mãe se Nolasco apenas sonhasse com algo assim?

Ao mesmo tempo, penso que se fosse possível... se uma saída fosse real, se essa saída estivesse ao alcance das minhas mãos. Se ao menos eu soubesse onde minha mãe e irmão estão e quem os vigia...

Ainda que tudo isso fosse possível, os crimes que cometi continuariam em minhas costas, eles não seriam apagados, os anos e anos a serviço daquele desgraçado não mancham só a minha vida, eles mancham a minha alma e se vida após a morte existir, eu sei que as próximas serão de penitência por tudo o que fiz a mando daquele maldito.

Dou seta no carro e saio da estrada, parando no acostamento, encubro o rosto e procuro afastar de vez todos esses pensamentos acerca de liberdade. Eu tentei tantas vezes no passado, e em todas as vezes eu fui parar naquela gaiola abominável. Os castigos cada vez mais cruéis que por fim me tornaram no que Nolasco sempre desejou, o corpo docilizado e treinado para ser seu sucessor.

Inspiro e expiro profundamente, levando minhas mãos de volta ao volante e visto a máscara da impassibilidade que me mantiveram vivo até aqui. Volto a dirigir, e pouco tempo depois estou estacionado na casa luxuosa com grandes jardins. Saio do carro e encontro Ramiro parado no gramado conversando com um dos seguranças da casa.

— O que está fazendo aqui? — ele pergunta, cumprimentando-me

com um aperto de mão e um tapa nas costas.

— Nolasco está aí? — questiono, tornando ao carro para pegar o caderno com a contabilidade do Grandão.

— Sim.

Ergo a cabeça observando a casa que vivo há tanto tempo, mas que nunca chamei de lar. O tempo que estou fora só me mostra como eu detesto voltar para esse lugar abjeto, tão diferente da vila repleta de casas coloridas e alegres onde Blanca vive.

— Você conseguiu? — Ramiro indaga curioso, erguendo uma sobrancelha.

— Ainda não — respondo, sabendo a que sua pergunta se refere.

Todos eles devem estar ansiosos para saber quando vou trazer os garotos ordenados por Nolasco, se vou passar por cima da minha própria história para destruir a história de outros jovens.

— E por que está aqui?

— Saudade — profiro, indolente.

Ramiro ri, e logo olha para os lados para ter certeza de que ninguém ouviu seu descuido temporário. Ninguém ri nessa casa. Ela carrega sangue demais para que tenhamos qualquer motivo para esticar os lábios.

Bato em seu ombro e sigo em frente, dando de cara com vários outros homens que trabalham para Nolasco, os *embustes* que acham que minha vida é um mar de rosas, que cobiçam meu posto como um abutre à espera do último suspiro de seu jantar.

Aceno com a cabeça para todos os que encontro e ando pelo corredor até estar em frente à porta dupla que abriga o escritório de Nolasco. Se ele souber o que aconteceu com Grandão não vai esconder, ele não aguentaria. Não deixaria para depois a oportunidade de me punir.

Respiro e me preparo para o pior.

Bato à porta.

— Entre — ouço.

Dou de cara com Nolasco sentado em sua cadeira com as mãos cruzadas sobre a mesa.

— Que surpresa! — profere, abrindo um largo sorriso. O mesmo que ele usa em suas negociações quando consegue faturar milhões num negócio arriscado ou quando atira a sangue frio contra a cabeça de alguém que lhe cause prejuízo. Não há diferença, a crueldade lhe satisfaz tanto quando o dinheiro.

— Peguei a contabilidade de Volar e trouxe para acertar, não quis ficar com algo assim num lugar que não fosse seguro — minto.

— Seu apartamento é seguro, não precisava ter vindo até aqui para isso — rebate.

— Não conheço aquele lugar, aqui eu conheço — contesto.

Nolasco sustenta as mãos cruzadas por mais algum tempo e analisa minhas palavras.

— Tudo bem, desde que volte e cumpra seu trabalho. O tempo está passando.

Aceno concordando e ele se levanta, dessa vez numa postura mais relaxada.

— Aproveite que está aqui e coloca em dia a contabilidade geral, vou precisar fazer uns pagamentos no final de semana e não confio nos outros para mexer na papelada — fala, parando ao meu lado e apoiando uma mão em meu ombro.

— Claro — respondo, sentindo seu toque arder como ácido.

— E como são?

— Quem? — Minha pergunta soa um pouco mais nervosa do que eu gostaria.

— O pessoal de Volar. Não quero me envolver numa facção em guerra interna, preciso saber se eles são tão organizados e fechados quanto dizem.

— Sim, eles são — respondo, ainda com sua mão em meu ombro.

— Ótimo! — diz, afastando-se.

Eu continuo parado, esperando por uma nova pergunta ou comando.

— Vá! Tome um banho e descanse. É bom que esteja aqui hoje, jantaremos juntos mais alguns convidados. Amanhã você organiza as contas e assim que acabar volta para Volar.

Aquiesço e saio, respirando aliviado por aparentemente ele não saber sobre Blanca.

Abro a porta do meu quarto e olho ao redor, tudo está como sempre foi, a ostentação sem limite, os tapetes em pele de carneiro, os móveis em

madeira maciça, os eletrônicos de última geração, as roupas de cama em algodão de procedência egípcia. Encosto contra a porta e baixo a cabeça, cansado de tudo isso, exausto desse lugar.

Com o caderno que trouxe de Volar em mãos vou até o posto onde trabalho organizando as contas. Seguindo a mesma decoração do quarto, esse canto funciona como o meu escritório na casa, munido de uma escrivaninha, uma cadeira em couro, computador, telefone e um cofre de chão, as únicas pessoas que conhecem a senha dessa caixa-forte são Nolasco e eu.

E apesar dos aparelhos serem os mais modernos do mercado, o cofre segue os conceitos mais tradicionais, com as paredes concretadas e abertura mecânica. Abaixo-me em frente a ele e começo a girar os números de um lado para o outro até escutar o destrave.

Dentro dele está toda a vida criminosa de Nolasco, desde o tráfico de drogas, roubo de carga, contrabando de armas e mercadorias e mais uma infinidade de crimes que comete para conseguir seu dinheiro.

Quando era mais novo me perguntava por que a polícia nunca o pegou, como isso seria possível com um homem que comete sem medo seus delitos. Até que aprendi que o dinheiro compra não todas, mas a grande maioria das pessoas, inclusive a polícia. Nolasco sabe onde colocar seu dinheiro para manter os olhos da lei vendados e seguir adiante com seus crimes e quando se torna inevitável que alguém vá para a cadeia nessa organização, nunca será ele, e sim alguém abaixo, um desses caras como o Grandão. A prisão desses homens causa um estardalhaço na televisão, mas nem de longe é o caminho para acabar com o crime.

Ligo meu computador que é unido em rede ao de Nolasco e começo a aprontar a contabilidade, abro o caderno de Grandão e apesar de ser um modo

rudimentar de controle, é muito eficaz. Esses cadernos têm cada centavo calculado, e tanto as pessoas, quanto o dinheiro e as mercadorias são descritos em códigos, protegendo os envolvidos.

Se um desses cadernos cair na mão da polícia, sua equipe terá muitos meses de trabalho para conseguir decifrar o que está escrito, isso se conseguir. O que para mim não é nenhuma dificuldade, porque além de ser formado nessa matéria do crime, Nolasco também me fez estudar administração numa universidade, para que eu pudesse fazer seu dinheiro crescer e prosperar cada vez mais.

As horas passam e eu continuo a transcrever e montar relatórios com gráficos e tabelas que facilitem o entendimento de Nolasco nas transações com as facções, além das transações bancárias internacionais para onde a maior parte do seu dinheiro é enviado.

Paro por um instante e esfrego meu rosto, descansando da infinidade de números que me saltam aos olhos. O telefone toca no canto da escrivaninha e eu estendo o braço para atendê-lo, a governanta diz que Nolasco me espera.

Levanto e abandono os números partindo para mais um jantar que vai cambalhotar em meu estômago por dias. Assim que entro na sala de jantar, encontro Nolasco e seus convidados, reconheço-os de imediato, são outros chefões do tráfico e contrabando de armas. A elite que comanda cem por cento do crime organizado no país.

Cumprimento-os apertando-lhes as mãos e me sento no lugar a mim reservado ao lado de Nolasco. A comida é servida numa mesa posta com elegância, como se estivéssemos num jantar oferecido pela realeza britânica. Porém, a verdade, é que a escória do mundo está aqui se divertindo com suas

taças de champanhe francês.

Limito-me ao silêncio, e de vez em quando emito um sorriso de pouca ênfase para fingir que estou ouvindo o que dizem.

— Assim como eu, logo vou me aposentar. — Nolasco diz e os pelos do meu braço eriçam.

— E os negócios? Você tem muitos em andamento? — Outro pergunta.

— Faz tempo que quero morar numa praia caribenha e gastar o dinheiro que tenho, enquanto isso Egan ficará gerenciando meus negócios — Nolasco diz, levando um garfo à boca.

— A melhor coisa que fez foi adotar esse garoto. — Um deles fala, erguendo sua taça.

Nolasco me olha e sorri.

Eu o olho e nauseio.

Depois disso eles engatam uma conversa sobre traidores e quais as melhores maneiras de puni-los, cada um conta os meios que usa para deixar todos em seus devidos lugares. Fico surpreso que eles consigam comer tranquilos enquanto o assunto é recheado de sangue e morte, a comida aumenta minha ânsia e eu não consigo sequer olhar para o bife malpassado sobre o prato de porcelana *wedgwood*. [\[4\]](#)

Busco ao máximo abstrair minha mente e não focar em suas vozes relatando os horrores que cometem, e quando eles se levantam para continuar a beber em outra parte da casa, eu saio à francesa me libertando mesmo que



momentaneamente dessa gente escrota.

No caminho de volta para o quarto, encontro Ramiro vestindo roupas casuais.

— Onde vai vestido assim? — questiono. De uns anos para cá, ele está sempre usando camisas sociais de grifes. Vê-lo com uma camiseta simples e jeans surrado é um espanto.

— Beber alguma coisa, quer ir? Faz tempo que a gente não bebe junto — ele diz, enlaçando meu pescoço. Isso é verdade, faz tempo que não nos sentamos num lugar sem olhos e ouvidos para nos espreitar. Aceito seu convite e sigo com ele para fora da casa.

Ramiro também pode ser considerado um dos homens de confiança de Nolasco, ele tem um quarto na casa, não luxuoso como o meu, no andar de baixo onde os seguranças ficam, mas ainda assim tem seus privilégios.

— Seu carro? — pergunto.

— Claro que não! Não vou perder a chance de andar naquela máquina que você usa. — Ele segue comigo para a lateral da casa e pula animado para dentro do meu carro.

Ramiro dirige pelas ruas, acelerando e testando os limites do veículo.

— Não sabia que gostava tanto de carros — falo, ao notar como ele sorri segurando o volante.

— Eu gosto, só não quero gastar com eles. Até porque Nolasco sempre te presenteia com esses brinquedos novos e eu posso usá-los.

O sorriso que estava nos meus lábios se desfaz.

— Não são presentes — afirmo, severo. Ramiro me olha de esguelha e franze os lábios.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Sei que não são presentes, mas são brinquedos para nos divertir, ao menos enquanto estamos vivos.

Essa é a única verdade, porque não se sabe quanto tempo vamos viver, para quem convive nesse mundo e faz o que fazemos, o tic tac do relógio é um atemorizante. Olho pela janela e vejo Ramiro entrar na rota dos bares com as casas de luzes brilhantes de neon.

— Esse lugar só tem espeluncas — falo, analisando como a região se tornou degradada, mulheres nuas andam pelas ruas oferecendo seus corpos, homens bêbados procurando brigas ou drogados pelo chão. Uma infinidade de pessoas que fazem o que for para anestesiarem seus corpos e suportar a vida.

— Perfeito para nós — Ramiro diz.

Ele estaciona em frente a uma dessas cavernas coloridas e desce do carro, comigo logo atrás. Aqui a lei antifumo não existe porque o cheiro de fumaça e a névoa azul dominam o ambiente. Caminhamos por entre os corpos moles e narcotizados e escolhemos duas banquetas no fim do balcão.

— Dois uísques. — Ramiro pede ao atendente que coloca os copos na nossa frente com uma dose para cada.

Sorvo o líquido de uma só vez e ele desce queimando. Aponto para o *barman* me servir outra dose e olho para Ramiro, ele tem a cabeça baixa encarando o líquido em seu copo.

— O que foi? — pergunto.

Ele meneia a cabeça como se dissesse “*deixa para lá*”, mas um

segundo depois se vira para mim e solta na lata.

— Eu vou ser pai.

Quase cuspo a segunda dose de uísque para dentro do copo.

— Você vai o quê? — indago, com os olhos arregalados.

— Ter um filho.

Fico sem ter o que dizer, não sei se é a hora de lhe dar parabéns ou pêsames.

— Cara... — começo, meneando a cabeça.

— Eu sei, Egan... — diz segurando o copo com as duas mãos — Sei da merda toda, sei que está pensando como é que alguém que leva o nosso tipo de vida pode ter um filho. Mas, eu não quero mais fazer parte dessa esculhambação, quero uma vida normal. Não aguento mais essa porra e esses serviços escrotos que a gente faz — revela, suspirando. — Você nem tanto, apesar de Nolasco ser um carrasco trancando você naquela merda de gaiola, ele te poupa das merdas piores na rua, agora eu... eu tenho tanto sangue nas minhas mãos que olho para elas e enxergo minha pele vermelha.

Aponto para o garçom me servir a terceira dose.

— Ramiro, você sabe que não dá para sair assim, não é? — falo, numa boa, querendo que ele volte a ter bom senso se quiser ficar vivo.

— Eu sei, mas eu queria tanto viver com ela e criar essa criança como um pai comum. Ter uma vida de verdade. Você não sente a mesma vontade? Também não está cansado disso tudo?

Meu peito arfa diante de sua súplica, é um sonho aceitável e natural

para qualquer pessoa, mas se ele quiser ter essa criança por perto, será nas condições de Nolasco. Ou ele abdica dessa ideia e esquece essa criança ou a traz para dentro. Não há outro caminho.

— Não sente? — ele persiste.

Mantenho-me em silêncio e encaro a bebida pensando em minha mãe e irmão e no tempo em que éramos uma família, sendo consumido pela vontade visceral de tê-los de volta em minha vida.

— Talvez não sinta porque nunca amou alguém, um amor tão profundo que sua cabeça não comanda mais suas ações, é seu coração quem toma lugar e começa a ditar as regras do jogo. A cada vez que vejo aquela mulher meu corpo inteiro treme, é como se eu não tivesse forças nem para andar.

Viro-me para ele e o escuto falar com um sorriso abobado no rosto.

— Quando ela sorri e quando me beija, todo o mundo para de girar...  
— ele para um segundo e suspira.

Ouçó atento cada palavra e percebo que deva gostar mesmo dessa mulher. Ele continua a narrar o que sente toda vez que a encontra e Blanca vem à minha mente, sentada no chão de sua casa enquanto tentava me convencer que essa vida tem saída.

Olho para meus dedos e rememoro o formigamento que me atingiu e se alastrou por meu corpo, o calor de sua pele delicada sob meus dedos, e mesmo com o rosto machucado por conta daqueles malditos, ainda assim, seu sorriso brilhava com esperança.

— Quando sentir algo assim, vai desejar, desesperadamente, sair

dessa vida — ele finaliza.

— Acha que é possível? — pergunto.

Ele me encara e com uma sobrancelha elevada.

— Acha que é mesmo possível a gente sair e esquecer esses anos, começar do zero? — Ramiro balança a cabeça bem devagar concordando com o eu que acabara de indagar. — Como? Como é possível? — insisto.

— Você me pergunta com tanta cobiça, mas é você quem tem a chave dessa prisão nas mãos.

— Eu? — inquiri, elevando meu tom.

Ramiro coça a testa e olha para os lados, certificando-se que ninguém nos ouve.

— Egan...

— Se existe uma maneira... — avanço.

— A contabilidade, Egan. O que tem dentro do cofre? Cara, aquela merda está dentro do seu quarto e você tem a senha, tem alguma noção disso? — Ramiro junta as sobrancelhas e me confronta.

Desvio o olhar dele para meu copo.

— Você já sabe disso, não é?

— Isso não dá — respondo.

— Por que não? Se a gente entregar essa merda para outra facção eles não vão precisar de Nolasco, vão acabar com ele — argumenta, segurando meu braço.

— Você está louco — falo, aproximando meu rosto a centímetros do dele. — Não vão acabar só com ele, vão também acabar comigo e com quem mais me ajudou. Vender o cara para outra facção não é solução, pense direito — murmuro, entredentes.

Viro outra dose de uísque e Ramiro anela esfregando o próprio rosto.

— A polícia — diz ele.

— Ramiro, você enlouqueceu de vez? A polícia, sério? Você quer viver com essa mulher ou quer passar o resto da vida na prisão, sabe muito bem que a polícia no mais alto nível é comprada por ele.

— A gente não vive numa prisão de qualquer jeito? — profere, dando de ombros.

— Você pirou, isso sim! — resmungo. — Eu nunca vou arriscar a vida da minha mãe e irmão, escutou? Nunca.

— Desculpa, cara. Desculpa — ele fala, apertando meu ombro. — Eu só queria poder sair dessa, só isso.

— Eu também quero. Quero isso desde o dia que cheguei. Não escolhi fazer parte dessa merda, diferente da maioria de vocês — esclareço, apontando para mim.

Ele me olha sem piscar, o homem grande e musculoso de cabelo raspado e aparência viril se parece agora com um garoto arrependido, pesaroso das más escolhas que fez durante a vida.

— E se eu descobrir onde eles estão? — pergunta-me.

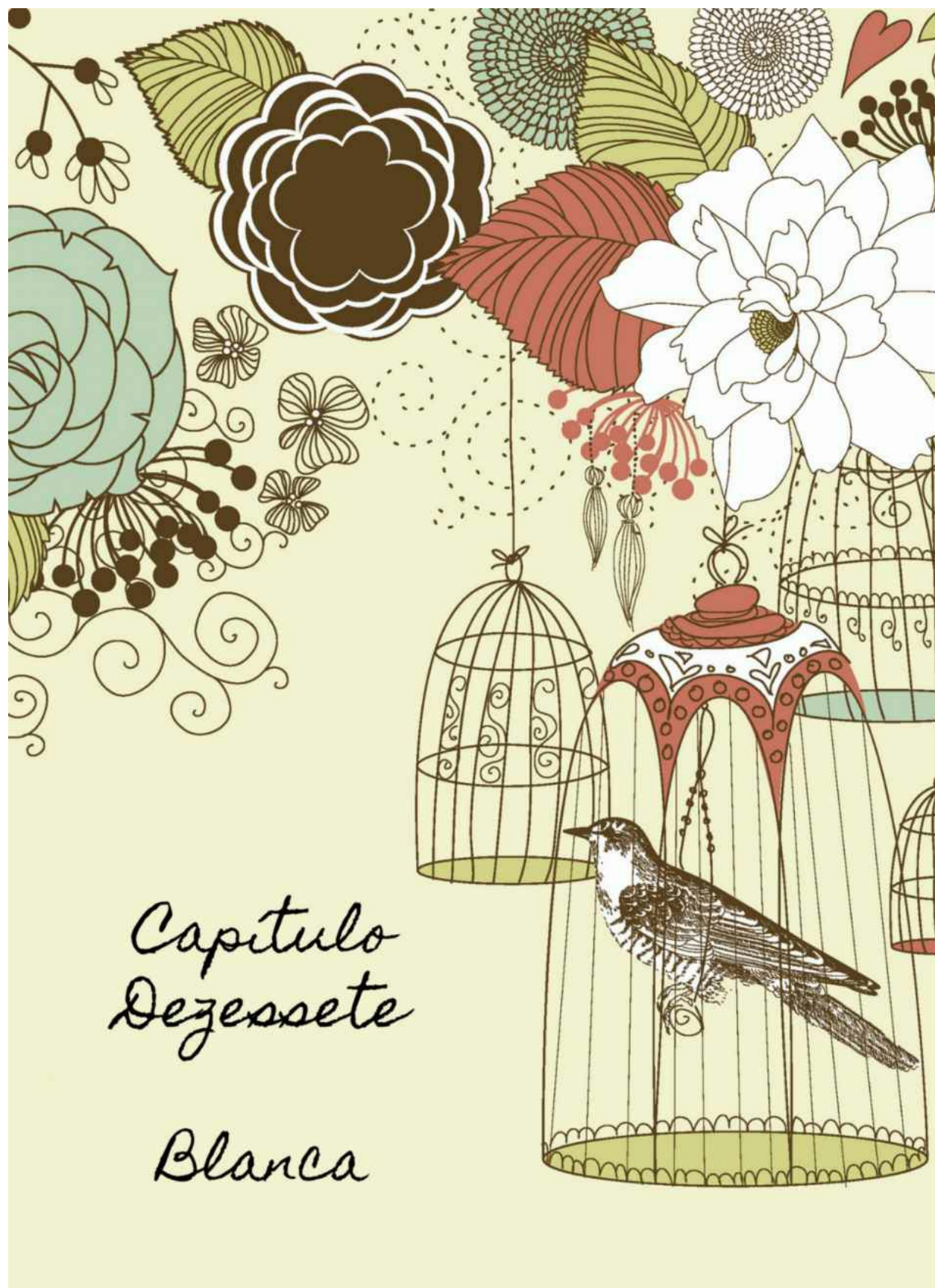
— Quem? — indago, sorvendo o restante da terceira dose.

— Sua família. Se eu descobrir onde eles estão, você me ajuda a derrubar esse desgraçado.

No mesmo instante a voz de Blanca sussurra em meu ouvido “*Você pode escapar, Egan*”. E a esperança que jazia nela, atinge-me em cheio na crença por *liberdade*.







Capitulo  
Dezesete

Blanca

— Estou falando com você tem um tempão e você nem pisca, fica aí olhando para o nada, o que foi? — Pablo pergunta, balançando uma mão em frente ao meu rosto.

— Você me perguntou alguma coisa?

— Caramba, Blanca! Tem quase um mês que você está assim, são seus alunos?

Dou um gole no suco de laranja com gelo que pedi e percebo que as pedras já derreteram antes que eu o bebesse. Aproveitamos a noite quente para vir até uma lanchonete nova que abriu no centro de Volar, o convite pareceu uma boa ideia, porque quanto mais eu me distrair, melhor. Desde o dia em que Egan saiu da minha casa eu não consigo parar de pensar nele.

Desde os meus quinze anos, por motivos diferentes, Egan habita meus pensamentos, antes como aquele garoto surrado e engaiolado e agora como o homem que aparenta ser livre, mas tem as asas cortadas. Às vezes, sinto que a vida tem seus escolhidos, alguns conseguem se enredar até chegar num ponto em que é impossível se libertar e outros tem os nós da vida desatados como mágica. Acho que posso me considerar uma das que teve direito a esse sortilégio.

Mesmo depois de tantos dias sem ter nenhuma notícia de Egan, ainda posso sentir o calor de suas mãos e seus dedos tocando minha pele, além da intensidade de seu olhar ao me ouvir. E antes de dormir, é sempre a visão de seu rosto a centímetros do meu que habita meus pensamentos.

Egan se parecia mesmo com um pássaro preso ouvindo o silvo de outro voando livre pelo céu.

— São eles? — Pablo volta a perguntar.

— Quem?

— Seus alunos?

— Ah, não! — respondo, voltando minha atenção a ele, e tentando afastar Egan da minha cabeça ao menos por alguns minutos.

— Alguma coisa é, Blanca. — Pablo insiste e eu decido falar sobre a escola.

— Eu disse para você sobre o debate do livro. Mais da metade da classe o leu e foi incrível, eles estão ficando mais interessados — conto, animada.

— E a garota? — pergunta, animando-se também ao querer saber de Penélope.

— Acabou virando uma espécie de monitora. Ela é muito inteligente, você não tem ideia. Aliás a maioria deles é, o que lhes falta é o mesmo que me faltava, oportunidade, direção, um caminho, sabe? Mas, Diego e Lorenzo, ainda se recusam a participar e eu não consigo penetrar o círculo deles.

— Não foi esse que você que tinha visto com uma bolsa suspeita?

Suspiro antes de continuar.

— Sim, eu o vi outras vezes no mesmo lugar com as mesmas pessoas, de uma semana para cá ele dorme na sala e até Diego estava discutindo com ele no intervalo, tentei sondar Penélope para saber alguma coisa, mas eles são muito fechados.

A lembrança de Carlito me retorna, ainda me sinto derrotada por tê-lo

perdido e mesmo que eu tenha vontade de ir até Lorenzo e fazer a mesma coisa, tirá-lo dessa lama que está entrando, tenho medo que algo me aconteça. A experiência ao tentar encontrar Carlito foi assustadora. Se não fosse por Egan eu não estaria aqui.

— Na minha escola temos muitos vulneráveis, mas não consigo imaginar como é a sua, Blanca. Luz me disse que o Esperanza é um lugar onde falta de tudo. Que a comunidade é esquecida por todos. Os governantes e a polícia fingem que aquele lugar não existe.

— Nem todos esqueceram aquele lugar — respondo e Pablo que de imediato entende o que digo, acenando em resigno.

Onde falta o básico, onde a vulnerabilidade social é gritante, e todos estão em desesperação para conseguir manter-se com o mínimo dentro de suas casas, é onde o crime opera. É ali que eles escolhem suas vítimas e seus algozes, é dali que saem Lorenzos, Carlitos, Egans e quase uma Blanca. E por mais que as professoras busquem maneiras de se aproximar daquelas crianças e tentar que fiquem a todo custo na escola, ainda é pouco, ainda é muito pouco.

E mesmo que eu tente afastar Egan dos meus pensamentos, sua voz dizendo que está em Volar para aliciar aqueles meninos faz meu coração sangrar, porque eu não tenho ideia do que ele faz agora. Eu não sei se Egan atingiu seu propósito, eu não sei se amanhã eu vou chegar ao Esperanza e vários deles faltarão. Eu não sei...

— E o Egan? — Pablo questiona, como quem não quer nada, enfiando uma batata frita na boca.

Pablo não sabe o que me aconteceu dentro da comunidade, e é melhor

assim.

— Não sei — falo, fingindo desinteresse.

— Você voltou para aquela praça? — pergunta.

— Não! — respondo. Omitindo boa parte da história.

— Melhor assim — diz ele.

— E o Yan, Pablo? — pesquiso, finalizando meu suco.

Ele semicerra os olhos, desconfiado.

— O que tem ele?

— Nada, estou perguntando por curiosidade.

Yan é detetive de uma distrital e diferente de Pablo que tem os cabelos ruivos como fogo, os dele são pretos como petróleo. Os dois, além de primos, são amigos e sempre se deram muito bem. Eles são diferentes do restante da família, Yan e Pablo nunca se deixaram levar pela fortuna dos pais e bateram o pé para viverem com o próprio dinheiro.

O conheci alguns anos atrás quando fui viajar com a família de Pablo. Aquela foi a primeira e última viagem longa que fiz com eles, os olhares constantes das famílias faziam-me sentir diminuída, como se Pablo estivesse provendo algum tipo de caridade para a amiga pobre e maltrapilha.

— Ele não passou o Natal com a gente esse ano, estava trabalhando. Por que, Blanca, sua queda por ele voltou? — pergunta, surpreendendo-me.

— Pelo amor de Deus, que ideia! Aquilo foi uma coisa... passageira.  
— Desvio o olhar para as outras mesas na lanchonete para não dar margem as

suposições malucas do meu amigo.

— Não sei, faz tempo que você não fala nele e do nada me pergunta, vai saber. Eu sei que vocês tiveram um lance e trocavam mensagens — fala, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

— Exato, e foi só isso, um lance que não durou o suficiente para se transformar em nada mais.

Pablo se dá por satisfeito e então começa a falar.

— Ele foi transferido e está trabalhando a umas duas horas daqui, continua na polícia, mas agora é investigador.

*Duas horas?* Tento manter meu desinteresse enquanto escuto atenta Pablo falar de Yan, sei que posso confiar nele e que seria a pessoa perfeita para ajudar Egan a sair da prisão que vive.

— Melhor a gente ir embora, você está com aquela cara de novo. — Pablo reclama e ergue o dedo indicador, empurrando minha testa lentamente para trás. — Um milhão de reais para saber o que tanto você pensa.

Ele se levanta para pagar a conta e eu o espero na calçada, olhando para o céu de noite aberta, iluminada pela lua cheia. Caminhamos pelas ruas, conversando e rindo. É confortável estar ao lado de Pablo, ele é o irmão que eu nunca tive, e sei que ele me vê da mesma maneira. O que pudermos fazer um pelo outro, faremos. Sinto-me um tanto culpada de não dividir com ele o que se passa na minha cabeça ultimamente. Mas é melhor assim, não quero preocupá-lo.

— Passa uma mensagem quando estiver saindo amanhã, tudo bem?  
— Ele diz, combinando nossa saída para o trabalho.

— Não esquece o meu café — digo, quando ele começa a se afastar e só ouço sua risada de longe.

Destranco minha porta e sem acender a luz da sala, tiro os sapatos jogando-os pelo chão caminhando descalça para a cozinha. Abro a geladeira e sua luz ilumina parcialmente o ambiente, sorrio ao ver o pudim que comprei mais cedo e o tiro da geladeira, colocando-o sobre a mesa. Com o eletrodoméstico ainda aberto, corto uma farta fatia do meu doce preferido e o sirvo num prato de sobremesa, fecho a geladeira e com meu prato na mão, saio para comer na sala e assistir um pouco de televisão, mas assim que acendo a luz do cômodo, encontro algo que não esperava.

— AH! — grito, soltando o prato de louça que espatifa no chão junto ao pudim. O homem sentado numa das minhas poltronas, anteriormente ocultado pela penumbra se levanta e anda até mim.

— Oi, Blanca — Egan diz, com os olhos fixos nos meus.

— Egan... — sussurro, espantada por vê-lo. Tento justificar a tremedeira nas minhas pernas pela presença surpresa de um homem dentro da minha casa, mas temo que elas tremam pelo simples fato de ser Egan.

— Desculpe se te assustei — diz.

Engulo em seco e então abaixo-me para recolher os cacos do prato quebrado. Ele baixa também e me ajuda a limpar o chão sujo de doce. Ambos em silêncio. Eu sei que deveria fazer um interrogatório do porquê ele invadir minha casa durante a noite, mas algo em mim tem medo de que ele vá embora antes de me dizer o motivo para estar aqui.

Quando tudo está limpo, ele aponta para o pudim.

— Posso comer um pedaço? — pergunta. Eu demoro uns dez segundos para assimilar o que diz.

— Claro! — respondo, pegando outro prato no armário para servi-lo.

Ele se senta e começa a comer.

— Você não vai comer? — pergunta-me

Passo mais dez segundos olhando-o.

— Vou, vou... era o que estava fazendo quando... te vi... na sala — pigarreio e sirvo-me.

— Por que está aqui, Egan? — murmuro a pergunta. Porque tenho certeza de que não veio para comer pudim.

Seus olhos se fecham e ele morde um canto do lábio inferior, coloca as mãos sobre a mesa e volta a me olhar. Egan estuda minha face com tamanha ambição que sinto como se não existisse nenhuma outra pessoa no mundo além de mim. E ao mesmo tempo que sinto medo por não saber a razão que o tenha trazido até aqui, também sinto meu coração bater descompassado, feliz por vê-lo mais uma vez.

Ele hesita na resposta, hesita por tempo demais, até que seus lábios voltem a se movimentar.

— Você acha mesmo que eu posso me libertar?







Blanca abre um sorriso enorme, ele ilumina seu rosto tal qual o sol ilumina o planeta, é radiante, reluzente, fulgurante. É espontâneo, genuíno, o sorriso mais verdadeiro que vejo em muitos e muitos anos.

Ele puxa minhas mãos sobre a mesa, eu as observo juntas e aquele mesmo formigamento se alastra pelo meu corpo. Sinto como se o ar me faltasse, contrapondo-se ao meu peito que arfa cheio dele. *Que efeito é esse que ela me causa?* Por que eu estou aqui depois de todo esse tempo? Por que eu quero tanto ouvir de sua boca que sim, que eu posso ser livre?

— Você pode, Egan. Você pode! — diz ela, eufórica.

Blanca sorri, sorri tanto que eu não consigo manter meus lábios cerrados. Eu que pensei não saber mais sorrir, sou pego de surpresa com eles se abrindo como os dela. Blanca solta minhas mãos e imediatamente sinto a falta de seu toque. Ela se levanta e eu giro o corpo acompanhando cada um de seus movimentos.

— Temos que pensar — diz ela, andando de um lado para o outro. Em certo momento ela fecha os olhos e aperta as têmporas como se estivesse criando algum plano mirabolante de fuga. Meu sorriso se alarga ainda mais e eu levo a mão ao rosto, admirado com os músculos que há muitos anos não se moviam.

— Blanca — chamo seu nome, mas ela continua meneando a cabeça e apertando as têmporas. Vou até ela, e toco seus braços. Ela me encara com os olhos esbugalhados.

— O quê?

— Você está andando de um lado para o outro — aponto.

— Estou pensando, Egan. Pensando em como chamar Yan até aqui — diz, segurando minha mão e arrastando-me para me sentar numa de suas poltronas.

— Yan? — pergunto, não tendo ideia do que está pensando.

— O primo de Pablo. Eu disse a você que ele é da polícia.

A simples menção da palavra polícia faz-me suar, porque eu tenho dúvidas se quero sair de uma prisão para entrar em outra. Pois é o que vai acontecer assim que um policial descobrir de onde venho.

— Blanca, eu não acho que a polícia seja uma boa saída — sugiro, passando a mão pelo rosto.

— Yan é de confiança — argumenta.

— Ainda assim ele é um policial. O trabalho dele é levar bandidos para a prisão — informo.

— Você não é um bandido. — Ela diz a frase com tamanha eloquência que eu quase acredito no que diz. Fico em silêncio e ela percebe que apesar de não me enxergar com tal, para a polícia é o que eu sou.

— Se não quer que eu fale com Yan, por que veio até aqui? — questiona, franzindo o cenho, desapontada.

Baixo a cabeça e começo a discorrer dos motivos que me fizeram vir até ela, penso em todas as vezes que sua face invadiu meus pensamentos, desde o momento em que eu acordava até o de dormir, penso na sua determinação em salvar aquele garoto, penso nela deitada sobre o meu sofá usando uma de minhas camisetas, penso na caminhada que fizemos um ao lado do outro, penso nela como o elo que me mantém fora da bolha criminosa

em que vivo. Eu penso nela a cada maldito minuto desde que a vi pela última vez.

Ela aguarda em expectativa.

— Eu não sei — respondo, afinal.

— Não sabe? — indaga, desconfiada.

Gostaria de dizer à ela que na verdade o que eu não sei é, como dizer que estou aqui porque queria vê-la mais uma vez, queria ouvir sua voz suave e melodiosa, queria ver seus cabelos balançando-se com leveza sobre seus ombros...

— Eu entendo que é difícil, Egan. Mas se quiser sair dessa organização, vai ter que começar por algum lugar — aconselha, juntando as mãos uma na outra.

Penso em Ramirez e nos cadernos dentro do porta luvas do meu carro, os principais cadernos da contabilidade atual de Nolasco. Dos quais ele não pode sonhar que saíram do cofre ou eu estaria morto antes mesmo de inventar uma desculpa. Acho que isso é o começar por algum lugar, mas é um lugar onde ela seria a última pessoa que eu gostaria de levar.

— Eu sei — respondo.

— Então a gente tem que começar — discursa, enfática.

Blanca se levante e vai até sua bolsa, pega o celular e começa a examiná-lo. A luz da tela reflete em seu rosto, ela tenta encaixar atrás da orelha os fios curtos de seu cabelo, mas eles escapam resvalando por sua face. Eu cerro o punho, para controlar o desejo de meus dedos em tocarem seus fios.

— Eu vou pesquisar o Yan nas redes sociais. Pablo nunca me daria seu número atual sem antes fazer uma investigação — diz ela, focada no celular.

Fecho os olhos e respiro, buscando colocar meus pensamentos no lugar.

— Acho melhor eu ir — digo, levantando-me.

— Não! — ela grita. Eu estaco no lugar e olho para trás. Ela deixa o celular de lado e lentamente se aproxima. — Você vai voltar? — pergunta, parando a centímetros.

Seu aroma invade minhas narinas, inebriando-me como se eu tivesse sido laçado pela magia das fadas. Ela olha fixamente em meus olhos, porém a única coisa que vejo são seus lábios entreabertos e pertos demais de mim.

Enquanto me fascino com sua beleza, percebo o quão apreensivos seus olhos estão à espera da minha resposta. O certo seria dizer *não*, que não posso voltar e arriscar bagunçar a vida que ela lutou para conquistar. Esforço-me para que essas sejam as palavras que saíam da minha boca, mas não consigo pronunciá-las.

Transgredindo tudo o que é certo, elevo minha mão inconsequente para colocar atrás da orelha a mecha de cabelo que oculta parte de seu rosto. Blanca oscila com meu toque e meus olhos voltam-se para seus lábios mais uma vez.

*Será que sou somente eu quem ouve esse chamado? Ou será que ela ouve também?* Nosso olhar amparado por um longo tempo, grita alto, grita mais alto que nossas vozes silenciadas e talvez ela ouça o mesmo que eu.

Meu peito arfa, ansioso, desejoso, sôfrego, ela está perto demais, perto demais para eu conseguir controlar os meus inquietantes pensamentos. E sem pensar em mais nada, inclino a cabeça chocando meus lábios contra os dela, deixo-me levar por essa voz que ressoa dentro da minha cabeça e tomo-a em meus braços.

Blanca se assusta com minha arremetida, mantendo os braços ao lado do corpo, mas logo aceita meu beijo com os lábios completamente abertos em busca de mais. Sua boca colada à minha é algo que transcende qualquer sensação que já experimentei. A mulher que sabe de onde venho e o que eu faço, e, ainda assim, consegue me olhar com uma brandura que purifica a podridão da minha alma.

O formigamento que antes se alastrara a partir das minhas mãos, agora ganha uma força desmedida e corre por todo o meu corpo, não há mais parte de mim que não a deseje, não há parte de mim que não esteja insana por mais.

Blanca separa nossos lábios em busca de ar por apenas um milésimo, ela me encara com os lábios entreabertos e a respiração ofegosa. E, dessa vez, é ela quem me busca com vontade, anseio, cobiça. Seus braços enlaçam meu pescoço e os meus sua cintura, eliminando de vez qualquer espaço que se coloca entre nós.

Blanca não nos dá tempo para buscar ar. Eu não me importo em respirar.

Eu só me importo com o desejo que cresce colossal, sugando qualquer resquício de sanidade que eu ainda tinha. Eu a quero, quero mais que tudo, quero agora e imploro para todos os deuses do universo que ela me queira também. E meu desejo é realizado numa fração de segundos, quando ainda

agarrada ao meu pescoço, Blanca me arrasta para seu quarto, jogando-se comigo sobre sua cama.

Arfante, ela se ajoelha com as pernas abertas sobre meu quadril, e me olha como se eu fosse o último homem do mundo, há uma urgência e pureza naquelas pequenas bolas castanhas que me faz dissolver sobre essa cama.

Não há espaço para palavras, elas não são necessárias aqui, conversamos através dos segundos em que nos encaramos à espera do próximo passo. Com calma, Blanca começa a tirar a camiseta que veste, ela a passa pela cabeça arremessando-a para longe.

É difícil respirar diante dessa visão.

Devagar, ergo minha mão e a deslizo pela pele lisa de seu abdômen, ela joga a cabeça para trás e suspira sob meu toque. Em seguida, inclina seu corpo para ficar totalmente sobre o meu e a partir daí não há mais como narrar a sequência de ações que nos elevam a diferentes níveis.

Mãos que sondam curiosas cada parte de nossos corpos, bocas que experimentam sem pudor, corpos unidos e suados num movimento rítmico e constante, numa conjunção entre desejo, prazer, sensações, que nos aproxima, converge, une em apenas um. E é assim que passamos a próxima hora, sobre essa cama que é bagunçada por nossa cinesia, numa ebulição que nos incendeia da cabeça aos pés.

Blanca cai ao meu lado, cansada e suada, com os fios de seus cabelos colados ao seu rosto. Eu arfo descontrolado sem conseguir acreditar no que acabara de acontecer, sem acreditar no que senti. Quando consigo controlar minha respiração, sinto o aroma de seu perfume misturado ao nosso suor, criando uma essência única assim como o momento que compartilhamos.



Abro os olhos e noto nossas roupas espalhadas por todos os cantos do quarto, sua calça com uma perna sobre a cômoda e a outra caindo pelas gavetas e minha camiseta pendurada num quadro na parede.

Isso foi loucura, isso foi insano. Eu nunca estive com uma mulher que não pertencesse ao mesmo mundo que o meu, eu nunca estive com uma mulher da qual não quisesse me levantar imediatamente da cama e ir embora.

E hoje eu não quero ir embora. Eu quero ficar aqui. Respirando o mesmo ar que ela, dividindo os mesmos lençóis. Blanca se vira para me olhar e eu faço o mesmo, com o dedo indicador eu tiro de seu rosto os fios molhados e grudados em seu rosto. Ela sorri, tímida, retraída, diferente do que estava até alguns minutos atrás.

Ainda não há o que dizer, qualquer palavra é dispensável para apregoar o que estamos experimentando. Em silêncio, ela aninha a cabeça na curva do meu pescoço e algum tempo depois ouço sua respiração se tornar regular, indicando que dorme.

Eu encaro o teto refletindo como seria se eu fosse um cara comum, com um trabalho comum, que acorda pelas manhãs, segue para o trabalho, passeia com o cachorro, viaja com a namorada.

Suspiro e ajeito-me na cama, Blanca dormindo se aconchega ainda mais. Fecho os olhos e espero adormecer também, esperançoso de que Ramiro consiga o que me prometeu e eu possa viver e dormir como ela: *livre*.





Capitulo  
Dezenove

Blanca

Antes mesmo de abrir os olhos eu sei que ele não está aqui. A calentura de seu corpo e o aroma masculino que permearam meu sono não pairam mais no ar. Suspiro e me sento na cama, passo as mãos pelo rosto e enfrento o lugar vazio ao lado do meu, encontro uma tira de papel sobre o travesseiro e leio seus dizeres: *Volto em alguns dias*.

Com o papel nas mãos, volto a fechar os olhos e discorrer sobre a noite anterior e como não fui capaz de mantê-lo longe, como quando seus lábios tocaram os meus e eu sucumbi desejando mais, desejando-o inteiramente.

Meus pensamentos rodopiam enquanto percebo que a vontade que eu suprimia em relação a Egan, agora vaga livre. E aquele frio na barriga regressa ao nos imaginar entrelaçados nessa cama. Meus lábios estendem num sorriso lânguido ao relembrar suas mãos passeando curiosas por mim. E, então, eu compreendo que uma porta que não tenho a menor intenção de fechar foi aberta em meu peito. E eu posso jurar que essa mesma porta também foi aberta em Egan.

Contudo, meu sorriso se desfaz quando penso em como isso pode funcionar se ele de fato não conseguir sair das mãos de Nolasco? Os caminhos que trilhamos em nossas vidas são opostos e não são capazes de coexistir.

Será que todas as vezes em que eu o vir, um bilhete como esse será deixado ao meu lado? Sem que eu tenha a menor ideia do que ele anda fazendo? Será que ele vai mesmo voltar? E em quanto tempo? O simples refletir é suficiente para me agonizar. Abro os olhos e saio da cama, buscando apagar quaisquer pressuposições que me impeçam de continuar meu dia.

Encontro Pablo na saída da minha casa e meu primeiro impulso é contar a ele sobre a noite que tive. Nós nunca escondemos nada um do outro e agora sinto como se estivesse traindo nossa amizade ao esconder como Egan se aproximou ao ponto de eu não querer mais que ele vá. Uma hora terei de dizer a Pablo, mas antes preciso entender se Egan está mesmo disposto a lutar pelo que veio me perguntar ontem à noite. Por ora, deixo as coisas como estão.

— Eu tenho um calhamaço de atividades para conferir. Não é fácil lidar com uma turma tão grande. No outro colégio eu tinha dezoito alunos, agora tenho quarenta e dois — diz ele, desabafando sobre uma das diferenças mais impactantes entre um colégio privado versus público.

Em contrapartida, minha turma não passa dos vinte alunos, uma classe diferenciada, focada em alunos com problemas sociais complexos, alunos sem perspectivas, caminhando à própria sorte.

— Sua escola está com o quadro de professores completo? — pergunto.

— Sim, graças a Deus! Eu não teria energia para cobrir aulas como você faz — diz, enquanto andamos até a parada de ônibus.

— Não tenho escolha, ou eu cubro essas aulas ou meus alunos ficarão andando pelo pátio ou dispensados mais cedo da escola — informo. Chegamos à parada e eu me encosto no poste com a indicação das linhas de ônibus que param ali.

— Eu sei que é ruim eles vagando, mas é muito cansativo, Blanca. Desse jeito não vai aguentar até o final do ano, você está dando aulas demais. E como consegue dar aulas de exatas? — questiona ele, curioso.

— Não dou. Não tenho nenhuma condição em ensinar exatas. Eles estão com uma defasagem absurda nessas matérias. Eu cubro com aulas minhas e de outras matérias de humanas. É dar nó em pingo d'água, porque nem consigo passar a matéria como a grade curricular exige, eu tenho que criar mecanismos para ensinar algo sem que eles percebam que estou ensinando algo.

Ele suspira e passa as mãos pelos cabelos ruivos que chispam com os raios de sol que há pouco surgiu.

— Estou começando achar que foi loucura a gente ter escolhido essa área.

Sorrio, imaginando que qualquer pessoa pense o mesmo nos dias de hoje. No entanto, desconheço pessoas mais corajosas que professores. Quem nunca pisou numa sala de aula sabe como que é lidar com alunos que dividem problemas coletivos, mas com personalidades absolutamente distintas.

— No seu caso, tenho certeza! A essa hora você poderia estar dormindo naquela mansão dos seus pais ou viajando pela Europa — provoco.  
— Não, não! Andando de lancha por uma mar de águas azuis e cristalinas, o que acha?

Pablo me oferece um sorriso desdenhoso e com uma das mãos bagunça meu cabelo.

— Ei! — reclamo e ele enlaça minha cintura, obstinado em destruir meu penteado.

— Isso é para aprender a não fazer essas piadas com a minha família. Não tenho culpa deles serem ricos. — Começamos a rir, ignorando as

pessoas ao redor, algumas ainda com sono bocejam com as mãos na boca, outras nos olham e se divertem.

— Entendi, entendi! — desisto e ele me solta. Nosso ônibus chega poucos minutos depois. A lotação está abarrotada de gente, ficamos próximos da roleta do cobrador e é assim que mais um dia de trabalho se inicia.

Chego à escola e vou direto para a minha sala, antes mesmo do sinal tocar. Observo os lugares vazios e penso mais uma vez em Egan, não só ele, mas também em Nolasco que acumula sua fortuna usando essas crianças como mão de obra.

Aos poucos meus alunos vão entrando, alguns cumprimentam-me de forma amigável, outros continuam a me ignorar, com a inclusão de Diego. É praticamente impossível fazê-lo participar das aulas de maneira efetiva, embora eu o veja muitas vezes prestar atenção nos que os outros alunos estão fazendo.

Lorenzo entra na sala, e meu peito comprime ao ver o estado em que aparece. Desvio para Diego, ele encara Lorenzo com olhos raivosos, acesos, irritados. Lorenzo se joga numa das cadeiras, afastado de Diego, o que é incomum visto que desde o começo das aulas os dois estão sempre juntos. No entanto, Lorenzo vem apresentando um comportamento desmazelado e cansado tem algumas semanas.

Ele carrega a mochila abraçada ao corpo e assim permanece mesmo quando se senta. Seus olhos mal abrem, ele os pisca lentamente, num condição de letargia que eu nunca havia visto.

Penélope se abaixa ao lado de Lorenzo e sussurra algumas palavras, exibindo um semblante de desamparo. Em seguida ela se ergue, olha para

Diego e meneia a cabeça exprimindo negação. Vê-los interagir apenas com olhares, diante de uma circunstância que me é clara como o sol, vai além das minhas atribuições como professora, mas não vai além das minhas atribuições como um ser-humano que é capaz de olhar além de si mesmo.

Esse garoto lindo, de cabelos negros, com olhos escuros como a noite, entra na sala completamente drogado, mal se dando conta de onde está. Todos os alunos percebem o que acontece e muitos não se importam, é como se a cena estivesse naturalizada em seus dias, como se fosse só mais um dentre os tantos que permeiam suas vidas. No entanto, eu não posso mais deixar como está.

Levanto-me e sigo até ele.

— Lorenzo — chamo seu nome e ele me olha. — Tudo bem?

Seus olhos vermelhos denotam como tem dormido pouco. As maçãs de seu rosto estão menos salientes, e os ossos de seu maxilar mais expostos. Ele perdeu peso desde que comecei a trabalhar aqui. Lorenzo se agarra com mais ímpeto em sua mochila, como se tivesse medo de perdê-la ou de alguém a tirar dele.

— Você está bem? — volto a perguntar. Ele não responde e me olha como se não houvesse compreendido minhas palavras. Viro-me para Diego que me encara ressabiado.

— Lorenzo — digo, tocando-lhe.

— Sai! — grita ele, puxando o braço com força. Com as pupilas e narinas dilatadas, ele arfa em descontrole.

— Calma! Calma! Eu só quero saber se está bem — baixo o tom da



minha voz e afasto as mãos dele.

Lorenzo parece em transe, movimenta-se sem focar em mais nada que não seja a mochila em suas mãos, ele começa a murmurar palavras desconexas e se levanta, saindo da sala. Eu ando atrás dele, e percebo que Penélope e Diego fazem o mesmo.

— Lorenzo! — grito, correndo atrás dele.

— Ele não é problema seu! — Diego esbraveja, bloqueando minha passagem. Penélope se junta a ele e ambos me impedem de continuar.

— Diego saia, esse menino precisa de ajuda — falo, empurrando-o.

— E o que acha que pode fazer para ajudar, *professora*? Vai subir o morro outra vez. Todo mundo sabe da professora sem noção. — Ele diz, surpreendo-me, eu estaco no lugar.

— Como você sabe disso? — pergunto.

— Todo mundo sabe e todo mundo *tá* de olho em você, então é melhor ficar esperta, *professorinha* — conta.

Olho para Penélope.

— É verdade, é melhor não se meter — diz ela, assumindo a mesma postura de Diego, mas sem o deboche casual nas palavras.

Todas as outras salas estão a portas fechadas e somente nós prostrados em meio ao corredor vazio.

— Lorenzo trabalha para eles? — questiono.

— Muitos aqui trabalham — diz ele, como se fosse algo tão natural

quanto o nascer do dia.

— Você trabalha? — pergunto, sentindo minhas pernas fraquejarem.

Ele não responde, olhando além de mim.

— E você? — pergunto a Penélope.

— Hoje não. Amanhã eu não sei — diz ela.

Sinto o ar sumir, não há como respirar. Essa menina, que é uma das poucas que acompanham tudo o que tento ensinar, que é alguém que renova minhas esperanças em que eles podem criar um futuro melhor, diz não saber. Como ela pode não saber?

— Não façam isso. Por favor, não façam! Vocês podem ter um futuro muito melhor... — imploro.

— Acha que sabe o que é viver aqui? — Diego rosna, entre dentes.

— Para, Diego! — Penélope interpõe, tocando-o no ombro.

— *Mano*, eu tô de saco cheio dela — responde ele à Penélope e em seguida volta a me afrontar.

— Olha *pra* você, com essa pele branquinha, esse cabelinho todo arrumadinho, essas roupinhas de princesinha. *Cê* não tem nem ideia do que a gente tem de fazer para viver, porra! — profere, aproximando seu rosto do meu, com olhos que chamejam mais que raiva, chamejam toda uma vida de supressão.

— Diego, eu sei. Eu sei o que é não ter nada, eu sei o que é não ter comida em casa, sei o que é acordar e pensar que *merda de vida é essa que eu levo*, eu sei de tudo isso.

Fecho os olhos e penso se vale a pena continuar minha história.

— Eu já estive no mesmo ponto em que estão. No ponto onde todas as portas se fechavam na minha cara, no ponto onde só havia um lugar onde eu conseguiria ter dinheiro para comprar as roupas que eu queria, para ajudar minha mãe, para andar pelos lugares sem ninguém me apontar o dedo.

Ele afasta o rosto, seu semblante carregado pela raiva começa a suavizar.

— Aqui vocês têm o Grandão, não é? Onde eu vivia, tínhamos Nolasco. Fui até ele, corajosa, enfrentando homens que eram o dobro do meu tamanho. Pedi por um emprego, e ele me deu. Eu iria, finalmente, ter dinheiro.

Ele olha para Penélope, confuso com minha fala.

— Mas então eu vi um garoto surrado e ensanguentado, gritando para Nolasco matá-lo, que ele preferiria a morte. Esse garoto que na época não era tão mais velho que vocês, gritava a plenos pulmões, enfurecido e colérico, que queria morrer. Naquele minuto, eu entendi. Entendi que não trocaria só a minha força de trabalho por dinheiro. Eu estava entregando a minha vida, e a troco de quê? Será que toda a dificuldade que eu passava na vida era suficiente para eu dar a minha vida àquele homem?

Penélope e Diego entreolham-se por alguns segundos e eu enfim vejo o que tenho esperado todo esse tempo: *aceitação*.

— Naquela noite, eu saí da casa de Nolasco correndo o máximo que podia sem olhar para trás, com medo de levar um tiro pelas costas. Cheguei em casa e chorando me tranquei no quarto. Ao mesmo tempo que meu coração se tranquilizava por eu ter escapado, minhas lágrimas escorriam

porque eu sabia que aquele garoto iria morrer. Eu o deixei lá, não consegui trazê-lo comigo.

— Não dá *pra* ajudar um moleque que faz merda. É a lei aqui, não é sua culpa. — Diego ilustra ouvindo-me atento.

— Eu sei que não era minha culpa, não fui eu quem o colocou lá, mas foi graças a ele que *eu* pude salvar a minha vida. Era justo que eu tentasse salvar a dele.

— Esquece o Lorenzo. — Diego afirma, olhando-me nos olhos. Penélope suspira e baixa a cabeça.

— Ele está vindo para a escola, ainda dá tempo — asseguro-lhe.

Diego começa a rir, cruzando os braços.

— O *mano* nem sabe onde *tá*, a vida dele agora é vender bagulho à noite para usar de dia. Lorenzo *tá* na lista dos maluco...

— Ele tem família? Pai, mãe, alguém?

— Pai? A maioria aqui nem sabe quem é... Mãe? Deve *tá* vivendo a própria vida por aí. Lorenzo é bicho solto e não é problema seu. O morro *tá* de olho em você, seu caminho é escola e ponto de ônibus, uma rua diferente disso e eles te pegam de novo. — Ele passa por mim em direção a saída da escola. Penélope me oferece um olhar mais terno, mas segue Diego.

Pela primeira vez desde que entrei nessa escola, sinto-me com mãos e pés atados. E ciente de que mais alguém ao meu lado é sugado para esse mundo podre, agacho-me no chão e choro.





Capitulo  
Vinte

Blanca

Voltar para essa escola todos os dias e não encontrar Lorenzo, quebra meu coração ao meio. Apesar de ter avisado Soledade sobre o que está acontecendo, o poder da escola em resgatar esse menino é mais difícil do que parece, é como se todas nós estivéssemos trancadas numa sala escura sem saber onde a porta está ou que caminho tomar. A partir do momento que eles saem, o resgate é quase que impossível.

Tentei falar com Penélope e Diego mais vezes, mas ambos me dizem para ficar de fora, e a cada nova negativa, a cada dia que chego e encontro sua cadeira vazia, a cada vez que vejo Diego com o olhar perdido encarando as janelas que dão para a rua. Sinto que um pedaço de mim está com eles. E a persistência que há em mim, a vontade que aflora em ajudá-los não se abrandam, pelo contrário, ela só faz crescer. E é isso o que mais dói, ter o desejo transbordando, mas não ter os meios para fazê-lo.

*Quantos mais eu vou perder? Quantos mais vão escorregar por meus dedos feito água?*

Fecho os olhos, meus pensamentos se dividem em Egan. Em muitos dias, após a aula eu me sento na praça onde o encontrei e espero. Não sei ao certo o que espero, mas é uma sensação que não abandona, é algo que martela ininterruptamente e me obriga a esperar, seja no banco da praça, seja na minha cama antes de dormir.

Eu sequer tenho seu número de telefone, e apesar de saber seu endereço, eu não tive coragem de entrar em seu prédio. Mesmo que eu tenha parado em frente a ele por várias vezes, sigo o que está escrito no bilhete que me deixou, sigo o comando de que voltará em alguns dias. Contudo, esses alguns dias estão se transformando em semanas mais uma vez.

Não sei o que se passa na cabeça dele, não sei o que ele espera de mim ou se ele considera um nós. Não sei o que pensar, não sei como agir, não sei o que fazer. E não saber o que fazer em tantas áreas da minha vida, está se tornando uma tortura, uma opressão em meu peito, uma bola no estômago.

— Eu não entendi o que tenho que fazer. — Romeo diz, parando ao meu lado. Eu abro os olhos e encaro a folha em suas mãos, voltando minha atenção para essas crianças que estão aqui, e que se tornam mais empáticas às aulas e a mim.

— Você vai ler esse texto e dizer o que sentiu, hoje não há resposta certa e nem resposta errada, porque o que você sentir é único, é seu, é individual, eu só quero que descreva esse sentimento.

E eu mesma me pego pensando em cada palavra, refletindo a razão de eu ter escolhido esse poema para hoje.

*E te peço perdão por te amar de repente  
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos  
Das horas que passei à sombra dos teus gestos  
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos  
Das noites que vivi acalentado  
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo [...]*<sup>[5]</sup>

Romeo me olha e franze a testa, entretanto, acena concordando e volta a se sentar juntos dos outros. Deixá-los mais livres para discutirem entre si, está funcionando. Em vez de eu ficar de pé na frente da sala, recitando a aula como uma missa do século XVI eu os deixo pensar, deixo que me convençam



de suas teorias, guiando-os nesse processo. E é dessa maneira que consigo introduzir gramática, ortografia e tantas outras matérias sem que eles se deem conta ou se entediem do que estão aprendendo.

E mesmo os menos interessados, os que estão sempre fazendo graça ou debochando dos amigos, estão mais curiosos e atentos a rotina dos demais. Eu sorrio ao olhar para eles, tentando dizer ao meu coração que se acalme porque eles ainda estão aqui.

A aula termina, Diego e Penélope passam por mim e não me olham, eu suspiro e começo a guardar minhas coisas, seguindo para a saída. Na rua, não mudo meu trajeto, saio da escola e sigo para a parada de ônibus. Encosto-me no poste e olho para céu, aguardando minha condução. As nuvens brancas chocam-se umas contra as outras formando uma infinidade de desenhos, busco decifrá-los, mas continuam sendo só um amontoado, assim como meus pensamentos.

Quando o ônibus passa pela praça principal, eu a encaro ajuizando descer e me sentar naquele banco, imaginando que talvez hoje Egan surja e se sente ao meu lado como fez da última vez, que me diga que seu novo sumiço é porque conseguiu se livrar de Nolasco, que me diga que encontrou sua mãe e estava passando um tempo com ela, qualquer coisa que justifique sua ausência.

Pablo me passa mensagem dizendo que comprou comida mexicana, para eu ir até sua casa assim que chegar. Respondo dizendo que logo estarei lá. É difícil fingir para ele que nada está acontecendo dentro de mim, fingir que sou a mesma Blanca de sempre.

Aperto meus olhos e respiro fundo, pensando que talvez seja melhor parar de fingir, que o melhor é dizer a ele como Egan entrou na minha vida

sem aviso e pela segunda vez roubou minha paz.

Mas, o meu maior medo, é que dessa vez ele tenha me roubado mais que isso.

Logo estou em frente à casa de Pablo, ela é quase uma cópia da minha, se não fosse pela pintura que é de um laranja forte com os batentes das janelas pintados em verde limão que contrasta com a minha que é pintada de amarelo com as janelas em azul. Às vezes, quando ando por nossa rua, imagino que estou num bairro da américa central com suas casas coloridas e vibrantes.

Bato em sua porta e ele grita para eu entrar. Encontro-o na cozinha, abrindo as embalagens da comida que comprou. Sua casa é pequena como a minha, mas seus móveis são mais novos, Pablo tem uma certa mania em combinar as coisas, então sua decoração segue uma linha minimalista, com cores claras, móveis em linhas retas e tudo em seu devido lugar.

— O que te deu para comprar comida essa hora, você sempre almoça na escola — falo, colocando minhas coisas sobre seu sofá.

— Estava com vontade de comer comida mexicana e hoje eu saio uma aula mais cedo.

Ele nos serve com uma porção de nachos com carne e tortilla com guacamole, e começa a falar de um novo seriado que está acompanhando via streaming, em seguida fala de um livro que está lendo e o pega para me mostrar dizendo que tenho de ler assim que ele acabar.

Acompanho sua fala, um tanto distante. E decido que agora é a hora de falar com ele.

— Pablo, eu preciso falar uma coisa, mas pelo amor de Deus não me julgue e não fique nervoso, tudo bem? — falo, terminando de comer.

Ele para de mastigar e me observa sem piscar. Ele sabe que o assunto é sério, foi assim quando precisei contar sobre a hipótese de ir morar com a minha mãe no interior, quando não conseguia pagar a faculdade, pouco antes de conseguir uma bolsa integral.

— Você vai embora? — ele pergunta, com a voz rouca e grave. Balanço a cabeça negando que vá. — Sua mãe está doente? — questiona uma segunda opção.

— Não! Não é nada disso — adianto-me.

— Então o que é? Você está me deixando nervoso — retruca.

— Egan

Ele estreita os olhos e inclina um pouco a cabeça, semelhando confusão.

— O que tem ele? Você foi para aquela praça de novo? Ele te achou? A gente tem que chamar a polícia, Blanca — esbraveja.

— Eu te disse para não ficar nervoso, não disse? — Ele comprime os lábios, transformando-os numa linha fina e então acena com a cabeça para eu continuar.

— Eu o encontrei outras vezes depois do incidente na praça — revelo, cruzando as mãos sobre minhas pernas.

— É brincadeira? — questiona, perplexo.

— Ele me ajudou com um problema... perto da escola, me levou para

casa dele, depois me trouxe para casa, nós conversamos... depois disso nos encontramos outra vez, e aí...

— E aí? — ele diz, abrindo mais os olhos.

— Nós nos beijamos e ele passou a noite na minha casa — finalizo.

Eu mordo meu lábio inferior esperando por sua reação. Pablo está atônito e sem fala.

— Eu sabia que você ficaria desse jeito, por isso não contei antes. Egan não é um bandido, ele é um prisioneiro — esclareço, colocando as mãos sobre a mesa, trazendo ênfase à minha fala, para que ele entenda e não me julgue.

— Por que está me contando agora, você não quer minha aprovação, não é? — diz impaciente, com os olhos fixos nos meus. Seus olhos claros me chamam para a verdade.

— Porque você é meu amigo, e eu estava com isso entalado na minha garganta — desabafo, desviando meus olhos dos dele.

Ele passa as mãos pelo rosto, demorando-se em sua barba.

— Como é que ele vem à sua casa e eu nunca vi? — pergunta ele, indeciso.

— Esse é problema — esclareço, esfregando minha testa.

— Não entendi.

— Ele deixou um bilhete na minha cama, dizendo que voltaria em alguns dias, mas isso faz três semanas. E eu não sei o que pensar, não sei se aconteceu alguma coisa, não sei nem se ele ainda está vivo. Ele trabalha com

Nolasco, não tenho ideia das coisas que é obrigado a fazer por aí.

— E é esse tipo de pessoa que você colocou dentro da sua casa? É esse homem que colocou na sua cama? — indaga, meneando a cabeça, desapontado.

Eu o encaro em silêncio por alguns segundos. Entendo que seja difícil para Pablo abranger a situação, se eu mesma não conhecesse Nolasco e não tivesse visto Egan dez anos atrás, pensaria exatamente como Pablo.

— Ele não é como Nolasco. Egan quer se libertar, por isso perguntei sobre Yan. Eu acho que ele pode ajudar. Mas Egan sumiu e... — Baixo a cabeça.

— Meu Deus, Blanca! Você está gostando desse cara? — pergunta e eu volto a fitá-lo com determinação.

— Não, é claro que não! — respondo, aumentando minha voz, negando com determinação. Pablo que me conhece como ninguém e sabe quando minto, ergue uma das sobrancelhas. — Sim, eu estou — murmuro, revelando a verdade.

— Isso é surreal — diz ele, meneando a cabeça.

— Eu acho que ele sente o mesmo — considero, rememorando os momentos íntimos que compartilhamos.

— Você acha que ele se sente igual? E onde ele está? O cara dormiu com você, deixou um bilhete na sua cama e nunca mais apareceu, não é? — diz ele, resolutivo.

Não respondo, porque colocando nesses termos parece que sou uma mulher inocente e iludida.

— Blanca, eu não tenho nenhum direito de me intrometer nos caras que você escolhe, mas esse em específico, sequestrou você, dopou você, pertence a uma facção criminosa... Isso é alguma síndrome de Estocolmo? — questiona, elevando as mãos.

— Sei de tudo isso, Pablo. E, não! Não é síndrome nenhuma. Egan foi vendido pelo pai quando tinha onze anos, ou ele iria para Nolasco ou Nolasco matava toda a sua família, até hoje sua mãe e irmão estão sob vigilância, Egan é obrigado a trabalhar para ele ou sua família morre... — Narro a vida de Egan, como se fosse a minha própria vida, compreendendo emocionalmente tudo o que ele passa.

Pablo me estuda, escutando cada palavra com cuidado. E depois de alguns segundos ele suspira e volta a falar:

— Vamos falar com Yan.





Capítulo  
Vinte e Um

Egan



Cuspo no chão o sangue que empapa minha boca, o gosto de ferro é rançoso, mas não deveria me incomodar. Não depois da quantidade de vezes que já o senti. Com o dorso da mão eu limpo meu queixo e qualquer gota de sangue que tenha sobrado.

— Isso vai dar merda! — Ramiro rosna, entredentes. Ele está ao meu lado, empunhando sua Glock G29 para a cabeça de Félix, o braço direito de Garcia da facção rival a de Nolasco. Ele e mais uns dez de seus homens interceptaram um de nossos carregamentos.

— Merda! — rujo. Olho para trás e vejo que comigo mais Ramiro, somos cinco homens. Uma desvantagem que pode custar nossas vidas no final dessa noite.

— Vocês podem continuar se divertindo a noite inteira ou podemos resolver isso de uma vez. — Félix diz, indicando a mim e Gonzáles que acabamos de nos levantar depois de uma luta corporal exaustiva.

Gonzáles fazia parte do esquema, ele chegou na casa de Nolasco um pouco depois de mim, crescemos juntos naquele inferno. Mas, ele não é como eu, nunca foi, sempre foi um merdinha ambicioso, um rato esperto como o diabo, que conseguiu se debandar para a facção de Garcia, levando consigo tudo o que sabe sobre a organização de Nolasco. Inclusive as rotas mais secretas. A ordem é para matá-lo, mas Garcia o tem seguro debaixo de suas asas, nenhum de nós havia conseguido chegar perto o suficiente de Gonzáles. Até hoje.

— Ainda temos muito o que acertar — diz ele, cansado e ofegante, com os lábios sangrando, segurando o ombro depois de receber de mim uma chave de braço.

— Você morre hoje, Gonzáles! — Ramiro urra, sem desviar a arma de Félix.

Aperto os olhos, arrependido por minha arma estar caída no chão, longe demais das minhas mãos. O bando rival só não puxou o gatilho ainda, porque Ramiro tem Félix na mira. Caso contrário, já teriam nos matado.

— Penso em ter negócios com Nolasco e você vai me ajudar, sei que você é o preferido — Félix profere, apontando um dedo para mim.

— Você acha mesmo que vai roubar uma carga dele e depois fazer negócio, Félix? — Ramiro pergunta, aproximando sua Glock um pouco mais de sua cabeça. Os homens de Félix dão um passo à frente.

— Não é nada pessoal, Ramiro. E caso você não saiba, essa carga era nossa antes de se tornar dele. — Félix responde, calmamente, encarando o cano da arma como se não fosse nada. Ele destoa do restante de nós, vestido com um terno azul marinho, mocassins e gravata marrons, ele se parece mais com um mafioso italiano do que com o ladrãozinho que foi antes de ascender na organização de Garcia.

Eu olho para Ramiro e todos os outros e noto que estamos sem tempo, Félix não vai esperar muito mais, vai matar todos com exceção de mim. Ele sabe quem eu sou na hierarquia de Nolasco, Gonzáles também sabe e só por isso quis essa luta ridícula antes de puxar o gatilho e acabar de vez com isso.

Ramiro encara Félix com um olhar brutal, raivoso, destemido, ele não tem medo de morrer. Na verdade, nenhum de nós têm. Entretanto, ele é o único aqui que será pai e está enterrado até o pescoço nessa merda.

Eu observo um a um os homens de Félix, pensando numa maneira de apaziguar os ânimos e minimizar os estragos. Inferno! Nem era para eu estar

aqui. Só vim acompanhar essa carga porque era um jeito de conseguir conversar com Ramiro sem levantar quaisquer suspeitas pelo tempo que passaríamos juntos, mas, agora, com toda esse porcaria acontecendo, vai ser mais difícil explicar por que estou escoltando um carregamento em vez de estar em Volar.

— O que quer de mim? — pergunto a Félix. Ele sorri com o canto da boca, enrugando um lado do rosto.

— Quero expandir os negócios para Garcia. Ele conta comigo para uma possível parceria com Nolasco. De todas as organizações só a nossa não tem... digamos... um bom relacionamento — articula.

— Isso porque vocês são uns babacas do caralho. Parceria com Nolasco, encurralando a gente numa rota nossa, roubando nossa carga? Você é um imbecil de merda! — Ramiro vocifera, sem paciência. Ele tem a arma empunhada, segurando-a com as duas mãos e uma das pernas recuada, pronto para puxar o gatilho contra a cabeça de Félix.

Félix ignora Ramiro e mantém seus olhos em mim.

— Não esperava que você estivesse aqui hoje. Mas, já que está, podemos criar uma solução para esse conflito. O que acha? — pergunta ele. Acho um milhão de coisas e nenhuma delas termina com Félix vivo.

— Não sei se Nolasco tem interesse numa parceria com Garcia — digo, sustentando minha voz serena e controlada.

— É por isso que existimos, *Egan* — ele diz meu nome de maneira afetada, demonstrando que sabe mais de mim do que eu gostaria. Desvio meus olhos por um segundo para Gonzáles, ninguém além dele poderia ter dito meu nome verdadeiro para uma organização da qual não temos uma relação

amistosa.

— Não existo para isso, Félix — respondo, usando o mesmo tom que ele.

— Sei que você é quem vai assumir os negócios em breve, a notícia corre solta, garoto — revela, sorrindo mais uma vez.

— Se sabe disso, por que ainda estamos nessa discussão? Pegue seus homens e vá embora, e eu esqueço o que aconteceu aqui em nome de uma futura parceria — disputo, usando dos argumentos que disponho.

Félix relanceia sobre Ramiro, nossos homens e o caminhão atrás de nós, respira, franze os lábios e esfrega uma mão na outra, pensando no que fazer. Com sorte, ele verá que o melhor para uma parceria — que duvido um dia existir — é deixar as coisas como estão e ir embora. Ele sabe que se levar essa carga, não haverá mais trégua entre as facções que pertencemos.

— Talvez você tenha razão, posso deixar *nossa* carga para vocês dessa vez, em nome do bom relacionamento que logo teremos — diz, ajustando o terno ao corpo.

A estrada de terra batida é iluminada apenas pelos faróis dos carros e do caminhão, eles de um lado e nós do outro. Ele sinaliza para os homens atrás de si recuarem, que o obedecem seguindo de costas para seus carros.

— Que merda você está fazendo, Félix? Sabe quanto vale essa carga? Você disse que eu teria minha parte. — Gonzáles vai até ele, apontando um dedo para seu rosto.

Félix ergue uma sobrancelha e relanceia sobre o dedo apontado.

— Baixa esse dedo se quiser amanhecer com ele preso em sua mão —

rosna.

Gonzáles baixa a mão. Contudo, seu peito arfa e suas narinas dilatam, há fúria em seu olhar. Fica nítido para mim que tirar essa carga de nós é mais como um capricho que pelo dinheiro. É sua maneira de dizer que é melhor que nós. Babaca!

Engulo em seco, ainda apreensivo, porém mais confiante de que essa noite terminará sem maiores incidentes.

— Eu não sei ainda que merda estão fazendo. Vão resolver a porra dos problemas de vocês longe daqui, ou eu juro que essa noite vai terminar com todos nós mortos. — Ramiro troveja, encostando sua Glock na testa de Félix.

Ele observa Ramiro com um olhar gélido e enraivecido. Eu toco o ombro de Ramiro para ele se afastar.

— Todos nós não... — diz Félix, distanciando-se da mira e seguindo para seu carro.

Eles entram em seus veículos e um a um, os carros da escolta começam a passar por nós. Eu respiro aliviado, nossos homens baixam suas armas e começam a voltar para seus postos.

— Que merda foi essa? — Ramiro baixa sua Glock e aperta os olhos. Entretanto, eu mitiguei rápido demais. Porque na escuridão sombria, o som de um tiro ecoa pelo ar, rasgando o silêncio noturno até cumprir seu propósito.

A bala atravessa o corpo de Ramiro e tudo começa a acontecer numa versão desacelerada e angustiante. Nossos homens, se colocam a postos outra

vez e atiram contra a escolta de Félix, mas os carros continuam seu trajeto, deixando-nos com um dos nossos dobrando seus joelhos no chão.

— Ramiro! — berro, apoiando seu corpo. Ele começa a tossir e o sangue jorra por sua boca, escorrendo por seu queixo e ensopando sua roupa, além da mancha escarlate que cresce desmedida em seu abdômen.

— Aguenta! A gente vai te levar para um hospital — falo, deitando-o no chão e levantando-me para trazer o carro para mais perto. Contudo, ele segura meu braço e me puxa para ele. Os outros homens correm e nos circulam.

— Não! — Ramiro diz, com dificuldade. Ele sorri, e seus dentes estão manchados pele vermelho vivo de seu sangue. — Já era... — diz e tosse mais um pouco.

Eu baixo meu corpo e me sento no chão ao seu lado. Aperto os olhos e amaldiçoo em silêncio, sabendo que Ramiro não tem mais que alguns minutos de vida. Os homens nos olham e não dizem nada, e em seguida se afastam, deixando Ramiro e eu a sós.

— A gente sabe que termina assim — murmura, engasgando em seu sangue.

— Fique em silêncio — clamo, para que tenha uma passagem para o outro mundo um pouco menos sofrida.

— No meu quarto... atrás do armário... no rodapé... — ele tosse e eu elevo sua cabeça — Está tudo lá... — engasga mais um pouco e sua voz se torna apenas um fiapo.

O sangue que evanesce de seu corpo é tamanho que minha roupa fica

tão suja e minhas mãos tão vermelhas quanto as dele. E, nesse momento, é difícil discernir se fui eu ou ele quem acabara de levar um tiro.

— Está lá... Não termine como eu, Egan... — Preciso aproximar minha orelha de sua boca para conseguir ouvir sua última frase.

— Eu não vou, cara. Eu não vou... — repito, até que seus olhos começam a se fechar e em meus braços Ramiro perece.

Tento controlar a raiva que me abraça, busco conter o ímpeto de me levantar e seguir atrás daquele desgraçado e fazê-lo terminar exatamente como Ramiro. Com cuidado, baixo sua cabeça e o corpo inerte fica estendido no chão. A terra batida se torna ainda mais vermelha ao se misturar com seu sangue.

Os homens me observam de longe, sabendo que não há mais nada o que fazer a não ser cavar um buraco aqui mesmo para enterrá-lo e seguir o caminho de entrega para essa carga. É assim conosco, quando o fim chega não há família para devolver nossos corpos, não há velório e um enterro digno, não há quem chore sobre nossos caixões.

Penso na mulher que Ramiro havia dito com tanto amor, penso no filho que ele nunca conhecerá, penso na criança que nunca verá o pai e sequer poderá levar flores ao seu túmulo.

Passo as mãos ensanguentadas em minha roupa, procurando me apartar um pouco de seu sangue, apartar um mínimo que seja do buraco que acaba de se abrir também em mim. Marcho até os homens e peço a eles a chave de um dos carros. Os outros dividirão espaço no caminhão.

— Vocês sabem o que fazer — falo. Em silêncio, eles acenam com a cabeça e caminham até o corpo de Ramiro.

Sigo para um dos carros, e assim que coloco as mãos no volante sinto-me nauseado. Não por ver um homem morrer, eu já vi tantos que a imagem não me choca mais. Mas por ser o segundo homem que eu já estimei na minha vida a partir em meus braços.

A lembrança de meu pai, morto por Nolasco regressa com tanta força que parece que meu peito está sendo rachado ao meio, aberto com um machado. A visão dele caindo de joelhos assim como Ramiro, agonizando e engasgando no próprio sangue até que a morte o levasse pelas mãos.

Aperto os olhos bloqueando as lágrimas que se formam. Mas, a pressão que causam em meus olhos é tão forte, que fica impossível mantê-las dentro das pálpebras e elas deslizam por meu rosto, misturando-se ao meu sofrimento, ao sangue de Ramiro e a poeira da estrada.

Elas manam enquanto rememoro cada maldito minuto desde que cheguei à casa de Nolasco, desde que Ramiro me acolheu, ainda um menino franzino e assombrado. Em compensação, ele estava certo, não há fim diferente para nós. E eu não quero que esse seja também o meu.

Ligo o carro e o manobro, seguindo na direção de Nolasco. Deve ser eu a dizer o que aconteceu hoje, não há como deixar essa tarefa nas mãos de nenhum dos outros. Meu corpo estremece até os ossos, sabendo como Nolasco receberá essa notícia.



Quando bato à sua porta, respiro e reúno minha força para enfrentar o



que está por vir.

— Entra — diz ele.

Abro a porta de seu quarto, ainda é madrugada e Nolasco dormia quando atendeu minha ligação. O encontro de pé, vestindo um robe de cetim azul com suas iniciais. A luz baixa só faz desse quarto ainda mais sombrio. Paro a alguns metros de distância.

— Vendo o estado de suas roupas, algo importante aconteceu — diz, cruzando os braços e encarando minhas roupas sujas de sangue.

— Fui com Ramiro fazer a entrega de Tierra Roja... O pessoal de Garcia nos interceptou. Félix e Gonzáles estavam com eles.

— Eles levaram a carga? — pergunta, serenamente.

— Não — respondo, desviando meu olhar para os tapetes sob seus pés. — Eles atiraram em Ramiro. Ele... está morto... — finalizo. Ouço-o suspirar e um silêncio apavorante recai sobre nós. Fecho os olhos sem encará-lo.

— Por que estava com Ramiro e não em Volar? — pergunta ele, depois de um tempo.

A resposta a essa pergunta está na ponta da minha língua, eu pensei nela exaustivamente no caminho para cá, e mesmo que ela possa ser a minha sentença, ainda assim, é melhor que despertar qualquer suspeita sobre as reais intenções do meu encontro com Ramiro.

— Íamos sair com algumas garotas depois da entrega. Eu voltaria para Volar amanhã — profiro. Um riso sarcástico e aterrorizante ecoa pelo quarto.

— Você deixou seu posto para ir atrás daquelas piranhas de Tierra Roja? É isso o que está dizendo? — pergunta, colérico.

— Sim — respondo.

— Ramiro morreu, mas poderia ter sido você, seu babaca! Não estou com você há todo esse tempo para que morra nas mãos de uma facção rival, ainda mais nas mãos de Garcia — vocifera, entre dentes, aproximando-se de mim. Ele ergue meu queixo e me encara a centímetros de distância. Seus olhos faíscam na pouca luz. Não desvio e me mantenho firme ao tê-lo tão perto. Sua fala termina soprando contra meus lábios.

Escuto seus passos se afastando de mim, ele segue para a cama *king size* no centro do quarto. Forrada com lençóis de seda eles brilham quando Nolasco apoia um joelho sobre eles. Cerro meus punhos, e procuro manter sob controle o enjoo que sua presença me causa e a vontade de socar seu rosto até que fique irreconhecível.

— Félix disse que tem interesse em estreitar os negócios entre as facções. Garcia quer fazer uma parceria com você — falo.

Nolasco ergue um canto da boca, suspira e acena com a cabeça, depois volta a andar até mim.

— Não tenho interesse de parceria com Garcia — fala, observando minhas roupas. — Vá tomar um banho, tire esse sangue de cima de você.

Aceno em concordância e me viro para sair de seu quarto. Quando estou prestes a girar a maçaneta ouço sua voz.

— Sabe que não vou deixar isso passar, não sabe? — pergunta atrás de mim.

Arquejo, baixo a cabeça e saio sem olhar para trás. Ando pelos corredores da casa, demorando-me a chegar ao meu quarto, porque eu sei o que me aguarda. Paro por uns minutos, encostando-me numa das paredes e penso quanto tempo mais eu serei capaz de suportar. Quando chego ao meu quarto López e Molina me esperam.

— Alguma chance de não seguirem as ordens dele? — pergunto, puxando para o alto as mangas do meu moletom sujo.

Os dois balançam a cabeça em negativa. Arfo mais uma vez e assim ultrapasso minha porta sinto o impacto do primeiro golpe. Um chute nas minhas costas me projeta para frente.

López vem até mim e segura o capuz do moletom e me arrasta com uma chave de pescoço. Para me defender, consigo dar uma cotovelada em seu estômago. Ele geme com a dor e afrouxa seu aperto, consigo me libertar e giro meu corpo elevando uma perna para golpear seu abdômen, fazendo-o cair a uma distância de mim.

Molina vem por trás e me agarra pela cintura, erguendo-me para o alto. Ele é o maior de nós, tanto em peso quanto altura, é difícil me livrar de suas mãos, mas com os pés fora do chão, consigo acertá-lo num dos joelhos com meu calcanhar, ele desequilibra e me solta. Rapidamente, cerro meu punho e o golpeio no rosto repetidas vezes, até que os nós dos meus dedos sangrem com as arremetidas. Ele tonteia e tropeça para trás.

Porém, López está recuperado e vem até mim, segura meu braço e consegue me girar encurralando-me contra uma parede. Ele tem a vantagem e me acerta sem dó, a cada baque minha cabeça é jogada para o lado, sinto o sangue espirrar da minha boca para o chão.

Mas, não desisto, eu nunca desisto, por mais cansado que esteja, não apanho sem reagir. Dobro uma perna e o acerto na virilha, ele se curva segurando suas partes baixas e eu aproveito para acertá-lo com mais alguns golpes.

Curvo o corpo por um segundo para respirar e esse tempo é o suficiente para Molina me erguer em seus ombros, girar comigo pelo quarto e me arremessar contra um dos móveis, escorrego derrubando todos os objetos sobre ele comigo, além de um dos quadros na parede.

Meu corpo inteiro dói, não há parte dele que não queime como fogo. Enfraquecido no chão, os dois agora se juntam e me acertam com golpes duros. Tento me levantar, entretanto a série de pancadas é intensa e eu cedo a selvageria.

Em dado momento, não sinto mais minhas pernas ou braços, não consigo enxergar e a única coisa que faço é lutar para respirar, mas até isso é um tormento. O ar entra com dificuldade e seu trajeto até meus pulmões é como atravessar um mar de espinhos. López e Molina me deixam no chão, imóvel, gemendo, sangrando...

Ouçó minha porta ser fechada e em pensamento agradeço que a ordem era para me surrar e não me arrastar para o porão ou para aquela maldita gaiola. Cuspo o sangue no chão, e por um longo tempo, horas talvez... permaneço largado sobre os tapetes caros até conseguir me arrastar para o banheiro.

Tiro minha roupa com dificuldade e a essa altura não sei mais o que é sangue meu e o que é sangue de Ramiro, abro o chuveiro e me sento debaixo da água. Deixo que ela lave o vermelho que tinge minha pele e de alguma maneira relaxe meus músculos que ardem com a dor.

Fico debaixo da água por uma hora ou mais, até ter condições de me levantar, secar e vestir outra roupa. Olho-me no espelho e meu rosto está irreconhecível, um dos meus olhos está completamente fechado tamanho o inchaço que o circula, meus lábios, supercílio e testa tem cortes aparentes, meu maxilar está arroxado pela força do punho de López, fora as escoriações e hematomas pelo restante do corpo.

Saio do quarto e caminho pelos corredores até estar em frente ao quarto de Ramiro, olho para os lados para ter certeza de que estou sozinho, entro e fecho a porta. Vou até o armário e o arrasto devagar, buscando o resto de força que ainda tenho.

Assim que o empurro vejo que o rodapé em madeira tem um recorte, abaixo-me e encaixo minhas duas mãos nele, puxando-o. Ele se move com facilidade e atrás um vão é revelado, enfio uma mão no vão trazendo a mim seu conteúdo.

Um pacote pardo surge. Eu o abro e vejo a foto de uma mulher, giro a fotografia e atrás os dizeres "eu te amo". A mulher é morena com longos fios escuros, usando um vestido laranja rodado ela apoia uma mão na barriga sobressalente. Eu aperto meus lábios, sentindo a morte de Ramiro rasgar meu peito mais um pouco. Encontro também um bilhete endereçado a mim. Leio-o com apenas um dos meus olhos.

*"Se está lendo isso é porque estou morto e ao menos tive a chance de estar com você e dizer onde encontrar esse pacote. Nele você vai encontrar uma quantia e um endereço. Por favor, entregue esse dinheiro à Monica e diga que eu a amo e que mesmo em*

*outra vida continuarei a amá-la. Você também vai encontrar uma tira de papel com uma coordenada geográfica... desculpe por não ter entregado a você antes... tome cuidado, não saia como um louco atrás desse endereço... pense, estude e planeje o que vai fazer, você não terá uma segunda chance para ficar com eles."*

Acabo de ler suas palavras com meu peito arfando. Procuro a tira com as coordenadas e então a encontro. O pequeno papel cheio de números faz meu coração bater mais acelerado e uma lágrima solitária deslizar de um dos meus olhos. Penso em minha mãe e a saudade que sinto, ela é tão forte, tão presente, que não consigo nem imaginar como será encontrá-la mais uma vez. Penso também em Blanca e na possibilidade real de estar livre, na possibilidade de andar com ela pelas ruas, de segurar suas mãos e dizer que não há um só minuto que eu não tenha pensado nela e na noite que tivemos.

Essa tira em minhas mãos é a chance de eu ser feliz, é a chance de eu deixar que esse sentimento que cresce em meu peito se alastre para todo o meu corpo.





Capitulo  
Vinte e Dois

Egan



Assim que entro no apartamento que ocupo em Volar, vou direto para a cama. Sento-me nela, tirando o celular do bolso da jaqueta e abro o navegador de mapas, digito as coordenadas descritas no papel deixado por Ramiro e espero que ele mostre sua localização. Assim que o alfinete vermelho se fixa num local do mapa, minha respiração desaparece, o ar não passa pelas minhas narinas, ele não chega aos meus pulmões.

Minhas mãos tremem ao ponto de o celular balançar de um lado para o outro. Preciso agrupar todo meu sangue-frio para conseguir olhar para essa tela com a cidade, rua e número indicados, sem correr como um louco até lá. Toda a minha sensatez e prudência para não entrar naquele carro e guiar desesperadamente até minha mãe e irmão.

Deixo o celular cair na cama e levo as mãos ao rosto. Nem a dor da surra que levei, nem o inchaço e os cortes no meu rosto, nem os hematomas pelo meu corpo são capazes de suprimir a alegria que passa a me dominar.

Eu sou uma mistura de choro e riso, passo as mãos pelo cabelo de maneira frenética, e em seguida bato com a palma aberta sobre o colchão, repetidas vezes, chorando, rindo, gritando, feliz, exultante, sem acreditar que eu sei. Que eu, afinal, sei onde eles estão.

Caio de costas contra o colchão com os braços abertos e encaro o teto com um sorriso que atravessa meu rosto de um lado ao outro, sentindo as lágrimas deslizarem pela lateral dos meus olhos, até pingarem sobre a cama.

— Eu estou livre, mãe! Todos nós estamos... — murmuro.

E enquanto eu choro e sorrio, todo o tempo sem dormir, a morte de Ramiro, o correr de um lugar ao outro, a surra de López e Molina e a pressão

de Nolasco recaem sobre meus ombros, uma exaustão difícil de ignorar. Meus olhos úmidos vão se fechando e ainda que eu continue com meus lábios esticados num sorriso esperançoso, o sono me vence.



Eu simplesmente apago por quatorze horas consecutivas. Saio da cama, ainda sonolento, mas em partes recuperado e sigo para o banheiro. De frente para o espelho, noto que meu olho está um pouco menos inchado, sobretudo, ainda é visível que levei uma surra. Meus músculos desaquecidos, doem como o inferno, é difícil erguer meus braços.

Abro a gaveta do armário e de lá tiro os analgésicos que estou acostumado a tomar nessas situações, os remédios fortes são os únicos que conseguem tirar a dor e me manter de pé. Enfio-os na boca e os engulo. Sigo para o chuveiro e tomo um banho de verdade, esfregando cada canto do meu corpo.

Enrolado numa toalha escolho vestir um jeans rasgado e agradeço o dia de hoje estar nublado e garoento, porque visto um moletom limpo e por cima dele uma jaqueta com uma touca volumosa que ajuda a manter meu rosto encoberto e longe de olhares mais curiosos. Na cozinha, abro a geladeira e me sirvo da pouca comida que tem. Quando me sinto refeito e alimentado, saio de casa.

Eu deveria ir até Grandão dar uma olhada nos garotos escolhidos para Nolasco, mas eu não quero, e nem sei se vou. Agora que a chance de eu me libertar está tão perto, vou postergar o máximo possível essa tarefa.

Em oposto a isso, saio de casa para encontrá-la — mesmo que de longe, mesmo que camuflado —, eu só quero ver Blanca. Relanceio sobre meu relógio e imagino que a essa hora ela esteja em casa. Cubro minha cabeça com o capuz da jaqueta, deixo o carro de lado e começo a andar pelas ruas de Volar, caminho por uns quarenta minutos até estar na rua em que ela vive. Com o dia úmido e cinza, sua vizinha não está sentada na cadeira de balanço e não controla os movimentos da rua, o que facilita uma aproximação segura durante o dia.

Marcho devagar e atento pela rua de casas coloridas, e então eu a vejo. Estaco meus pés e me afasto para atrás de uma árvore numa das calçadas, observando-a oculto e a distância. Blanca vestida com um casaquinho vermelho abre um guarda-chuva azul marinho. Ela ajeita sua bolsa sobre o ombro e aguarda olhando para algumas casas adiante.

Não me movo. Espero à espreita, até que sua companhia surge e se abriga debaixo do seu guarda-chuva. O homem de cabelos vermelhos como o fogo, beija seu rosto e enlaça sua cintura. Eles se encaram e sorriem.

Estreito os olhos e sinto meu peito dolorido arfar, sendo invadido por uma sensação desagradável. Os dois começam a caminhar abraçados no sentido oposto ao meu. Abandono a árvore e os sigo, acompanhando cada passo sincronizado que dão. Pablo mais alto que Blanca, é quem agora segura o guarda-chuva, ele o faz com uma mão, enquanto a outra mantém o corpo dela junto ao seu.

Eles andam despreocupados pela rua molhada e mesmo da distância em que estou, escuto suas risadas. Blanca em algum momento encosta sua cabeça no ombro dele, e num movimento íntimo e reconfortado ele beija o topo de sua cabeça.

Eu paro de andar e aperto meus olhos.

Quando os abro novamente, Pablo e Blanca estão mais distantes. *Ela* está mais distante e caminhando para longe de mim. *Esse é o certo, não é?* Ela caminhar para longe. Por que eu estou aqui? Para bagunçar sua vida. Eu não tenho esse direito, eu não deveria estar aqui. Eu deveria voltar somente quando fosse tão livre quanto ela.

Abandono-os virando de costas, ciente que mesmo que eu queira erguer a cabeça e gritar seu nome para todos ouvirem, mesmo que eu queira tirá-la dos braços dele e aconchegá-la nos meus, ainda assim, eu não tenho esse direito.

No caminho de volta, paro em frente à casa de Blanca e observo as paredes amarelas com janelas azuis, um contraste difícil de encontrar por aí e tão característico daqui. Sem muros ou portões, o acesso a porta principal se faz por três degraus. Subo-os e encaro a fechadura que para mim é fácil de abrir, eu poderia entrar como fiz da última vez e esperar por ela. Contudo, não o faço. De frente para a porta eu fecho os olhos e penso em todos os “poréns” que cercam minha vida.

— Egan? — Escuto a voz doce e sussurrada atrás de mim. Abro os olhos, mas não me viro, continuo a encarar a madeira da porta antiga à minha frente.

— É ele? — A voz masculina e desconfiada pergunta ao seu lado.

Uma mão toca meu ombro, eu giro a cabeça e encaro os dedos finos com as unhas pintadas num tom escuro de vinho. Preciso de autocontrole para não a tomar em meus braços. Lentamente, começo a me virar, à medida que Blanca tira sua mão de mim e a leva à boca quando vê meu rosto

machucado.

— Meu Deus, o que aconteceu? — pergunta aterrorizada, com as bochechas coradas pelo dia frio ou pela caminhada. Elas são como um convite para tocar seu rosto e sentir a calentura de sua pele.

— Blanca. — Pablo a chama dois passos atrás. Eu desvio meus olhos dela para ele, que tem olhos estreitos e lábios cerrados, numa expressão clara de desconfiança, dúvida, receio. Assistindo a proximidade dos dois, é natural que se preocupe. É nítida a sua vontade de tirá-la de perto de mim. Não posso julgá-lo, ele está certo em desconfiar, não sou o bom moço que ele aparenta ser.

Blanca o olha e balança a cabeça confirmando. Sinto-me um tanto incomodado por perceber que ela tenha falado de mim para ele.

— Eu estava indo até o centro, mas esqueci meu celular e... — diz ela, apontado para a rua e depois para sua casa.

Mantenho-me em silêncio, Pablo dá alguns passos para trás e olha para os dois lados da rua, como se vigiasse o perímetro. Quem sabe ele pense que estou aqui com mais alguém?

— Estou sozinho — aviso. Ele volta a me olhar.

— Vamos entrar, Blanca — diz ele, sem tirar os olhos de mim. A expressão alegre que ostentava até algum tempo atrás quando interagia somente com ela, desaparece por completo.

Blanca chaveia a porta para abri-la, em seguida segura minha mão e me puxa para dentro de sua casa. Pablo entra a seguir e tranca a porta. Fico de pé no meio da sala, intercalando meu olhar entre eles. Blanca se aproxima,

ergue uma mão e toca meu rosto com cuidado, ela tem as sobrancelhas juntas, num semblante que manifesta toda a sua complacência.

— O que aconteceu com você? — indaga. Eu meneio a cabeça de um lado para o outro, negando que algo tenha acontecido. Blanca franze os lábios e suspira.

— O que veio fazer aqui? — Pablo questiona, cruzando os braços sobre o peitoral.

Não o respondo, porque não devo essa resposta a ele. Na verdade, minha vontade é pedir que saia dessa casa, que se afaste de mim e, principalmente, se afaste dela. Mas, mais uma vez, que direito eu tenho de pedir algo assim?

— Pablo, você pode nos deixar a sós? — Blanca pergunta, como que adivinhando o que estava prestes a sair pela minha boca.

— Não vou — diz ele, seguro de si.

— Pablo, por favor. — Ela pede, num tom afável. Ele a olha e passa as mãos pela barba ruiva e rente ao rosto, indeciso se atende ou não seu pedido.

— Não posso deixá-la sozinha sem saber se está segura. Olha para ele, Blanca! — argumenta, sinalizando meu rosto com uma mão.

Eu não baixo sua mão, porque no lugar dele faria o mesmo. Ela suspira outra vez e acena com a cabeça concordando que ele fique. Eu fecho meus olhos por um segundo, imaginando que em aceder ao pedido de Pablo, Blanca possa pensar o mesmo que ele.

*Será que ela está com medo de mim?*

— Eu contei a Pablo sobre você... nós... — Blanca gagueja ao dizer “nós”, como se a simples menção dessa palavra tão pequena e tão significativa fosse algo ruim, algo fora de nosso alcance. Sinto meu peito doer um pouco mais, uma dor mais funda e penosa que as tantas surras que já levei.

— Sei que se conheceram anos atrás e Blanca acredita que por conta disso, vocês têm uma ligação, algum tipo de vínculo. Mas... — ele dá um passo à frente e eu o ouço em silêncio —, também sei que você não deve ser tão inofensivo como ela acredita. Ninguém fica a vida inteira numa facção criminosa para brincar. E pela condição do seu rosto, imagino que coisa boa não estava fazendo — completa ele.

— Pablo! — Blanca o repreende.

Eu continuo a interpolar meu olhar entre eles e então tenho a certeza do quanto Pablo sabe sobre mim. Ao que parece o relacionamento dos dois é mais intenso do que pensei, o que me causa uma sensação esquisita, é como se eu estivesse num lugar ao qual eu não pertenço. Um lugar onde não sou bem-vindo.

— Nunca disse a ela que era inocente — falo, por fim.

— Inocente é uma palavra muito suave para definir o que você já deve ter feito — continua ele.

Inspiro o ar à minha volta e estreito a distância entre nós, parando a um passo dele.

— Eu nunca disse que era inofensivo, inocente, virtuoso, inculpado ou qualquer outra coisa. Sei o que eu sou, sei o que eu fiz, sei o que eu faço — falo, mirando seus olhos com a mesma intensidade que ele fita os meus.

— Então sabe que sequestrá-la e drogá-la é crime, não é? — inquire ele, com olhos cerrados e irritados.

— Eu... — Tento explicar, mas não há como explicar o inexplicável, ele está certo.

— Isso já foi! Por que está trazendo à tona, Pablo? — Blanca discute, interpondo-se entre nós.

— Por quê? Porque você está apaixonada por ele e não enxerga as coisas com clareza — ele diz, elevando uma mão.

Imediatamente, desvio meu olhar para Blanca. Ela enrubesce ao ouvir Pablo, as bochechas que antes estavam levemente rubras, agora tomam um tom carmesim acentuado. Entretanto, o que me deixa surpreso é o registro de que esteja apaixonada por mim.

*Apaixonada?* Qual é o alcance dessa palavra entre nós? Será que é algo parecido com o que sinto quando a vejo ou com o formigamento que me invade ao tocá-la? Ou ainda com a explosão de sensações que me atravessou quando passei a noite em sua cama? Será que essa é a palavra certa para descrever o que eu também sinto?

— Pelo amor de Deus, Pablo! — Blanca exclama, aproximando-se dele para segurar seus braços. A familiaridade dos dois, e o toque de um na pele do outro, faz com que eu sinta cada gota do meu sangue aquecer.

— Como posso não me preocupar com você, Blanca? Parece que o cara acabou de sair de uma briga de gangues e sabe-se mais o que ele fez para estar assim? — Pablo justifica.

— Eu não fiz nada! — revelo, provocando os dois a me olharem,



Pablo com suspeita e Blanca com compaixão.

— Foi o Nolasco? — Ela indaga, ainda com as mãos em Pablo.

Eu aceno concordando. Ela aperta os olhos por um breve momento, ofegando em seguida.

— Pablo, se quiser ficar aqui será para nos ajudar. Caso contrário, saia agora que falaremos mais tarde. — Sua voz ganha um tom inflexível, firme, que o obriga a se decidir. Ele aperta os lábios, e acena com a cabeça acatando a ordem de Blanca.

— Então senta e fica quieto — diz ela, soltando seus braços para passar os dedos pela boca, num movimento que simula um zíper fechando. Pablo se senta numa das duas poltronas na sala, e indica a outra para eu me acomodar. Blanca vai até a cozinha e pega um banquinho trazendo-o para a sala e se senta também.

— Você está bem? Está com dor? Precisa ir a um hospital? Você alguma vez já fez uma tomografia? — ela descarrega todas as perguntas com preocupação genuína. Tenho vontade de sorrir diante de sua apreensão. Desde que vivo com Nolasco ninguém nunca me faz essas questões. É a primeira vez que vejo alguém realmente preocupado comigo.

— Estou bem — respondo, desejando com mais ambição trazê-la até meus braços... *até meus lábios*.

— Tem certeza? — insiste. Eu aceno dizendo que sim. — Por que demorou tanto para aparecer? — persiste ela. Baixo a cabeça sem saber como dizer todas as coisas que fiz ou sofri, não é algo que dê para descrever como se fala sobre uma viagem de férias.

— Eu... — Perco-me nas palavras.

— Esquece! O importante é que está bem... Eu pensei que você pudesse estar... — Ela não termina a frase, cerrando os lábios e os olhos, buscando omitir a cena que se desenrola em sua mente.

— Morto? Pensou que eu estivesse morto? — pesquiso, dando voz ao seu pensamento. Ela abre os olhos e me encara. Depois baixa o olhar para suas mãos entrelaçadas e acena em concordância.

— Ele não me deixaria morrer tão rápido — confesso.

— A gente vai te ajudar. Não é, Pablo? — indaga, olhando para ele. Faço o mesmo e fito o homem sentado na poltrona ao lado.

Ele inspira e me observa com um pouco mais de suavidade, ainda que suas dúvidas e ressalvas estejam estampadas em seu semblante.

— Sim, nós vamos — diz ele, abismando-me.





Pablo tem os dois olhos grudados em mim, aquelas bolas claras e esquivas dizem mais que um livro aberto. Eu o conheço, sei o que está pensando. Depois de toda a conversa que tivemos e o tempo que demorei para fazê-lo entender que Egan é uma vítima e precisa de ajuda. Egan me aparece com o rosto completamente desfeito, ele parece alguém que acabou de sair de um ringue de luta, e o pior é que não aparenta ter saído como vencedor.

— Sim, nós vamos. — Pablo diz desconfiado. Mas, não importa. O importante é a promessa que me fez de que se Egan aparecesse, nós iríamos atrás de Yan para encontrar uma maneira de livrá-lo de Nolasco.

— Por que me ajudaria? — Egan pergunta, fitando Pablo com descrença. — Você não me conhece — conclui, meneando a cabeça.

— Não faço por você, faço por ela — responde ele, apontando-me. Egan estreita os olhos, intercalando-os entre Pablo e eu. E mesmo em silêncio, a pergunta que paira em sua mente ecoa até mim interrogando a relevância de Pablo em minha vida.

— Pablo e eu somos amigos há muitos anos, mais que amigos, somos como irmãos. Não há nada sobre mim que ele não saiba e não há nada que ele precise que eu não faça — digo, respondendo o questionamento que ele ainda não fez.

Egan balança a cabeça conforme me ouve. Como se minha fala acabasse de esclarecer suas indagações.

— Meu primo é investigador na polícia. Se explicarmos toda a sua história desde o começo, é possível que ele nos dê um caminho, uma trilha

mais confiável para seguir. Não sou tão sonhador quanto Blanca, sei que não será fácil. Sei também que pode ser que no final de tudo, você não saia tão *livre* como ela imagina. Mas é uma possibilidade para mudar a rota da sua vida e da sua família. Se esse Nolasco tem tanto poder assim, é porque tem muitos contatos, inclusive, na polícia. Por isso, é melhor conversarmos com Yan na minha casa. Eu sei que ele é uma pessoa acima dessa sujeira e se for de sua alçada, vai nos ajudar. — Pablo explica, didaticamente.

Egan o escuta, no entanto, sem expressar reação. É como se tudo o que contamos fosse fora de contexto, fora do seu alcance. Apenas uma proposição falaciosa e impossível de se realizar.

— Parece que você chegou ao fundo do poço, por que não se agarrar a única corda que pode te ajudar a subir? — Pablo o indaga com determinação. E, enfim, consegue uma reação de Egan. Demora alguns segundos, mas ele balança a cabeça concordando conosco.

Sorrio e me abaixo, apoiando meus joelhos no chão. De frente para Egan puxo suas mãos nas minhas para encorajá-lo.

— Vai dar certo!

Ele ergue um canto da boca, num sorriso tímido e esperançoso.

— Blanca e eu tínhamos combinado em chamar Yan somente se você aparecesse. Mas preciso saber se vai sumir de novo sem dizer nada, porque vamos ter que manter contato de alguma maneira. — Pablo conversa com Egan de uma maneira diferente da que fala comigo, ele mantém um tom polido, entretanto sua voz soa mais intensa, mais categórica.

— Não tenho razão para sumir. — Egan responde a Pablo com o olhar preso ao meu.

De seus lábios selados, é como se eu fosse capaz de ouvir seus gritos de lamento, inquietação, ansiedade, aflição e tudo o que mais o cerca. Sufocando-o e amarrando seus punhos, impedindo-o de abrir essa gaiola que o aprisiona há tantos anos. Entretanto, eu também percebo a coragem que esses olhos castanhos e estreitos carregam. Se Egan está de pé até hoje, é porque ele é mais forte que todos nós juntos, e isso diz muito sobre a pessoa que é. Ele ergue uma mão e toca meu rosto, suspira e desliza os dedos por minha face carinhosamente.

— Eu acho que vou para o centro de Volar sozinho... — Pablo resmunga ao nosso lado, levantando-se da poltrona.

Eu desvio meus olhos de Egan para meu amigo.

— Obrigada — murmuro. Ele sorri e movimenta as mãos para dizer através do sinal de libras “amigos para sempre”.

Sorrio e o respondo da mesma forma, movimentando minhas mãos para dizer “amigos para sempre”. Esse é nosso cumprimento secreto desde que fizemos aulas de libras na faculdade. E só o usamos em momentos onde precisamos do apoio incondicional do outro. Quando tudo ao redor pode parecer uma loucura, e mesmo assim, nos daremos apoio integral.

Ele se vira para Egan e estende uma mão. Egan observa a mão de Pablo esticada, levanta-se e a aperta.

— Eu confio em Blanca, e por isso vou dar crédito à avaliação que ela tem de você. — Os dois se entreolham com as mãos apertadas e Egan acena em concordância. Pablo sai em seguida.

Levanto-me do chão e com as mãos para trás olho ao redor, sem saber ao certo o que falar agora. Então, decido oferecer-lhe algo para beber.

— Você quer...

— O que ele disse é verdade? — pergunta, interrompendo-me.

— O quê?

— Sobre você estar... — Egan tropeça nas palavras, abrindo e fechando a boca. Sinto meu rosto aquecer quando percebo sobre o que ele pergunta, como se colocassem sobre minhas bochechas uma bolsa de água quente.

— Pablo fala demais, ele sempre foi assim — afirmo, saindo para a cozinha.

Abro a geladeira e alço uma garrafa com água gelada. Em vez de servir a Egan, eu mesma sorvo o conteúdo numa golada só, testando sua capacidade de arrefecer meu rosto. Quando me viro, ele também está na cozinha.

— Você quer? — Estico a mão com o copo vazio. Egan nega com a cabeça.

— Eu acho que me sinto igual a você. — Ele fala, trazendo de volta o assunto e pegando-me de surpresa.

Engulo em seco, estudando sua face e suas palavras. Ele quer dizer estar apaixonado? Como poderia? Eu me recordo dele de toda a vida, não sei contar as vezes em que sonhei com aquele garoto engaiolado durante todos esses anos. Não sei contar as vezes em que sonhei com ele desde que o vi como um homem feito naquela praça. Não sei nem avaliar o que acontece dentro de mim, desde que dividimos minha cama...

— Igual como? — indago, colocando o copo sobre a pia, está difícil



segurá-lo e temo que minha mão trêmula o derrube no chão.

— Eu vou dizer como me sinto, e você me diz se sente algo parecido com isso.

— Egan... — murmuro, e ele dá um passo à frente.

— Penso em você o tempo todo, desde a hora que eu acordo até a hora de dormir, principalmente, quando vou dormir. Antes eu fechava os olhos e imaginava minha mãe, agora esses momentos são divididos com você. Eu revivo a gente caminhando pela rua, o beijo que demos, a noite que tivemos. Eu revivo cada segundo, repetidas vezes. Eu queria ter vindo antes, queria ver você em todos esses dias, mas eu não pude. E não poder estava acabando comigo... — ele baixa a cabeça. — Hoje quando a vi com Pablo — Egan faz uma pausa —, queria tirar você de perto dele e dizer que fique perto de mim, que fique em meus braços, que me beije e diga que está tudo bem, que vai me esperar e ficar comigo.

Eu o ouço com meu peito arfando como se eu estivesse em uma maratona. Egan ergue a cabeça e me examina. Seu semblante não tem a mesma coragem de antes, ele agora demonstra temor, receio... Talvez pela resposta que eu possa dar. Eu seguro uma mão na outra, pensando no que dizer, pensando em algo que seja ainda mais persuadido.

— Quando acordei e você não estava na cama, e só havia aquele bilhete... — inspiro — eu notei que uma porta havia se aberto em mim. E que talvez ela também tivesse se aberto em você. Mas eu não tinha certeza, na verdade, era só uma suposição maluca... Eu queria acreditar que todos os dias em que você esteve longe, estava pensando em mim. Que pensava com a mesma frequência que eu em você. Mas, logo em seguida, uma voz surgia e dizia que não, que isso era impossível. Como poderia? Você acabou de me

conhecer e... — Aperto os olhos para conseguir terminar de falar. — Eu não deveria esperar que gostasse de mim com a mesma intensidade que eu de você. Porque é loucura que nesse pouco tempo eu já estivesse apaixonada...

Abro os olhos e vejo que ele encurtou ainda mais a distância, está a um palmo de mim, com a cabeça inclinada e os olhos brilhando como quando o sol reflete no mar. Ele perscruta cada centímetro do meu rosto, e encaixa suas mãos entre os fios curtos do meu cabelo. Seus dentes brancos e alinhados são exibidos quando seus lábios se esticam num sorriso exultante. Sua respiração sopra contra meu rosto, e ao vê-lo com essa expressão contentada no rosto, eu sorrio também.

— Eu não precisei de mais de um minuto para gostar de você, Blanca. Eu só não sabia o nome do que sinto, não sabia o que era esse sentimento que vem crescendo dentro de mim. Pablo deu o nome certo porque se você está apaixonada por mim, eu também estou por você — diz ele.

Egan não espera que eu fale mais, ele baixa a cabeça e encaixa sua boca na minha. Eu sinto medo de aprofundar nosso beijo e machucá-lo mais. Contudo, Egan não se preocupa, sua sede em me beijar é tão intensa, que ele não se incomoda com o lábio cortado e o olho inchado. Ele cola seu corpo ao meu, sedento, desejoso, ansioso, beirando o desespero.

Eu me imaginei em seus braços centenas de vezes desde a última vez, imaginei se o sabor de sua boca seria o mesmo, imaginei se seu corpo ainda se encaixaria tão bem ao meu, imaginei se nossas línguas dançariam com tanta sincronia como antes.

E, agora, que o tenho, posso dizer que é tudo ainda melhor. Esse som que explode quando ele me toca, esses fogos que estouram ao nosso redor são reais, porque eu sei que ele ouve, sente e quer o mesmo que eu. No fim desse

dia, no fim dessa noite, eu não vou aceitar outro bilhete deixado no travesseiro ao lado, porque eu o quero aqui, quero comigo, quero que esse dia se prolongue por meses, anos, décadas. Quero que possamos ter a chance de construir algo maior, algo que possamos olhar para trás e tudo pelo que passamos, em principal, tudo o que ele viveu... fique esquecido no passado.

Uma de suas mãos escorrega por minhas costas e para na curva da minha cintura, ele sustenta meu corpo inclinado, enquanto minhas mãos laçam seu pescoço. Nossas bocas se movem uma na outra, sem pressa para se soltarem, como se o tempo não mais importasse, como se ele fosse todo nosso, desde agora até o infinito.

Posso sentir seu desejo aumentar minuto a minuto, seu corpo estremece assim como o meu, tamanha a vontade de matar essa cobiça que nos consome.

— Blanca — ele arfa contra meus lábios, apertando minha cintura.

Isso pôde parecer loucura da primeira vez, mas parece tão certo agora, não tem outro lugar que eu o queria mais que sobre minha cama. E ainda que Egan não fale com todas as letras, seu corpo manifesta que anseia isso tanto quanto eu.

Separo nossos lábios, nossos corpos, nossas mãos e caminho de costas na direção do meu quarto. Ele sorri sem tirar os olhos de mim. E a cada passo que dou ele dá outro em minha direção. Ambos sorrindo, ambos ávidos, ambos lascivos.

Acendo as luzes quando entro no quarto, mesmo que elas me mostrem todo o alcance dos ferimentos em seu rosto, eu quero ver. Eu sonhei com ele tantas vezes, que não aceito a possibilidade de não enxergar cada centímetro

de seu corpo. Subo sobre a cama e Egan me acompanha, ele tem um semblante terno, doce.

Ele toca meu rosto mais uma vez e seu dedo escorrega pelo meu colo, traçando o decote do meu casaco vermelho. Eu jogo a peça para trás deslizando-a por meus ombros, ficando só com a regata.

Ele acompanha cada movimento meu como sendo único. Passo a regata pela cabeça e a arremesso para longe, ficando agora só com o sutiã banco de renda. Egan ergue uma mão e traceja o alto dos meus seios, em seguida tira seu casaco, moletom e sua camiseta. Quando eu noto seu tronco nu, não consigo disfarçar minha aflição.

Os hematomas são tantos que a impressão que tenho é que alguém o coloriu com tinta roxa. São poucas as partes em que ainda carrega seu tom natural de pele. Eu relanceio por ele, desde o alto de sua cabeça até o cos de sua calça. Como ele pode estar de pé, com tantos ferimentos, com tantos machucados?

Não consigo separar a imagem do garoto ensanguentado de dez anos atrás para o homem surrado na minha cama. Estico a mão e deslizo-a por seu tórax, resvalando por cada marca arroxeadas, cada corte, cada cicatriz.

— Está doendo? — pergunto.

Ele baixa o olhar sem me responder. Hesito em tocá-lo outra vez, concebendo que ele deva estar sentindo dor, muita dor.

— Não dói — murmura ele, quando percebe que eu vacilo diante de tal atrocidade.

— É claro que dói — sussurro.

— Dói menos que ver sua indecisão em me tocar — diz, segurando minha mão contra seu peito.

— Por que fizeram isso com você? — indago, percebendo minha voz falhar.

— Não quero falar disso com você, Blanca — pede ele, negando com a cabeça.

Ele resvala seus lábios sobre os meus, suavemente, esperando que eu consinta aprofundar nosso contato outra vez. Eu fecho os olhos e recebo sua boca na minha, mas nosso beijo se mistura as lágrimas que caem por minha face, solidárias à sua dor. Elas vão para além da dor física, e sim àquela que carrega dentro do peito, pelos anos e anos de tortura.

Ele me deita na cama e termina de se despir e me despir. E mesmo que meus olhos apurem cada um dos ferimentos em seu corpo, ainda assim, eu não posso aplacar o desejo que me corrói para estar com ele novamente. Quando sinto seus lábios contra os meus, suas mãos nas minhas e nossos corpos unidos, ligados, além de nossas peles, entendo que não há outra saída para nós que não seja ficarmos juntos.





Capítulo  
Vinte e Quatro

Blanca

Abro os olhos e sorrio ao notar que Egan ainda está na minha cama, que não há nenhum bilhete, apenas ele, ressonando num sono tranquilo e profundo. Afasto os fios que escorregam por sua testa e ofego ao notar que seu rosto ainda mantém os traços de quem foi espancado sem clemência, o tom das manchas abaixo de seus olhos se mistura entre o amarelo, azul e roxo, assim como as marcas espalhadas por seu corpo. E, apesar disso, ele dorme em paz.

Pergunto-me qual foi a última vez em que dormiu com um aspecto tão tranquilo quanto o que exhibe agora. Desvio meus olhos dele para a janela e noto que o sol avança pelo céu, é provável que hoje tenhamos um lindo sábado, diferente do dia cinzento e chuvoso de ontem.

Devagar, levanto-me da cama para não o acordar. Visto um roupão e sigo para o banheiro e depois para a cozinha. Coloco a chaleira para esquentar água, pego meu celular nas mãos e encontro ao menos umas dez mensagens de Pablo perguntando se estou bem.

Seguro o celular contra o peito e com um sorriso de canto, penso em quão bem eu estou depois da noite incrível que Egan e eu tivemos. Respondo a Pablo que sim, e que Egan ainda está aqui. Ele me responde menos de um minuto depois com um emoji de olhos arregalados e os dizeres:

*Informação demais. Pelo jeito não vai comigo na visita guiada ao museu de artes, não é?*

Digo que não, e desejo a ele um bom passeio. Volto a me concentrar



no café da manhã que preparo, abro a geladeira e agradeço por ter passado no mercado ontem depois que saí do colégio. Separo queijo, suco, geleia, torradas e pão, colocando tudo sobre a mesa.

Acho que acabo fazendo mais barulho do que gostaria, porque não demora muito e Egan aparece na cozinha, ele encosta no batente da porta usando só a boxer. Eu abstraio os ferimentos em seu corpo e me arrepio com a visão de seu corpo seminu. Seu abdômen é torneado em músculos sobressalentes, assim como seu peitoral e braços, nada exagerado, apenas na medida para deixar qualquer garota admirada.

— Eu te acordei? — pergunto, colocando a jarra com café na mesa.

Egan ergue um canto da boca, num sorriso capcioso e se aproxima de mim, envolvendo minha cintura com uma mão enquanto a outra eleva meu rosto para ter acesso à minha boca. Ele me beija como se não tivéssemos feito isso dezenas e dezenas de vezes desde ontem. Mas, quem se importa em contar? Em seus braços, meu corpo derrete como manteiga quente. Dez segundos depois de ter seus lábios nos meus, não me lembro do café e nem que precisamos comer.

Minha mãe diz que nunca encontrou um homem como meu pai, que antes e depois dele, todos os beijos não tiveram sabor. Diz também que o dia em que eu sentisse a boca perfeita contra a minha, com um beijo que deixasse minhas pernas moles, minhas mãos trêmulas e meus pensamentos em suspensão, então esse seria o início de tudo, o início de uma vida mais brilhante. Eu tenho certeza de que minha vida *mais brilhante* está começando agora, porque eu mal sinto minhas pernas e braços.

— Bom dia! — ele murmura contra meus lábios, soprando o aroma de menta dos dentes recém escovados. — Eu encontrei uma escova de dentes

nova no seu banheiro, espero que não se importe de eu tê-la pegado — avisa.

Encaro seus olhos, vendo-me refletida neles. Penso em responder que nada importa desde que fique aqui, desde que não saia de perto de mim, desde que nossos passos sejam consolidados a partir de agora.

— Fiz café — digo, controlando-me para não cair. Ele sorri e relanceia sobre a mesa posta. Acho que Egan percebe que eu mal sou capaz de dar um passo, porque seu sorriso se abre ainda mais e ele não me solta. Pigarreio e obrigo minhas pernas a se apoiarem sozinhas. Puxo uma banqueta para me sentar e aponto a outra para ele.

Egan se acomoda, servindo-se de quase tudo. Ele come sem frescura, na verdade, ele aparenta estar faminto, não deixando de lado nem as migalhas das torradas. Sinto-me um pouco culpada por não ter oferecido algo para ele comer antes. Foram horas demais naquele quarto, e ao lembrar de toda a nossa atividade, é obvio que ele estaria morrendo de fome.

— É melhor eu ir — diz ele, depois de comer, num tom murmurado que mal consigo ouvir.

Sinto minhas mãos suarem, porque ele não é tipo de pessoa que diz precisar ir e é facilmente encontrado depois, tampouco é alguém que vai para um lugar onde outras pessoas — como eu por exemplo — possa ir também.

Meu rosto deve ter transparecido a insegurança que suas palavras me causam, porque Egan suspira e baixa a cabeça.

— Não, eu não quero ir — sussurra, fechando os olhos.

— Então, não vá! — peço, apressada. Ele abre os olhos e me estuda por alguns segundos.

— Meu desejo é ter o controle remoto do mundo, para pausar tudo ao redor, menos você e eu. Sem trabalho sujo, sem preocupações, sem tortura, sem nada para me ameaçar. Só você e eu — ele volta a fechar os olhos e sussurra as palavras seguintes —, livres com o mundo inteiro para nós.

Escuto-o, refletindo numa maneira que esse desejo se torne real, porque o desejo de Egan não é tão diferente do meu. E num estalo, lembro-me da casa que a mãe de Pablo tem no alto da serra, a casa que ela deu para Pablo sem o pai saber, e que ele usou por umas duas ou três vezes nos últimos anos.

— Eu posso realizar seu desejo esse fim de semana — esclareço. Egan inclina a cabeça e franze o cenho sem entender.

Alço meu celular do canto da mesa e envio um a mensagem para Pablo, perguntando se ele está com a chave da casa na serra. Ele me responde com um “*Pra quê?*”, mas logo em seguida me diz que a chave está na gaveta de sua mesa de cabeceira, questionando se eu tenho certeza de ir sozinha com Egan. Agradeço e respondo que tenho cem por cento de certeza.

— Você ainda tem um carro? — investigo Egan. Ele movimenta a cabeça dizendo que sim. — Então, vamos para um lugar onde o mundo está pausado — completo.

Depois de alimentados e vestidos, Egan vai comigo até a casa de Pablo. Tenho a chave da casa dele como ele tem da minha. Entramos os dois e eu vou direto para o quarto de Pablo e abro a gaveta com a chave reluzindo diante dos meus olhos, pego-a e balançando-a na mão vou até Egan.

— Tem certeza de que está tudo bem ir até essa casa? — pergunta ele.

— Claro que sim, a família do Pablo não a usa. A gente pode se

esconder lá — garanto, aproximando-me mais dele.

Egan segura meu rosto entre suas mãos e resvala seus lábios nos meus, e a mesma sensação de antes toma conta de mim. Eu sempre ouvi as pessoas dizerem sobre sentir borboletas no estômago, e pensava em como isso era piegas. Agora que sinto milhares delas batendo suas asas dentro de mim, retiro todo e qualquer pensamento julgador a respeito. Porque essa sensação existe e é maravilhosa.

— Vou pegar o carro e venho te buscar — diz ele, saindo acelerado. Deixando-me de pé no meio da sala de Pablo com um tolo sorriso no rosto.





Capitulo  
Vinte e Cinco

Egan

Assim como em outras vezes, eu corro pela rua como se fugisse de uma facção rival armada até os dentes para me pegar. Entretanto, dessa vez, eu corro para ficar com ela. Corro para ter a chance de ser um homem comum ao menos nesse final de semana. Com um sorriso imenso no rosto, ignoro as pessoas que me olham e não entendem por que um homem com o rosto quase desfigurado percorre a cidade em disparada.

Um homem que quer dividir cada minuto de sua existência com a mulher pela qual está apaixonado. Ainda me é estranho pensar assim, é repentino que eu use esse termo para definir o que eu sinto, mas não há outro melhor. Essa palpitação que experimento quando ela se aproxima, não pode ser nomeado por outra coisa que não *paixão*.

Quando estou em frente ao prédio que ocupo, subo até o apartamento e separo algumas peças de roupa enfiando-a numa mochila. Desço até o carro e abro o capô, sei que esse carro tem um rastreador escondido na lataria. Nunca me incomodei em tirar, porque não me importava em Nolasco saber minha localização. Mas, tudo é diferente agora, não posso correr o risco. Debruço-me sobre o motor para alcançar o equipamento com menos de três centímetros e o puxo com cuidado para não causar nenhuma avaria.

Com o aparelho nas mãos, vou até um canto da garagem do prédio e o escondo. Se Nolasco acessar o transmissor verá que não saí desse lugar. Entro no carro e atiro a mochila para o banco traseiro e voó até Blanca, voó como um pássaro livre.

Em frente à sua casa eu espero, até que a vejo cruzar a porta com uma bolsa de viagem nas mãos. Os cabelos curtos e soltos se movimentam com o

vento, ela afasta os fios colocando uma mecha atrás da orelha para chavear a porta. Blanca desce os pequenos degraus da entrada e abre a porta do carro acomodando-se no banco do passageiro.

Ela me diz alguma coisa, mas eu não presto atenção, porque estou vidrado em sua imagem, os lábios pintados num tom rosa combinam com sua pele e a cor de suas maçãs. As sobrancelhas são desenhadas e alinhadas perfeitamente para emoldurar seus olhos salientes e enigmáticos, é difícil desviar deles tamanha a sinceridade que transmitem.

Ela me olha e sorri, acho que esperando por minha resposta, e então eu reparo em seus dois primeiros dentes. Eles ficam mais expostos que os outros, deixando-a com um ar divertido e único. *Ela é linda!*

— E então? — pergunta novamente.

— Não te ouvi — respondo.

— Posso dirigir, é mais fácil que te mostrar o caminho.

Era isso que ela havia dito? Abro a porta do carro e saio dando o espaço do motorista para ela e me acomodo no passageiro.

— Esse carro é seu ou... — questiona.

— Nada é meu de verdade — Blanca franze os lábios e assente, mas não continua no assunto, ligando o carro a seguir.

Apesar de esse ser um modelo esportivo e potente, difícil de guiar na primeira vez, Blanca é sagaz e o comanda com maestria. Ela não tem dificuldade e o dirige como se o carro fosse seu há meses. Aproveito que estou no banco do passageiro e admiro-a a maior parte do tempo.



— Estou ficando com vergonha — sussurra, depois de algum tempo dirigindo, ela vira o rosto em minha direção por um segundo.

— Desculpe — digo, fixando o olhar na estrada. Ouço-a rir e a encaro outra vez, encantado com o som de sua risada.

Blanca começa a falar sobre a cidade que estamos indo, depois fala da casa e de Pablo, fala da escola que trabalha, dos seus alunos, de sua mãe. Ela liga um assunto no outro sem interrupção, como se tivesse a necessidade de me dizer tudo sobre sua vida.

Eu escuto com atenção, porque me faz bem ouvir uma história tão diferente das que conheço. Estou desde criança com Nolasco, histórias assim não chegaram até mim, as que estou acostumado a ouvir, envolvem: roubos, dinheiro sujo, tráfico, mortes e tudo o que rodeia o mundo sórdido e obscuro de uma organização criminosa.

Ouvi-la falar é quase como ser embalado em braços gentis, é quase como ouvir as histórias que minha mãe me contava antes da minha vida se transformar nesse inferno que queima minha alma há exatos dezessete anos.

Eu queria ter algo para dizer à ela, queria poder contar que estudei como uma criança comum, que fui a festas na escola, que tive amigos para sair num sábado, que tive um primeiro emprego, queria dizer que minha mãe foi a minha formatura e chorou satisfeita por me ver com um diploma nas mãos... Contudo, eu não tenho nada parecido para descrever.

Respiro fundo e desvio meu olhar para além da janela, encarando a transformação da paisagem para a mata e a subida da serra. Blanca tira uma mão do volante procurando pela minha. Baixo o olhar para nossas mãos unidas.

— Não pense muito — diz ela.

— Não estou pensando — minto.

Algum tempo depois ela acessa uma estrada de terra, rodeada por árvores altas e densas, até que para em frente a uma casa de madeira. O chalé de dois andares tem o telhado num formato triangular que vai até o chão, a madeira envernizada num tom mogno brilha contra a luz. Ao redor da casa uma cerca viva, feita de arbustos ornamentados serve como muro.

Fico surpreso pelo bom estado do lugar, quando ela me disse que ninguém esteve até aqui há algum tempo, estava esperando algo menos cuidado.

— Eles têm um caseiro que toma conta de tudo. Todas as casas da família de Pablo são assim, estão sempre prontas para quando alguém quiser usar. — Blanca avisa, tirando o cinto de segurança. Sabendo o que me dizer mesmo que eu não tenha efetivado a pergunta.

Ela sai do carro e eu faço o mesmo, pegando nossas bolsas do banco traseiro. Ando pelo gramado verde e úmido, e a cada passo dado uma intrigante sensação me acomete. Porque essa é a primeira vez — em meus vinte e oito anos — que saio de verdade com uma garota.

Eu sempre vivi em um caos existencial, porque nunca aceitei a vida que levo com Nolasco, mas também não sei como é viver fora daquilo. Há dias em que me sinto como um verme rastejante, tanto pelas crueldades que cometi quanto pelas que vivi. Entretanto, descubro em Blanca como é respirar de verdade, como é colocar a cabeça para fora do lamaçal e sentir o sol atingir meu rosto, esvaecendo as obscuridades que enodoam minha alma.

Com essas bolsas nas mãos, com a garota que gosto sorrindo para

mim, num lugar diferente e longe de tudo o que me atormenta, sinto que ela fez o que prometeu.

Ela pausou o mundo somente para nós.





Capítulo  
Vinte e Seis

Blanca

Em silêncio, Egan me observa segurando sua mochila e minha bolsa. paro por um minuto tentando adivinhar o que ele pensa, mas desisto quando noto que eu também não tenho os pensamentos tão em ordem para entender com profundidade os dele.

Se há dez anos alguém me dissesse — no dia em que eu o deixei naquela gaiola — que hoje estaríamos os dois aqui como um casal enamorado, eu diria que a pessoa estava louca. Todavia, aqui estamos, olhando um para o outro, perdidos em nossos próprios pensamentos.

Egan anda alguns passos, a luz do sol ilumina uma de suas faces, acentuando o contorno de seu maxilar. Eu não digo nada, ele também não. Ficamos assim por minutos, apenas apreciando a presença um do outro em meio ao balançar das folhas e o canto dos pássaros, num cenário tão diferente de Volar.

— O que você está pensando? — pergunto, por fim. Confiando que ele os compartilhará comigo.

— Essa é a primeira vez que viajo com uma garota — confessa, sorrindo.

— Verdade? — indago, mordiscando um lábio. Um tanto contente de que eu seja a primeira a partilhar algo assim com ele.

— Sim. E estou me sentindo bem sortudo por estar aqui com alguém que tem o poder mágico de parar o mundo.

Falho na tentativa de conter meu sorriso, e ele se espalha por todo o meu rosto.

— Vamos entrar. Apesar do sol, está frio aqui fora — falo, pegando minha bolsa de sua mão, indo em direção à porta, ainda sorrindo como boba.

Ambos entramos na sala, e colocamos a bolsa num canto. Ele olha ao redor atento a todos os detalhes, a casa é um típico chalé de serra, com uma decoração rústica e elegante. Lareira em pedra, sofás com mantas em pele, móveis em madeira maciça, mesas de centro e lateral feitas a partir de troncos de árvores envernizados.

Contudo, o que mais chama a atenção de Egan é a parede envidraçada que dá para os fundos da casa. Ele ergue uma mão tocando o vidro para olhar o horizonte esverdeado e repleto de morros. É uma visão que traz uma placidez que talvez Egan não tenha em sua vida há muito tempo.

Paro ao seu lado e observo também o pequeno lago no fim da propriedade, alguns patos nadam nele, tranquilos e sem pressa. Sem tirar a mão do vidro, Egan gira a cabeça em minha direção.

— Viver aqui deve ser bom — murmura.

Para alguém que já deve ter sofrido todo tipo de abuso e feito coisas que não sou capaz de imaginar, camuflar-se do mundo num lugar como esse e poder deixar a mente descansar, deve ser como ganhar um presente.

— Tenho a impressão de que quem vive aqui não reclama — digo, desviando minha atenção para o telefone que começa a tocar dentro da minha bolsa.

— Você já chegou? — pergunta Pablo assim que atendo a chamada.

— Acabamos de chegar, estava a um minuto de mandar uma mensagem para você — aviso.

— Sei! — responde ele, incrédulo. — Eu liguei para a dona Julieta quando você me pediu a chave e ela disse que foi até a mercearia comprar algumas coisas, a cozinha deve estar abastecida. — Ele me informa.

— Não precisava, Pablo. Eu mesma iria comprar — falo, sentando-me no sofá revestido com uma manta de pele felpuda.

— Está falando sério? E por que você vive me pedindo para passar no mercado para você? — contrapõe rindo.

— Era só isso? — pergunto, revirando os olhos e rindo também. Eu sempre vou ao mercado, mas não custa ele trazer o que preciso se já estiver lá.

— Aproveite o fim de semana e... Pelo amor de Deus, me liga se qualquer coisa acontecer — pondera.

— Fique tranquilo, ficarei bem. — Trocamos mais algumas palavras e ele encerra a ligação. Levanto-me e encontro Egan atrás de mim, observando-me enquanto eu conversava com Pablo.

— Pablo disse que tem comida — conto. Seguro sua mão e o trago comigo até a cozinha, que segue os mesmos elementos decorativos do restante da casa, acrescidos de um fogão a lenha e panelas de barro. Sobre a bancada, encontro várias sacolas da mercearia.

— Você sabe cozinhar, não é? — pergunto, lembrando do café da manhã que fez para mim quando dormi em seu apartamento.

— Só sei fazer ovos — responde, rápido.

— Eu também não sou muito boa — confesso. Lembrando que Pablo sim é um ótimo cozinheiro, vidrado nos canais de culinária na internet, ele é



meu amigo-chef particular.

Olho para o fogão a lenha e penso que seria ótimo se preparássemos algo nele, vejo que tem madeira cortada no compartimento abaixo dele e a gente só precisa acender e descobrir como controlar a chama.

— Vamos cozinhar nesse fogão? — pergunto, apontando-o.

Egan arregala os olhos e imagino que ele nunca tenha chegado perto de um desses antes. No entanto, animo-me quando percebo que essa pode ser mais uma primeira vez para nós.

— É a mesma coisa que acender uma lareira — falo, acessando o celular e digitando *cozinhar em fogão a lenha* no navegador da internet, deve haver algum vídeo que nos ensine.

Egan olha para a lareira e franze o cenho.

— Minha lareira é a gás — diz, coçando a barba.

— Não deve ser tão difícil colocar fogo em algumas madeiras? — ironizo, dando play no primeiro vídeo.

Com nossos ombros colados, assistimos juntos ao vídeo onde um homem derrama um pouco de álcool em gel numa cumbuca metálica e a coloca dentro do fogão, em seguida ele arremessa um fósforo aceso na cumbuca e acende o álcool, colocando as madeiras num buraco lateral. Em contato com a chama, a madeira pega fogo e aquece as bocas do fogão. O vídeo com menos de dois minutos parece explicativo o suficiente.

— Parece fácil. — Egan diz, separando a madeira e o álcool em gel.

Eu não encontro um recipiente pequeno como o do vídeo, então pego

uma forma redonda que encontro no armário e coloco um pouco de álcool no fundo dela, depois a colocamos dentro do fogão, na parte onde as madeiras ficam. Egan observa o que faço e acende um fósforo arremessando sobre o álcool que começa a queimar com chamas altas e azuis.

— Acho que agora é só colocar a madeira lá dentro — falo. Ele assente e começa a colocar as tiras mais finas, elas queimam com facilidade. E ambos sorrimos diante da facilidade em acender o fogão.

— Precisa de mais? — pergunta ele.

— Sim, para o fogão ficar bem quente — informo. Egan faz como digo e coloca agora uma quantidade generosa de madeira.

E o que estava indo bem, de repente se torna um esfumaçado pesadelo. A fumaça que deveria ecoar pela chaminé e ir embora para o céu, começa a sair por todas as bocas do fogão, além de voltar pelo mesmo buraco onde encaixamos a madeira.

— Meu Deus, por que essa fumaça não vai embora? — pergunto, entre uma tossida e outra, abanando as mãos.

— Eu não sei — Egan diz, abrindo janelas e portas.

Com um pano de copa no nariz, ele tenta descobrir o que está acontecendo. Até que eu vejo uma chapa cruzando a chaminé, é uma lâmina de metal, como se fosse uma tampa de panela.

— Já sei! — grito, cobrindo meu nariz com a gola da blusa. Vou até a lâmina e a puxo, abrindo a chaminé e liberando a passagem da fumaça. Ainda demora um pouco, mas a fumarada que dominava a casa começa a dissipar e conseguimos respirar novamente.

Levo a manga da minha blusa ao nariz e ela tem um forte odor de madeira queimada, o cheiro que exala é tão forte que parece que eu estava dentro do fogão queimando junto a madeira. Egan repete o mesmo gesto que eu e tosse ao sentir o cheiro que exala de suas roupas.

Encaramo-nos por alguns segundos e caímos no riso. Gargalhamos até que nossos olhos lacrimejem e nossas barrigas doam. Egan dobra o corpo até se sentar no chão, ainda rindo da nossa tentativa quase bem-sucedida em incendiar a casa.

— Acho melhor cozinhar no fogão comum — digo, sentando-me ao seu lado e secando as lágrimas de riso que escorrem por meu rosto.

— Concordo — diz ele, ainda rindo. Egan segura uma de minhas mãos e leva até seus lábios, beijando-a. Depois a leva as narinas e faz uma careta.

— Você está defumada — diz ele.

Aproximo-me mais e inspiro próximo a gola de sua blusa, subindo até a pele de seu pescoço.

— Você também está — informo-o, com meu rosto próximo de sua pele. O tom divertido em seus olhos torna-se mais fraco dando lugar a algo mais quente, mais penetrante.

Sua mão segura meu rosto trazendo-me para perto. Pressentindo que seus lábios logo tocarão os meus, fecho os olhos e deixo meu corpo flutuar com a sensação de sua boca na minha. Sinto sua língua pedindo passagem e ocupando seu lugar elas dançam em harmonia.

Sem desprender nossos lábios, Egan enlaça minha cintura e me senta

sobre ele. Capturo seu pescoço e deslizo meus dedos sobre sua nuca para indicar que não tenho nenhuma intenção de finalizar nosso beijo, que se torna mais ardente a cada segundo.

Sinto suas mãos com mais força sobre minha cintura, afundando meu corpo, friccionando-me em si. Um gemido gutural escapa da minha garganta e eu não consigo mais conter minha necessidade em tê-lo.

Separo nossos lábios, sôfrega e ansiosa. Seu peito arfante, demonstra que minha necessidade é também a sua, e sem precisar dizer uma palavra eu me levanto esticando uma mão. Ele a segura e me acompanha pela casa até estarmos no andar superior, entro no quarto que fiquei da última vez em que estive aqui.

Egan relanceia pelo cômodo e fixa o olhar no ofurô duplo revestido em madeira que fica no canto da suíte. Com a cortina aberta temos a visão dos fundos da casa e todo o horizonte esverdeado ao nosso dispor.

Assim que percebo o que ele pretende, sorrio e corro até o ofurô, ligando-o e colocando-o para encher. Enquanto isso, Egan vem até mim e choca seus lábios contra os meus outra vez, e mesmo com nossas línguas entrelaçadas conseguimos despir metade de nossas roupas.

— Vamos entrar — ele diz, mesmo que o ofurô ainda esteja com água pela metade. Concordo e tiro o restante da minha roupa. Ouço Egan resfolegar ao me ver nua no meio do quarto, sendo banhada pelo sol que ultrapassa as vidraças.

— Você é linda, Blanca! — diz ele, aproximando-se. Seus dedos deslizam do meu colo ao abdômen passando por meus seios. Fecho os olhos e aprecio o toque cálido e suave.

Ele se despe por completo e eu também não posso deixar de suspirar ao vê-lo, ainda não me acostumei a voluptuosidade de seu corpo nu. Egan entra no ofurô primeiro, seus pés e pernas afundam na água, ele estica uma mão para me ajudar.

Com nossos olhos presos um no outro, ele se senta na lateral da banheira, apoiando meu corpo sobre o dele. E apesar dessa cuba de madeira ter sido criada pelos japoneses com o intuito de relaxar, o contrário acontece conosco. Porque quando nossos corpos estão finalmente unidos e a água se movimenta para todos os lados, a última coisa que pensamos é em relaxamento.



Depois de ter adormecido, abro os olhos, ainda nua e com os cabelos molhados. Não encontro Egan ao meu lado. Sento-me na cama e espreguiço os braços, sentindo-me ainda sonolenta. Nossas roupas estão soltas pelo chão e noto que Egan trouxe nossas bolsas de viagem para o quarto. Escolho algo para vestir e bato as mãos pelos fios curtos do meu cabelo afastando o que ainda sobrou de água, e desço em seguida.

Encontro-o na cozinha, usando um avental com desenhos de galinhas coloridas, uma colher de pau nas mãos, enquanto os olhos estão atentos à tela do celular amparado num pote de farinha de trigo.

Paro um instante, apreciando a imagem que poderia estar num quadro preso na parede da minha cozinha. E só depois de um minuto é que sigo em sua direção. Ele nota minha chegada abrindo um sorriso imenso e

resplandecente.

— Estou preparando algo para comermos. Pesquisei sobre o que fazer com esses ingredientes e achei algumas receitas. Mas, dessa vez, no fogão comum — diz, indo até o fogão para mexer algo que prepara numa panela borbulhante.

— Você disse que não sabia cozinhar — lembro-o, apoiando os cotovelos na bancada. — Entretanto, parece que está bem familiarizado com a cozinha — concluo.

— Acha mesmo? — pergunta, voltando para a bancada para cortar alguns legumes.

— Quer ajuda? — indago, ao vê-lo se dividir entre a panela e os legumes.

— Não! — apressa-se em dizer, erguendo uma mão. — Quero cozinhar para você — finaliza, voltando sua atenção para a faca que corta com pouca precisão os alimentos.

— Tudo bem! — respondo, elevando as duas mãos. — Vou dar um jeito no quarto enquanto você cozinha — aviso, saindo da bancada e subindo as escadas novamente.

Recolho minhas roupas defumadas do chão e as coloco dentro de uma sacola plástica. Essas peças precisarão ser lavadas muitas vezes para tirar esse cheiro de fumaça. Faço o mesmo com as roupas de Egan.

Quando ergo sua mochila para guardar suas roupas, sua carteira cai no chão. Abaixo-me para pegá-la e por estar aberta vejo seu documento de identidade. FRANZO o cenho ao ler o nome estampado, *Alfonso Garcia*. É a

foto de Egan, mas esse não é seu nome verdadeiro, ou talvez *Egan* não seja seu nome?

Observo o documento em minha mão por mais algum tempo, conjecturando mil hipóteses para ele andar com algo assim. Penso em Nolasco, penso em sua família, penso nele, penso em mim mesma... por de alguma forma estar cada vez mais emaranhada nas complicações que cercam sua vida.

Posso descer com esse documento nas mãos e perguntar a ele qual seu verdadeiro nome, mas tenho medo de que a resposta seja algo que reacenda as memórias que ao menos nesse fim de semana, tentamos esquecer. Aperto os olhos e a imagem de Egan cozinhando, sorrindo e feliz, fazem-me guardar o documento de volta ao seu lugar.

Respiro fundo, vou até as vidraças do quarto e observo a paisagem, absorvendo o efeito leniente que proporciona. Munida de brandura e tolerância vou ao encontro dele mais uma vez. Abandonando os pensamentos que me agoniam para abrir um sorriso apreciador quando vejo a mesa posta por ele.

— Está com um cheiro ótimo — digo, sentando-me. Egan me olha um tanto tímido, um tanto satisfeito.

— Espero que esteja bom — diz, servindo-me ensopado de frango com legumes.

Ele se serve também, soprando a farta garfada antes de colocá-la na boca. Eu sigo seu exemplo e provo a comida, surpreendendo-me com o sabor.

— Egan, está muito bom. Caramba! Quem disse que você não sabe cozinhar, mentiu — informo, comendo um pouco mais.

Orgulhoso, ele me serve uma taça de vinho branco. E assim é nossa refeição, regada a frango, vinho, olhares condescendentes e sorrisos entusiasmados.



No fim da tarde, quando o céu se divide em tons de laranja, rosa e lilás. Egan e eu resolvemos andar pelos fundos da propriedade, que diferente da frente não tem uma cerca aparente e se mistura a imensidão esverdeada. Caminhamos de mãos dadas, apreciando não só o cenário que nos cerca, mas também o prazer em andar sem preocupação. Egan olha com atenção para o alto.

— Faz tempo que não reparo nas cores que dividem o céu — murmura.

Observo seu perfil em silêncio. Não é preciso dizer coisa nenhuma, quando está claro que ele diz isso mais para si que para mim. Como se lembrasse que ainda há um céu colorido sobre sua cabeça.

Andamos sem pressa ou direção nos caminhos de relva que funcionam como um tapete verde de boas-vindas. Temos mais algum tempo antes que o sol se ponha por completo e mesmo quando ele se esconder no céu, ainda assim, é fácil marchar por essas passagens acompanhada apenas pela luz da lua.

Avistamos um mirante não muito longe e decidimos ir até ele. Quando estamos perto o suficiente, noto que há uma pequena construção na



cercania. Feito de pedras, assemelha-se ao pórtico de um castelo. Com a base superior arredondada, é adornado por uma florada de rosas trepadeira.

Egan é seduzido pelo aroma e cores das rosas, parando debaixo do pórtico florido. Eu tiro meu celular do bolso da calça e miro a lente da câmera em sua direção, eternizando o momento em que ele está distraído sob essas pedras que parecem ter sido abraçadas pelas rosas.

— Desculpe, não resisti — aviso, assim que ele me olha ao ouvir o som do celular.

— Por que você não vem até aqui? — diz ele, acenando com a mão.

Debaixo do pórtico, com as rosas perfumando e enlevando nossos sentidos, tenho a impressão de que viajamos para uma estrela distante, onde o tempo tem o poder de se multiplicar. É como se estivéssemos vivendo nesses humildes dias algo tão profundo e intenso que só se consegue através de toda uma vida.





Capítulo  
Vinte e Sete

Blanca

— Terá tempo de ir para o trabalho? — Egan pergunta, na porta da minha casa.

Poderíamos ter voltado ontem à noite, mas foi difícil abandonar a magia desses dias. A vontade era poder continuar lá, aplacados do mundo, cercados apenas por esse sentimento que cresce desmedido e feroz em nossos peitos. Por isso, decidimos voltar na madrugada de segunda, poucas horas antes de eu ter que me levantar para ir trabalhar. E, agora, que estou em frente à minha casa, não tenho pretensão de sair desse carro, e ao notar como Egan me olha e segura minha mão, seu desejo não é tão diferente.

— Eu não quero descer — contesto, com uma voz dengosa que o faz sorrir e acariciar minha face.

— Eu não quero que desça — confessa ele.

— Em duas horas eu tenho que estar na escola — lembro-me, refletindo que hoje poderia ser feriado.

— Você se importa se eu vir à sua casa hoje à noite? — pergunta, com as sobrancelhas franzidas.

Sacudo a cabeça, agitada e apressada, confirmando que não me importo. Egan escorrega seus dedos por meus lábios e aproxima sua cabeça da minha, beijando-me. Um beijo apaixonado e ao mesmo tempo afetuoso. Um beijo que faz com que as borboletas que passaram a fazer morada em meu estômago, fiquem agitadas e acariciadas, além de mal-acostumadas.

Saio do carro depois de alguns minutos, enquanto Egan continua a me observar com seus olhos, castanhos e estreitados, brilhantes como o céu estrelado que apreciamos na noite anterior. Ergo a mão e aceno me

despedindo, em seguida entro em casa e encosto na porta, descendo de costas pela madeira até estar sentada no chão. Cubro o rosto com as mãos, e escondo o sorriso bobo e imenso que insiste estampar minha face.

Quando por fim me levanto, vou até o quarto e jogo a maleta de viagem sobre a cama, seguindo para tomar banho e me preparar para a aula, torcendo para que o dia passe tão rápido que num piscar de olhos a noite traga Egan com ela.



— Por que está me dando tantos detalhes, Blanca? Pelo amor de Deus, eu não quero ouvir sobre o que você fez naquele ofurô, mas obrigado por me alertar, assim eu não entro mais nele.

Pablo resmunga, arrumando sua bolsa carregada de livros no ombro. E, apesar de eu não ter dado tantos detalhes assim, quero compartilhar com ele como esses dias foram maravilhosos e como agora eu tenho toda a certeza do mundo de que estou mesmo — muito — apaixonada por Egan.

— Eu pensei que iria me apaixonar antes de você, sabia? — diz ele.

— Estávamos numa competição? — pergunto, agarrada ao seu braço.

— É claro que não! Mas, eu sempre fui mais romântico que você, apesar de achar que... — discursa.

— Achar o quê? Para com essa ideia de que quando amar não será correspondido. Você é um cara incrível, a mulher que não perceber isso não é

capaz de enxergar um palmo à frente do rosto — digo, parando de andar.

— Vamos, nosso ônibus está vindo — diz, sorrindo.

— Você falou com Yan? — pergunto, quando estamos abrigados debaixo do toldo à espera do coletivo.

— Sim, eu o chamei para vir até em casa, só que não disse a verdadeira razão para o convite. Ele perguntou de você.

— E o que mais?

— Nada mais, mas... — ele desvia o olhar de mim para a rua.

— Mas? — insisto, tocando seu braço.

— Ele ficou mais animado quando eu disse que você também queria vê-lo — diz, apertando os lábios a seguir.

— Você não fez ele achar que eu... Pablo?

— O cara vai dirigir mais de duas horas para chegar aqui, precisava de uma motivação para ele vir mais rápido.

— Não acredito que fez isso? — repreendo-o, movimentando um dedo à frente de seu rosto.

— O importante é que ele virá ainda essa semana — avisa, sorrindo.



Desço do coletivo e ando pelas ruas para chegar ao Esperanza, ainda que a manhã tenha começado há pouco, as ruas estão cheias. Mulheres, homens, crianças, cada um seguindo para começar mais uma semana de trabalho ou estudo. Alguns alunos mais receptivos me cumprimentar com sorrisos e *bom dia* animados, outros, como de costume, ignoram-me.

Quando dobro a esquina e o prédio do colégio entra no meu campo de visão, um aglomerado de pessoas chama minha atenção. Elas estão reunidas em torno de alguma coisa, algumas com as mãos na cabeça, outras de braços cruzados. O fato é que algo acontece. Apresso meus passos e quando estou mais perto, ouço murmúrios e choro.

— O que aconteceu? — pergunto a uma moradora do bairro.

Com os cabelos amarrados na altura dos ombros e um olhar cansado ela aponta para o chão, balança a cabeça e diz:

— Eles mataram mais um.

Um arrepio percorre minha espinha e fraqueja minhas pernas. Devagar, eu toco nos braços que rodeiam quem quer que esteja no chão e um vão é aberto. Meu peito arfa e meu coração bate errático conforme eu vejo mais e mais.

— Não! Não! Não! — murmuro, quando enxergo seu rosto por completo.

Levo as mãos à boca e as sinto tremer contra a pele do meu rosto, meus olhos nublam diante da barbárie que se põe presente. Lorenzo caído com um dos braços sobre o peito, uma face no chão e as pernas esticadas. O sangue se espalha em abundância de seu corpo imóvel e sem vida, colorindo de vermelho o asfalto quente.

— Deus! Não! — sussurro, sentindo as lágrimas manarem de meus olhos.

— Vamos ver quanto tempo vão demorar para vir buscar esse aí, o último a gente teve que tirar da rua porque o IML deixou o dia inteiro assim. É um descaso com a nossa população.

Fecho os olhos quando ouço alguém criticar atrás de mim. Como se já estivessem tão habituados a cenas atroz de violência que seus corações não conseguem mais sentir a morte do outro.

Quando abro os olhos, diviso entre as pessoas: Diego, Penélope, Carlito, Soledade e Taniara. Meu olhar cruza com o de Diego, e em seus olhos eu percebo toda a dor que sente, uma lágrima resvala por sua face e essa é a única reação vinda dele. Penélope, ao lado, chora alto e desesperançada, com um braço enlaçado ao de Diego.

Soledade e Taniara têm a derrota estampada em seus rostos, é notório o amargor que sentem em testemunhar um dos alunos do Esperanza morto nesse chão. Carlito que há tempo não via, está sentado sobre as pernas, abraçando os joelhos, ele encara com atenção a morbidez em Lorenzo. O menino faz um bico com lábios, e com os olhos brilhando tenta segurar o choro. Ele falha, secando a face com o dorso de uma das mãos.

E, eu... eu não sei ao certo o que sentir. A derrota que invade Soledade é ainda mais acerba em mim... É meu aluno quem está caído, é o aluno que eu não consegui salvar, não consegui manter dentro dos muros dessa escola. Noto minhas lágrimas fluírem sem detença por minha face pingando no chão, misturando-se ao sangue desse jovem que mal teve a oportunidade de começar sua vida.



Quando decidi vir para essa escola eu sabia das dificuldades que ela enfrentava, sabia que estava encrustada no meio de um bairro dominado pelo crime, pelas drogas, pela pobreza. Sabia que esses jovens viviam à margem e que a retidão de conduta que é exigida deles, a maioria nem sabe do que se trata, porque nunca tiveram exemplificadas em suas casas, em suas famílias.

Eu cheguei com a esperança de que enxergariam a nova porta que eu abria. Mas, antes de mim, já haviam aberto uma porta para Lorenzo, e foi essa mesma porta que o fez estar estirado nesse chão.

Sinto como se uma corrente invisível apertasse meus punhos e tornozelos, não só os meus, mas de todos os educadores, aprisionando-nos num mundo onde nossas aspirações nem sempre se concretizam, onde nem sempre conseguimos salvar essas crianças.

Percebo que o mesmo sentimento é compartilhado por Soledade, Taniara, Diego, Penélope e até o menino Carlito, temos a mesma dor irradiando de nossos peitos. A desesperança, o medo, o temor, a agonia, o sofrimento; são sentimentos sombrios que nos faz impotentes diante do poder que domina essas pessoas.

— A família dele... — Começo a dizer, ao me aproximar de Diego.

— Não tem ninguém mais — responde ele, com firmeza. Coloco uma mão na testa e aperto os olhos, ainda buscando abranger o que está acontecendo, buscando compreender esse fado.

— Você não deveria estar aqui, não deveria ver algo assim — falo, abaixando-me para ficar da altura de Carlito.

— Eu já vi outras vezes, tia — diz, choroso.

Eu não tenho o que dizer, é muito além do que eu posso pensar, é muito além do que eu vivi na minha adolescência. Essas crianças, esse povo, vivem numa realidade dura demais para qualquer um que aqui não esteja entender.

— O tio salvou você, *né?* — Carlito pergunta, encarando meu rosto. A última vez em que havíamos nos encontrado foi quando Egan me salvou de um destino parecido com o de Lorenzo.

— Sim, ele salvou — respondo, tocando seu braço. Ele assente e volta a olhar para Lorenzo.

— Eu vi quando mataram ele, tia. Eu *tava* aqui na rua. O Lorenzo era legal, ele me ajudava quando eu tinha medo de ficar na rua à noite... — ele diz com os olhinhos brilhando, voltando a verter em lágrimas que marcam sua face infantil suja de poeira — Eu não gosto quando eles atiram nas pessoas — finaliza, apertando o queixo trêmulo pelo choro, puxando a gola da camiseta encardida para secar os olhos molhados, tristes e desconsolados.

Eu tento sorrir para Carlito, tento afastar minhas próprias lágrimas para trazer algum consolo a essa criança. Porém, eu não consigo, meu sorriso sai fraco e molhado pelo pranto em assistir uma criança tão jovem carregar uma bagagem pesada como essa.

— Não volta mais para aquelas pessoas, Carlito. Por favor, não fica perto deles — imploro, tentando me fazer entender pela voz embargada.

O menino com o nariz escorrendo e o rosto tomado pelo choro, olha-me em silêncio e depois de alguns segundos meneia a cabeça concordando. Eu o puxo para mim e o abraço, ambos procurando por um novo destino que seja menos cruel que a realidade que nos cerca.

Com sua mão na minha, tento afastá-lo da consternação que a morte traz, sentamo-nos na entrada da escola, ele apoia sua cabeça em meu ombro, enquanto eu afago os cachos de seus cabelos.

As horas passam e as pessoas mais curiosas vão embora, ficando apenas aqueles que conheciam Lorenzo. Penélope se senta ao meu lado e Diego faz o mesmo. Em silêncio, nós quatro, esperamos pelo momento em que o corpo desse menino é levado envolto num saco preto. E quando isso acontece, continuamos imóveis, sem ânimo ou força suficiente para seguir nossas vidas.

Eu olho para esses jovens amparados em mim, e mesmo que nenhum deles diga uma palavra, eu sei que agora nossa ligação é mais forte que antes, sinto no fundo da minha alma que eles confiam em mim. Confiam que eu os guie para um futuro diferente, para uma jornada com menos obstáculos, e que seja capaz de transformar suas vidas.

Nos entreolhamos e diante da mancha de sangue seco que pinta essa rua de vermelho, estico minhas mãos procurando pelas deles, aceitando o chamado, aceitando a tarefa que me dão.





Capítulo  
Vinte e Oito

Egan

Eu os vejo sentados no passadiço, chorando de mãos dadas. A distância, eu consigo notar que Blanca sofre, e os que estão ao seu lado também. Dois adolescentes e a criança que sempre está entre nós. O menino que a trouxe para mim por duas vezes é tão desamparado quanto eu era em sua idade. Resguardado pelo crime, esse menino crescerá sem discernir o certo do errado e logo será tão astuto quanto os que dominam esse lugar.

Baixo a cabeça refletindo sobre tudo o que eu já vi e vivi desde os onze anos, e tento me lembrar o momento exato em que olhar para um corpo inerte no chão deixou de ser um choque para mim.

— Grandão *tá* esperando, *cê tá* fazendo o que aqui? — Um dos seguranças diz ao meu lado.

— Foram vocês? — pergunto, sem desviar os olhos de Blanca e suas crianças.

— O maluco *tava* de canalhada, não preciso dizer o que acontece, *né?*

Respiro fundo, porque eu sei exatamente o que acontece. Desvio o olhar deles e sigo morro acima, para buscar a remessa de Nolasco com Grandão. Na subida eu ajuízo como Blanca e eu estamos em dois extremos, rememoro nossos últimos dias e a pureza que vivemos, onde eu quase fui capaz de esquecer a podridão que me cerca, quase esqueci que é o meu mundo que a faz chorar.

— *Cê* *levo* uma surra boa, hein? — Trovão diz, ao abrir a porta, sorridente ao constatar as marcas em meu rosto.

Sento-me no sofá no meio da sala e espero por Grandão que logo aparece. Com todo o seu peso, ele despenca numa poltrona à frente de mim,

fazendo a estrutura ranger.

— A bonequinha que *cê* tirou daqui a última vez é só professora no Esperanza, não é? Achei que ela era de Nolasco também e *tava* na escola só *pra* ajudar a passar bagulho. — Grandão diz, segurando um pacote.

— A remessa — demando, entre dentes, não lhe dando chance de prolongar o assunto.

— A gente *tá* de olho nela — diz ele, revelando um sorriso nojento.

Empertigo-me no sofá de luxo que ornamenta esse lugar imundo e aponto-lhe um dedo.

— Diga o nome dela e você morre, olhe para ela e você morre, pense nela e você morre. — Ele me encara com os olhos estreitados por alguns segundos, ambos numa demonstração de poder e virilidade.

— Só *tava* curioso, ninguém vai tocar na tua *mina* não, cara — conclui, entregando-me o pacote.

— Ótimo — respondo, levantando-me. — E o garoto? Você o mandou para escola?

— Eu preciso dele aqui — contrapõe.

— Eu já havia pedido uma vez, mas hoje é uma ordem. O menino está livre, entendeu? Finja que ele nunca trabalhou para você, e deixa essa criança estudar e viver em paz. Se ele aparecer aqui, diga que não precisa mais do trabalho dele.

O peito largo e obeso de Grandão se enche de ar, visivelmente irritado. Ele não aceitaria ouvir de outro o que fazer com os seus, mas eu uso

da influência que Nolasco tem para tirar esse menino dele, sinto que preciso quebrar esse ciclo ao menos com aquele garoto. Grandão balança o indicador e ergue um canto da boca, num sorriso cheio de escárnio.

— Nolasco me traz as melhores mercadorias, por isso vou deixar Carlito solto, mas se quebrar o negócio... eu vou matar ele e sua bonequinha, os dois juntos, com uma bala só — rebate, gesticulando com a mão o movimento de uma arma disparando.

Viro as costas e saio.







Capitulo  
Vinte e Nove

Blanca

— Vocês precisam ir para casa, descansar e comer alguma coisa — murmuro, com os três ainda ao meu redor. Diego é o primeiro a se levantar e ajuda Penélope a fazer o mesmo. Carlito continua agarrado a mim.

— Ele não tinha ninguém mesmo? — pergunto outra vez. Diego vira o rosto, mas Penélope me responde.

— Uma avó, em outra cidade. Eu consegui o telefone dela com a vizinha dele, entreguei para a Sol antes de você chegar — diz ela, usando o apelido de Soledade.

— Anotem meu telefone e me liguem se precisarem de alguma coisa, qualquer coisa, ouviram? — Os dois sacam seus celulares do bolso e digitam o número que digo. — Agora vão para a casa, comam e descansem, amanhã não será um dia melhor que o de hoje, mas o seguinte será, acreditem em mim.

Ambos acenam com as cabeças e começam a caminhar, eu os sigo com o olhar até que dobrem a esquina. Respiro fundo e então foco minha atenção em Carlito.

— Onde sua casa fica? Posso ir com você até lá?

Ele afunda o rosto um pouco mais em mim e murmura:

— Eu durmo num quartinho que o Grandão deixou eu usar, mas lá é frio e tem cheiro de xixi.

Fecho os olhos e preciso reunir uma imensa quantidade de força de vontade para não começar a chorar mais uma vez.

— Quer dormir na minha casa? — pergunto e ele agita a cabeça dizendo que sim. — Eu tenho um amigo que prepara comidas muito gostosas, vou pedir para ele preparar uma para você.

Carlito me olha e sorri, ainda é possível ver o caminho que as lágrimas fizeram em seu rosto empoeirado. Pergunto-me quando foi a última vez que essa criança tomou um banho ou trocou de roupa.

Andamos de mãos dadas e juntos esperamos pelo coletivo. Assim que entramos, o motorista desfere um olhar enviesado para Carlito. Eu coloco o garoto à minha frente e pago sua passagem, girando a roleta com ele no meio, em seguida pago a minha e escolhemos um lugar no fundo para nos sentar.

Usamos esse tempo para colocar os pensamentos em ordem, ao menos é o que eu arrisco. Confesso que em vão. Não há como colocar a mente no lugar depois de ter visto o que vi. Um pouco antes de sair do ônibus acordo Carlito que acabou adormecendo no meu colo. Ele coça os olhos ainda confuso de onde está.

— Venha, vamos descer na próxima parada — aviso, segurando sua mão. Finjo que não noto os olhares recriminadores em nossa direção, as pessoas primeiro observam Carlito e depois a mim. O restante do caminho fazemos a pé e em alguns minutos estou na porta da minha casa.

— Essa é sua casa? — pergunta, encarando as janelas pintadas num tom de azul vibrante.

— É sim — respondo, destrancando a porta. — Vem! — falo, dando-lhe passagem.

Carlito entra e olha para todos os lados curioso sobre cada detalhe. Ele passa a mão pelas poltronas e depois espia a cozinha. Mantenho-me de pé

no meio da sala observando-o com um sorriso sincero no rosto, o primeiro desse triste dia.

— Tia, eu posso tomar banho na sua casa? — indaga com receio, apertando uma mão na outra. Meu coração se despedaça mais um pouco.

— É claro que pode — pigarreio para afastar o choro iminente. — Vou pegar uma toalha limpa para você — digo, saindo para o quarto. Abro o armário e antes de voltar para a sala seco meus olhos.

Encontro-o na cozinha com os olhos fixos em algumas maçãs, ele tem os braços para trás e não me percebe voltar com a toalha nas mãos.

— Você quer uma? — Ele se assusta com minha voz dando um pulo para o lado e depois acena com a cabeça. Coloco a toalha sobre a mesa e em seguida lavo a fruta e a corto em pedaços. Ele come com tamanha rapidez que o sumo da maçã escorre pelo canto de seus lábios.

— Posso comer outra? — pergunta quando termina. E assim ele faz por três vezes.

Depois de devorar as maçãs, indico o banheiro a ele e mostro quais são os produtos que pode usar no corpo e nos cabelos. Ouço o chuveiro ser ligado e me sento na cama, ergo a cabeça e olho para o alto desejando que essa bola que sinto presa em meu estômago desapareça.

Levanto-me e pego meu celular, completando uma chamada para Pablo.

— Está em casa?

— Acabei de chegar — diz ele.

— Um dos meus alunos foi assassinado em frente ao colégio. E outro aluno está no meu banheiro tomando banho. Minha cabeça está uma bagunça, eu não sei o que pensar... — minha voz falha. — Você pode vir até aqui e me ajudar, eu preciso alimentar essa criança com algo além de maçãs, mas não sei o que fazer... — paro de falar, sentindo meus olhos enevoarem e minha voz embargar mais uma vez.

— Blanca... — murmura ele. — Estou indo aí — diz e desliga.

Não demora um minuto e Pablo está na minha sala. Quando o vejo, lanço-me sobre ele e o abraço.

— Tia, eu já acabei. — Carlito diz, aparecendo na sala com seu corpo miúdo perdendo-se no tecido da toalha bege. Os cabelos cacheados pingam água e molham o piso. Afasto-me de Pablo e seco meus olhos, indo até ele.

— Precisamos encontrar roupas limpas para você — digo, saindo em direção ao meu armário novamente, sentindo que estou a um ponto de desabar.

— Esse garoto é quase um homem, o que teria no seu armário para ele, Blanca? — Pablo diz sorridente. Buscando distrair Carlito ela passa as mãos pelos cabelos molhados do menino. — Eu vou até minha casa e encontro umas camisetas de quando eu era do seu tamanho. Espere um minuto.

Pablo sai e em alguns minutos retorna carregando algumas camisetas tamanho pequeno de quando era adolescente e uma bermuda de elástico que ficou mais parecida com uma calça em Carlito.

— Ficou ótimo! — diz, piscando para o garoto. Carlito relanceia as roupas e passa as mãos pelo tecido.

— Como é seu nome? — pergunta para Pablo.

— Eu sou Pablo, e você?

— Carlito. Valeu, Pablo! Eu gostei dessas roupas, parece igual as roupas dos meninos que eu vejo brincar lá na praça principal.

— Você ficou um garoto bem elegante, agora vamos secar melhor esses cabelos para não ficar resfriado. — Pablo pega a toalha e a passa pelos cabelos de Carlito como se estivesse lustrando um sapato. O menino ri.

— Tá bem seco agora — diz Carlito, passando os dedos pelos cachos. — Você é o amigo da tia que sabe fazer comida? — Carlito é uma máquina de perguntas e Pablo arregala os olhos com essa.

— Eu não sei, talvez eu seja. Eu sou, Blanca?

— Sim, é ele mesmo. Pablo vai preparar uma comida muito, mas muito gostosa para nós.

Olho no relógio e vejo que a noite está próxima. Egan pode chegar a qualquer instante. Enquanto isso, Pablo, Carlito e eu ficamos na cozinha criando pratos para o jantar. Ele envolve a criança com seu carisma nato, além das técnicas pedagógicas adquiridas na faculdade. Pablo sempre foi ótimo em cativar as crianças menores.

— Hoje estamos num circo e um palhaço virá visitar nossos pratos — Pablo diz para Carlito que está sentado na banquetta com os cotovelos na mesa enquanto observa cada movimento dele com atenção.

— O que vai fazer? — pergunto, aliviada que ele esteja aqui para me ajudar.

— Você vai ver — diz, entregando-me alface, cenoura, tomate e ovos.  
— Lave a alface, rale a cenoura e coloque esses ovos na água para cozinhar.

Sigo suas ordens, à medida que ele pica em tiras finas uma carne vermelha e prepara o arroz. Carlito se diverte com as piadas sem graça de Pablo, e no fim até eu estou rindo conforme corto os tomates em rodela. Ouço a maçaneta girar e nós três paramos de rir observando Egan passar por ela. Meu sorriso volta a se espalhar, deixo a faca e os tomates na mesa e ando até ele.

— Oi — falo, aproximando meus lábios dos dele. Egan passa uma mão por meu rosto.

— Você está bem? — pergunta.

Aceno dizendo que sim, mesmo que eu sinta que não.

— O tio veio me buscar para levar embora? O Grandão sabe que eu estou aqui? — Carlito indaga num tom de apavoro agarrando-se as pernas de Pablo.

— Não! — Egan e eu dizemos em uníssono.

— Na verdade, eu estou bem feliz em ver que você está aqui. — Egan diz, aproximando-se da cozinha. — Não precisa ir até o Grandão, não precisa mais fazer o que ele pede — finaliza.

Carlito franze o cenho, desconfiado.

— Tio, *cê* também faz serviço *pra* eles, *né*? — pergunta, ainda agarrado em Pablo.

Envergonhado, Egan baixa a cabeça e não o responde.



— Carlito ninguém vai te levar embora, escutou? — explano, ultrapassando Egan e me abaixando para falar olhando em seus olhos. Ele sorri e assente voltando a espiar Egan.

— O tio também é seu amigo porque ele te salvou? — murmura próximo do meu ouvido.

— Isso mesmo — digo, afagando seus cabelos.

— Ninguém vai levar ninguém, hoje todo mundo vai se sentar nessa mesa e comer minha comida de circo, entenderam? — Pablo diz, deixando o ar mais leve. Egan vai até ele e estende uma mão, é recebido com cortesia por Pablo que lhe oferece um sorriso ao final.

— Bom que está aqui, assim tenho mais um ajudante — diz, entregando a ele uma frigideira. — Sabe selar carne?

Egan relança sobre a mesa e as panelas e meneia a cabeça concordando. Minha cozinha pequena e pouco equipada acolhe todas essas pessoas. Trombamos uns nos outros em algum momento, mas no final todos os ingredientes estão preparados.

— Agora é hora do show. Sentem-se e esperem o prato.

Carlito bate as mãos, aplaudindo ansioso. Egan e eu nos sentamos um ao lado do outro. Pablo serve primeiro a Carlito, que abre a boca admirado com o prato à sua frente. Meu amigo fez a cabeça de um palhaço usando as folhas de alface como a gola da roupa, o arroz formatado num círculo como a cabeça, rodela de ovos cozidos são os olhos, as cenouras caracterizam os lábios, tomate o nariz, e para os cabelos nas laterais cenoura ralada. Um longo e pontiagudo chapéu é feito de tiras de carne e mais uma rodela de tomate na ponta, criando com perfeição um prato apetitoso e divertido.

— Eu nunca comi uma comida desse jeito. — Carlito diz com as mãos no rosto, fazendo-nos rir de sua expressão fascinada. Pablo continua de pé, e repete sua arte para servir a mim e Egan, depois se senta conosco carregando também um prato de palhaço.

— Se estiver bom, fui eu quem fiz. Se estiver ruim, foram eles — diz, apontando para Egan e eu. Carlito pega o garfo na mão e começa a comer pelos olhos, e assim ele faz narrando cada parte que põe na boca.

Egan encara seu prato, ele segura o garfo na mão espantado com cada detalhe da arte. Com a cabeça baixa, focado em seu prato, Pablo e eu notamos uma lágrima escorrer de seu olho direito, ele se apressa em afastá-la de seu rosto e começa a comer. Eu abro a boca para perguntar se está tudo bem, mas Pablo acena a cabeça sinalizando para que eu não pergunte nada.

A expressão de Egan e Carlito se assemelham, é como se eu tivesse duas versões de uma mesma vida, o passado e o presente representados por um homem e uma criança, ambos privados de coisas comuns e banais, como se sentar para uma refeição divertida com a família.

— Eu vou comer o chapéu. — Carlito diz, mastigando a carne com a boca semiaberta. — Vai, tio, come o chapéu também — insiste com Egan, apontando para seu prato. Egan enfia uma tira de carne na boca e mastiga com um sorriso no rosto, eles se entreolham com um semblante conectado e feliz.

Assim que terminamos de comer, Pablo se levanta.

— Vou até em casa buscar algumas frutas para a sobremesa, porque Blanca só tem maçãs nessa casa.

— Eu gosto de maçãs. Carlito também.

Pablo revira os olhos e sai, voltando em seguida carregado de: kiwis, bananas, uvas e tangerinas. E com essas frutas ele cria um coqueiro em cada prato, as bananas são o tronco, os kiwis cortados representam as folhagens, uvas são cocos e os gomos das tangerinas são a areia sob o coqueiro.

— Uau! Isso é muito demais, Pablo. — Carlito diz, surpreendido. Ele joga as uvas para a boca e as mastiga com os olhos fechados, apreciando seu sabor.

— Não sabia que você tinha toda essa técnica para montar pratos infantis? — indago, comendo um pedaço de kiwi.

— Tive uma aula com uma nutricionista quando estava estagiando para a educação infantil. Não existe criança que não coma diante de pratos assim — fala, orgulhoso de si.

— Você é professor também? — Egan pergunta. E eu puxo na memória se essa não é uma das coisas que eu já havia contado a ele.

— Sim, mas dou aula num colégio no centro e para uma turma um pouco mais velha que nosso amigo aqui — informa, apontando para Carlito. Pablo continua a falar da escola em que dá aula, depois respondemos as várias indagações de Carlito e o assunto corre leve e tranquilo, deixando de fora a tragédia do dia.

Carlito começa a bocejar e se escora sobre a mesa.

— Eu tô com sono, tia.

Pablo olha para o relógio em seu pulso.

— Preciso organizar minha aula de amanhã. — Ele se levanta, indo até Carlito e beija o topo de sua cabeça. — Boa noite, amigão! — depois

estende uma mão para Egan. — Eu já avisei meu primo — avisa e se despede.

Acompanho-o até a porta e o abraço agradecida por tudo o que fez hoje.

— Blanca, Carlito tem família? — pergunta, sussurrado.

— Não, a mãe o deixou e ele estava vivendo com o chefe da comunidade do Esperanza — conto a ele. Pablo fecha os olhos e aperta as têmporas por um segundo.

— Você não pode ficar com ele desse jeito, tem que acionar o conselho tutelar, não pode simplesmente abrigá-lo na sua casa — pondera.

— Eu sei, eu sei... Vou falar com Soledade depois do enterro de Lorenzo. Tentar encontrar a mãe dele antes de... de um abrigo.

— Esse garoto morto era o aluno que você tinha falado antes? — questiona, tomando cuidado para que Carlito não nos ouça.

— Sim. O mataram em frente à escola, com vários tiros, era tanto sangue... — aperto meus olhos antes de continuar — foi tão triste, Pablo.

— Eu nem sei o que dizer... — Ele olha além de mim, para Egan e Carlito ainda sentados à mesa.

— Você tem duas baitas encrencas bem ali na sua cozinha, sabe disso, não é?

Aceno confirmando. Ele me puxa para outro abraço, acarinhando minhas costas com as mãos.

— Me avisa se precisar de mais alguma coisa, sabe que pode contar

comigo mesmo quando eu não concordo com você, não sabe? — sussurra contra meus cabelos.

— Eu sei — respondo.



Encostada no batente do quarto, observo Egan colocar Carlito adormecido sobre a cama, ele o aquece com uma manta e ajeita sua cabeça sobre o travesseiro. Quando Egan passa por mim, apago a luz e fecho a porta do quarto, seguindo com ele para a cozinha. Suspiro e passo as mãos pelos cabelos agradecendo que esse dia está finalmente terminando.

Egan segura meu rosto entre suas mãos. Ele estuda meus olhos por alguns segundos e desliza seus lábios pelos meus, num beijo suave e acolhedor.

— Você está *mesmo* bem? — reitera a pergunta que já havia feito quando chegou, mas, dessa vez, eu não minto e aceno a cabeça sinalizando que não. — Eu sei o que aconteceu e sinto muito, o garoto morto era seu aluno?

— Era — respondo, sentindo meus olhos abrumarem novamente. — Aceitei a palavra deles para me manter longe e agora Lorenzo está morto. Eu poderia ter feito alguma coisa... eu deveria ter tentado...

Egan apoia minha cabeça em seu peito.

— Não, Blanca. Você não deveria. Não se ajuda ninguém estando

morta também. Eles sabem quem você é, estive hoje com Grandão e você foi o primeiro assunto dele.

— Então é verdade? Diego disse que eles sabem quem eu sou, mas eu sou somente uma professora — digo, afastando minha cabeça.

— Quando tirei você de lá, eles supuseram que você também estava na organização de Nolasco. Mas, agora que sabem que você é só a professora — ele faz uma pausa. — Ajude seus alunos dentro da escola. Por favor.

Egan diz segurando meu rosto e a seriedade que exprime em suas palavras, faz os pelos do meu corpo encresparem, deixando-me ainda mais assustada.

— E Carlito? Eu o trouxe comigo, não vou deixá-lo voltar para aquele lugar, eu não vou — alerta com firmeza.

— Não precisa, eu disse a ele para deixar o menino viver em paz, mesmo se Carlito voltar lá por seus próprios pés, será dispensado.

Ao mesmo tempo em que me alegro por saber que aqueles homens não virão atrás de Carlito, também me entristeço por saber que era com essas pessoas que Egan passou seu dia. Enquanto eu chorava diante de uma criança morta, Egan interatuava com seus algozes.

Baixo a cabeça e fecho os olhos.

— O que foi? — Egan me pergunta, elevando meu queixo com a mão.

— Quando Yan vier, você vai fazer o que ele pedir para se livrar dessa vida criminosa? Você tem amigos nesses lugares em que anda? Será capaz de denunciá-los também? Não só Nolasco, mas toda essa organização? — Minhas perguntas são categóricas e não deixam espaço para simulações.

— Por que me pergunta algo assim? — indaga, surpreendido.

— Seu nome é mesmo Egan?

De pé nessa cozinha, um de frente para o outro, com nossos rostos separados por um palmo de distância, espero por sua honestidade.

— Sim, meu nome é Egan Bardem, minha mãe se chama Kira Bardem e meu irmão Juan Bardem. No entanto, há muitos anos eu uso um nome falso, todos fora do eixo principal de Nolasco me conhecem como Alfonso Garcia. Por isso o meu espanto quando naquela praça você disse meu nome verdadeiro.

— E você fará? Fará o que for preciso? — indago com mais brandura.

— Tem dúvidas de que eu não faça, Blanca?

— Eu... — tento dizer que acredito nele, que acredito em seu desejo de se libertar.







Capitulo  
Trinta

Egan

— Não se preocupe. Vou colaborar com o que Yan precisar — confirmo a ela.

Blanca analisa minha face como se em busca de um tesouro perdido, ela tenta encontrar no fundo dos meus olhos por uma verdade que pode não ser a que ela deseja encontrar. Sua coragem e altruísmo são admiráveis, a necessidade que tem em ajudar aqueles que estão à sua volta é louvável e distante da minha realidade, talvez seja por isso que ela anseie tanto em me tornar um pássaro liberto.

A escuridão da noite só é bem-vinda porque ela se alterna ao dia banhado pela luz. Sem essa luz, a penumbra noturna é funesta e devastadora. Eu vivi apenas na penumbra, não sabia mais como era alternar a devassidão de minhas noites a pureza dos dias iluminados. Sinto-me aquecido por esse fulgor que irradia de sua determinação, trazendo-me o desejo de viver sob a luz, sob o brilho de uma vida limpa.

Contudo, tenho consciência de que quando eu abrir a boca e disser tudo o que sei, minha liberdade pode não ser a que ela espera. Essa verdade que Blanca busca em mim com tanto afincio, pode ser a mesma que me tirará de seu lado. Ainda assim, a confiança de que — no fim disso tudo — minha mãe e irmão estarão bem, faz-me audacioso o suficiente para enfrentar qualquer desafio.

— Eu sei onde minha mãe está — confesso, fazendo-a segurar meus braços e escancarar os olhos e a boca.

— Como? Como descobriu?

— Um amigo — conto.

— Esse amigo... — Sei o que ela pensa, está a imaginar que Ramiro me impeça de seguir adiante com o investigador.

— Ele está morto — adianto-me.

Blanca franze os lábios e baixa a cabeça por um instante.

— Sinto muito — diz.

— Eu preciso fazer algo por ele. Vou ficar uma noite fora depois que conversar com Yan — aviso-a.

Blanca assente sem me perguntar nada sobre ele, mas sei que em sua vida iluminada a escuridão que me cerca é algo difícil de digerir, por isso, antecipo-me em dizer o que ela quer ouvir.

— A mulher dele está grávida e ele me pediu para entregar a ela uma carta e algum dinheiro que deixou. Mas a cidade é distante e é por isso que vou pernoitar. Mas assim que eu sair de lá venho direto para Volar — esclareço.

Blanca ergue a cabeça outra vez e sorri.

— E como ele encontrou sua mãe? — indaga, verdadeiramente curiosa.

— Não sei, ele com certeza comprou essa informação de alguém também próximo de Nolasco, mas não consigo imaginar qual deles é. Eu não confio em ninguém naquele lugar e me preocupa que Ramiro tenha confiado a alguém do bando algo que Nolasco não pode sonhar que eu saiba.

Ela segura minha mão e me leva até a sala, espalha as almofadas que decoram suas poltronas no chão e se senta, puxando-me para me sentar com

ela.

— Você já foi vê-la?

Cerro os punhos experienciando novamente o desejo colossal que me domina para sair em busca dela.

— Não, eu não posso. Tenho que falar com o investigador primeiro e entender quais direitos podem ser aplicados para a proteção deles.

Blanca segura meu rosto e diz com determinação:

— Você tem razão. Eu sei que deve estar em desespero para ir atrás da sua família, mas precisa aguentar um pouco mais, só um pouco.

Ela aproxima seus lábios dos meus e me beija, e aquela sensação de que o muro que separa nossos mundos está prestes a ruir regressa novamente. Envolver sua cintura e a trago para mais perto, rompendo qualquer distância que se coloque entre nós.

Seus dedos delicados se enroscam na minha nuca e um arrepio me percorre, ela aperta seu corpo contra o meu e eu ambiciono permanecer o resto da vida com ela aconchegada em mim. Abstraio o pensamento de todos os obstáculos que ainda possam nos separar e me entrego de corpo e alma a esse violento apetite que nos rege e domina.

Deitados sobre essas almofadas no chão, o mundo ao redor brilha sua luz mais fulgurosa, sua vivacidade cegaria alguém que não a almeje, alguém despreparado para receber esse calor que queima até as entranhas. Quando Blanca está em meus braços, quando seus lábios estão nos meus, quando meu corpo penetra o dela, nada mais me assusta, nada mais me faz temer, nada mais me faz aceitar viver à sombra.

Eu me movimento sobre seu corpo despido e cintilante com nossos olhos abertos e conexos numa dimensão mais intensa. Nessa casa, eu sinto que há uma redoma que nos protege de todos os outros habitantes desse mundo perdido e desolado.

Dobro sua perna, apertando sua coxa, à medida que me movo com mais força e entusiasmo. Ela arfa sob mim, agarrada a meus ombros suados e mesmo que controlemos o som que escapa de nossos lábios, dentro de nós é possível ouvir e sentir o bramido que estremece até nossos ossos enquanto nossas almas agarram-se uma na outra, num encaixe tão perfeito que Deus afirmaria a quem duvidasse que existimos apenas para viver um com o outro.

Ela ergue sua cabeça e me beija, languescida sob mim. Afasto os fios soltos e aderidos a sua face cansada e penso que se eu morresse agora, morreria feliz por ter vivenciado como é amar uma mulher.

— Você vai dormir aqui? — ela pergunta passando os dedos por minha barba. Eu seguro sua mão e beijo a palma antes de responder.

— Parece que o meu lugar está ocupado.

— Eu tenho um colchão inflável, podemos enchê-lo. Não é nada comparado aquela cama na sua casa, mas...

— Aquela casa não é minha, dormir no chão é melhor se você estiver comigo.

Ela sorri, e umedece o lábio inferior, aparentando uma falsa timidez. Não resisto e passo a língua no mesmo lugar onde ela umedecia, sentindo outra vez o sabor açucarado que seus lábios possuem.

Talvez seja isso o que Ramiro sentia quando me falava de sua mulher,

quando falava com tanto arrebatamento sobre o amor que sentia.







Capítulo  
Trinta e Um  
Blanca



Com meus alunos, assisto ao sepultamento de Lorenzo, não há quase ninguém de sua família, apenas a avó e algumas tias distantes. Reflito em como era difícil a vida desse garoto, vivendo sem o aporte de ninguém. Meu coração se quebranta um pouco mais a cada vez que olho para Diego, ele que tanto fez para me enfrentar e se manter distante, agora está ao meu lado.

Ergo uma mão e a descanso em sua face juvenil, ainda sem barba, com dor entalhada. Ele aceita meu toque, meu consolo, e diferente de antes, tem agora um semblante mais afável que mostra todos os traços de uma vida que está por vir. Soledade deu aos alunos três dias de luto, três dias para assimilarem essa dor e voltarem dispostos a seguir um rumo diferente ao de Lorenzo.

Quando o adeus final é dito, cada um deles se despede de mim e saem amparando-se uns nos outros. Acompanho seus passos e mesmo que eu esteja rodeada de lágrimas e tristeza, sinto-me grata por ter a oportunidade de conviver com eles, grata por ter a honra de educá-los.

— Eles vão ficar bem. — Soledade afirma, repousando uma mão em meu ombro.

— Sei que vão, mas gostaria que não precisassem passar por uma experiência dessa natureza — respondo, virando-me para ela.

— Infelizmente coisas assim acontecem com mais frequência do que gostaríamos. — Olhamo-nos em silêncio por alguns segundos e eu assinto com a cabeça, procurando renovar cada gota de esperança que há em mim.

Lado a lado, distanciando-nos dessa lastimável despedida e eu aproveito para falar sobre Carlito.

— Eu resgatei um aluno, ele está na minha casa. A mãe o abandonou e ele vivia com as mesmas pessoas que mataram Lorenzo.

Soledade respira fundo. Ela está há anos no comando do Esperanza, e muito melhor que eu, sabe o que acontece nesse bairro e em sua escola.

— Carlito, não é? Eu o vi com você ontem. O que pretende, Blanca? — ela me pergunta, com o pragmatismo usual de sua posição.

— Não sei — respondo com sinceridade. — Mas, não posso deixá-lo voltar para aquela vida. Você viu como ele estava? A primeira coisa que me pediu quando entrou em casa foi para tomar um banho — murmuro a frase final, sentindo a mesma devastação de quando ouvi dele.

Soledade cessa seu andar, parando à minha frente.

— Sei como se sente, eu mesma preciso me revestir com uma blindagem para enfrentar a realidade dessas crianças sem cair no choro várias vezes por dia. Não é só Carlito, são tantos outros durante esses dez anos que estou no Esperanza. Muitos eu consegui trazer de volta, outros não. — Sua voz se torna enternecida.

— O que podemos fazer por ele? — indago-a, esperando que sua experiência me traga alguma luz sobre o que fazer.

— Falei com a mãe dele tem algumas semanas, não só com a dele, mas com vários outros responsáveis. No caso de Carlito, a mãe me disse em segredo que foi obrigada a deixar o menino. Tenho um relatório pronto para entregar ao conselho de Volar. Entretanto, estando onde ele estava, quem de nós poderia entrar para resgatá-lo? Confesso que quando o vi com você me senti mais tranquila, parece que vocês têm uma ligação especial. — Ela sorri docemente e eu a acompanho. De fato, tem algo nele que me conecta.

— Carlito é um bom menino, não é tarde demais para ele — revelo, baixando a cabeça.

— A mãe me contou que foi expulsa da comunidade, podendo sair só com o filho mais novo. Não sei se a história é verdadeira, é preciso conversar com Carlito, saber como era seu relacionamento com ela. Detectar se havia abuso ou negligência, como o de muitas outras crianças, é provável que o conselho o leve para uma casa de acolhimento.

— Eu não posso ficar com ele? — pergunto, apressada. Seria um golpe duro demais para essa criança ser enviado para uma dessas casas.

— Adotá-lo? — questiona, surpresa. Eu também me surpreendo quando ela diz a palavra certa, porque até então essa hipótese não havia passado por minha cabeça.

— É melhor que ficar numa acolhida, não é?

— Não sei a fundo como a lei funciona nesses casos, Blanca. O que sei é que quando acionarmos o conselho eles tentarão devolvê-lo para a mãe ou parentes próximos, se ficar caracterizado a negligência ele irá para o acolhimento e então começará o processo em busca de uma família substitua, é demorado. Não sei se você poderia ficar com ele antes de uma decisão judicial.

A ouço com atenção, refletindo sobre cada palavra dita.

— Posso falar com a mãe dele? Você tem o endereço dela? — investigo.

— Ela não quis dizer onde vive, mas posso te passar seu telefone — diz.



Sentada na cadeira em frente à mesa de Soledade, aguardo ela me entregar o telefone da mãe de Carlito. No papel o nome Eva e um número.

— Por favor, espere até eu conversar com ela e entender sua situação — rogo à Soledade que confirma com um aceno de cabeça.

Saio de sua sala e assim que coloco os pés para fora do Esperanza alço meu telefone e digito os nove números da mãe de Carlito. A primeira vez, a chamada ressoa insistente até entrar em caixa postal. Não desisto. Tento outra vez, e outra e na quarta vez a voz ofegante de uma mulher chega aos meus ouvidos.

— Oi, é a Eva? — pergunto, trocando o aparelho de orelha.

— Sim — responde, secamente.

— Meu nome é Blanca, estou ligando para avisar que Carlito está na minha casa — solto de pronto, não dando tempo para ela pensar ou desligar.

— Isso é uma piada? Eu sei onde e com quem ele está — fala, num tom de repreenda.

— Não está mais, ele está na minha casa. Sou professora no Esperanza e ele está comigo, Carlito não vai mais voltar para aquelas pessoas — informo, as palavras pulam da minha boca num estado de euforia que sou obrigada a me controlar para não a assustar.

— Isso é verdade? — pergunta, incrédula. Sua voz vacila.

— Sim, é verdade. Ele não pertence mais àquele lugar, nem àquelas pessoas. Ele está comigo. Eu preciso saber o que aconteceu, se você o quer de volta ou se o abandonou para sempre. Porque eu não vou deixar esse menino sem amparo.

Ela silencia por um longo tempo, fazendo-me achar que não está mais ali.

— Eva?

— Não queria ter deixado ele *pra* trás. Eles me obrigaram... — fala, com uma voz embargada.

— Entendo que você deva ter seus motivos para essa situação ter chegado num nível tão ruim, mas ele merece mais, merece uma casa de verdade, merece afeto, cuidado... — Tapo minha boca com uma mão, quando eu mesma sinto minha voz embargar. — Carlito precisa de um lar. Você tem um para dar ao seu filho?

Ouçõ sua respiração aprofundar do outro lado da linha.

— Moro nos fundos de uma lanchonete, meu filho menor está vivendo com a avó paterna. Mas Carlito é de outro pai e ele já morreu, não tenho contato com nenhum dos parentes do pai dele e minha mãe já é velha e vive em outro estado. Não tenho como trazê-lo para viver aqui.

Cada palavra que diz é como um tapa no meu rosto.

— Não tem mais nenhum familiar? — questiono, prevendo sua resposta.

— Não.

Fecho os olhos e seguro o telefone apertado contra minha orelha.

— Você tem os documentos de identificação dele?

— Sim — responde ela.

— Me diz onde está que vou buscar — falo, apertando meus passos para ir onde ela estiver.

Ela me passa um endereço e um horário, marcando comigo em Águila, uma cidade há mais ou menos uma hora daqui.



— Olha só o que eu trouxe — digo, assim que abro minha porta. Carlito está confortavelmente sentado na minha cama, assistindo desenhos animados na televisão.

— O quê, tia? — pergunta, soltando o controle remoto.

Abro uma sacola e dela tiro as roupas que comprei para ele depois que falei com sua mãe. Ela marcou comigo no começo da noite, e então fiz valer esse meio tempo para comprar o que Carlito precisa. Ele voltará para a escola e não poderá ir usando as roupas de Pablo.

Ele me ajuda a tirar tudo da sacola, e encantado começa a experimentar peça por peça: calças, bermudas, camisetas, jaqueta, meias e tênis. Carlito pula na cama e agarra meu pescoço, num abraço carinhoso e

apertado.

— Ei, vai me quebrar desse jeito, não sabia que era tão forte — comento, afanando suas costas.

— Obrigado, tia! — diz, contra a pele do meu pescoço.

— Sabe que eu sou professora, não é? Não vou deixar você ficar fora da escola. Vou levá-lo todos os dias comigo, tudo bem?

— Vou morar com você? — pergunta-me com um olhar incerto, mas feliz.

Engulo em seco e ordeno meus olhos a se manterem secos para que ele não perceba que estou tão perdida quanto ele nesse momento.

— Carlito, você se lembra da sua mãe? — pergunto, num tom brando. Ele desvia o rosto, encarando as roupas sobre a cama.

— Ela foi embora com o meu irmão pequeno, disse que era para eu ficar com o Grandão até ela voltar. Eu sei que ela não vai voltar, o pessoal me disse, sei de tudo — Carlito desabafa.

Tenho medo de perguntar o que mais ele sabe, pavor de escutar o que aqueles homens disseram a ele. Puxo-o contra meu peito e o abraço, o menino chora. Rogo aos céus que essas lágrimas sejam suficientes para lavar sua alma de tantas privações.



Em Águila, espero por Eva no local combinado. Achei que o endereço dado por ela seria na lanchonete em que vivia, mas não. Ela marcou em frente à uma loja de instrumentos musicais no centro da cidade, numa rua populosa e difícil de encontrar alguém.

Repetidamente olho para o relógio conforme o sol se põe e a lua surge no céu. Até que com quase uma hora de atraso, quando eu começo a perder as esperanças, uma mulher magra com os cabelos presos num coque apertado, vestindo calça e camiseta preta para ao meu lado.

— Você é a professora? — pergunta, arredia. Observo seu rosto e identifico nele traços de Carlito, os lábios grossos e os cílios volumosos que chamam a atenção nele estão presentes nela também.

— Sim, sou Blanca.

Ela abre a bolsa com a tira transpassada em seu pescoço e de lá alça um punhado de fotos e seus documentos.

— É a carteira de vacinação, a certidão de nascimento e algumas fotos que tenho dele — diz.

Sorrio, quando vejo uma foto de Carlito ainda bebê, e outra com uns dois anos de idade brincando com uma bola de futebol pela rua.

— Eva... Carlito precisa de uma mãe. Precisa de... — tento dizer que precisa dela, porém sou atravessada.

— Eu não posso — responde-me, segura de sua posição.

— Ele irá para um abrigo... — afirmo, esperando que ela compadeça da situação de seu filho.



— É melhor do que ficar na rua ou com o Grandão, *né?* — interrompe, juntando as sobrancelhas e aumentando seu tom.

— O conselho irá te ligar, eles vão querer entender por que o abandonou — aviso-a. Ela observa as pessoas na rua, desviando seu olhar de mim.

— Ele não pode ficar morando na sua casa? — pergunta segundos depois, com os braços cruzados sobre o peito, num tom mais brando.

Encaro o perfil de sua face, sem acreditar que uma mãe fale sobre o filho viver com uma mulher que acabara de conhecer com tamanha tranquilidade.

— Gostaria muito, mas vou precisar que um juiz decida por isso.

Eva volta a me olhar e passa uma mão pelo rosto.

— Quando me ligarem, vou dizer para deixarem o menino com você — diz, dando-me as costas.

Parada no lugar, com essas fotos na mão, eu assisto a mulher que o gerou partir.





Capítulo  
Trinta e Dois

Egan

Encaro as provas contra a organização de Nolasco sobre a cama, cadernos de contabilidade, números de contas bancárias no exterior, mapas com as principais rotas de entrada e saída de cargas, e entendo que esse é o ponto de ruptura que esperei por toda a vida. A partir daqui, ruína ou vitória me aguardarão com os braços estendidos, resta saber qual delas eu abraçarei.

Sento-me e pego na mão a folha com os nomes em ordem hierárquica de toda a organização. Estão aqui nomes que policiais sequer imaginam, gente grande que a maioria enxerga como pessoas de indiscutível boa índole. E entre esses nomes o meu preenche uma das linhas.

Penso em Blanca e na utopia que criou ao discorrer que eu sairia disso tudo sem pagar pelos crimes que cometi, penso em Ramiro e em sua fala ao me dizer que de qualquer jeito já vivemos numa prisão.

Fecho os olhos e recorro de cada trabalho sujo que fui obrigado a fazer nesses anos, ainda que eu me sinta um nada executando essas tarefas, eu as realizei. Por isso, como posso me deixar de fora, depois de tudo o que eu fiz?

Organizo todos os documentos na pasta que entregarei mais tarde para o investigador primo de Pablo. Ando por esse apartamento e noto atentamente seus detalhes, esse lugar que se parece tanto com a casa de Nolasco que espero nunca mais precisar ver.

Com minhas roupas e a pasta numa mala, desço o elevador obstinado de que não voltarei. Na garagem, jogo o celular que estava usando para a comunicação entre Nolasco e as facções no banco traseiro e tiro do porta-luvas o livro que Blanca havia me presenteado e antes de o colocar com cuidado na mala, folheio algumas páginas. Ao ver as anotações que ela fez

em alguns trechos me sinto ainda mais próximo dela.

Marcho para fora do exuberante prédio que ocupei, e a pé sigo em direção à casa de Blanca. O som das rodas da mala estalando pelo chão rústico das calçadas e ruas são como música que embala meus passos para longe dessa vida miserável e mais próximo da liberdade.

Ao ver a pequena casa amarela com janelas azuis, meus lábios se distendem num sorriso triunfado. Um emaranhado de sentimentos me abrange com tanto impacto que não consigo discernir com clareza o que sinto ao acessar os três degraus da entrada de sua casa.

Antes de girar a maçaneta ouço sua voz, Blanca ri de algo que ouve de Carlito, ri com tamanho deleitamento que tenho vontade de rir também. Abro a porta e encontro os dois sentados no chão da sala com folhas espalhadas e um pincel na mão. Blanca tem uma mancha de tinta vermelha na ponta do nariz e Carlito tem duas rodela pintadas de amarelo em suas bochechas.

— O tio chegou! Vem pintar, tio, é muito legal — diz ele ao me ver.

Blanca se levanta do chão, exibindo um sorriso capaz de maravilhar qualquer pessoa.

— Estamos pintando — diz ela.

Toco a ponta de seu nariz vermelho.

— Carlito fez isso — revela, passando a mão no nariz para remover a tinta.

Enlaço suas costas com uma mão e com a outra sua nuca e a beijo, num ato mais longo do que ela pretendia. Blanca me recebe com deliberação

e seus braços laçam meu corpo junto ao seu.

— Eca! — ouvimos um som enojado atrás de nós. Soltamo-nos mutuamente e olhamos para trás. Carlito tem uma expressão nauseada, contrapondo-se a divertida pintura em sua face.

Juntos, rimos dele que franze o cenho sem entender por que Blanca e eu estamos rindo com tanto vigor. Blanca se vira para fechar a porta e então me encara espantada ao ver minha mala próximo da soleira.

— Eu não vou mais voltar — digo a ela que volta a exhibir os dentes brancos num sorriso que faz meu coração liquefazer.

Ela traz a mala para dentro de sua casa e fecha a porta atrás de mim, em seguida segura minha mão e me faz sentar no chão com ela e Carlito, entrega-me uma folha em branco e um pincel.

— Pinte alguma coisa — comanda.

— É, tio, pinta uma coisa legal, *tá*? Eu pinte um elefante. — Carlito conta, erguendo a folha com o animal colorido em cinza, com patas largas e uma extensa tromba.

— Uau! É a primeira vez que vejo o desenho de um elefante. Ficou muito bom, cara — congratulo, pegando o desenho dele para olhar mais de perto. Ele sorri orgulhoso.

— Tio, desenha o bicho que você mais gosta — pede-me.

Mirando a folha em branco analiso se existe um bicho que eu mais gosto. Surge-me então o único animal que me identifico. Molho o pincel no tubo de tinta preta e o deslizo sobre a folha branca; primeiro faço traços finos e abaulados para dar a forma arredondada que eu o imagino, em seguida

aperto minha mão um pouco mais para que as asas saiam num tom de preto grosso e carregado, desenho-as dos dois lados, abertas, finalizo com uma cauda de penas longas e bico.

— Um passarinho? — o menino pergunta.

— Sim — respondo, fitando seus olhos contentes.

— Ele está voando? — indaga, atento aos meus rabiscos.

— Está voando bem alto — confirmo, gesticulando com as mãos o céu em seu ponto mais elevado.

Blanca também pega meu rascunho em mãos e observa cada traço, em seguida tira o pincel de mim e com destreza reproduz outro pássaro igual ao meu. Ela me devolve a folha e pisca um olho. São dois pássaros agora, dois pássaros livres voando na imensidão.



— Tia, eu tô com fome. — Carlito fala, passando uma mão pela barriga.

— De novo? Mas não faz muito tempo que comeu. — Blanca olha surpresa para o relógio.

— É que é muito gostoso comer na sua casa, fico sempre com fome

— contrapõe ele, nos fazendo rir.

— Antes vamos guardar as tintas e lavar os pincéis. Os desenhos deixamos naquele canto — aponta para um lado da sala — para que sequem.

Ajudos-os na tarefa e percebo que essa é também a primeira vez que brinco com uma criança ou como uma criança em todos esses anos. Percebo o regresso daquelas emoções emaranhadas outra vez.

Na cozinha Blanca apronta um macarrão com molho. Carlito assiste televisão enquanto estamos na cozinha. Eu descasco algumas frutas para preparar um suco.

— Você vai ficar com ele? — pergunto, quando sei que Carlito não me escuta. Ela respira mais forte e joga a cabeça para o alto.

— Tenho medo de que quando formos ao conselho eles tentem levá-lo embora.

— Por que fariam isso? Ele gosta de você e você dele, o garoto está muito melhor aqui do que onde estava — respondo, num tom mais firme, sem entender por que alguém tiraria uma criança de alguém que a quer.

— Tem todo um processo que tem de ser respeitado. Eu espero que eles levem nossas vontades em consideração — expõe, visivelmente angustiada.

— Eles vão — digo, encorajando-a.

Terminamos de preparar o jantar para Carlito e sentamo-nos os três para comer. É incrível como um ato simples como esse é regozijador. Sentei-me à mesa com a escória por centenas de vezes, rodeado de luxo e ostentação, ouvindo detalhes escrupulosamente desumanos. E nessa cozinha,



um simples macarrão com molho é mais saboroso que qualquer comida gastronomicamente preparada que um dia eu já tenha experimentado.

— Vocês são namorados? — Carlito investiga, empurrando o macarrão para dentro de sua boca rodeada de molho. Olhamo-nos por alguns segundos, pensando no que responder.

— Nós somos... — Blanca eleva a cabeça pensando no que dizer.

— Sim — respondo, sem rodeios. Carlito intercala seu olhar entre nós, esperando por uma resposta que anule a outra.

— Sim — Blanca confirma. O menino aponta o garfo para nós e exprime um sorriso matreiro com a boca cheia de massa. O telefone de Blanca ressoa e ela se levanta para ler a mensagem.

— Pablo disse que Yan acabou de chegar na casa dele.

— A gente vai na casa do Pablo? — Carlito examina, animando-se.

— Você vai terminar de comer, escovar os dentes e ir para a cama, amanhã saímos cedo para a escola. Egan e eu vamos conversar com Pablo um assunto do trabalho — responde ela.

Quando Carlito já está sobre a cama pronto para dormir e com a televisão programada para desligar dentro de uma hora, a paz que eu sentia até agora se desfaz, dando lugar a uma certa inquietação. Blanca caminha com sua mão na minha o curto trajeto que separa sua casa da de Pablo e antes de entrarmos ela agarra a gola da minha jaqueta para baixar minha cabeça, e me beija de maneira delicada.

— Logo aquele homem estará na prisão e sua mãe ao seu lado.

Inspiro o ar noturno e aceno concordando. Ela abre a porta e avistamos os dois. O homem antagônico a Pablo, de cabelos escuros como carvão e a pele dourada como se estivesse acabado de chegar da praia se levanta e sorridente vem até Blanca.

— Não acredito, por que você sumiu? — diz ele, abraçando-a.

— Você é quem resolveu desaparecer do mapa — responde ela, retribuindo de maneira acalorada seu abraço.

— Blanca, você nunca mais veio passar o natal com a gente e não aceitou meu último convite para viajar. — Os dois aparentam se conhecer há algum tempo, ela tem um nível de intimidade com ele semelhante ao que tem com Pablo.

Blanca aponta para mim.

— Esse é Egan.

— Yan — apresenta-se estendendo-me sua mão.

— Egan — repito meu nome, aceitando seu cumprimento.

Todos se sentam, inclusive eu, mas eles têm muito assunto para colocar em dia, por isso, acompanho a conversa dos três em silêncio, já que não tenho nada a acrescentar.

— Pablo disse que queria conversar comigo, só por isso dirigi todo esse tempo até aqui. — Yan afasta seu corpo do encosto do sofá para ficar mais próximo dela, ele mantém seus olhos colados em Blanca e sorri a cada palavra que ela diz.

Engulo em seco, controlando a sensação indigesta que me acomete ao

vê-lo tão perto dela. Blanca suspira e me olha. Pablo percebe que precisa introduzir o tema, já que seu primo não tem a menor ideia de porque está aqui, e a julgar pela maneira que se aproxima de Blanca dá ares de ter uma imagem errada de sua presença. Mas é só quando ele toca os fios curtos de seu cabelo que o sangue em meu corpo entra em ebulição e eu esqueço o motivo de estarmos aqui.

— Gostei deles assim — conta, sorrindo, ao colocar uma mecha atrás da orelha dela.

— Não toque nela — rosno, entre dentes, saindo do meu lugar para segurar seu braço. Yan me encara com os olhos arregalados e puxa seu braço de mim.

— O que é isso? — reage.

— Opa! — Pablo se põe entre nós e afasta o primo. — Egan é... — Ele tenta bolar uma palavra que me represente.

— Egan é meu namorado, Yan. Eu te chamei para falar de um assunto delicado. — Blanca interrompe. O primo encara a nós dois e franze o cenho, confuso. Porém, logo compreende o seu papel.

— Você chamou o primo ou o investigador? — questiona a Pablo.

— Os dois — Pablo murmura, dando de ombros. Yan ofega e fecha os olhos por um segundo.

— Desculpem. Eu estava achando que você... — ele indica Blanca, porém não termina de falar e se senta outra vez, abertamente incomodado. — O que querem de mim?

Sei que era eu quem deveria dizer o que quero, mas as palavras

corretas não se formam em minha mente. Na verdade, elas se formam, mas não ultrapassam meus lábios. Isso é o mais próximo que já estive de um policial e cresci aprendendo como evitar essas pessoas, e quando encontros fossem inevitáveis o que dizer para me livrar, o que oferecer para não ser preso, que códigos usar e quais pessoas chamar.

Entretanto, estou aqui para não fazer nada do que me foi ensinado. Estou aqui por vontade própria e tenho que encontrar a seiva necessária para confiar num homem que desde cedo me foi ensinado a recear.

— Egan está com problemas. — Pablo começa.

— Que tipo de problemas? Se tem algum problema com a justiça eu...

— Benitez Nolasco é o meu problema — digo, sabendo que na polícia não existe quem não conheça seu nome.

— Benitez Nolasco? O magnata da importação? — Yan inclina a cabeça e coça o queixo.

— Ele não é só isso — respondo. O primo de Pablo empertiga-se no sofá e estreita os olhos, evidenciando mais interesse.

— Por que acha que ele não é só isso? — pesquisa inocentemente.

Respiro fundo e me preparo para mover a primeira peça que colocará fim a esse jogo.

— Porque eu trabalho com ele há dezessete anos e sou o primeiro na linha sucessória da organização criminosa que participamos.

Yan arregala os olhos e com o peito insuflado se levanta e anda até o outro lado da sala.

— Você é o quê?





Capitulo  
Trinta e Três

Blanca

— Tenho certeza de que sabe que Nolasco é mais do que aparenta, temos conhecimento das inúmeras tentativas da polícia em desarticular a facção, mas até agora nunca conseguiram provas e poder suficiente para isso. Temos policiais e juízes que nos ajudam a manter o esquema sob controle. E mesmo correndo o risco de que você seja um dos nossos, um dos que acobertam o esquema, estou aqui. — Egan acrescenta.

Yan abre e fecha a boca algumas vezes, levanta uma mão e balança a cabeça de maneira repetida.

— Está insinuando que eu sou um policial corrupto? — Sua voz ganha um tom firme.

— Estou dizendo que mesmo correndo esse risco, estou aqui para entregar as provas que preciso para desarticular a organização.

Yan não espera por nenhuma outra frase, num movimento rápido e certo leva uma mão às costas e sob a camiseta tira sua arma. Ele empunha a pistola preta de cano curto com as duas mãos na direção de Egan e o manda ajoelhar no chão.

— Agora! — Ordena em alto tom.

— Yan, calma! Você tem que ouvir a história dele antes — Pablo interfere, buscando um tom conciliatório.

Eu me abaixo, ficando ao lado de Egan.

— Você nem escutou o que ele tem para contar, Yan! — argumento, apontando-lhe um dedo.

— Levante-se, Blanca! — Yan me diz, vindo até nós.



Pablo me afasta de Egan e Yan faz o que é programado para fazer. Imobiliza Egan no chão e apoia um joelho em suas costas, guarda a arma na cintura novamente, e traz as duas mãos dele para trás do corpo, tirando do bolso traseiro uma abraçadeira de nylon para laçar os dois punhos de Egan.

— Yan, espera! — imploro a ele. — Por que ele está fazendo isso? — pergunto desesperada a Pablo.

Egan se mantém calmo, em silêncio, sem alardes ou resistência, como se já esperasse por algo assim, que diferente de mim, brado rogando a Yan que pare e nos escute.

Yan ergue Egan do chão e o coloca no sofá sem cortesia, bate em seus bolsos até encontrar sua carteira e então pega seus documentos na mão. Ele não escuta meus apelos, por isso, solto-me de Pablo e vou até ele segurando seus braços.

— Escuta! Como pode prender alguém que não foi acusado e nem pego em flagrante por nenhum crime? Posso não ser advogada, mas acho que tem algo de errado acontecendo aqui. — Yan passa uma mão pelo rosto e ri, curto e abafado. Ele desvia seus olhos para Egan.

— Insinuar que sou um policial corrupto já me dá o direito de prendê-lo por desacato, sabia?

— Ele não te chamou de corrupto, Yan. Só disse que estava correndo esse risco. Ele está aqui para ajudar a polícia e conseguir se livrar dessa gangue. Ele tem a família refém e mesmo ele foi vendido para esse lugar quando era só uma criança. Você nem esperou ele contar a história toda e já entrou em modo operante. — Pablo acrescenta, sentando-se ao lado de Egan.

— Vocês se parecem com advogados e não professores — diz, sem

traços de humor.

— Professores também são bons argumentadores.

— Você está com a organização? — Egan pergunta outra vez, ignorando que foi exatamente essa insinuação que o fez estar com as mãos algemadas.

— Ah que merda! — Pablo retruca, revirando os olhos. Egan e Yan se encaram com um olhar felino, algo parecido com dois predadores prestes a se atacar.

— Não, eu não estou — Yan responde, e Egan meneia a cabeça satisfeito com a resposta obtida.

— Sei que vocês têm um programa de colaboração, quero que minha família e eu façamos parte desse programa para dizer tudo o que eu sei. — Egan volta a falar.

— Nossa! — Yan exclama, sentando-se na mesinha de centro para ficar de frente para Egan. — Então, você é o segundo em comando na organização Nocturnos?

— Não nos chamamos assim, esse é um nome que vocês criaram.

Yan se levanta novamente e anda pela sala, ainda incrédulo.

— Não é possível, vocês três... — insinua, apontando para Pablo e eu.

— Devagar Yan, não fazemos parte disso. Mas, conhecemos Egan e sabemos que ele é mais uma vítima desse tal de Nolasco. — Pablo diverge.

— Não tão vítima se ele é o segundo em comando. — Yan rebate.

— Faço as contas, cuido do dinheiro. Não tomo decisões. — Egan se defende.

— Por que decidiu trair sua organização? Se essa informação vazar daqui você estará morto antes mesmo de chegar à esquina. — Yan pesquisa as reais finalidades de Egan.

— Por isso quero um acordo. — Egan insiste.

Yan desamarra as mãos de Egan e a conversa a partir de agora corre com mais instância. Ele escuta Egan com atenção, de como seu pai foi morto por Nolasco e como ele foi parar nessa facção, conta como foi sua introdução nos negócios e como se tornou aquele que sabe exatamente quanto, quando e como entra cada centavo do dinheiro. Yan está sedento por mais informações e pelas provas que o fará chefiar o que será uma das maiores desarticulações de uma organização criminosa no país.

— Minha mãe e irmão antes — Egan diz. Yan acena concordando.

— Vamos fazer um acordo de colaboração. Você dará as provas físicas com divisões de tarefas e nível hierárquico de autores e coautores na organização, esses cadernos codificados que me contou e as traduções disso, as contas bancárias para podermos rastrear e em troca dessas informações colocaremos você, sua mãe e irmão no programa de proteção a testemunha. Para você, vamos tentar perdão judicial ou redução de 2/3 na pena.

— Pena? — indago, intercalando meu olhar entre eles — O que isso quer dizer?

— Blanca. — Egan me chama.

— Não tem pena. Por que uma pena? Se você está colaborando com

tudo, se vai contar tudo, por que uma pena? — pergunto, esperando que um deles me responda.

— Blanca — murmura meu nome novamente. — Não se preocupe, tudo bem?

— Como pode me pedir algo assim, Egan? Ele está dizendo que vai te levar preso. — Minha voz deixa o tom brando de lado e ganha mais tenacidade.

— O perdão judicial é uma possibilidade, assim como a redução da pena ou apenas a restritiva de direitos. Vamos requerer o perdão, mas o juiz deliberará de acordo com o nível de participação, personalidade do colaborador e circunstâncias do crime. Se tudo o que ele me diz é verdade e tiver como provar, as chances de ele ter apenas restritiva de direitos é grande.

Ouçõ Yan falar, porém, em meu cérebro a palavra *pena* repercute sucessivamente. Busco controlar a desesperação crescente que me domina para manter em meu semblante o entusiasmo que me é costumeiro. Eu sei que seu maior desejo é ver sua mãe e irmão fora do alcance de Nolasco, porque só assim ele poderá ser livre de verdade. Contudo, como qualquer ser humano, dou-me o direito de ser um tanto egoísta e querê-lo comigo, acima de qualquer coisa.

— Temos de ir à delegacia e pegar oficialmente seu depoimento.

— Minha mãe e irmão precisam ser retirados de onde estão antes de qualquer coisa — Egan reitera, aproximando-se de Yan.

— Eles realmente não fazem parte da organização? — pergunta Yan.

— Não. Eles vivem num lugar onde Nolasco determinou, e eu não

sabia onde era até pouco tempo atrás. O segredo da localização era a maneira de Nolasco me manter dentro do esquema. Eu não podia sair e correr o risco de algo acontecer a eles.

— Não *sabia*? Você sabe agora? — pesquisa. Egan meneia a cabeça em concordância.

— Por que você não os avisou para irem embora? — Yan questiona querendo entender melhor.

— Eu... — ele faz uma pausa e baixa a cabeça. — Eu não sei se tem alguém de Nolasco vigiando-os, todos na organização me conhecem e se me vissem lá... Para isso dar certo, eles não podem sonhar que tenho essa informação, o sigilo é a barganha que me manteve em silêncio e subserviente na facção.

O ar se torna denso e entristecido. Yan enfim compreende as razões de Egan estar onde está e as motivações para querer sair. Pablo que até então só havia ouvido através de mim a história de Egan, manifesta genuína complacência.

— Eu acho melhor um civil avisá-los antes de qualquer coisa. Se é como diz, não há o porquê esperar, o programa de proteção precisa de aprovação e pode demorar alguns dias, então... Quando a informação de que temos um informante para dismantelar os Nocturnos for de conhecimento, alguém vai vazar para Nolasco, e, nesse momento, sua família já deve estar longe. Mesmo colocando-os dentro do programa, o melhor é que saiam da cidade agora.

— Eu posso ir — anuncio-me como candidata.

— Meu Deus! — Pablo murmura ao lado.

— Não, Blanca — Egan recusa, segurando minha mão.

— Egan, Yan tem razão. Nós deveríamos ter pensado nisso, quanto antes sua família estiver fora do alcance de Nolasco mais livre você estará. — Aperto sua mão na minha.

— Eles não podem ir para parentes e nem casas de conhecidos, eles deverão ir para um lugar fora de rota e não revelar para ninguém onde estão, até que tudo esteja acabado. — Yan explica.

— Podem ficar na minha casa na serra. É seguro, e ninguém os encontrará lá. — Pablo oferta, empertigando-se no sofá.

Egan nos estuda, cada um de nós com uma dissolução para salvar a família da qual foi privado. Seus olhos ganham um matiz diferenciado, a belíssima cor da esperança e expectativa que o moveu e manteve de pé até aqui.

— Obrigado — diz ele, a mim e Pablo.

— Vai demorar uns três dias para o juiz acatar nosso pedido de colaboração e nos dar autorização para busca e apreensão. Você deverá ficar num lugar definido pelo Estado e se manter à nossa disposição até a finalização do caso. — Yan profere, levantando-se.



O sol ilumina a manhã, assim como a nossa confiança de que hoje será um bom dia. Giro na cama e vejo Carlito ressonando com tranquilidade,

os cachos fartos de seu cabelo esparramam-se.

— É hora de acordar — digo próximo de seu ouvido. — Ei, mocinho!

— Ah, não, tia — murmura, virando de lado e acomodando-se para continuar a dormir.

Olho para baixo e encontro Egan ressonando tal como Carlito estava, ele dorme sobre o colchão inflável, sem camisa, com os braços cruzados sob a cabeça. Não resisto e toco seu peitoral, escorregando meus dedos pelos músculos sobressalentes. Ele respira mais fundo, e aperta os olhos já fechados para em seguida abri-los sem pressa.

— Bom dia — digo, debruçada na cama. Ele sorri, e tira uma mão debaixo do pescoço para acariciar minha face.

— Bom dia — sussurra. Saio da cama e me acomodo com ele no colchão que mal aceita uma pessoa. No entanto, nos encaixamos tão bem um no outro que me sinto mais confortável aqui que em minha cama.

— Deveria ter dormido com você — falo, abraçada a seu corpo.

— Concordo, mas... — ele faz uma pausa e depois de suspirar continua — adormecer ao seu lado é um luxo que não posso me acostumar.

— Não fala assim — refuto, erguendo a cabeça para encarar seu rosto. — Não fala, por favor. — Egan sorri e acena, puxando-me de volta para ficar aconchegada a seu corpo.

— O que vocês estão fazendo? — Carlito investiga, com a cabeça pendurada para fora da cama, com os cabelos numa desordem completa.

— Você está acordado agora, seu curioso? — Estico um braço para

alcançá-lo. Ele ri e se afasta para — totalmente desperto — pular sobre o colchão.

Egan começa a rir também e se levanta para tentar pegar Carlito, o menino é rápido e pula da cama para o chão, fugindo para sala e depois cozinha.

— Tio, você corre muito mal — berra ele, rindo e escapando para o banheiro.

— Aproveite que está aí e escove os dentes. — Egan diz com a cabeça encostada na porta.

— Vou tomar banho também, quero colocar as roupas novas — informa ele de dentro do banheiro.

Enquanto Carlito se banha e Egan arruma o quarto, eu preparo o café da manhã. Desde que minha mãe foi morar no interior eu vivo sozinha, e isso já tem alguns bons anos, por isso essa manhã está sendo uma verdadeira mudança de hábitos com os novos moradores que circulam pela casa. Não demora muito e Pablo também se junta a nós e uma jocosa falação toma conta do ambiente.

Comemos juntos à medida que Carlito exhibe suas roupas novas para Pablo.

— Também ganhei uma mochila, Pablo — ele corre para o quarto e retorna com ela nas costas.

— Isso sim é uma mochila de respeito, olha só a quantidade de livros e cadernos que cabem aqui dentro.

Depois de alimentados, Carlito e Pablo se despedem de nós. Carlito



ficará aos cuidados dele até eu terminar minha missão de encontrar e levar a família de Egan para a casa na serra. Egan irá para a delegacia onde Yan atua e depois seguirá para a serra também. Vamos passar a noite lá e espero que tudo corra bem.

Da porta, Carlito volta para trás e se despede com um abraço em Egan.

— Tchau, tio. — Egan é pego de surpresa pelo gesto de afeto e de início não sabe ao certo como reagir, no entanto, logo está confortável com a criança entre seus braços e retribui a ele o mesmo carinho. Com um sorriso sereno no rosto, assisto a esses dois que têm mais coisas em comum que qualquer outra pessoa que eu conheça.

Assim que é a porta é fechada, viro-me para Egan.

— Está pronto? — pergunto. Ele acena dizendo que sim. Egan me explica onde exatamente sua família está e me espanto com a localização.

— Amarillo?

— Também não acreditei quando descobri, eles estavam tão perto e eu... cheguei a pensar que poderiam estar do outro lado do mundo, onde eu nunca teria acesso. Mas, não, ele os colocou bem debaixo do meu nariz.

Egan fecha os olhos e cerra os punhos.

— Agora eu tenho mais certeza de que alguém os vigia. Você nunca poderia chegar lá sem ser descoberto — digo. Ele segura meu rosto entre suas mãos e baixa a cabeça para que seus olhos fiquem no mesmo nível dos meus.

— Eu nunca serei grato o suficiente pelo o que você está prestes a fazer, sinto como se um peso imenso fosse tirado de mim, quando minha

família não estiver mais na dependência de Nolasco, minhas asas não serão mais cortadas. E isso eu devo a você, por acreditar em mim e me ajudar a me libertar daquele lugar.

Elimino a distância que nos separa e colo minha boca na sua, ele me beija com destemida avidez e quando nossos lábios se separam, ele apoia sua testa na minha e mantém os olhos fechados. Sinto-me insegura diante de sua reação, a sensação que me transmite é que está me dando um beijo de despedida.

— O que foi, Egan? Não tem como dar errado — afirmo. Ele abre os olhos e estuda minha face.

— Depois de encontrar minha mãe na serra, vou entregar o dinheiro para a mulher de Ramiro e me esconder onde Yan determinar. Não sei se vamos conseguir nos ver como eu gostaria, e cada minuto longe de você será uma tortura.

O impacto de suas palavras me atinge de uma forma inesperada, eu não havia parado para pensar que ficaríamos longe. Contudo, ele tem razão, faz sentido que tenha de ficar afastado por algum tempo.

*Tempo*, duas sílabas, uma palavra, mas com uma abrangência capaz de medir segundos e milênios, capaz de inquietar até os mais otimistas.

— Quanto tempo? — questiono, sabendo que não há resposta para essa pergunta.

— Espero que pouco.

— Egan — sussurro seu nome, sentindo meu coração desassossegado. Ele me abraça apertado contra seu corpo.

Em seguida, vou até meu quarto e pego de dentro de uma gaveta meu antigo celular — ainda com uma linha ativa — e um carregador de bateria.

— Não é um modelo novo, mas funciona e a bateria dura muito mais que esses modelos atuais. — Egan agradece ao receber o telefone de minhas mãos.

Não demora muito e dois carros são entregues, parando em frente à minha casa. Pablo não gosta de pedir favores à sua mãe, porque ela é obrigada a fazer oclusa de seu pai. Mas, ele o fez por iniciativa própria e para nos ajudar, não teríamos como dar conta de tudo dentro de um espaço tão justo se cada um não tivesse um meio mais rápido de se locomover.

Antes de entrarmos nos carros, Egan beija docemente meus lábios.

— Blanca, fique atenta — diz, afastando uma mecha do meu cabelo — Se ao chegar, você perceber qualquer movimentação suspeita ou se vir alguém com uma cruz tatuada no lado direito do pescoço volte na mesma hora, esse é o símbolo dos que trabalham para a organização nas ruas. Se para salvar minha família eu tiver que colocar você em risco, eu prefiro que tudo fique como está. Você entendeu?

— Entendi — respondo. — Carregue a bateria do celular no carro, vamos nos falando durante o dia — digo a ele, que antes de entrar, beija-me mais uma vez.

Começo a dirigir em direção a Amarillo, não pararei até estar nessa casa, até ter alertado e resgatado sua família.





Capitulo  
Trinta e Quatro

Egan

Fecho os olhos e inspiro profundamente assim que estaciono o carro em frente à polícia. Se Ramiro ainda estivesse aqui, estaria feliz com a resolução que se aproxima. Do banco do passageiro, recolho a pasta com todas as provas que incriminam Nolasco e saio do carro, decidido a acabar de vez com isso.

Assim que entro e vejo a quantidade de homens da lei caminhando de um lado para o outro, sinto minhas mãos formigarem. É difícil não me sentir intimidado. Ando até o balcão e pergunto por Yan, um homem alto, robusto e de camiseta preta com um distintivo agarrado ao cós de sua calça indaga meu nome e me pede para esperar.

— Egan — ouço meu nome e ao me virar vejo Yan. Levanto-me do banco que o esperava e estendendo-lhe uma mão, ele a observa por um segundo, mas aceita o cumprimento. — Vem, vamos conversar numa sala reservada.

O acompanho até essa sala e lá encontro mais dois homens, um deles veste um terno cinza de alta costura e uma gravata listrada em azul, com gel nos cabelos penteados para trás ele me observa com olhos estreitos. Assinala para eu me sentar em uma cadeira em frente à sua mesa.

— Sou o delegado Renard, Yan me disse quem você é. Vamos elaborar o acordo de colaboração, o inquérito e apresentá-lo ao Ministério Público. Você e sua família ficarão sob a tutela do Estado e se você tem todas as provas que Yan contou e está disposto a nos ajudar a demolir essa organização, talvez o juiz decida pelo perdão, mas também há o risco de ser condenado a restritiva de liberdade, esteja ciente desde já.

Aceno a cabeça compreendendo das possibilidades que me aguardam.

A conversa se estende por horas a fio, e sem intervalo vou espalhando pela mesa cada prova, explicando em pormenores o que significa cada código nos cadernos de contabilidade, cada nome descrito neles, cada centavo do dinheiro recebido e para quais países ele vai, além de mostrar as rotas por onde os carregamentos entram e saem e quais comunidades eles alimentam: drogas, armas, contrabandos e tudo o que de mais sujo é feito.

Yan me ouve com dedicada atenção, fazendo inúmeras anotações, em vários momentos eles se entreolham como se as informações que dou fossem a chave para completar o quebra cabeça que há anos tentam finalizar.

— Qual era a sua função específica nessa organização? — O delegado Renard pergunta.

— Faço a contabilidade, cuido das contas e planejo as rotas.

— Você agia nas ruas?

Engulo em seco, e pela primeira vez hesito em continuar.

— Agia? — reitera ele.

— Algumas vezes — respondo, baixando a cabeça.

— Você fez bem em decidir denunciá-los, nunca é tarde para se fazer o que é certo — finaliza.

Eles saem da sala, deixando-me sozinho. Tiro o telefone que Blanca me deu do bolso e digito seu número. Ouvir sua voz é como um elixir, uma cura para minha aflição. A ligação ressoa por várias vezes sem que ela me atenda, relanceio sobre o relógio na parede e a essa altura ela já deve ter saído de Amarillo.

Yan volta algum tempo depois. Ele se senta ao meu lado com um documento nas mãos, e me esclarece que aquele é o acordo de colaboração que será enviado ao juiz, relata as informações para que eu esteja avisado de cada passo e procedimento e repete que a partir de agora eu não posso me ausentar e tenho de estar disponível em cada etapa até a finalização do caso.

— Em no máximo três dias teremos vocês no programa de proteção e o endereço de onde ficarão — conclui.

— Posso ir? — pergunto, ainda em dúvida se não me deixarão aqui desde já. Ele confirma que sim, mas que preciso deixar um número de contato, e o único seguro que tenho é o que Blanca acabara de me dar. Digo a ele o número.

Yan assume agora uma postura menos empertigada e então pergunta de Blanca e se ela conseguiu avisar minha família.

— Ela não atende minhas chamadas.







Capítulo  
Trinta e Cinco

Blanca

O caminho até Amarillo é tranquilo, a cidade não é grande e um clima mais interiorano é facilmente identificado. Com a ajuda do GPS no celular encontro o endereço que as coordenadas de Egan apontaram. Calma e com poucas casas, não é difícil avistar a de sua mãe. Antes de descer do carro, fico atenta às pessoas na rua, notando se alguma tem qualquer atitude suspeita. Contudo, o que vejo são apenas pessoas comuns.

Desço e ando alguns passos até estar em frente a uma residência simples com portão e muro baixos. Com um acabamento grosseiro, a residência pede muitos reparos, em suas portas e janelas as bordas enferrujadas evidenciam a ação do tempo. Procuro por uma campainha, não encontro. Não me sinto confortável em gritar seu nome, por isso bato palmas algumas vezes, até a porta ser aberta.

Uma mulher, que ainda não chegou na casa dos sessenta anos, surge usando um vestido largo e florido, ela seca as mãos num pano estampado jogando-o sobre os ombros.

Conforme ela se aproxima noto seu semblante abatido e cansado.

— Sim — ela diz.

— Kira Bardem? — pergunto, não muito alto, evitando que qualquer outra pessoa me ouça.

— Sou eu. — Minha vontade imediata é tirar uma foto e enviar para Egan, mostrando a ele que sua mãe está aqui, bem na minha frente. Porém, controlo meu ímpeto e me apresento da forma mais serena que consigo.

— Me chamo Blanca, eu queria conversar com a senhora um pouquinho — olho para os lados para certificar que ninguém me observa e

continuo — Egan me mandou aqui.

Kira leva uma mão à boca e seus olhos marejam no mesmo instante, é como se eu tivesse dito o nome de um fantasma, alguém que há muito tempo não ouvia falar. Estacada no lugar ela não esboça reação além do choque inicial.

— Preciso falar com a senhora num lugar privado, é importante — acrescento.

A mulher mexe a cabeça para cima e baixo, e sobressaltada anda até mim. Ela abre o portão e segura meu pulso, arrastando-me para dentro de sua casa. Na sala, tão humilde quanto o restante da casa, Kira e eu nos sentamos num sofá onde o acolchoado rasgado exhibe sua espuma.

Ela me olha assombrada.

— Egan? Ele está vivo? — indaga, com o mesmo brilho marejado no olhar.

— Sim, está vivo e bem — informo.

— Ah, meu Deus! — Ela passa as mãos pelo rosto de maneira desconcertada e a seguir se levanta do sofá para se ajoelhar em frente a um pequeno altar no canto da sala. Acende uma vela pela metade e com as mãos juntas, em prece, agradece aos santos de sua crença.

Eu a espero por alguns minutos, até que ela volta a se sentar ao meu lado.

— Você conhece meu menino?

— Sim, eu conheço. Egan está saindo da organização de Nolasco, e

está abrigado na minha casa. Ele não veio comigo porque não sabíamos se alguém da facção estaria vigiando a senhora. Mas, ele vai se encontrar conosco ainda hoje.

O pranto rompe de seus olhos molhando seu sorriso, o semblante sofrido ganha novos ares: júbilo, expectativa, felicidade.

— Aquele maldito nunca me deixou ver meu menino e nunca mais deu notícias sobre ele, eu pensei que... — Kira não consegue terminar de falar. Apanho suas mãos nas minhas para confortá-la.

— Egan não será mais um refém de Nolasco, nenhum de vocês será. Mas, para isso, eu preciso levar a senhora e Juan para um local seguro e logo vocês estarão juntos.

— Isso é verdade? — questiona.

— Egan, Juan e a senhora estarão à salvo a partir de agora.

— Juan não, minha filha. Juan não — sussurra, com os olhos vertendo em mais lágrimas. — Aquele maldito tirou meus dois filhos. Os dois... — desabafa, batendo no próprio peito.

— Os dois? — indago, confusa.

— Ele matou meu marido, roubou meu Egan e não contente levou Juan também. Aquele homem mente, ele mente como o diabo. Ele disse que Juan iria trabalhar com Egan, era mentira — ela balança sua mão para enfatizar o que diz. — Era mentira, mentira! Juan já era um homem, como pôde acreditar?

— Não é possível... Egan... Nolasco sempre disse a ele... que vocês... — As palavras não se formam e eu fico tão atônita quanto ela.

— Ele o mandou numa entrega, exatamente como meu marido, mas Juan foi morto lá. Isso é a única coisa que sei, foi a única coisa que disseram, eu não enterrei meu filho e não tenho ideia de onde ele foi enterrado. Depois disso, nenhum deles apareceu mais aqui... pensei que meus dois meninos já tivessem partido. Eu peço a Deus todos os dias que me leve também, assim eu poderei ver minha família de novo.

Noto meus olhos estão lacrimejados como os dela, a tristeza que cerca essas pessoas está me corroendo. É insuportável, dolorido, devastador, presenciar a desventura que abala essas famílias.

— A senhora tem Egan. Ele está bem, é um homem lindo e inteligente, não está mais sozinha. — Tento elencar a ela algumas das qualidades que eu enxergo em seu filho, idealizando que isso a ajude a se sentir mais esperançada.

— Ele sempre foi muito inteligente, na escola a professora o elogiava todas as semanas. Você tinha que ver, era um menino estudioso — diz, tirando o pano de seu ombro para secar os olhos, buscando em sua memória as cenas de outrora.

— Por favor, a senhora precisa vir comigo, terá de abandonar essa casa. Separe tudo o que é importante, nós não temos tempo.

Ela assente e se levanta, pedindo-me para ajudá-la. Numa mala antiga, revestida por uma grossa camada de poeira, colocamos suas roupas. Em sacolas plásticas ela acomoda alguns sapatos e numa caixa de madeira armazena todas as fotos e documentos de sua família.

— É só isso? — pergunto. Ela acena confirmando.

Arrumo suas coisas no porta-malas e quando estamos sentadas dentro

do carro, Kira observa a casa que ocupara sozinha por um longo tempo.

— Tem mais alguma coisa que queira levar? — investigo, porque essa é sua última chance.

— Não! Desse lugar eu não quero mais nada, e nele eu abandono minha solidão e minhas lágrimas.

Observando o perfil de sua face, ligo o carro e decido não a levar para a casa na serra. Como posso tirá-la de um isolamento para lhe colocar em outro? Mudo os planos e resolvo levá-la para minha casa.







Capitulo  
Trinta e seis

Egan

— Estava preocupado, você não atendeu nenhuma das minhas ligações?

— O telefone estava no carro. Não vou para a casa na serra, estou voltando para Volar, nos encontremos na minha casa. Deu tudo certo, estamos bem — conta ela, sem mais detalhes.

Fecho os olhos e ainda com o telefone na orelha repito mentalmente sua última frase *deu tudo certo, estamos bem*. Entro no carro e dirijo o mais rápido que me é permitido. Apressado entro na casa com meu peito arfando e o coração batendo irregular.

Não há ninguém.

Abro e fecho as mãos percebendo a agitação que me assalta. Ando de um lado para o outro, vou até a janela e observo a rua, e cada minuto de espera se torna mais que uma eternidade. O momento que tanto confiei, aguardei, almejei, enfim está chegando.

Isso é real? Será mesmo que logo estarei com minha mãe e Juan? Ou será que é apenas um sonho, sonhado tantas vezes que passei a alucinar esse encontro?

Sento-me na poltrona e movimento minhas pernas continuamente, passo a mão pelo rosto e procuro respirar de forma ritmada. *Por que demoram?* é o que me pergunto segundo a segundo. Até que ouço o som de um carro estacionar. Pulo da poltrona e ando até a janela outra vez, e então vejo Blanca descer e dar a volta para abrir a porta do passageiro.

Antes mesmo de vê-la, meus olhos nublam e meu queixo treme com o choro que guardo dentro de mim desde criança. Abro a porta e de pé sob o

batente eu não sou mais o homem de vinte e oito anos, sou o menino de onze. Ela desce e me avista, levando as duas mãos à boca, não é preciso me apresentar, uma mãe reconhece seu filho não importando os anos que viveram afastados.

Ando até ela.

— Meu menino... — Ela murmura, com a voz embargada e os olhos lacrimosos. Eleva uma mão trêmula até meu rosto e toca minha barba, lábios, olhos, ela memoriza a versão adulta de seu filho.

— Mãe, me desculpa, desculpa... — tento continuar, mas não consigo, minha voz não é entendível o suficiente porque ela se mistura aos soluços do meu choro copioso, um choro quase infantil, carregado de saudade e sinceridade.

Ela me abraça. Na última vez, eu não alcançava seus ombros, agora é ela quem não ultrapassa os meus. E mesmo que nossos tamanhos tenham invertido a sensação é a mesma. Amparo, proteção, aconchego, amor, são alguns dos sentimentos que me preenchem ao sentir seus braços laçando meu corpo.

Permito-me chorar como a criança que me privaram de ser. Ela afaga minhas costas com batidinhas cadenciadas como fazia quando eu procurava por seu colo. Não importa o quanto de lágrimas eu tenha para chorar, nós nos mantemos abraçados, como sempre deveria ter sido.

Aos poucos, as lágrimas vão se transformando em sorrisos úmidos e toques dela por meu corpo, e meus em sua face.

— Não acredito o tanto que você cresceu — diz ela, ainda chorosa, segurando meus braços e apalpando meus músculos. Por fim, observo ao

redor, noto Blanca sorrindo, feliz e satisfeita encostada no capô do carro, mas não vejo Juan.

— Onde está Juan? — pergunto, secando meus olhos com o dorso das minhas mãos.

O sorriso de Blanca se desfaz e ela baixa a cabeça. Minha mãe suspira e segura minhas mãos nas dela.

— Vamos entrar, vocês têm muito o que conversar. — Blanca diz, passando por nós para que entremos em sua casa.

— Vem, meu bem! — diz minha mãe.

— Fica à vontade, Dona Kira. — Blanca aponta para as poltronas na sala. — Eu vou preparar um lanche para vocês.

Blanca anda até a cozinha, numa postura diferente de seu habitual, ela agora está apreensiva e eu não preciso de muito mais para entender que algo de errado está acontecendo.

Beijo as mãos de minha mãe e a ajudo a se sentar e saio em busca de Blanca. Ela se vira para me dizer alguma coisa, mas eu não espero para ouvir e a beijo. Um beijo lascivo e desesperado, banhado por minhas lágrimas de contentamento. Sem ar, ela me encara com uma colher na mão.

— Obrigado — profiro. Ela acena e receosa sorri.

— Você precisa conversar com sua mãe, vá... — diz, estimulando que eu vá.

Na sala, minha mãe observa os detalhes da casa com um imenso sorriso nos lábios, reparo nas rugas em sua testa e olhos que não existiam na

última vez que a vi, os cabelos que antes eram escuros e viçosos, agora estão prateados e maltratados. A vida não foi fácil para ela.

— Essa casa é uma graça, e essa menina é um tesouro, meu filho — fala, apontando na direção de Blanca.

— Ela é, mãe. Blanca é mais que um tesouro — admito.

— Seu irmão... — ela começa e acua.

— Onde está Juan? — pergunto novamente. Ela bate uma mão no peito e olha para o alto, buscando as palavras certas para discorrer, e eu passo de centrado para angustiado.

— Ele tirou vocês dois de mim. Mas a culpa é do seu pai, tudo começou com ele — fala, elevando um dedo, com um semblante censurador.

— Os dois? O que isso quer dizer, mãe? — Ajoelho-me no chão e agarro suas mãos.

— Aquele homem, ele é o diabo, meu filho. Eu disse para Blanca, ele é o diabo. Ele mente, engana, mata, destrói famílias com a mesma facilidade que amarra os sapatos.

— Mãe, o que aconteceu com o Juan? — minha voz vacila, meus olhos embaçam.

— Seu irmão pensou que iria trabalhar com você, ele pensou que teria a chance de te ver — ela repousa uma mão em minha face — Eu não acreditei, eu disse para seu irmão que era mentira — ela fecha os olhos e as lágrimas fluem deles. — Ele foi em casa e pediu para Juan entregar aquelas porcarias igual fez com seu pai...

Sinto-me nausear quando compreendo onde ela quer chegar.

— Seu irmão morreu, e eu nem sei onde, não pude enterrar meu filho. Eu pensei que vocês dois já tivessem ido. Eu pensei que nunca mais... — Ela usa a barra do longo vestido para secar os olhos que manam sem detença.

Meu peito dói, o ar não entra, meus olhos embaçam e eu mal consigo enxergar. Caio para trás sentado no chão com minha cabeça volvendo como um turbilhão.

— Nolasco? Ele trouxe Juan para dentro? Eu... eu não soube... ele... ele... — gaguejo sem conseguir completar a frase, sem conseguir acreditar que ele tenha feito isso a Juan.

— Ele prometeu que se seu irmão passasse nesse teste, Juan ficaria ao seu lado... ele mentiu, mentiu e tirou mais um filho meu — diz ela, com a mão cerrada na altura do peito.

— Não! Não! Não! — Ergo-me do chão e cambaleio pela sala, apoiando-me na parede.

Não é possível, não é verdade, aquele desgraçado... Fez-me de imbecil todo esse tempo, chantageando-me, humilhando-me, degradando-me, fazendo-me acreditar que ambos estavam bem. Que Juan estava seguro com minha mãe.

— Filho? — Sinto suas mãos calejadas segurarem meu braço.

— Ele...

Ódio, fúria, ira, cólera é o que me permeia nesse momento, o sentimento abrasado que cresce como erva daninha circundando meu coração, fechando-o e endurecendo-o, transformando-o numa rocha

inlapidável.

— Desgraçado, eu vou matar aquele desgraçado! — urro, socando a parede à minha frente repetidas vezes, imaginando que ali está a face do demônio que me aprisionou por todos esses anos.

— Egan, pare, pare! — ouço a voz de Blanca repercutir ao meu lado, mas o ódio que me abraça é intenso. Esmurro essa parede com tanta força que mesmo experimentando os nós dos meus dedos abrirem e sangrarem, persisto até que minha mão esteja adormecida.

— Filho... — minha mãe lamenta, amparando meu corpo que escorrega devagar pela parede manchada com meu sangue, até eu estar no chão. Agarro minha cabeça com as duas mãos e a aperto, chorando e jurando que essa é a última vez que aquele desgraçado me fará lamentar.



Horas depois, sento-me com Blanca nos degraus que acessam sua casa e juntos olhamos para o céu nublado e sem estrelas.

— Ela é um doce, e está se divertindo com Carlito. — Blanca diz, referindo-se a minha mãe que cozinha um bolo de cenoura com chocolate na cozinha, tendo Carlito como seu ajudante.

— Obrigado por nos acolher — falo, abraçando-a. Ela aconchega a cabeça em meu ombro.

— É divertido ter a casa cheia. Só vou precisar que Pablo me

empreste outro colchão — avisa, sorrindo. — Amanhã você vai levar o dinheiro para a mulher do seu amigo? — indaga, procurando minha mão para checar os curativos que fez mais cedo.

— Não, vou no dia seguinte, amanhã quero passar o dia com a minha mãe e com você também — respondo, sentindo seus dedos finos contra os meus.

— Sinto tanto por seu irmão — diz ela, elevando a cabeça para mirar meus olhos. Não digo nada, porque as palavras simplesmente não saem da minha boca. Blanca percebe o quanto é difícil e me abraça mais uma vez.

Ficamos aqui um tempo mais, só nós dois, nutrindo o afeto que se eleva entre nós.







Capitulo  
Trinta e Sete

Nolasco

Em meu anelar, encaixo o anel de rubi com o brasão criado por mim, visto meu terno e penteio os cabelos para um lado, assentando cada fio em seu devido lugar. Quando saio do closet, meu café da manhã está posto na mesa redonda que compõe a área de estar da minha suíte.

Calmamente, faço minha refeição, enquanto leio os jornais do dia e me informo dos acontecimentos recentes, inclusive em economia. Vejo que alguns falam de uma queda nos juros e na demanda de aquisições em renda variável. Guardo a informação para falar com Egan mais tarde sobre a diversificação dos meus investimentos.

Assim que termino, saio da suíte e ando pelos corredores da mansão até o escritório nos fundos do andar térreo, pelo caminho encontro alguns dos meus funcionários retornando das questões noturnas que ordenei.

— Tudo certo? — pergunto, ciente de que a resposta é positiva. Caso contrário, nenhum deles teria regressado.

— Sim, chefe! — dizem e saem.

Empurro as portas duplas do escritório e me sento na cadeira estofada para começar mais um dia de contatos e transações. As pessoas com as quais preciso conversar hoje não são as minhas preferidas, mas são elas quem mantêm meus negócios girando na rede mais baixa. É de lá que consigo mover minhas cargas e fazer a maior parte do dinheiro.

Um dos meus telefones toca na gaveta da mesa, abro-a e vejo qual deles é. São vários aparelhos com números rotativos, esse é o melhor jeito de negociar sem que as conversas sejam interceptadas e gravadas. FRANZO o cenho ao perceber que é o telefone de um dos procuradores, um dos que

preciso manter com uma boa mesada para que processos não evoluam na justiça.

— Sim.

— Entrou um em seu nome, vai ser difícil quebrar, há muitas provas contra você e todo o seu primeiro escalão.

— Provas? — indago, descrente.

— Cadernos contábeis, códigos transcritos, lista com nomes e posições, rotas, contas no exterior. Prepare-se, eles têm um informante.

Giro na cadeira, encarando a parede atrás de mim.

— Quem?

— Está em sigilo e no programa de proteção a testemunha. Mas, com certeza é alguém muito próximo de você, já que conhece todos os códigos da sua contabilidade.

Inspiro o ar quando apenas um nome surge diante dos meus olhos enraivecidos.

Ligo para Egan. Ele não atende nenhuma das minhas chamadas. Imediatamente, entro no sistema de rastreamento em seu carro e ele aponta para o apartamento em Volar. Depois de várias tentativas sem sucesso, sou obrigado a telefonar para Grandão.

Enquanto espero Grandão me atender, penso que Egan não seria capaz, não teria coragem de me denunciar, não meu passarinho.

— Nolasco? — diz ele, assim que me atende.

— Alfonso está com vocês? — pergunto, sabendo que é lá onde deveria estar a maior parte do tempo. Quando decidi que ele iria aliciar novos membros, o fiz porque essa era a sua última fraqueza. Não há lugar para emoção nesse negócio e, para assumir o que é meu um dia, ele precisa eliminar qualquer resquício desse sentimentalismo barato. Por isso, estou sendo paciente com toda essa demora em cumprir uma ordem que outro qualquer teria feito em apenas alguns dias.

— O mano não apareceu hoje não. Deve *tá* com a mina dele — fala, rindo.

— Mina? — pergunto, desdenhoso.

— Ele tem uma mina que é professora aqui na quebrada.

Apoio os braços na mesa, respiro e estreito os olhos.

— Você sabe quem é?

— É uma mina abelhuda, já tivemos que dar uma coça nela, mas aí o Alfonso apareceu e atirou num dos meus homens. Não se pode falar nela que ele fica todo esquentado. Eu pensei que ela *tava* no esquema também — conta, brigando com alguém ao seu lado. Afasto o telefone da orelha, evitando ensurdecer com seus gritos.

— Eu quero Egan, você tem uma hora para descobrir quem é e onde vive essa mulher.







Capitulo  
Trinta e Oito

Egan

— Você vai mesmo passar a noite fora? — pergunta ela, sussurrado, assim que acordamos. Blanca deixou minha mãe dormir na cama com Carlito e dividimos o colchão no chão.

— Pablo disse que posso usar o carro, então vai ser mais rápido, volto ainda hoje — respondo-a, beijando o topo de sua cabeça.

— Isso é ótimo! — fala, abraçando meu peito nu.

Logo, estão todos acordados e Blanca se prepara para ir à escola com Carlito. Pablo não demora a chegar e toma café da manhã conosco, gentilmente ele conversa com a minha mãe e mesmo que eu ainda esteja furioso pelo que aconteceu a Juan, a maior parte de mim não pode deixar de comprazer diante de cena tão pacífica e reconfortante. Com essas pessoas, eu me sinto diferente, na verdade, sinto que posso abandonar de vez a alternativa cruel que Nolasco criou, para dar início ao Egan que essencialmente sou.

Na mesa, ao lado da minha mãe, meu coração abrande. Ela escorrega seus dedos por meu cabelo e barba, dizendo que me imaginava exatamente como estou. Que me pareço muito com meu pai quando era jovem.

— Tia, posso levar uma maçã? — Carlito pergunta. Blanca pega duas frutas e as embala colocando dentro de sua mochila.

— Amarre os sapatos e vamos, temos que sair agora ou chegaremos atrasados. — Ela diz a ele que se abaixa para amarrar o tênis.

Não demora, e todos estão cruzando a porta para começar seus dias, com exceção de mim e minha mãe. Acompanho-os, e enquanto Carlito espera com Pablo no passadiço, despeço-me de Blanca.



— Volto à noite — digo, segurando seu rosto entre minhas mãos, conforme trago seus lábios para mais perto dos meus. Seus olhos brilham com a luz do dia. Ela meneia levemente a cabeça concordando.

Escolto seus passos até que virem a esquina, concebendo que até um homem como eu pode ser feliz. Volto para dentro e tiro da minha mala o pacote com o dinheiro, a fotografia e o endereço de Mônica, mulher de Ramiro. Aviso minha mãe que voltarei à noite, ela me abraça e demoradamente beija meu rosto.

No carro, afasto qualquer preocupação anterior para desfrutar dessa exultação que toma conta de mim. Ligo o rádio e deixo que as músicas embalem as horas que permaneço dirigindo até estar em frente à casa de Mônica.

Encontro-a sem esforço, a mulher com longos fios escuros, está sentada em frente da casa de muros brancos com a mão apoiada sobre a barriga sobressalente. Penso em como lhe dar uma notícia que certamente fará sua vida mais triste.

— Olá — falo, aproximando-me. Amedrontada, ela olha para os lados e se levanta indo em direção ao portão de sua casa. — Não tenha medo, eu sou amigo de Ramiro — exponho.

Ela hesita.

— Ramiro? — murmura, franzindo o cenho.

— Ele me pediu para entregar algo a você — esclareço, aproximando mais um passo.

— Não, não... — Ela baixa a cabeça e choraminga, como se já

soubesse o tipo de notícia que trago.

— Ramiro faleceu — falo, sem rodeios, até porque não há como meandrar algo assim. Suas pernas fraquejam assim que me ouve falar, veloz eu a apoio ajudando-a a se sentar. Ela chora escondendo o rosto entre as mãos, sua dor me atinge, trazendo a mim as boas lembranças que tenho de Ramiro.

Agacho-me no chão, e aos seus pés tento confortá-la o melhor que eu posso.

— Não chore, você tem uma parte dele dentro de você, alguém que amará e te fará lembrar dele todos os dias, pense em Ramiro de um jeito bom. Ele a amava, eu o ouvi falar de você por muitas vezes e com tanto carinho, que eu mesmo invejei aquele sentimento.

Alguém de sua família a ouve e surge ao nosso lado, tentando entender por que ela chora.

— Ramiro morreu, pai — diz pesarosa ao homem de cabelos grisalhos e despenteados.

Mônica me convida para entrar e eles me observam com justificada desconfiança, enquanto acolhem a filha em seus braços. Entrego a ela a carta que Ramiro havia escrito, onde citava o amor que sentia.

— Fique para você — aviso, entregando a seguir o dinheiro que Ramiro deixou. Ela recolhe o pacote de minhas mãos com o rosto banhado por lágrimas.

— Disse a Ramiro que esse dinheiro o mataria — profere ela, recusando o pacote.

Respiro fundo e relanceio sobre a família, nenhum deles tem reação a pegar o dinheiro. Não posso contrariá-los, porque de uma forma ou de outra ela tem razão, esse dinheiro o matou. Vejo um móvel no canto da sala e sobre ele deixo o pacote.

— Não posso voltar com esse dinheiro, Ramiro me fez esse pedido e eu estou cumprindo o que prometi. Se não quiserem usar com as despesas do bebê, doem para algum lugar.

Aceno uma mão e saio de sua casa. No carro, aperto o volante, refletindo que Ramiro onde quer que esteja descanse em paz sabendo que a mulher que amava e o filho que em breve nascerá estão amparados por algo que vale muito mais que dinheiro, o amor de sua família.

Giro a chave no contato e saio para retornar à Volar, retornar para a minha própria versão de final feliz.

Conduzo, ouvindo no rádio *Refuge* de *Canion City*, e quando a voz rouca reverbera em meu peito, percebo que a letra da canção se encaixa com requinte a esse momento da minha vida, e me sossega sabendo que meu refúgio está em Blanca.

*Existe uma escuridão  
Na minha cabeça  
Existe uma sombra  
Em cada passo  
Existe um refúgio  
Em seu coração  
Existe um resgate  
Em seus braços*

Tenho vontade de fechar os olhos para interiorizar o profundo significado de cada palavra. Contudo, desconcentro-me quando começam a buzinar atrás de mim. Olho pelo retrovisor e um carro preto está perto demais da minha traseira. Mudo de faixa para dar-lhe passagem. No entanto, o carro também muda, permanecendo a poucos metros do meu.

Estreito os olhos, e minha respiração torna-se mais ofegante. Acelero, ultrapassando o limite permitido da via, afastando-me e misturando-me aos outros carros mais à frente. Não demora para o insistente carro preto colar em mim outra vez, com o agravante de que agora ele me ultrapassa, e ao passar por mim, com as janelas abertas, vejo López e Molina mirando suas armas em minha direção, indicando para eu encostar.

— Merda! — vocifero, analisando minhas alternativas.

Noto que mais à frente, à direita, existe uma saída para um viaduto. Para despistá-los guio o carro para as pistas da esquerda, eles fazem o mesmo, e eu acelero ainda mais. Quando percebo que estão na última pista da esquerda, atrevidamente giro o volante para a direita e cruzo as quatro faixas numa só arrancada, acessando a saída para o viaduto. Infelizmente, eles conseguem fazer o mesmo, deixando o trânsito num confusão monumental.

— Mas que merda! — urro, batendo contra o volante. Não há o que fazer além de dirigir o mais rápido que posso, e nessa hora agradeço ao treinamento de direção evasiva que fiz alguns anos atrás.

Como esses desgraçados me encontraram tão rápido? Com uma mão no volante e o pé enterrado no acelerador, procuro pelo telefone que Blanca me deu no banco do passageiro. O alcanço e tento completar uma chamada para ela, mas eles batem na minha traseira e o telefone desliza da minha mão caindo para fora do carro pela janela aberta.

Agarro o volante com força para não sair da rodovia, porém, quando eles me acertam uma segunda vez, não consigo segurar a máquina que rodopia pela pista até estar capotada no canteiro central. Com a cabeça para baixo e o ombro sangrando, solto-me do cinto e abro o porta-luvas, mas, então, lembro-me que esse não é o meu carro e minha arma não está aqui.

— Que porra! — berro, chutando a porta para destravá-la.

Fora do carro, começo a correr. Entretanto, quando ouço o primeiro disparo e suas risadas atrás de mim, noto que não há para onde fugir, nem mesmo se eu fosse um maratonista teria chance em escapar. Aperto meus olhos por um segundo e solto alguns impropérios. Viro-me para ficar de frente para eles e espero minha sentença.

— Você é muito engraçado, Egan. Sério! — Molina diz. Ele vem até mim e empurra minha testa para trás com sua Glock.

— Põe ele no carro, Molina. Nolasco ligou duas vezes para saber se estávamos voltando — replica López.

— Sua sorte é que Nolasco pediu para a gente pegar você quando estivesse sozinho, por isso estamos te seguindo desde Volar para saber o que você estava fazendo, senão a gente teria te apanhado naquela casinha amarela que você está vivendo com a professorinha.

Engulo em seco quando ele se refere a Blanca.

— Vocês não fizeram nada com ela... não entraram lá, não é? — inquiri, sentindo meu sangue congelar.

— Nolasco só quer você, não se preocupe. — López completa, num tom mais ameno. — Eu não tenho nada contra você, mas não vou deixar de

acatar um comando dele e dessa vez você está muito ferrado, Egan. Nolasco está furioso.

Mantenho-me em silêncio e marcho até o carro, abro a porta com minhas próprias mãos e com eles sigo para o inferno. Minha fúria só faz aumentar e eu uso o tempo do trajeto até aquela casa imunda para planejar maneiras de acabar com Nolasco. Meus olhos escurecem e minha alma transmuta para seu mais alto nível de cólera. Algo que se assemelha aos anos em que eu era mais jovem e me rebelava para fugir dessa prisão com frequência. Se hoje é o dia da minha morte, será o de Nolasco também.



López estaciona e eu assisto os seguranças cochicharem entre si com risinhos debochados ao me verem sair do carro. Piso no gramado verde e bem cuidado desse imenso jardim e ando com Molina agarrando meu braço.

— Você está adorando isso, não é? — pergunto a ele, que me lança uma piscadela. Molina, o brutamontes, é muito mais alto que o resto de nós e é usado quando a força precisa sobrepor a inteligência. Ele é um dos que disputam um cargo mais respeitado na organização e nunca aceitou minha posição no grupo. Molina me arrasta pela casa até eu estar em frente ao escritório de Nolasco.

— Entre — diz ele, empurrando meu ombro.

Inspiro o ar pelo nariz e expiro pela boca, preparando-me para enfrentá-lo. Com as duas mãos, empurro a porta de face dupla, a madeira

branca ornamentada se abre e a visão de Nolasco surge diante de meus olhos. Sentado com as mãos cruzadas sob o queixo ele eleva o canto da boca num sorriso maléfico. Encaro seus olhos sórdidos e caminho exalando a confiança de quem não se rebaixará nunca mais.

López e Molina entram na sala e param atrás de mim.

— O que você fez? — ele pergunta com calma.

— Sobre o quê? — devolvo o questionamento, fingindo desentendimento. Um riso maléfico escapa de seus lábios e ele se levanta. Nolasco dá a volta em sua esplendorosa mesa, apoiando-se nela.

— Seu idiota, tem alguma noção da merda que fez? — vocifera, entre dentes. Seus olhos faíscam como fogo no inferno.

— Não sei do que está falando... — começo, e o primeiro baque me atinge. Nolasco golpeia meu estômago com tanta força que caio de joelhos no chão.

— Não ouvi, estava tentando me dizer alguma coisa — zomba, baixando a cabeça, enquanto eu gemo e aperto meu abdômen. — Achou que eu demoraria quanto tempo para descobrir? Hein? — questiona, elevando sua voz e um de seus pés. Ele chuta meu rosto, e eu caio para trás. Deitado no chão sinto o gosto ferroso do meu sangue na boca, cuspo o líquido vermelho em seu tapete caro e ergo-me do chão, veloz e colérico.

— Maldito! — urro, correndo até ele com a mesma coragem e argúcia de um tigre em busca de sua presa. López e Molina não me alcançam e eu consigo saltar sobre Nolasco e arrastá-lo por sua mesa até estarmos do outro lado no chão. Sobre seu corpo, devolvo os mesmos golpes que por tantas vezes desferiu contra mim. Ele não tem tempo para se defender e recebe um,

dois, três, quatro socos bem no meio dessa cara desprezível.

O sangue que ele covardemente me tirou através dos anos, agora é tirado dele. Seus lábios e dentes mancham de vermelho e mesmo assim eu continuo com ira impulsionando cada um dos golpes. Não meço minha força, não meço piedade, não meço comiseração para esse homem que foi o responsável por destruir minha vida.

Molina e López demoram um bocado de tempo para me tirar de cima de Nolasco, dando-me a chance de descontar os anos que me trancou e a morte de meu irmão. Entendo que eles o fazem de propósito, cada um de nós tem motivos suficientes para dar uma surra nesse desgraçado. E eles me permitem ter essa satisfação até Nolasco quase perder os dentes em sua boca.

Os dois seguram meus braços, puxando-me para trás. Começo a rir quando vejo Nolasco se levantar, tonto e cambaleante, passando o dorso da mão pelo rosto ensanguentado.

— Seu irmão vai pagar pelo que acabou de fazer — rugi ele, cuspiendo sangue.

O som da minha risada se torna ainda mais eminente, ecoando por toda a casa, percorrendo por cada canto sujo dessa mansão criminosa.

— Meu irmão, meu irmão? — questiono, buscando me libertar do aperto de López e Molina para ir até ele novamente e acabar com o que sobrou de seu rosto.

— Põe ele para dormir! — Nolasco vocifera. Molina não espera por uma segunda ordem, e laça meu pescoço em um mata leão. Luto em busca de ar, agitando minhas pernas e braços, mas ele é muito mais forte e o ar não passa, a constrição é intensa e aos poucos sinto meus olhos escurecerem e se



fecharem.



Um odor fétido invade minhas narinas, levo as mãos ao pescoço e ainda consigo sentir o aperto de Molina contra minha pele. Abro os olhos e ergo a cabeça, com pânico tomando conta de mim.

— Não, não, não, não! — repito incontáveis vezes, colocando-me de pé e agarrando as grades que me aprisionam. Inutilmente, tento balançar as barras de ferro, mas elas não se movem, nem um centímetro sequer. — ME TIRA DAQUI! — grito, para ninguém.

Olho ao redor e não reconheço o lugar, ele sempre me trancou na gaiola do escritório ou no porão. Não aqui. Onde é aqui? Eu nunca estive nesse lugar.

As paredes pintadas num tom escuro estão longe do meu alcance, porque no meio desse cômodo iluminado por uma pequena lâmpada vermelha uma nova gaiola me cerca. Ainda mais apertada, baixa e abaulada que a anterior, seu formato é tão real as que engaiolam pássaros. Que eu, imediatamente, sinto-me como um, o submisso pardal que Nolasco tanto ama.

— Me tira daqui! — urro — Me tira... tira... me tira daqui — minha voz vai diminuindo, até não passar de um murmúrio lânguido e covarde. Caio sobre meus joelhos, tendo apenas o som do meu pranto para me fazer companhia.

Aperto a cabeça o mais forte que posso para não deixar os cruciantes pensamentos dominarem meu raciocínio, mas é difícil sobrepujar a sensação de dominância que essas grades exercem em mim: o aperto no peito, o formigar das mãos, a falta de ar, a palpitação cardíaca... são alguns dos sintomas que busco conter.

Sem forças, meu corpo cai deitado no chão desasseado e encharcado, a água suja respinga por minhas roupas e pele, ela se mistura as lágrimas límpidas que vazam dos meus olhos e me fazem mais impotente a cada segundo dentro desse lugar. Ficar no porão, na convivência com os ratos seria um castigo menos desolador.

Por que me prender aqui? Por que me trancar nesse lugar em vez de me matar de uma vez? Por quê? A dúvida retumba continuamente em meu cérebro anestesiado pelo horror.

Arrasto-me até as grades e tateando uma a uma procuro por uma brecha, por um ponto onde eu possa escapar. Até que um som mecânico chama minha atenção, uma das paredes começa a se mover. Protejo o rosto da claridade enquanto arrisco identificar de quem são as silhuetas contra a luz.

— Eu, sinceramente, pensei que nunca mais precisaria puni-lo dessa maneira, Egan. Não pense que construí esse lugar só para você, mas você é o único que me obrigou a usá-lo. — Sua inescrupulosa voz chega aos meus ouvidos e meu coração pulsa desorientado.

— Me tira daqui! — imploro, agarrado a gaiola, de joelhos no chão.

— Veja só como está mais manso — profere, de maneira cáustica para López. Nolasco se aproxima e agacha. — Você vai morrer aí, Egan. E eu

vou sentir muito a sua morte, porque cuidei de você como um filho — fala, levando uma mão ao peito. — No entanto, o que você me deu em retribuição? Gratidão? Não, é claro que não, o insurgente Egan seria incapaz de reconhecer tudo o que fiz por ele. Tudo isso um dia seria seu, todos os negócios, dinheiro, poder, tudo seu...

— Eu não quero nada disso, nunca quis — respondo, vacilante.

— Não terá mesmo, porque tudo vai ruir, e é graças a você, desgraçado. A polícia está no meu encalço e de todos os outros porque você abriu essa maldita BOCA! — ele termina a última palavra gritando, encapelado.

— ABRE! ABRE! — berro.

— Vai morrer aí dentro, vai definhar dia após dia até sobrar somente seus ossos. E quando demolirem essa casa, ela será a sua sepultura pela eternidade. Grite o quanto quiser. Essas paredes são a prova de som, ninguém vai te ouvir — conclui, sem pudor.

— DESGRAÇADO!

Ele sorri.

— Eu não sei como você encontrou um policial que não fazia parte do esquema. Inacreditável como você é competente quando quer. Mas se sua ideia era me ver numa prisão, sinto por decepcioná-lo. Estou antecipando minha saída do país. — Nolasco estica uma mão e passa por meus cabelos, ele acarinha minha cabeça e diz: — Que arrependimento não ter matado todos vocês naquela noite, junto com seu pai.

— Mate agora! — seguro sua mão contra a minha e com franqueza

rogo para que o faça. Tenho consciência que uma morte rápida é um milhão de vezes melhor que morrer enjaulado como um animal.

Ele ri outra vez, cínico e petulante.

— Eu sei que você quer isso, Egan. E é exatamente por isso que não farei — revela, puxando sua mão de mim.

Nolasco se levanta e sai, deixando-me com os braços estendidos em busca de misericórdia e complacência. A parede volta a deslizar pelo chão e pouco a pouco a luz desaparece.





Capitulo  
Trinta e Nove

Blanca

— Por que o tio ainda não chegou? — Carlito pergunta, quando o coloco na cama para dormir.

— Ele vai chegar logo — falo, ajeitando o edredom em seu corpo.

— Será que ele foi ver o Grandão?

— Não! — digo, um pouco mais alto do que pretendia. — Não, ele foi encontrar um amigo em outra cidade e acho que resolveu dormir por lá para não dirigir durante a madrugada. — Carlito assente e se vira, fechando os olhos para dormir.

Apago a luz e saio do quarto, fechando a porta em seguida. Na sala, pego meu celular e tento pela vigésima vez falar com Egan. Dona Kira vem até mim.

— Não precisa se preocupar. Meu Egan é forte, olha só o homem que ele se tornou.

Seguro sua mão e tento sorrir.

— Sei que é, mas é estranho que não atenda nenhuma ligação, ele disse que voltaria hoje. — Dona Kira anda até a janela e olha para a rua. Ela tenta me acalmar, mas também está inquieta.

Deito-me logo depois, mas percorro pelas horas encarando o teto branco, a cada carro que passa na rua, imagino que seja Egan. Aos poucos, o quarto passa de breu para totalmente claro. A manhã começa e eu sou compelida a cumprir minhas obrigações, com Carlito e Pablo vou à escola.

Minha turma mais atenta do que nunca, ouve cada palavra e se esforça para solucionar os questionamentos que aplico.

— Isso é uma prova surpresa? — Alguns reclamam.

— Não, é apenas um teste para avaliar o quanto vocês evoluíram nesse tempo em que estamos juntos. Não vale ponto, mas vale algo mais importante, a dedicação de vocês.

Para minha surpresa, Diego é o primeiro a terminar. Ele dá de ombros quando me entrega a folha preenchida e me vê sorrindo. Leio cada uma de suas respostas, todas dissertativas e me espanto positivamente com sua melhora. Observo-o de soslaio e noto que ele também me olha, aceno de leve com a cabeça confirmando que ele foi bem e o garoto desvia o rosto, escondendo um sorriso satisfeito.

A aula termina e eles se despedem de mim, percebo que o triste destino de Lorenzo trouxe mais que dor à essas crianças, trouxe também determinação, uma ambição genuína em mudar suas vidas.

Assim que estou sozinha na sala, tiro o celular da bolsa e ligo mais uma vez para Egan. Ofego quando mais uma chamada entra em caixa postal. *Por que ele não me atende?* Guardo meu material e com a bolsa no ombro sigo até Soledade, que me chamou mais cedo para falar sobre Carlito.

— Tenho uma ótima notícia para você, Blanca. Conversei com um dos conselheiros e ele me disse que a chance do juiz entregar a guarda de Carlito para você é grande.

— Guarda? — pergunto, ansiosa.

— Sim, guarda é diferente de adoção, o processo de adoção é longo, já a guarda é um documento primário e provisório, algo de caráter emergencial. Ele me explicou que levar a criança para o acolhimento é a última coisa que querem fazer, antes buscam meios de manter o menino em



sua rotina, sem afastá-lo da escola por exemplo. E como você o trouxe para a escola, é professora daqui, e está cuidando dele como ninguém antes, as chances de deixarem a criança aos seus cuidados é imensa — profere, sorridente.

— Obrigada — falo, segurando suas mãos sobre a mesa, agradecida e emocionada.



De pé contra a janela, observo a rua e cada carro que por ela transita. O céu começa a escurecer e eu ainda não tenho nenhuma notícia de Egan. Carlito brinca com Pablo no chão e Dona Kira prepara o jantar, ela insiste que é o que sabe fazer de melhor e um prazer ter para quem cozinhar.

Perto da hora de dormir, sento-me com Pablo nos degraus que antecedem a porta de entrada e continuo a observar a rua.

— Alguma coisa aconteceu, Pablo — murmuro, para que Dona Kira não me ouça.

— Ele fez isso outras vezes, Blanca. Sumiu sem dar notícia, não foi? — justifica.

— Qual a razão para ele sumir agora, ainda mais com sua mãe aqui?

Pablo inclina a cabeça e percebe que tenho razão.

— Vou passar uma mensagem para Yan — diz ele, tirando o telefone

do bolso.

Não demora muito e a resposta surge.

— Eles não se falaram.

Esfrego minha testa, pressentindo que algo de ruim esteja acontecendo.



Acordo, ainda com sono pela noite mal dormida e me levanto para iniciar a rotina de mais um dia de trabalho. Com Carlito e Pablo sigo para a escola e não consigo mais esconder o abatimento que me cinge.

— Que foi, tia? — Carlito questiona quando me percebe distante.

— Ela está com dor de cabeça — responde Pablo, entretendo Carlito com outros assuntos.

A aula termina e com Carlito volto para casa, Dona Kira tenta me distrair contando histórias do seu passado e de quando Egan era criança, o que só piora minha agitação.

— Eu já volto — profiro, pegando meu celular e saindo de casa. Ando os poucos metros que me separam de Pablo e sem aviso entro em sua casa.

— Me passa o número do Yan — peço. Pablo mexe em seu telefone e me diz o número. Com o aparelho colado a orelha espero ser atendida.

— Yan, é Blanca. Alguma coisa aconteceu com Egan. Ele não dá sinal de vida e o telefone que antes chamava, agora está desligado — considero, agoniada.

— Tentei falar com ele o dia todo, não consegui. O inquérito vazou, Nolasco foi avisado sobre o indiciamento. E diante da possibilidade de fuga o juiz decretou prisão preventiva para ele e mais alguns, estou com o mandado em mãos e uma equipe seguindo para a casa dele.

— Vazou? Então ele sabe que foi Egan quem o entregou? — indago. Ouço-o suspirar do outro lado da linha.

— É uma possibilidade — diz, conformado.

— Foi ele, Yan! Nolasco pegou Egan! — alerta, com uma mão na cabeça.

— Ele pode ter fugido, Blanca. É comum em casos de...

— Ele não fugiu, Yan — respondo, segura. Alguns segundos depois dele volta a falar.

— Vamos esperar até amanhã, tudo bem? Estou indo agora para cumprir o mandado contra Nolasco — diz ele, apressado.

— Egan pode estar lá, Yan. Tem uma gaiola de ferro no escritório, é lá que ele trancava Egan.

— Gaiola? — investiga, descrente.

— Nolasco é um sádico, ele surrava Egan e o trancava nessa gaiola dizendo que Egan era seu pássaro... Por favor, se Egan estiver lá...

— Se estiver eu saberei — responde e finaliza a chamada.





Capitulo  
Quarenta

Yan

— Vamos! Vamos! Vamos! — comunico em alto tom para a equipe que me seguirá. Vestimos colete a prova de balas, gorro balaclava, e com nossos distintivos no cós e pistola no coldre, partimos para o cumprimento da lei.

Nos dividimos em dois carros, e dirigindo rapidamente cortamos o trânsito para interceptar os criminosos. Os Nocturnos é uma facção que há anos escorrega pelos dedos da justiça de várias partes do país. Toda vez que tentamos chegar aos maiores, advogados de alto escalão conseguem reverter processos e os manter em liberdade. Mas, com as provas que Egan trouxe, não há mais como essa gangue escapar.

Todos os *cabeças* estão no alvo da justiça e seus dias de crimes terminaram. Outras diligências trabalham em várias cidades, numa ação entre a polícia e o Ministério Público, coordenada e executada em tempo recorde. Amanhã todos os jornais estamparão a cara dessa quadrilha.

— Preparem-se! As outras viaturas estão chegando. — Comanda o agente que dirige. Numa operação dessa magnitude e levando em consideração o grau de periculosidade que essas pessoas representam, pedimos reforços para nos dar cobertura.

Empunho minha arma e dou sinal para todos descerem. Um a um, cada agente se posiciona para ocupar a mansão de Benitez Nolasco, faço sinal para meu parceiro dar a volta no jardim, e com a casa cercada, dou voz de comando e invadimos a casa.

A luxuosa sala tem imensas luminárias de cristal com as luzes acesas. Contudo, o silêncio reina. Os agentes se posicionam e em duplas começam a varredura para achar Nolasco. A casa é grande e no andar térreo não

encontramos ninguém. Antes de acessar a escada para o andar superior, faço sinal com uma mão para Moraes recuar e ficar atrás de mim.

Com passos leves, subo degrau após degrau e quando ingresso no corredor encontro o primeiro homem. Ele dispara sua arma e um dos tiros pega no meu colete. Acelerado consigo voltar para a escada e abrigar-me de sua mira.

— Escudo — instruo Moraes, que dá sinal para o reforço subir. Com os homens da tropa nos auxiliando com escudos, ingressamos novamente no corredor.

Os dois bandidos são alvejados e caídos no chão não impedem o acesso a mais um andar da casa.

— Nolasco está lá — aviso, quando avisto outros homens fazendo a segurança de frente a uma porta.

Quando a ordem de largar as armas é dada. Nenhum deles atende e disparam sem dó contra nós. Não nos deixando outra opção que não os alvejar. Com o acesso livre, aproximamo-nos da porta.

— Vou derrubar — aviso, quando ele não abre. Com alguns pontapé contra a madeira, a porta é quebrada e avistamos Benitez Nolasco sentado numa poltrona. Ele fala ao celular como se nada estivesse acontecendo ao seu redor.

Vou até ele e girando seu corpo, algemo suas mãos, fazendo a leitura de seus direitos.

— Benitez Nolasco, você está preso pelos crimes de tráfico de drogas, tráfico de armas, formação de quadrilha, homicídio doloso, lavagem de

dinheiro e evasão de divisas. Tem o direito a ficar calado e a um advogado...

Ele não tem reação e se mantém no mais absoluto silêncio, nem sua respiração é passível de som. Meus homens iniciam uma busca minuciosa pela mansão, principalmente, em seu escritório. Sacos e mais sacos são lacrados contendo cadernos, anotações, computadores e todo tipo de documento que encontramos.

Se as provas que Egan trouxe nos abriu as portas dessa casa, o que estamos achando fará a porta da cela de Nolasco fechada pelo resto de sua vida. Ao desarticular uma organização dessa magnitude, dificilmente eles terão como se mobilizar outra vez.

— Que tipo de doente é esse homem? — pergunto a mim, quando avisto a tal gaiola que Blanca havia descrito. Com as mãos nas barras circundo-a incrédulo que ele mantinha Egan dentro daquela coisa.

Com Nolasco no porta malas do carro, pergunto sobre Egan.

— Onde ele está? — Ele não me responde, apenas eleva um canto da boca num sorriso insolente e em seguida dá de ombros. — Sabemos que alguém vazou o inquérito para você. Onde Egan está? Se você o matou diga onde encontrar o corpo?

— Peço a gentileza de só me fazer perguntas quando eu estiver na presença do meu advogado — contesta, ainda sorrindo, sabendo dos direitos assegurados a ele.

Fecho o porta malas e deixo dois homens vigiando-o. Volto para dentro da casa e para nossa surpresa nos deparamos com outros homens de Nolasco escondidos em armários, eles não apresentam resistência e se entregam.



No fim da noite, contabilizamos oito homens presos e cinco mortos. Egan não é encontrado em lugar nenhum, e imagino que tenha fugido para se manter em segurança, o que não impedirá que o juiz tome uma decisão a respeito de seu caso, mesmo que sua ajuda tenha sido fundamental para essa ação, ele foi um dos Nocturnos e praticou crimes como eles.





Capitulo  
Quarenta e Um

Egan

Agarro-me as barras, quando aquele mesmo som surge e a parede começa a se mover.

— Egan? — ouço a voz de López, ele está ofegante e apressado.

— Me tira daqui, López! — rogo.

— Não posso, mas trouxe água para você — diz ele, jogando várias garrafas para dentro da gaiola. — A polícia *tá* lá fora! Eles chegaram antes do que Nolasco previu — avisa, arfando.

— A polícia? — pergunto, esperançoso.

— Se Nolasco descobrir que estive aqui, quem *tá* morto sou eu — fala, saindo e fechando a parede novamente.

— Não, não, não! López, López? — grito seu nome mais uma infinidade de vezes, porém ele não volta.

De pé, com meu rosto entre as grades, espero pelo momento em que a polícia me encontrará. Será Yan? Não ouço nada. Aprumo meus ouvidos para tentar escutar além do ruído do exaustor, mas a proteção de som que impede que me ouçam, também me previne de ouvi-los.

Vou até o chão e abro uma das garrafas de água e sedento bebo-a inteira. Depois volto a esperar olhando fixamente para a parede escura que se abre e fecha de acordo com o comando deles. Entretanto, nada acontece, e conforme as horas passam a descrença na liberdade me aflige mais uma vez.



Não sei mais diferenciar o que é dia de noite, não sei que horas são e nem a quanto tempo estou trancado. Mentalmente, e talvez de maneira errônea, cálculo que esteja preso há uma semana mais ou menos. Talvez um pouco mais.

Ainda que eu deseje que a morte me transporte para longe dessa agonia, não permito que meu corpo pereça como era o desejo de Nolasco. Raciono a água que López me trouxe, consumindo-a pouco a pouco. Mantenho meu corpo vivo, embora minha mente esteja derrotada.

Sentado no chão, abraço meus joelhos e penso em Blanca, penso que mesmo que tenhamos ficado juntos por pouco tempo, cada segundo com ela foi como um sopro de vida, uma lufada que encheu meus pulmões com o ar mais puro. Sentir seu corpo, ouvir sua voz, vislumbrar seus sorrisos e acordar ao seu lado, foi como um presente válido para essa e todas as minhas outras vidas.

Foi Deus dizendo que minha passagem por esse mundo não seria tão ruim, porque no fim de tudo, quando eu piscar meus olhos pela última vez, a visão de Blanca repousará comigo para sempre. Além de Blanca, eu passei a vida me submetendo as ordem desse crápula para manter minha família viva, e agora que eu sei que minha mãe está em segurança, parto dessa existência sem arrependimentos.

O oposto de Nolasco, que quando extinguir-se desse mundo, terá a alma de todos os homens que destruiu para assombrar cada maldito segundo

de seus dias no inferno.



Choco-me contra as barras de ferro com toda a minha força, meu ombro esquerdo estala e queima com a dor, talvez eu o tenha deslocado, não me importo. Eu quero sair daqui, não aguento mais, não consigo pensar com clareza.

— Me tira daqui! — sussurro, sem voz. Minhas forças foram sugadas pelos últimos dias de solidão e desespero.

Minhas mente vagueia entre o que é certo e errado, não quero mais viver se for para continuar aqui, que a vontade de Nolasco se concretize e meus ossos se desfaçam como pó e eu seja enterrado sob essa casa onde passei mais da metade da minha vida.

O fim é como uma estrela brilhante no céu. Sem que percebamos, todos os dias centenas delas deixam de piscar sua luz, assim também é com a humanidade que aos milhares se apagam todos os dias. Que diferença faz se minha luz se apagar?







Capitulo  
Quarenta e Dois

Blanca



— Eu vou enlouquecer, Pablo! — murmuro contra seu peito. São quase quinze dias sem notícias de Egan. Sua mãe não disfarça mais a agonia que sente e está tão desesperada quanto eu.

— Yan disse que está buscando por ele, estão procurando pelas imagens na rodovia onde acharam o carro capotado.

— Nolasco o pegou — afirmo, erguendo minha face em sua direção. — Não há outra explicação para encontrarem o carro e não Egan.

— Lembre que ele já ficou três semanas sem aparecer, ele pode ter conseguido escapar de Nolasco e esteja se escondendo para preservar você e a mãe dele, não acha? — indaga, com uma voz calma e serena.

— Se você achar que isso faz algum sentido, então eu acreditarei. Mas se nem você acreditar então não diga para mim — falo, soltando-me para me sentar em seu sofá. Escondo o rosto entre as mãos. Pablo se senta ao meu lado, mantendo-se em silêncio. E essa é a confirmação que preciso de que nem ele crê em suas próprias palavras.

Os dias se tornaram tormentas revoltas, eu não consigo dormir direito, passo o dia e a noite espiando pela janela esperando que ele apareça. Manter o sorriso e a disposição com meus alunos é quase um martírio, porque eles precisam de mim, precisam que eu esteja bem para conduzi-los no novo caminho que escolheram. Tenho também Carlito e Dona Kira que se apoiam em mim e, de repente, o mundo se tornou pesado demais para se abrigar sobre minhas costas.

Nossa existência é como um pêndulo, todas as áreas da vida mantêm o movimento em equilíbrio. É dessa maneira que temos seiva suficiente para

compartilhar nossos dias com os que precisam de nós. Entretanto, quando alguém sem aviso atravessa esse pêndulo, ele se desestabiliza, a vida se desequilibra.

O movimento pendular da minha vida está completamente fora de eixo e eu não sei o que fazer para que ele volte ao lugar.

— Durma um pouco, Blanca — ele fala.

— Só queria saber se ele está vivo ou morto. Apenas uma notícia que aliviasse esse sentimento que corrói meu peito. A angústia da espera é a mais dolorida de todas, *não saber* é a maior penitência que alguém pode pagar. Eu não sei como sua mãe suportou tantos anos sem ele — pondero, deitando minha cabeça em sua perna.

Pablo suspira e afaga meus cabelos.

— Não consigo imaginar o quão terrível é ter seu filho de volta por poucos dias e ele ser tirado de você outra vez...

— É por isso que estou aqui, eu não posso me abater na frente dela, não posso... — minha voz falha, assim como meu coração que enfraquece seu pulsar a cada dia que passa.

Deitada no sofá de Pablo, com suas mãos me afagando, ele tenta me trazer alívio nem que seja por alguns minutos.



— Posso usar o carro para ir ao supermercado? — pergunto a Pablo dois dias depois.

— Claro, minha mãe me convenceu a ficar com esse, então... use-o o quanto precisar — diz ele.

Carlito me pede chocolate e Dona Kira me passa uma lista de alguns ingredientes que precisa para preparar um ensopado à noite. Despeço-me deles com um sorriso langoroso. Sorrir não é tão fácil como antes, é algo que passou a me causar extremo desconforto.

Dentro do carro, seguro o volante e respiro fundo, ciente de que quando Pablo descobrir que minha ida ao supermercado era apenas uma desculpa, estarei longe o suficiente. Giro a chave no contato e dou início a viagem até o lugar que fugi quando era só uma adolescente.

A casa que visitei aos quinze anos e que nunca abandonou meus pensamentos, o lugar onde vi Egan pela primeira vez e de onde não tive meios para salvá-lo. Eu não sei ao certo o que estou indo fazer lá, mas algo me chama. É como uma força maior, um imã que me atrai com tamanho magnetismo que não é mais possível ignorar. Sem olhar para trás eu dirijo, guiando esse carro até a casa de Nolasco.

Com o olhar fixo na rodovia e já longe de Volar, meu telefone — fixado no painel — começa a tocar e o nome de Yan surge no visor. Toco a tela e com meu peito arfando, torço para que essa ligação seja para me trazer uma boa notícia.

— Você o encontrou? — pergunto, apressada.

— Blanca — ele hesita e faz uma pausa —, Nolasco nos disse que Egan está morto e que não sabe onde seu corpo está.

Desvio o carro para o acostamento, sem ao menos olhar pelo retrovisor. Os pneus derrapam na brita antes de pararem. Com as mãos trêmulas, tiro o telefone do painel, levando-o a orelha.

— É mentira, Yan! Ele está mentindo! — Percebo meus olhos nublarem e as lágrimas fluírem por eles até entrarem em meus lábios abertos. — Ele mente, vocês precisam tirar a verdade dele, por favor... — imploro.

— Blanca... eu sei que é difícil assimilar, mas... isso é comum com delatores...

— ELE NÃO O MATOU! — grito, batendo com força a mão contra o volante. — Não matou... ele não matou... — murmuro, chorando de maneira copiosa, à medida que agarro o tecido da minha blusa, buscando controlar essa dor que me rasga por dentro, como se uma serra fatiasse cada parte do meu coração.

— Vamos falar com ele outra vez, tudo bem? Pode ser mesmo que ele esteja mentindo — diz ele, apenas para me fazer parar de chorar. Porque eu sei que ele acredita em Nolasco, acredita que Egan está morto. Encerro a chamada e saio do carro, desabando sobre as pedras do acostamento, sentindo-me fraca e incapaz, sentindo que minha vida nunca mais voltará a ter o mesmo equilíbrio.

Era o que eu queria, não era? Saber se Egan estava vivo ou morto? E agora que Yan me confirma, não quero acreditar, não quero saber, não quero ter essa certeza, quero voltar à dúvida.

Agarro meus joelhos e choro, por minutos ou horas e tanto faz, porque o tempo perde sua importância, tudo ao redor perde seu brilho, e nem o sol que começa a se pôr no horizonte, tingindo tudo de um laranja vivo e

nítido é capaz de trazer luz à escuridão que me abraça.

Quando minhas lágrimas se esgotam e meus olhos secam, eu me levanto do chão e volto para dentro do carro. A noite recai sobre mim, e apenas as luzes dos faróis ligados clareiam meu caminho. Num estado quase inanimado, volto para a estrada.

Suspiro longamente quando meu telefone volta a tocar e o nome de Pablo aparece.

— Onde você está, Blanca? — questiona, exasperado.

— Estou indo até a casa de Nolasco — respondo, sem ânimo, alento ou coragem.

— Porra, Blanca! — repreende-me do outro lado da linha.

— Preciso ver aquele lugar pela última vez, Pablo. Depois disso eu volto para casa — aviso-o sem mudar o tom entorpecido da minha voz.

— Yan falou com você? — ele pergunta. Meus olhos voltam a embaçar e eu pisco repetidas vezes para afastar as lágrimas que teimam em voltar.

— Sim

— Blanca...

— Estou bem. Volto logo — digo, terminando a ligação.



O lugar que na minha adolescência era protegido por dezenas de homens, hoje está vazio e com uma faixa amarela da polícia, circundando-o.

Desço do carro e ignorando a ordem de não ultrapassar, ergo a faixa com uma mão, passando por baixo dela. Ando pelo gramado pisoteado e relembro a primeira vez em que estive aqui, quando ainda era só uma menina em busca de dinheiro para ajudar a mãe. Com perfeição de detalhes, rememoro o homem que naquela época me arrastara pelo braço até a sala ostentosa, repleta de quadros e lustres.

Empurro a porta principal e nada está tão diferente do que eu me recordava, o luxo continua o mesmo. Pela casa vazia, caminho tocando nos objetos até estar em frente as portas duplas que abrigavam seu escritório do crime. Entro no cômodo e vou direto à gaiola construída no canto dele, pintada numa cor diferente, ela ainda está aqui, mesmo depois de todos esses anos.

Deslizo meus dedos pelas barras e me agacho, exatamente no lugar onde Egan estava dez anos atrás, fecho os olhos e recordo o garoto — que naquela época tinha dezoito anos —, com o rosto surrado que bradava para que eu fugisse enquanto havia tempo.

Se não fosse por ele, se não fosse por aquele dia, talvez fosse eu trancada nessa gaiola. Egan deu a mim a chance de construir uma história diferente, a chance de trilhar um caminho cheio de alegria e conquistas.

O silêncio na casa é quebrado por meus soluços. Encosto a cabeça nas barras e não consigo controlar a angústia em saber que ele não está mais aqui, que depois de tudo pelo que lutou, não viverá como o pássaro livre que desejou ser.

Com o dorso da mão afasto as lágrimas que não param de cair e continuo a andar pela mansão que agora não passa de um mausoléu. São vários corredores e um deles me leva a um grande salão com o chão coberto por requintados tapetes clássicos — que poderiam matar a fome de dezenas de famílias —, e amplos quadros nas paredes.

Mas, um dos quadros destoa do estilo dos outros. Numa tela totalmente azul, um albatroz plana com as asas abertas. Sobre o mar, ele mostra o tamanho de sua envergadura, destacando a beleza e simplicidade que lhes são características. Ergo uma mão e toco a tela, deslizando meus dedos sobre suas asas, imaginando o prazer que deva sentir por ter a aptidão de passar a vida sobrevoando os mares, apreciando a vastidão azul, livre e bem-aventurado.



Na parede — no canto esquerdo abaixo do quadro —, há uma plaqueta de acrílico contendo o nome da obra e o artista que a pintou. Inclino meu corpo para frente, e leio de perto quem fez a pintura. No entanto, noto

algo curioso, atrás da placa há um pequeno botão vermelho. Escondido, ele não tem mais que um centímetro de diâmetro.

— O que é isso? — murmuro, sozinha. Passo os dedos pela placa e então percebo que ela está colada ao botão. Curiosa, eu aperto a placa e consequentemente o pequeno botão. Um som estranho surge e a parede começa a se mover. Assustada, dou vários passos para trás até estar próxima da porta de saída.

— Ah, meu Deus! Meu Deus! — exclamo, quando a parede está inteiramente aberta.

Nesse esconderijo, outra gaiola surge diante dos meus olhos. Levo as mãos à boca e ando, devagar, passo a passo, na direção da estrutura de ferro.

— Não! — sussurro, com meus olhos irrompendo em lágrimas outra vez, quando diviso o homem deitado de barriga no chão, com uma mão agarrada a uma das barras.

Aproximo-me até estar dentro do lugar fétido e escuro. Agacho-me e com extremada lentidão, estico meus dedos até que estejam a um centímetro dos dele, concebendo que mais uma vez cheguei tarde demais. Se eu tivesse atendido ao chamado que me aquietara por todos esses dias, teria tido tempo de resgatá-lo, teria salvado sua vida, como ele um dia salvou a minha.

A dor que me assola é tão densa e angustiadora que sinto em meu âmago que ela nunca mais me abandonará. Em silêncio, meus olhos vertem em lágrimas quentes e desoladas. Seguro sua mão na minha, sinto a pele úmida, fria e machucada e... um movimento leve, sutil, quase imperceptível faz meu coração vibrar.

— Egan — chamo e o aperto se intensifica, seus dedos se afundam



nos meus. — EGAN! — grito seu nome, com as lágrimas sendo engolidas por meu sorriso.

Enfio os dois braços para dentro da gaiola e ergo sua cabeça, ele gira o corpo no chão deitando-se de barriga para cima e com os olhos semiabertos tenta focar em meu rosto.

— Meu Deus, Meu Deus! — desespero-me, balançando as grades para tirá-lo dali. Levanto-me e com as mãos na cabeça penso no que fazer. Enfio a mão no bolso para pegar meu celular e pedir ajuda, mas lembro que o deixei no carro.

— Aguenta, aguenta por favor, eu vou tirar você daí — falo e saio correndo pela casa, escorregando e tropeçando pelos tapetes. Abro a porta do carro e com o aparelho nas mãos disco para Yan.

— Eu o achei, eu o achei, Yan! — conto a ele. Passo as mãos pelos cabelos e rosto, mexendo-me desassossegada.

— O quê? Onde? Como? — pergunta, espantado.

— Ele está aqui... tinha uma parede falsa... uma gaiola, ele está lá... — falo, sinalizando com as mãos na direção da casa de Nolasco.

— Calma, Blanca! Onde tem uma parede falsa? — inquire.

— Na casa do Nolasco! — grito, para que me escute e entenda. — Egan estava lá todos esses dias, trancado. Eu preciso de ajuda! — protesto usando um tom urgente e imperativo.

— Vou acionar o resgate — diz e deliga.

Percorro todo o caminho de volta, até a maldita gaiola e me ajoelho

no chão, agarrada as grades, chamando por Egan.

— Você me ouve? Egan?

Ele mexe a cabeça devagar e torna a semicerrar os olhos, seguindo o som da minha voz. Uma de suas mãos volta a agarrar uma barra e a outra faz o mesmo, e com uma vontade sobre-humana de viver, ele gira o corpo e se arrasta para mais perto de mim.

— Blanca — sussurra, com os lábios secos, pálidos e feridos.

— Psiu! Não fala nada. Eu te achei, eu te achei... Já pedi ajuda, vamos tirar você daí... — murmuro, apoiando-o com meus braços.

Cerca de dez minutos depois ouço as sirenes se aproximarem e muitos passos ecoarem pela casa vazia.

— AQUI, NO ÚLTIMO CORREDOR! — berro para que me encontrem. Homens uniformizados arregalam os olhos quando nos veem no chão.

— O que é isso? — um deles pergunta.

— Tem que serrar — aviso. Eles pegam seus rádios e passam novas instruções a uma outra equipe, dizendo os equipamentos que precisarão. Eu espero com Egan, não o solto.

— Eu sonhei com você tantas vezes — murmura ele, emitindo um sorriso fraco, com a cabeça pendendo para um lado.

Tento me controlar, não demonstrar o quanto estou assustada e feliz. No entanto, essa mistura inconstante de sentimentos faz meu coração escurecido voltar a brilhar. Conforme esses homens serram as barras e tiram

Egan para fora dessa prisão, o pêndulo da minha vida — o qual pensei que nunca mais fosse se equilibrar —, aos poucos volta a ter seu movimento restaurado.

Na ambulância, seguindo com Egan para receber cuidados médicos, acaricio seu rosto com dedicação. Idealizando que a linha imaginária que um dia nos colocou de lados opostos não existe mais, o muro que nos separava foi derrubado, e a gaiola que o aprisionou por toda a vida, está finalmente aberta.

O céu o aguarda, suas asas poderão bater sem fronteiras, demarcações ou perímetros. Ele poderá voar livre e conhecer o mundo, não há mais nada que o impeça de viver como sempre sonhou.





Capítulo  
Quarenta e Três

Cinco meses depois

Blanca

— Você é péssimo, Pablo! — grito, curvando meu corpo para rir, quando ele tenta driblar a bola de futebol e escorrega sobre ela, caindo de bunda no chão.

Egan não espera que ele se recupere e rouba a bola, passando-a para Carlito que chuta para o gol que improvisamos, e eu defendo. Busco de verdade proteger o gol, mas Carlito é inacreditavelmente bom com a bola e marca quantos gols deseja.

— Não quero mais ficar no gol — reclamo e ele ri.

— Tia, você tem que se mexer para defender — explica ele pela décima vez.

— Eu vou para o gol. — Pablo anuncia, levantando-se do chão e limpando a bermuda.

— Vem, Blanca! — Egan me chama para jogar com ele. Eu sigo seu chamado como abelha para o mel.

— Vai me deixar chutar? — pergunto.

— Eu deixo você fazer o que quiser — diz, enlaçando minha cintura e inclinando a cabeça para me beijar. Recebo seus lábios nos meus e esqueço que estamos no meio de um parque ou que Carlito e Pablo esperam para que o jogo continue. Quando estamos um nos braços do outro, esquecemos que o mundo continua a girar.

— Pelo amor de Deus, vocês não cansam de ficar um colado no outro, não? — Pablo retruca do gol.

Começamos a rir e Egan o responde.

— Sua pergunta não pode ser séria. Olhe para ela, como eu posso me cansar?

— Quer mesmo que eu olhe para ela como insinuou? — questiona, elevando uma sobrancelha.

— Tente e perderá os olhos — Egan retruca, driblando a bola até o gol e chutando-a com força. Meu amigo tenta defendê-la, no entanto, consegue ser pior que eu.

— Ah, não! Eu não quero mais jogar futebol com o Pablo e a tia, vocês são muito *ruim*! — Carlito emburra, cruzando os braços sobre o peito. — Vou jogar só com o tio.

— Que absurdo, Carlito! Estamos aprendendo — falo, fazendo cócegas nele que volta a rir.

— Vem, tio! — diz ele, quando se livra do meu ataque. Carlito segura a mão de Egan e esclarece que um chutará a bola e o outro defenderá no gol. Egan me beija mais uma vez antes de ser arrastado por Carlito. Eles se dão bem, tão bem que é impossível dizer que não foram feitos um para o outro.

— Cansei! — digo, sentando-me num banco com Pablo ao meu lado, enquanto assistimos Egan e Carlito, os dois gritam e riem brincando com a bola.

— Ele está feliz, não é? — pergunta, passando as mãos por seus cabelos ruivos.

— Sim, ele disse que quer morar comigo para sempre — falo, olhando para Carlito. Consegui a guarda provisória para ficar com ele, mas já dei entrada em toda a papelada para adotá-lo e segundo a advogada que

contratei, não será difícil que o juiz me entregue em definitivo sua tutela.

— Não estava falando de Carlito — Pablo corrige, fazendo-me virar a cabeça em sua direção.

— Não só ele, eu também estou — confesso, desviando meu olhar para Egan.

— Sério? Quem diria que você está feliz, eu não imaginaria... — zomba, cruzando os braços sobre seu largo peitoral.

Com uma mão bato em seu ombro.

— Ai! Você tinha parado com essa mania, por que voltar agora? — inclina o corpo fingindo que o tapa doeu. — O julgamento é em alguns dias, acha que ele vai escapar? — pesquisa, num tom sério.

— Eu não sei. Egan disse para não me preocupar.

— Como se isso fizesse parte do seu dicionário — diz, revirando os olhos.

— Quer apanhar de novo? — pergunto com uma mão para o alto. — Independentemente do que o juiz decidir, é diferente agora. Egan tem a alma livre e não existe mais ninguém para aprisioná-la. Nolasco não sairá da prisão e não existe mais nenhum dos líderes daquela organização fora da cadeia.

Em dado momento, Carlito para de jogar e corre para Egan, que o levanta e carrega em seus ombros.

— Tia, eu quero um sorvete — pede, apontando para uma sorveteria do outro lado do parque.

— Eu também quero — propõe Egan. — Carinha, você está bem



pesado! — Egan comenta, colocando Carlito no chão.

— Pablo, você me carrega? — pede, agarrando Pablo.

— Pronto, era só o que me faltava — diz, andando com Carlito agarrado em uma de suas pernas.

Sorrindo, Egan me abraça e caminhamos até a sorveteria. Escolhemos picolés, enquanto Pablo se senta para tomar um sorvete na taça, Carlito escolhe o mesmo que ele. Os dois ficam sentados na sorveteria, enquanto Egan e eu voltamos a caminhar pelo parque.

— O seu é mais gostoso — falo, com uma voz manhosa, quando experimento seu sorvete.

— Quer trocar? — Egan me oferta o dele no mesmo instante.

— Quero — respondo, sem cerimônias.

O sorvete começa a derreter mais rápido do que imaginei e um fio de leite escorre por meu queixo. Egan não demora a perceber e aproxima sua boca capturando o doce à medida que resvala sua língua sobre meus lábios.

— Bom — diz ele, com sorrisinho malicioso.

— Bom? Só isso? — reclamo.

— Delicioso. Melhorou? — repara, rindo. Ele tira o picolé da minha mão e o finaliza.

Em seguida, fisga meu pescoço e cola sua boca à minha mais uma vez. Ainda consigo sentir o gelado e o sabor de chocolate do sorvete. Nossas línguas dançam em uma deleitosa harmonia. Pablo tem razão, é muito difícil que não fiquemos colados um no outro o tempo inteiro.

E desde que mudei de casa — na mesma rua —, mas com dois quartos, nossas noites não são diferentes, além de beijos deleitáveis, corpos unidos passaram a ser uma constante. Acordar com ele todos os dias é como acordar no céu, em nuvens brancas e fofas, é essa a sensação quando abro meus olhos e o vejo com o peito nu, ressonando ao meu lado.

— Eu te amo — ele murmura contra meus lábios. As palavras vagueiam por mim, aquecendo-me por inteiro.

Separo nossas bocas, encarando seu rosto. É a primeira vez que ele diz, na verdade, é a primeira vez que ouço alguém além da minha mãe me dizer... Devo transparecer a surpresa em ouvir essas três palavras, porque ele sorri, franzindo o nariz.

— Te assustei? — pergunta. Eu balanço a cabeça dizendo que não, apesar de que o correto seria dizer que sim.

— Não é que eu tenha me assustado, é só que eu... nunca ouvi — sussurro, encantada.

— Eu te amo, Blanca — repete, e dessa vez imprimindo uma seriedade maior em sua voz. — Amo tudo em você, amo como você sorri, amo como me olha, amo como dorme com a boca aberta, amo como é corajosa, amo como se importa com as pessoas, amo como segura minha mão, amo como é apaixonada por seus alunos, amo quando seus olhos enrugam nos cantinhos quando sorri. Eu amo tudo em você, como nunca amei ninguém.

— Egan — murmuro seu nome. — Eu também te amo — respondo, sem desviar meus olhos dos dele.

— Eu sei, eu sinto. Por isso, eu quis te dizer, porque eu não sei se

consigo manifestar tão bem quanto você. Não sei se tem ideia do quão profundo é o amor que tenho por você.

Egan eleva uma mão e toca a pele do meu rosto, deslizando seus dedos desde minha sobrancelha até meus lábios. Ele me estuda com atenção, gravando cada traço da minha face.

— Não quis partir sem dizer.

— Você não sabe se vai partir — rebato, abraçando-o.

— Mesmo assim, eu quero que saiba que eu amo você com cada célula do meu corpo. E que esse amor nunca se apagará, porque ele aumenta dia a dia.

Volto a encarar sua face e sem dizer mais nada, deixo que o amor nos guie e o beijo como se não existisse amanhã.





*Epilogo*

*Dezoito meses depois*

*Blanca*

— Diego ajude os mais novos a treinar a coreografia. Eu vou precisar sair mais cedo — aviso. Ele assente e segue até o aparelho de som no canto da sala, dando play na música para coreografar os passos de hip-hop para os mais novos.

— Vamos, molecada! Vocês vão arrebentar na apresentação desse ano.

Antes de sair da sala de dança, relanceio sobre as crianças e Diego. Ele, que no Esperanza me desafiou no primeiro dia de aula, agora trabalha comigo na Associação de Apoio a Jovens em situação de Vulnerabilidade Social “*Viver de Arte*”. Não só ele como Penélope e Romeo, os três que se formaram no ensino médio e lutam agora para se posicionar numa sociedade que em partes ignora suas necessidades.

Aqui, amparamos esses jovens com capacitação profissional, educação complementar e projetos culturais, além de cursos livres de recreação. Penélope começou a trabalhar numa clínica veterinária, depois de fazer o curso de rotinas administrativas e nas horas vagas vem até aqui, ajudar-nos em outros cursos.

Diego é ótimo em dança, um dos contratados fixos da Associação, ele passa o dia ensinando dança para outros jovens e crianças, e suas aulas são um sucesso. Ele se mostrou dedicado e carinhoso com os mais novos e não tem quem não o admire.

Depois que terminei meu ano no Esperanza, decidi que meu tempo seria melhor empregado se eu estivesse nesse contato mais íntimo com essas crianças que tanto precisam de aconselhamento e uma mão estendida.

Por isso, dedico cada minuto do meu dia a manter esse lugar com suas portas abertas para receber crianças como Carlito precisou um dia e tantos outros. Esses meninos e meninas que são privados de quase tudo na vida encontraram em mim e nos outros amparo para fazer a diferença em suas vidas.

— Eu vou ficar na sala do Diego. — Carlito me avisa.

— Você terminou seu dever de casa? — pergunto e ele confirma que sim, com um largo sorriso no rosto. Pela manhã ele estuda num colégio regular e a tarde fica comigo na Associação. — Então pode ficar, mas volte para a casa com a Dona Kira quando ela for embora. — Ele me puxa para beijar meu rosto e segue feliz para as aulas de Diego.

Observo-o andar e sorrio, têm poucos meses que consegui a adoção definitiva e embora às vezes ele fale da mãe e do irmão, a maior parte do tempo é feliz e retribui a nós o mesmo carinho que temos por ele.

Entro na cozinha e encontro Dona Kira experimentando algo que prepara para as crianças. Ela também faz parte da equipe e a hora do lanche é a preferida por todos.

— Você já está indo? — questiona-me.

— Estou. — Vou até ela e seguro suas mãos. Ela nota como as minhas estão trêmulas e suadas.

— Minha filha, hoje não é dia para ficar assim. Hoje é dia de sorrir e agradecer a Deus porque esse dia finalmente chegou — profere, abraçando-me apertado.

— Tem certeza de que não quer ir? Podemos ir todos, Carlito

também.

— Não, esse momento é seu. Depois eu vou para casa com Carlito preparar um jantar maravilhoso para essa noite — diz, contente.

Aquiesço e me solto de seu abraço.

— Estou indo — falo, despedindo-me.

Entro no meu carro, consegui comprá-lo tem uns três meses, o que facilitou bastante meu tempo de deslocamento de um lugar para o outro, além de ser mais eficaz quando preciso atender alguma criança ou ir com Carlito ao médico.

Começo a dirigir cruzando as cidades, no trajeto sinto um frio na barriga. São as borboletas em meu estômago que cessaram sua hibernação e agora batem as asas de maneira entusiasmada. Durante todo o caminho não consigo manter meus lábios selados, porque o sorriso em meu rosto se agiganta a cada quilômetro diminuído.

Quando estaciono o carro e olho para o relógio vejo que cheguei mais cedo que o combinado, mas isso não interessa, porque eu ficaria horas e mais horas à sua espera. Saio do carro e ando alguns passos encarando o portão de ferro de uns cinco ou seis metros de altura. Os muros altos e com cercas eletrificadas ajudam a compor esse cenário aflitivo. Contudo, nem esse panorama que por todo esse tempo me tirou mais lágrimas do que eu era capaz de produzir, tem agora poder sobre a alegria que me domina.

*Hoje, eu não vou chorar, vou sorrir, feliz como nunca estive.*

Quando os portões começam a ranger indicando sua abertura eu aperto uma mão na outra esperando pelo momento que meu coração voltará a



pulsar. Levo uma mão ao peito e o *tum tum* adormecido volta a ritmar.

Egan ultrapassa os portões do presídio onde ficou nos últimos dezoito meses e eu corro para ele com toda a minha vontade. Ele me ergue e gira comigo em seus braços, para devagar escorregar meu corpo junto ao seu até que minha boca esteja na sua. E o beijo que estava guardado explode quando nossos lábios colidem.

— Que saudade! — digo, beijando todo o seu rosto.

— Eu também estava, pensei que essa tortura nunca terminaria — diz ele, com o braços ao meu redor, sem nenhuma pretensão de me soltar.

Apesar do acordo que Egan fez, o juiz acatou pela redução de pena e não pelo perdão judicial, visto que ele também atuou durante sua permanência na facção de Nolasco. Contudo, sua pena foi diminuída dada a relevância de sua participação para a desarticulação do bando e dos crimes praticados.

Sem Egan a justiça não teria conseguido prender todos os líderes, principalmente, Nolasco. Que foi assassinado na cadeia pouco tempo depois por um chefe rival.

— Você está mesmo aqui, eu não acredito — digo, quando ele me põe no chão e eu seguro seu rosto entre minha mãos.

Ele me abraça outra vez, e com o nariz inspira a pele do meu pescoço.

— Eu dormia todos os dias imaginando esse cheiro — sussurra.

— Ei, Alejandro! — Um homem fardado chama antes de fechar o portão. Egan olha para trás. — Não volta mais, ouviu? Esse lugar não é para você — diz, cerrando o metal.

— Não consigo me acostumar com esse nome — falo.

— Nem eu — responde.

Acostumando-se ou não, essa é a nova identidade de Egan, ele ainda faz parte do programa de proteção a testemunha e seu nome é ocultado do sistema para que ele possa ter a chance de viver uma nova vida, sem correr risco de retaliação de outras facções ou até dos chefões que colocou na cadeia.

— Eu te amo tanto — diz ele, sem conseguir me soltar.

— Eu te amo mais — respondo, voltando a beijá-lo.

Com sua boca na minha, com nossos corações batendo na mesma sintonia, com nosso amor aflorando para um novo recomeço. Temos a certeza de que nada mais impedirá Egan de voar.

Não existe mais passado que impeça nosso futuro.





Assisto-a dançar com as crianças e Carlito, não consigo conter o sorriso bobo que toma conta do meu rosto. Eles são como pluma flutuando pelo ar, tamanha a leveza de seus corpos ao reproduzir os passos ditados por Diego.

A apresentação está lotada, não há lugar vazio. E, além de alguns pais, temos também os patrocinadores de algumas crianças, eles são como padrinhos que ajudam na compra de material escolar e de artes, além de auxiliar a suprir necessidades indumentárias, médicas e alimentares dos que frequentam a Associação.

Minha mãe para ao meu lado e mexe o corpo, tentando imitar alguns dos passos e eu a abraço rindo ainda mais.

Quando eu imaginaria que minha vida chegaria a esse ponto, quando eu conceberia que de contador de uma facção criminosa eu me tornaria administrador de um lugar surpreendente como esse. Que salva crianças das mãos de criminosos que buscam na vulnerabilidade infantil e juvenil uma brecha para aliciarem esses jovens, assim como um dia Nolasco me mandou fazer.

Blanca é ainda mais especial aos meus olhos, porque ela não só foi capaz de fugir dessa tentação, como teve determinação suficiente para construir um novo caminho para essas crianças. Eles a olham com tanta ou mais admiração que eu, ela é adorada e contemplada por sua alegria, disposição e amor.

Ela é como uma fada que anda com uma chave invisível pendente no pescoço, batendo suas asas mágicas enquanto abre gaiolas de pássaros presos como eu e muitas dessas crianças. Sem sua disposição, talvez eu ainda

estivesse preso àquele que me encarcerou por quase vinte anos.

As crianças correm para ela e Diego quando terminam a apresentação. Diego, o jovem que se tornou um homem, o aluno que se tornou professor de dança, bate palmas e sorri feliz ao notar que suas aulas tiveram efeito e todos no salão o acompanham com palmas acaloradas.

Alguns assoviam colocando os dedos na boca e outros ficam de pé absolutamente enlevados e seduzidos.

— Pai, o que achou? — Carlito pergunta, vindo até mim.

Ele é um dos primeiros a sair do palco. Os cachos fartos que compunham seu cabelo até uns três anos atrás, agora dá lugar a um cabelo mais curto. Sua fisionomia mudou, a face infantil que nos cativava se transformou num rosto adolescente onde barba começa a apontar, a voz fina da criança curiosa, engrossou e se parece com a de um homem adulto.

— É claro que vi, você foi ótimo! — falo, abraçando-o. Ele sorri e aceita que eu afague seus cabelos como fazia antigamente.

Tem alguns anos que ele deixou de me chamar de tio para chamar de pai, e foi algo natural tanto para ele quanto para mim, que já me sentia assim em relação a ele. Carlito aprende conosco tanto quando Blanca e eu aprendemos com ele.

Dia a dia descobrimos que família é uma palavra ampla e cheia de possibilidades, a nossa se formou a partir de pessoas quebradas e sofridas que encontraram umas nas outras as partes que lhes faltavam. Ouvi-lo me chamar de pai, ouvi-lo chamar Blanca de mãe, e minha mãe de avó, é como ter de volta algo que haviam arrancado de nós desde muito cedo. Esperança, confiança, sonho, expectativa, fé, perspectiva de que a vida é muito maior

quando alguém te aceita como Blanca fez comigo e Carlito.

Minha libertação começou quando recebi um olhar esperançoso de uma mulher que não media esforços para fazer a diferença. Foi ali que descobri que minhas asas poderiam crescer outra vez e que eu poderia voltar a voar.

**Fim**

## **NOTA DA AUTORA**

- Os fatos aqui narrados como: referências escolares, referências policiais e referências judiciais, foram utilizados de modo fictício, ajustando-se à fluidicidade da história e não representam veracidade quanto a prazos e disposições legais da justiça brasileira.
- Seres humanos são capazes de sobreviver até vinte e um dias sem alimento e três dias sem água. Essa foi a linha cronológica usada para compor o tempo em que Egan ficaria preso.
- A Associação que me inspirou para criar o epílogo foi a **Associação Vida Jovem** que há 32 anos trabalha no resgate de vulneráveis transformando suas vidas. [www.vidajovem.org](http://www.vidajovem.org)
- Cidades fictícias: Volar (Voar), Tierra Roja (Terra Vermelha), Águila (Águia), Amarillo (Amarelo).



## PLAYLIST DO LIVRO

Para reproduzir conteúdo a partir do código do Spotify:

1. Entre no seu aplicativo Spotify e toque em **Buscar**  no menu na parte inferior da tela.
2. Toque no ícone de câmera .
3. Se ainda não tiver permitido o acesso do Spotify à sua câmera, toque em **ESCANEAR**, depois em **OK**.
4. Aponte a câmera para o código abaixo e ouça as músicas.



## **PRÓXIMO LANÇAMENTO DA AUTORA**

Livro Físico: **AS CORES DO CORAÇÃO**

Editora: Harlequin Books

Lançamento: Fevereiro/2020 (disponível na Amazon e em todas as livrarias)

### **Sinopse:**

O jovem artista plástico Vittorio passa os dias olhando para o teto de um hospital, à espera de um transplante de coração. Privado de fazer o que mais ama, Vittorio pinta mentalmente o teto branco e sem graça do quarto onde está internado com uma infinidade de corações, imaginando se um dia sairá daquela cama, se um dia voltará a pintar.

Enquanto isso, a corretora de seguros Antonella acaba de receber a pior notícia de sua vida: após um acidente, Enrico, seu namorado, foi diagnosticado com morte encefálica e não sobreviverá. Seus órgãos são doados.

Depois de quase um ano, o destino leva Vittorio a entrar de surpresa na vida de Antonella. Seus corações batem mais forte, eles se atraem e se reconhecem, é impossível ignorar a atração que sentem.

Entretanto, uma dúvida impede que ambos mergulhem nesse amor: Antonella ama Vittorio ou ama o coração que ele carrega? E Vittorio? É ele quem ama Antonella ou essa paixão é apenas uma memória em seu novo

coração?

**As Cores do Coração** é uma história sensível, que nos faz viajar por um mundo onde o amor é o sentimento que rege todos os outros.

**Trecho do livro:**

“Sentada com as pernas cruzadas no sofá, na sexta à noite, seguro a lista que recebi de Marcello; não tenho ideia de quantas vezes já a li, acho que foram centenas. Dia após dia, leio as três colunas sob o nome do doador “Enrico Bellini”: a primeira com o órgão doado, a segunda com o nome do receptor e a terceira com o endereço e telefone deste.

Na lista constam os receptores de suas córneas, de seu fígado e de seus rins e pâncreas. Isso deveria ser o suficiente para mim, mas não é. Eu preciso saber quem recebeu o principal: seu coração.

Deito-me no sofá abraçada à folha. Sinto como se Enrico estivesse por perto, andando pelo meu apartamento, reclamando do barulho da rua ou preparando algo para comermos. À luz da única luminária acesa, quase na penumbra, tento subjugar o caos que domina minha mente ao silêncio que reina no apartamento, e adormeço antes de decidir qual dos nomes será o primeiro em minha jornada.”

## **BIOGRAFIA**



Dani Assis é uma paulistana que ama os dias ensolarados e de céu azul. Apaixonada pelos livros desde muito nova, foi apresentada a eles por meio dos contos dos irmãos Grimm. Quando adulta, encontrou na escrita sua principal fonte de paz e calma. Escreve sobre personagens verdadeiros que aquecem e emocionam o coração de quem lê, trazendo ao leitor um envolvimento único com suas histórias.

Acredita que os finais felizes são uma busca constante. Por isso, ao menos nos mundos que cria, a jornada pode ser difícil, mas não aceita nada menos que o “felizes para sempre” a seus personagens.

---

[1] Espécie de pássaro originário da Ásia e Europa, conhecido por ser muito inteligente, dócil e mão leve, ele é atraído por objetos coloridos e brilhantes e os rouba, levando-os para seu ninho.

[2] Trecho do livro: “O meu pé de laranja lima” do autor: José Mauro de Vasconcelos, publicado no Brasil em 1968 e traduzido para mais de cinquenta idiomas.

[3] Deusa da mitologia romana. É a deusa do amor e da beleza, para os romanos era a representação do ideal feminino de beleza.

[4] Famosa marca de porcelana inglesa, fundada em 1759 por Josiah Wedgwood.

[5] Trecho do poema “Ternura” de Vinicius de Moraes, escrito no Rio de Janeiro em 1938.